GUILHERME E.
HERMSDORFF

VERSALHES & IALTA

OS DOIS GRANDES ERROS
DO SÉCULO

PONGETTI

VERSALHES E IALTA

A falácia bem arquitetada e difundida por uma cerrada e eficiente propaganda tornou-se, nos tempos modernos, sobretudo nas guerras e revoluções, arma quase tão poderosa como as usadas nos campos de batalha. Cada beligerante afirma estar lutando em defesa do progresso, da liberdade dos povos, apelando pela simpatia e ajuda das outras nações e das divindades. Muitos países se deixam arrastar para um ou outro lado dos contendores; as divindades, porém, desde a invenção das armas de fogo, guardam uma prudente neutralidade. Terminado o conflito, aos poucos, aparecem fatos e documentos que mostram o quanto aquela insidiosa propaganda conseguiu inculcar nas multidões, idéias e preconceitos inteiramente falsos. É o que o autor, numa linguagem simples, irônica e mordaz, apoiado em autoridades insuspeitas e em documentos por muito tempo mantidos secretos, demonstra como certos indivíduos guindados para ocupar cargos para os quais não têm a devida capacidade mas, calorosamente aplaudidos pelas multidões, tornam-se tão nefastos para a humanidade. Trata-se, pois, de um livro histórico, precioso, corajoso e dos mais interessantes e úteis publicados sobre os tortuosos escaninhos da política internacional. Interessante pelo modo com que o autor o aborda; útil ao tornar o leitor menos permeável a idéias e preconceitos que não se coadunam com a realidade.

Assim, os conflitos de que resultaram VERSALHES e IALTA — a seu ver, os dois grandes erros do Século — são analisados em profundidade, gerando considerações críticas que revelam sua cultura geral, paralelamente aos subsídios que soube colher nas melhores fontes.

É tema aberto à polêmica, pois ainda existem os mal-informados que não se desintoxicaram de todo da propaganda feita pelos interessados nas duas guerras de irreparáveis conseqüências. Os interesses econômicos, a explosão demográfica, facilitam esses desentendimentos entre os povos, dando continuidade às manobras dos agitadores. Até quando? O tempo dirá.

EDITORA PONGETTI
Rio de Janeiro — Guanabara

DO MESMO AUTOR

Acuarioses des Oiseaux Domestiques (Tese de doutorando em Veterinária, aprovada com distinção e menção honrosa pela Universidade de Paris — Vigot Frères — Paris, 1929.

Zootecnia Especial (I tomo) — EQÜÍDEOS, 1.ª edição — Imprensa Nacional — Rio, 1933 (Esgotado).

Zootecnia Especial (II tomo — SUÍNOS — Imprensa Nacional — Rio, 1934 (Esgotado).

Zootecnia Especial (III tomo) — BOVINOS, 1.º volume (Generalidades, reprodução, criação, etc.) — Imprensa Nacional — Rio, 1941 (Esgotado).

Zootecnia Especial (IV tomo) — BOVINOS, 2.º volume (Etnologia das raças européias que mais interessam ao Brasil) — Imprensa Nacional — Rio, 1941 (Esgotado).

Zootecnia Especial (I tomo) — EQÜÍDEOS, 2.ª edição, aumentada e atualizada — Oficina Gráfica da Universidade do Brasil — Rio, 1956 (Esgotado).

Os Problemas do Abastecimento de Carne — Secretaria Geral de Agricultura, Indústria e Comércio do Distrito Federal — Rio, 1946 (Esgotado).

GUILHERME E. HERMSDORFF

VERSALHES & IALTA

OS DOIS GRANDES ERROS DO SÉCULO

★

1974
EDITORA PONGETTI
Rua Sacadura Cabral, 240-A
Rio de Janeiro

INTRODUÇÃO

SEMPRE tive memória muito fraca, por isso não é de estranhar que, ao anoitecer de minha existência, poucos são os fatos de que consigo lembrar-me no distante passado. Assim, não tenho a menor recordação se fui ou não consultado a respeito da época em que me convinha nascer. Em caso positivo, a escolha que fiz demonstrou uma inteligência que, infelizmente, não encontrou equivalência depois de devidamente encarnada; em caso negativo, sou grato à Providência pela ocasião em que deliberou jogar-me neste desconcertante planeta, já com a provecta idade de 5.670 anos, segundo o indiscutível Gênese. Realmente, vindo ao mundo terrestre quase juntamente com este século, foi-me dado observar certas coisas e dar-lhes o valor que a juventude atual, sem o abono do seu testemunho, não poderá conceder-lhes.

Assisti às duas maiores tragédias que a loucura humana pôde elaborar: a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, ainda com a vantajosa promessa de presenciar a Terceira, se tiver a paciência de esperar um pouco mais. Acompanhei a trajetória fulgurante de gigantescos fabricantes de idéias e obras, benéficas ou maléficas conforme o gosto ou o modo de pensar de cada um: Mahatma Gandhi, Kristnamurti, Sun Yat Sen, Chiang Kai-shek, Chou En Lai, Mao Tsé-tung, Ho Chi Minh, Kemal-Paxá, Gamal Abd-El Nasser, Nicolau II, Lênine, Trótsky, Staline, Francisco José, Guilherme II, Hindenburgo, Ludendorff, Hitler, Rommel, Guderian, Foch, Joffre, Clemenceau, Pétain, De Gaulle, George V, Lloyd George, Winston Churchill, Woodrow Wilson, Franklin Delano Roosevelt, John Kennedy, Mussolini, Pio XII, João XXIII, Francisco Franco, Oliveira

Salazar, Getúlio Vargas, Juan Peron, Fidel Castro, Bernard Shaw, Bertrand Russel, Albert Enstein, Albert Schweitzer, Alexandre Fleming, Von Braun, Greta Garbo, Rodolfo Valentino, Charles Chaplin e outros.

Presenciei a substituição da candeia pelo lampião, pelo bico de gás, pela luz elétrica; do cavalo pelo automóvel; dos caminhos das tropas pelas auto-estradas; dos ladrões de cavalos pelos de automóveis; do conto de réis pelo cruzeiro; da enxada pelo trator; do balão pelo avião a jato; da espingarda pela metralhadora; do canhão pela bomba voadora, pela bomba inteligente, pelos mísseis intercontinentais; da dinamite pela bomba atômica; da indivisibilidade do átomo à sua desintegração; dos clisteres pelas injeções; das pequenas intervenções cirúrgicas pelos transplantes de órgãos; dos chás caseiros pelas vitaminas, sulfas e antibióticos.

Vi a evolução da lanterna mágica para o cinema mudo, o falado, o colorido, o cinerama; do zonofone para o gramofone, a electrola, a alta fidelidade, o som estereofônico; dos sinais semafóricos ao telefone, à telegrafia sem fio, ao rádio, à televisão a cores; da exploração da superfície dos mares aos seus abismos; da côdea da terra à estratosfera; da conquista dos pólos à da lua; da tábua de logaritmos à máquina de calcular, ao computador, ao cérebro eletrônico; do vintém ao tostão, ao mil réis, ao cruzeiro velho, ao novo; da peteca ao futebol; do jogo do bicho à loteria esportiva; do medo do lobisomem, da mula-sem-cabeça, do saci pererê ao culto de Iemanjá.

Contemplei o nascimento, o florescimento, o apogeu e a queda do fascismo e do nazismo; a irrupção e o espraiamento do comunismo; o desmoronamento dos impérios russo, austro-húngaro, alemão e britânico; a multiplicação de nações independentes e muitas outras coisas mais, até mesmo a troca da coroa do maior império da terra pelo amor de uma mulher duplamente divorciada.

Aí está uma vida bem vivida!

Naquilo que me toca, pessoalmente, só começo a ter vagas recordações a partir dos cinco anos de idade, quando deixei de mamar, face a um enorme facão, ameaçadoramente brandido por um tio, o que demonstra cabalmente que não fui nenhum menino prodígio. Antes dessa idade, certamente eu existi, mas tenho a impressão, provavelmente errônea, de que não vivi. O fato é que se vivi

não me recordo, e tudo quanto até então aconteceu no mundo, como o dilúvio universal, a destruição de Sodoma c de Gomorra, as guerras de conquista, de escravização ou de extermínio de povos, as perseguições religiosas, as devastadoras epidemias de peste, as mortandades de populações pela fome, as convulsões naturais como a erupção do vulcão de Cracatoa ou o sepultamento de Pompéia e de Herculano pelas cinzas do Vesúvio, confesso, egoisticamente, só começaram a me causar alguma impressão muito mais tarde, à custa de grande esforço mental, acompanhado de muito castigo físico, para aprender a ler e assim tomar conhecimento de relatos históricos mais ou menos dignos de crédito.

Agora, no ocaso de minha vida, depois de mais de um quarto de século de convivência com a árida Zootecnia, que me infundiu o respeito pelo Zoo, resolvi interessar-me pela admirável, apaixonante e espinhosa ciência da Zoo-antropologia, a mais velha e desprezada das ciências, pois que ela data do dia em que Deus tomou a deliberação de criar um ser à Sua imagem e semelhança. Para tanto, já que estamos em plena época dos "Grandes", creio que nada mais indicado do que iniciar este estudo pelos Dois Grandes Erros do Século: o Tratado de Versalhes e a Conferência de Ialta, seguindo o avisado princípio de Carlos Peixoto:

> "TODA A VEZ QUE OIÇO A MAIORIA GRITAR CALOROSAMENTE NUM SENTIDO, COMEÇO A PENSAR QUE REALMENTE A RAZÃO ESTÁ DO OUTRO LADO..."

O TRATADO DE VERSALHES

O PRIMEIRO GRANDE ERRO DO SÉCULO

A FORÇA DA PROPAGANDA

VIVE-SE atualmente no reino da propaganda, onde é quase impossível ao indivíduo utilizar seu cérebro para raciocinar, tal a sua intensidade, organizada e dirigida pela imprensa, pelo rádio e pela televisão. Cada indivíduo, isoladamente, fica, assim, obrigado a admitir que, no conturbado mundo de hoje, o país em que vive é o único de que a justiça e a felicidade ainda não desertaram.

A levar-se esse fato em consideração, o seu corolário imediato, sem qualquer contestação, é que a humanidade nunca foi tão feliz como nos tempos atuais, o que, evidentemente, se choca com a realidade.

Os maiores crimes, as maiores atrocidades, os maiores absurdos são apresentados e defendidos pela propaganda habilmente organizada, os quais acabam por ser aceitos pela opinião pública, tão cara aos governos, como coisas naturais e justas. A esse propósito diz Robert Kennedy:

> "Por alguma razão, estamos ignorando cada vez mais as diferenças, se é que não tentamos obliterá-las. Ao que parece estamos no caminho de uma padronização mental, aquilo a que Goethe chamou *o fatal lugar comum que a todos nos acorrenta*...
>
> A supressão da individualidade — o sentimento de que ninguém está ouvindo — é ainda mais pronunciada na nossa política. A televisão, os jornais, as revistas são uma catadupa de palavras, declarações oficiais, explicações, pronunciamentos. Tudo isso flui em caudal ininterrupto, desde os pináculos do governo até o cidadão pacífico: quem

pode gritar contra uma catarata?... Coisas como a manutenção do domínio britânico na Índia, as depurações e deportações na Rússia, o lançamento de bombas atômicas no Japão podem, com efeito, ser defendidas, mas unicamente com argumentos que são demasiado brutais para que a maioria das pessoas esteja disposta a enfrentá-los e que não condizem com os objetivos professados dos partidos políticos. Assim, a linguagem política tem que consistir, sobretudo, em eufemismos, petições de princípios e pura indefinição. Aldeias indefesas são bombardeadas do ar, os habitantes empurrados para os campos, o gado metralhado, as choupanas calcinadas com balas incendiárias. Dá-se a isso o nome de *pacificação*. Milhões de camponeses são despojados de suas terras e condenados a calcorrear as estradas, nada levando com eles, além do que puderam carregar: isso tem o nome de *transferência de populações* ou *retificação de fronteiras*. Pessoas são encarceradas durante anos sem julgamento, ou liquidadas com um tiro na nuca, ou enviadas para morrer de escorbuto nos campos madeireiros do Ártico: isso chama-se *eliminação de elementos inidôneos...*" (1).

A propaganda anula o raciocínio. Os governos e as empresas comerciais sabem disso perfeitamente e, em conseqüência, não medem sacrifícios em bem organizá-la. Em quase todos os países existem órgãos especializados para dirigi-la e orientar a opinião pública para onde lhes convém. Ninguém melhor demonstrou isso do que Goebbels na Alemanha.

Antes da Segunda Guerra Mundial, a Rússia soviética e o comunismo eram encarados pelos demais países como as maiores desgraças que ameaçavam a humanidade e, em 14 de dezembro de 1938, foi ela expulsa da Liga das Nações. Porém, para pôr um dique às crescentes pretensões alemãs, a propaganda ocidental começou a amainar sua agressividade contra a Rússia, enquanto os ataques contra a Alemanha nazista recrudesciam. A França e a Inglaterra enviaram, então, missões a Moscou para concertarem um pacto de aliança com a URSS, a fim de reforçar o poderio militar na guerra que, a largos passos,

se aproximava com a Alemanha. Nada conseguiram; quem, com assombro geral, com ela firmou um pacto de não agressão foi a Alemanha.

À vista disso, da covarde agressão à Finlândia e do avanço aos despojos da Polônia derrotada pela Alemanha, nazismo e comunismo foram postos no mesmo saco, e o clamor contra a ditadura russa tornou-se ensurdecedor. Os partidos comunistas, em vários países, foram declarados fora da lei e fechados; ser comunista equivalia a ser leproso moral e, na França, muitos deputados comunistas foram encarcerados.

Tão logo, porèm, começou a ser percebida a animosidade da Alemanha contra a Rússia, em conseqüência do contínuo avanço desta sobre os países bálticos e dos campos petrolíferos da Rumânia, também cobiçados por ela, a propaganda anti-soviética no Ocidente começou a amainar. E quando a Alemanha invadiu a Rússia e ela foi forçada a alinhar-se ao lado dos Aliados, houve uma espécie de toque de sino mágico e toda a propaganda ocidental passou a demonstrar que o governo russo representava a democracia mais avançada, existente na face da terra! Terminado o conflito, a parte do leão foi abocanhada pelo sagaz urso russo. Novamente a propaganda organizada do Ocidente fez um giro de cento e oitenta graus!...

Nos tempos modernos, a propaganda oficializada existente em todos os países critica acerbamente os governos estrangeiros e enaltece o nacional. Ela prova e comprova que o governo nacional existente no momento é o melhor, o mais sábio e o mais competente de todas as épocas, geralmente censurando os anteriores, como incompetentes, desastrosos e corruptos, que tão calorosamente haviam aplaudido anteriormente, a fim de orientar a opinião pública.

Em nenhum país do mundo a propaganda é tão bem organizada e tem tanta força como nos Estados Unidos, tanto em suas instituições privadas como nas governamentais. Por essa razão aquele país é tido, por excelência, como o incontestável defensor da liberdade e do direito dos povos... desde que os intocáveis interesses dos cidadãos norte-americanos, reais ou imaginários, não sejam postos em dúvida. Quando há qualquer receio a esse respeito, a coisa muda de figura, conforme a seguinte exposição:

"Os Estados Unidos mandaram suas tropas ao exterior cento e sessenta e cinco vezes, desde 1798, para apoiar sua diplomacia ou proteger vidas e interesses norte-americanos.

A informação está contida num estudo publicado pela Comissão de Assuntos Externos da Câmara de Representantes, que trata da disputa entre o Legislativo e o Executivo sobre a utilização de tropas norte-americanas no exterior. A América Latina foi o local em que se deu o maior número de intervenções, sendo que a República Dominicana foi o primeiro país a sofrer um desembarque de fuzileiros. Na lista apresentada na Câmara de Representantes, também figura o Brasil como vítima da intervenção, embora não tenha havido o desembarque... Mas o maior número de intervenções se registrou no México com treze, seguido de Cuba, Nicarágua, Panamá, Colômbia e Honduras... Segundo o estudo, houve intervenções em todos os países latinos-americanos, com exceção de El Salvador, Bolívia, Equador e Venezuela. Os demais sofreram intervenções oitenta e sete vezes.

O estudo mostra que quase todas as intervenções não envolveram declaração de guerra e a maioria teve como objetivo proteger vida e interesses norte-americanos. As cinco guerras declaradas são as de 1812 contra a Inglaterra, a contra o México, a contra a Espanha, e as duas grandes guerras.

A mais recente intervenção militar norte-americana ocorreu este ano no Camboja. Mas o estudo a considera uma extensão da guerra do Vietnã, que, para os Estados Unidos, começou oficialmente em 1964." (2).

Convém ressaltar que esse estudo só se refere a intervenções militares ou suas ameaças e não influências diplomáticas ou pressões econômicas, muito mais numerosas e freqüentes do que aquelas, mas não menos eficientes. Tudo isso, porém, foi perfeitamente justificado pela propaganda norte-americana, como justificado foi pela alemã por ocasião da anexação da Austria, dos sude-

tos, do protetorado da Boêmia e da Morávia e da invasão da Polônia, como a submissão a ferro e a fogo da Hungria e da Tchecoslováquia, pela comunista.

Na América Latina, a propaganda favorável à política seguida pelos Estados Unidos assim é feita:

> "Além do mais, os jornais latino-americanos recebem, a tarifas desafiando toda e qualquer concorrência, volumoso serviço de artigos traduzidos em espanhol e em português: editoriais de colunistas americanos, artigos de variedades, histórias em quadrinhos, reportagens. As informações e os comentários chegam dos Estados Unidos, assim, como uma visão norte-americana, apresentando aos leitores uma certa opinião de guerra do Vietnã, das crises do Oriente Médio, dos tumultos na África, da diplomacia do General De Gaulle, da situação na URSS ou na China, etc.
>
> Pouco a pouco, a concepção americana do mundo vai-se impondo a milhões de leitores que não têm a menor razão para aceitarem as análises que os americanos possam fazer, mas que não não dispõem de qualquer outra base de comparação, de qualquer outra fonte de informação." (3).

Mas, em geral, o povo acredita em tudo quanto os jornais, as revistas, os livros, os políticos, ou, melhor, a propaganda organizada afirma, como se tal coisa fosse a verdade propalada e reconhecida pelo bom senso e, portanto, indiscutível, sem lembrar-se que isso é apenas a opinião de um grupo de interessados. E por isso a História dificilmente consegue relatar os fatos com a devida imparcialidade.

Um dos mais impressionantes poderes da propaganda ideológica bem organizada é o que se verifica com a Bíblia. Se há um livro em que se misturam preceitos da mais alta moral com as lendas mais infantis, os crimes mais horripilantes, as barbaridades mais incríveis, onde há um Deus todo poderoso e bondoso e, ao mesmo tempo, vingativo, injusto, cruel que chega ao cúmulo de ajudar seus protegidos a matar seus irresponsáveis inimigos com pedradas que lhes arremessa do Céu; que, às vezes, perde a serenidade a ponto de necessitar que um mortal Lhe

chame a atenção para que volte atrás e se arrependa do mal que pretendia fazer, além de numerosas outras incongruências do mesmo quilate, esse livro é a Bíblia.

Mas como uma multidão de sacerdotes, a maioria dos quais sinceramente, o apresenta como de inspiração divina, centenas de milhões de pessoas o tem como Sagrado e ficam horrorizadas quando alguém não admite a existência de um Deus capaz de inspirar tamanhas estultices, e sobre ele são feitos os mais invioláveis juramentos...

ALEMANHA, NAÇÃO GUERREIRA?

A INTENSA propaganda de que a Alemanha é uma nação essencialmente militarista, expansionista e guerreira, incutiu de tal maneira esse conceito na consciência universal que, nem mesmo os alemães perdem tempo, ou se preocupam em refutá-lo, pois, se se perguntar a cem indivíduos se tal conceito é ou não verdadeiro, noventa e nove responderão pela afirmativa e o último, possivelmente, também. E quem pode gritar contra uma catarata? perguntou Robert F. Kennedy.

Mas, se as estatísticas e a evidência dos fatos têm algum valor, chega-se à surpreendente conclusão de que, dentre todas as grandes potências mundiais, nenhuma é tão pacífica e amante da paz quanto a Alemanha. Para tanto, basta dar-se ao trabalho de consultar a História.

Com efeito, seria cometer verdadeira heresia histórica admitir-se ser a Prússia, ou outro qualquer pequeno reino germânico, um país mais guerreiro e expansionista do que a Inglaterra, a Itália, a Rússia, a Espanha, a Suécia, a Turquia e o Japão com suas dezenas de guerras, ou a França de Luiz XIII, Luiz XIV, Luiz XV, de Napoleão Bonaparte e de Napoleão III. E desde 1871, ano da unificação alemã, até 1914, a Alemanha não fez nenhuma guerra, enquanto a Inglaterra, a França, a Rússia, a Itália, a Espanha, a Turquia, a Sérvia, a Bulgária, a Grécia, o Montenegro, os Estados Unidos, o México, o Japão, a China, etc. fizeram, cada um uma ou mais guerras. Novamente no período compreendido entre 1918 e 1939, a Alemanha esteve em paz enquanto não faltaram guerras no mundo.

"Calcula-se que, de 1778 a 1925, a Grã-Bretanha levou a cabo aproximadamente vinte campanhas ou guerras para manter aberta a rota da Índia. Os ingleses lutaram contra Napoleão no Nilo, em Trafalgar, em Aboukir e, diretamente, em Copenhague, que foi barbaramente bombardeada. Os ingleses fizeram intrigas no Egito, anexaram Adém, invadiram a Abissínia, penetraram na Pérsia e se uniram aos turcos na guerra da Criméia. Os ingleses adquiriram Chipre, estenderam seu controle sobre o Egito, avançaram até o Sudão e lutaram na grande Guerra "para evitar o "Drang nach Osten" alemão."

"Há pouco o "New Leader" publicou uma lista de "territórios independentes" que o governo inglês anexou desde o ano de 1870: Beluchistão, Birmânia, Chipre, Wei-hai-Wei, Hong-Kong, Koweit, Sinai, Guiné do Norte, do Sul, do Leste, as Ilhas Salomão, as Ilhas Tonga, Sudão, Uganda, o Leste Africano Inglês, a Somália Inglesa, Zanzibar, Transvaal, Estado Livre de Oranje, Rodésia, África Central Britânica, Nigéria. Além disso o Império Britânico anexou, graças aos tratados de 1919, os territórios da Palestina, Transjordânia, Tanganica, Togo, Camerum e África Sul Oriental. Aparentemente a Inglaterra começou a pensar que isso já era demais." (4).

Como, então, se explica aquele arraigado conceito? Simplesmente pelo fato de a Alemanha ser forte e grandiosa tanto na paz quanto na guerra; simplesmente pelo fato de querer viver em paz e segurança, aplicando o velho aforisma — *Si vis pacem, para bellum* —, mantendo sempre um exército e uma academia militar altamente capazes, de maneira a se fazer respeitar e pondo-a a coberto de qualquer agressão; simplesmente pelo fato de quando fazer uma guerra, cometer o "crime" de ter um Estado-Maior mais eficiente que os dos adversários e de seus dirigentes terem a pretensão de querer que ela seja a vencedora.

Durante toda a Primeira Guerra Mundial, ninguém foi mais atacado pela propaganda dos Aliados do que o Kaiser Guilherme II e os generais alemães. Se o Kaiser não foi submetido a julgamento como criminoso de guerra e enforcado, foi porque o Governo alemão se negou pe-

remptoriamente a atender às exigências dos Aliados para que pedisse à Holanda sua extradição. E qual a razão desse ódio? O simples fato de ele governar e defender o seu próprio país, que demonstrou ser o mais forte na luta.

Quanto às famosas barbaridades praticadas pelos *boches* durante aquele conflito, elas foram apenas iguais às que todos os beligerantes praticaram e praticam nos campos de batalha ou em território inimigo, porém, infinitamente menores do que a mortandade de civis de ambos os sexos e de todas as idades, provocada pela fome, em conseqüência do severo bloqueio dos Impérios Centrais, que foi mantido vários meses após a assinatura do Armistício que os tornava incapazes de recomeçar as hostilidades.

Um fato que teve repercussão universal, devido à intensa propaganda aliada, e que provocou a repulsa de todos contra a perversa barbaridade dos *boches*, foi o fuzilamento, em Bruxelas, de Edith Cavell, uma enfermeira inglesa acusada de espionagem e de facilitar a fuga de prisioneiros franceses e belgas. Fizeram dela uma mártir e sua memória acha-se eternizada em estátua numa praça de Londres. O fuzilamento, porém, da holandesa Mata Hari, acusada pelos franceses de espionagem em favor dos alemães, sem que para tanto houvesse provas concretas, só se tornou conhecido e celebrizado devido à beleza da vítima, de suas danças exóticas e pela maneira altiva com que enfrentou as doze balas do pelotão da morte, mas nunca foi ela elevada à categoria de mártir ou de heroína estatuada. (5).

O bombardeio de Londres pela aviação alemã e pelas V-1 e V-2 foi um crime praticado pelos alemães. A quase completa destruição de Berlim, de Hamburgo, de Dresden e de outras numerosas cidades alemãs, como também as bombas atiradas sobre Paris, foram atos de grande heroísmo praticados pela aviação inglesa e norte-americana!...

Os franceses sofreram enormemente com a humilhação da derrota, mas enquanto durou a ocupação do seu território, com um severo e compreensível racionamento de gêneros alimentícios e de combustíveis, todas as instituições civis da França, inclusive a Universidade de Paris, continuaram funcionando normalmente. Em parte alguma houve saque ou desrespeito à dignidade humana. O

mesmo não aconteceu com a ocupação russa da Alemanha Oriental e de Berlim, onde a rapinagem foi a sistemática, incitada pelos próprios generais russos.

Não obstante, o procedimento para com muitos dos generais e governantes alemães, que nada tinham a ver com as matanças de judeus, foi injustificável: foram condenados como criminosos de guerra por obedecerem a um governo que, antes do conflito, todos reconheciam como legalmente constituído e com ele mantinham as melhores relações!...

Mas, quando vem a lume assassínios coletivos como o praticado na floresta de Katin; o saque de toda uma população indefesa, como fizeram os russos; as bombas atômicas sobre um Japão já praticamente vencido; o assassínio de crianças, velhos e mulheres, o incêndio de pacíficas aldeias, o desfolhamento de florestas e a destruição de plantações na guerra do Sudeste asiático não são levados em linha de conta, procura-se minimizá-los ou justificá-los como coisas normais de guerra!...

Depois do término da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha guerreira ficou e continua ficando inteiramente alheia às 45 guerras e revoluções entre nações e mais de 1.200 conflitos armados (6). É verdade que essas guerras não são guerras propriamente ditas, porque raras foram aquelas que receberam o beneplácito da oficial declaração diplomática, tanto assim que na mais mortífera, cara e demorada delas, a do Vietnã, a correspondência trocada entre os presidentes dos Estados Unidos e o do Vietnã do Norte, o falecido Ho-chin Minh, este foi sempre tratado por Lyndon Johson, muito delicadamente, por "Caro Presidente".

Não é, portanto, por simples prazer de ostentação que as nações sacrificam muitas de suas prementes necessidades para manterem forças armadas sempre bem equipadas com material de guerra, pois ninguém ignora que um país fraco e desarmado torna-se presa fácil da política de agressão dos mais fortes, seja pela força das armas, seja por meio de pressões econômicas.

Aqui cabe uma pergunta: Se a bomba atômica já fizesse parte do arsenal de guerra de vários países, inclusive do Japão, teriam sido atirados tais artefatos destrui-

dores sobre o seu território? A prova de que tal não se daria é o fato do Vietnã do Norte delas e de qualquer outra arma nuclear ter-se livrado.

Enfim, depois da Segunda Guerra Mundial, em que a Alemanha vencida ficou praticamente destruída, além de dividida, ninguém acreditava em sua ressurreição. Vinte anos depois, entretanto, não somente ela foi reconstruída como, também, sua moeda passou a ser uma das mais fortes do mundo, sendo isso considerado um verdadeiro milagre.

Afirma-se que esse milagre só foi possível graças à ajuda da América do Norte, com a aplicação do "Plano Marshall", visando, sobretudo, antepor uma barreira à expansão do comunismo. Realmente foi uma ajuda substancial, mas por que esse milagre não se estendeu à Inglaterra e à França, que receberam ajudas muito maiores? E os muitos outros países que também foram favorecidos com tal plano, por que um mesmo milagre não lhes sorriu? Por que a Alemanha é uma nação militarista e guerreira?

Se essa é a razão, é lamentável que o Brasil também não o seja.

CAUSAS DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

POR ESTÚRDIA derrogação da lógica, os grandes acontecimentos políticos mundiais não podem ser descritos e apreciados em seus justos termos pelos contemporâneos, sejam eles atores, espectadores ou simples observadores. Só a pátina do tempo que, aos poucos, faz sedimentar paixões e ódios, permite que se veja claro, para que se possa julgar com imparcialidade e justiça a atuação de seus protagonistas e observar com precisão seus efeitos e conseqüências.

A eclosão da Primeira Guerra Mundial e da Segunda, esta verdadeira conseqüência daquela, estão naturalmente enquadradas nesta situação.

Oficialmente, e para todos os efeitos, aquela primeira conflagração iniciou-se no dia 28 de julho de 1914, com a declaração de guerra da Áustria-Hungria à Sérvia, devido aos assassinatos terroristas praticados em Sarajevo, e terminou com o armistício de 11 de novembro de 1918, considerando-se a Alemanha como responsável pela generalização do conflito e pela derrogação das leis de guerra. As coisas, entretanto, passaram-se de forma muito diversa.

Em geral, os historiadores atribuem a eclosão das grandes revoluções políticas a um determinado fato acontecido em certa ocasião, tal qual os geógrafos ao marcarem um local como dando origem ao nascimento de um caudaloso rio.

É um procedimento arbitrário, porque os grandes acontecimentos políticos são sempre causados por coisas tão insignificantes que, muitas delas, não são percebidas ou devidamente registradas pelos historiadores, mas que,

acumuladas se tornam extremamente perigosas, bastando uma pequena centelha para provocar violenta explosão. Foi o que ocorreu com o desencadeamento da Primeira Guerra Mundial.

A posse da Alsácia e da Lorena, antigas províncias do velho Império Germânico desde o ano de 876, adquiridas por Luiz XIV em 1648 de príncipes alemães, mediante ameaças e pressões, pode ser considerada como o verdadeiro germe desse conflito mundial. Em segundo lugar, as guerras napoleônicas, que devastaram e humilharam a Prússia e a Áustria, aumentaram as queixas desses países contra a França.

Finalmente, Napoleão III, cognominado, por Victor Hugo, "Napoleon le Petit", pretendendo imitar politicamente seu famoso tio, tendo sido eleito Presidente da França em 1848, quatro anos depois, também por um golpe de Estado, tornou-se seu Imperador e, como tal, quis ser o árbitro da Europa. Somente ele e mais ninguém tinha o direito de modificar o mapa europeu e de fazer testas coroadas.

Para impedir que a Rússia anexasse a Bósnia e a Herzegovina, aliou-se à Inglaterra e à Turquia para combatê-la, na Guerra da Criméia. Pelo recebimento das províncias da Sabóia e de Nice, em 1859, auxiliou o rei Victor Emanuel, da Sardenha, a unificar a Itália sob sua coroa, com exeção de Roma pontifícia e de Veneza austríaca. Em 1864, induziu o Arquiduque Maximiliano, da Áustria, a ser o Imperador do México, abandonando-o depois ignominiosamente, ante a pressão dos Estados Unidos da América do Norte, o que ocasionou o trágico fim deste, três anos após, a ponto de provocar a loucura de sua mulher, a Imperatriz Carlota.

Quando, em 1870, o Príncipe Leopoldo de Hohenzollern, primo do Rei da Prússia, foi convidado para ocupar o trono vago da Espanha, convite, aliás, que prudentemente declinou, Napoleão III vetou essa candidatura de maneira arrogante e insultuosa, exigindo ainda do Rei o compromisso de jamais permitir que um membro da casa Hohenzollern se candidatasse para ocupar a coroa da Espanha. O Rei Guilherme, que se achava em férias na estação termal da cidade de Ems, ao receber essa intima-

ção do Embaixador francês, que lá o fora procurar, em telegrama, comunicou o fato ao Chanceler Bismarck, tachando de ridícula e impertinente a imposição francesa.

Bismarck deu publicidade ao telegrama. Quando seus termos foram conhecidos em Paris, levantou-se violenta campanha contra a Prússia e Napoleão, no dia 19 de julho, lhe declarou a guerra.

A França foi rapidamente batida; Napoleão, em 1.º de setembro, foi aprisionado na batalha de Sedã; a República Francesa foi restabelecida e Paris rendeu-se em janeiro de 1871, após uma resistência das mais heróicas.

Bismarck, premido pela opinião pública, que não esquecera que a Prússia fora ocupada por Bonaparte durante seis anos, e obrigada a pagar uma pesada indenização de guerra, superior a um bilhão de marcos ouro, tendo apenas três milhões de habitantes, pela Paz de Francfort, retomou a Alsácia e a Lorena, por considerar essas províncias tipicamente alemãs, além de exigir uma indenização de guerra de duzentos milhões de libras esterlinas. Mas não acusou Napoleão III como criminoso de guerra; tratou-o com toda a consideração e respeito na fortaleza de Wilhelmshoehe e, após o término do conflito o libertou, deixando-o seguir para a Inglaterra, onde faleceu um ano depois.

Nessa guerra, todos os vinte e dois pequenos reinos e ducados alemães, que até então eram independentes, associaram-se para combater a França. Bismarck, que desde muito acalentava a idéia da unificação alemã, os reuniu e, em cerimônia realizada na Galeria dos Espelhos, do Palácio de Versalhes, organizou em 1871 o Império Alemão, sob a coroa do Rei da Prússia, Guilherme I, que passou, assim, a ser o novo Imperador alemão, com o título de Kaiser.

A derrota da França, de que resultou a perda das províncias da Alsácia e da Lorena e da hegemonia de que ela vinha gozando na Europa durante mais de um século, ofendeu profundamente a vaidade e o orgulho do povo francês. E não há a menor dúvida de que foram esses os fatos capitais que fizeram deflagrar a Primeira Guerra Mundial; os demais acontecimentos que se seguiram foram apenas secundários.

Os países europeus que têm a vastidão do Atlântico à sua frente, tais como: Portugal, Espanha, França, Ingla-

terra, Holanda e Bélgica, disso se aproveitaram, fosse por descobrirem novas terras escassamente povoadas, por enviarem missões religiosas sob o pretexto de cristianizar e de civilizar os seus habitantes, logo seguidas de conquistas pela força, conseguiram grandes domínios em todo o mundo. Dessa maneira, abasteciam-se de matérias-primas baratas para alimentar a revolução industrial iniciada pela Europa, logo após as convulsões napoleônicas, além de abrirem novos mercados para seus produtos fabricados. Conquistaram, assim, uma área superior a dez vezes mais do que a soma de todos os seus territórios, correspondente a mais da quinta parte do globo.

Os demais países europeus, que não tinham a vantagem do Atlântico, procuraram expandir-se dentro do próprio continente, evidentemente, os mais fortes, à custa dos mais fracos, ocasionando ciúmes e sérios atritos entre todos.

Na corrida para a conquista de terras fora da Europa, o Império Alemão, cujas costas dão para mares relativamente fechados, chegou tarde, e para atender ao seu enorme surto industrial, grandemente acelerado com a indenização recebida da França pela guerra de 1870, só conseguiu obter colônias por meio de compras ou de negociações compensativas com países que já as possuíam, naturalmente sempre em prejuízo dos mais fracos, como fez em conluio com a França, à custa da independência do Marrocos.

Dessa maneira o império colonial alemão, em 1914, compreendia aproximadamente 2.950.000 km^2, com uma população indígena calculada em perto de 12.350.000 habitantes. Na Africa, possuía Togo, Camerum e parte da Africa Sul Ocidental; na China, Kiao-Tcheu; no Pacífico, as ilhas Bismarck, colônias essas que pelo Tratado de Versalhes passaram para os domínios da Inglaterra, da França e do Japão.

A Itália procurou expandir-se à custa da Austria-Hungria e, para tanto, aliou-se à Prússia na guerra de 1866; ao fim da qual, apesar de sua insignificante atuação no conflito, aproveitou a ocasião para anexar ao seu território a província de Veneza. A Alemanha nenhuma anexação fez.

A Rússia, após sua desastrada derrota de 1904, frente ao Japão, em que perdeu a Manchúria, Porto Artur e

a Coréia para esse país, dirigiu suas vistas para os países balcânicos, contrariando dessa maneira as pretensões austro-húngaras naquela região.

A rápida e crescente industrialização da Alemanha e a agressividade de seu comércio na conquista de novos mercados para seus produtos, além da irritação da Inglaterra, acirravam a animosidade da França.

Como a paz de Francfort não impôs nenhuma restrição ao Exército e armamentos franceses, eles foram logo ativados, provocando, assim, idênticas medidas por parte da Alemanha. Esta, ainda, para acautelar-se contra uma possível agressão, depois de várias tentativas infrutíferas para aliar-se com a Rússia, ou com a Inglaterra, em 1882, uniu-se militarmente à Austria-Hungria e à Itália, pacto esse que passou a ser conhecido como "Tríplice Aliança".

Essa aliança, entretanto, era quase puramente nominal, tal a frouxidão de seus laços, devido à natural desconfiança, ou mesmo animosidade existente entre os seus membros.

Com efeito, a Austria-Hungria ainda não havia esquecido a derrota de Sadowa que lhe havia infligido a Prússia treze anos antes, nem ignorava as pretensões italianas de lhe subtrair outras regiões habitadas por maioria de italianos e que se achavam sob seu domínio. Além disso, sendo a Austria-Hungria um país formado por quase uma dezena de povos de línguas, religiões, usos e costumes diversos uns dos outros, a ponto de seu papel-moeda ser impresso em sete idiomas diferentes, e todos mais ou menos desgostosos com a subordinação ao Governo de Viena, de predominância alemã, faltava-lhe a necessária harmonia geradora do verdadeiro nacionalismo patriótico.

Essa fraqueza ficou perfeitamente demonstrada pelo papel pouco brilhante desempenhado pelo Exército austro-húngaro durante todo o decorrer da guerra, como também sua atitude quase ao findar desse conflito e para o qual a Alemanha foi por ela arrastada.

Pode-se afirmar, portanto, sem medo de errar, que o único país que firmou o pacto da Tríplice Aliança com o propósito de cumpri-lo fielmente foi a Alemanha e que se o assassínio que serviu de causa para o início desse conflito mundial tivesse tido lugar em uma localidade

alemã e a sua vítima fosse um príncipe alemão, a Áustria-Hungria certamente se teria recusado a honrar sua assinatura nessa aliança, tal como fez a Itália.

Como a concorrência alemã no mercado mundial cada vez se tornava mais ativa, as relações entre a França e a Inglaterra, de um lado, e a Alemanha, de outro, começaram a toldar-se rapidamente; assim, em 1906, aquelas duas potências ligaram-se à Rússia, formando a aliança militar conhecida como "Entente Cordial" para fazer face à Tríplice Aliança, o que significava que em caso de guerra com a Alemanha esta teria que lutar em duas frentes, como de fato aconteceu.

Já no ano anterior a França aumentara o recrutamento para o seu Exército de tal maneira que, contando com 39 milhões de habitantes, possuía um Exército com 995 batalhões, enquanto a Alemanha, com uma população de 59 milhões, dispunha apenas de 971, causando com isso sérias preocupações ao Estado-Maior alemão (7).

Ainda em 1906, foi o Marrocos ameaçado de ser conquistado e dividido entre a França e a Espanha. O Kaiser Guilherme II, para evitar a partilha do bolo sem que a Alemanha dele usufruísse, acintosamente visitou Tânger para, com esse gesto, demonstrar sua solidariedade ao Governo marroquino, provocando com isso violenta campanha em toda a Europa contra a Alemanha.

Para diminuir a tensão guerreira na Europa, por iniciativa do Presidente Theodore Roosevelt, realizou-se a Conferência de Algeciras, em que as potências signatárias se comprometeram a garantir a independência do Marrocos.

Tudo parecia mais ou menos serenado quando a França, em 1911, violando o Tratado de Algeciras, ocupou militarmente a cidade de Fez, devido a um levante havido pelo fuzilamento de alguns marroquinos, ordenado por um oficial francês. O Kaiser, sob o pretexto de proteger os interesses alemães no Marrocos, enviou para Agadir a canhoneira "Panther". Nova e violenta campanha se iniciou em Paris e em Londres contra a atitude provocadora da Alemanha, só amainada depois que a França concordou em ceder à Alemanha uma faixa do Congo Francês, em troca de sua inteira liberdade de ação no Marrocos.

Em 1908, a Austria-Hungria anexou ao seu território as províncias da Bósnia e da Herzegovina, acontecimento esse que quase provocou uma guerra com a Rússia.

A Itália, receosa de que a França se apossasse da Tripolitânia resolveu precedê-la e, em 1912, declarou guerra à Turquia a fim de conquistá-la, sob o pretexto de ali estabelecer a liberdade e a ordem. A França aumentou de dois para três anos o recrutamento para o serviço militar.

O Montenegro, a Bulgária, a Sérvia e a Grécia, aliados, caíram sobre a Turquia, esgotada, derrotando-a. Na divisão dos despojos desavieram-se búlgaros, sérvios, rumenos e gregos. No caldeirão balcânico, ninguém mais se entendia, e o Exército turco, sob o comando de Kemal-Paxá, conseguiu então reaver parte do território conquistado pela Grécia; mesmo assim, na Europa, ficou a Turquia reduzida a uma pequena faixa de terra ao redor de Constantinopla, único vestígio no continente europeu do outrora poderoso Império Otomano.

A Rússia, depois de sua aliança com a França e com a Inglaterra, dirigiu sua política de influência econômica para o Sudeste da Europa, incitando todos os países dessa região contra o Império Austro-Húngaro e a Turquia, que tinha a maior parte do mundo árabe sob sua tutela, para com isso realizar o seu velho sonho de apossar-se dos Estreitos Otomanos.

E assim, a tensão guerreira na Europa tornou-se tão aguda que, na primavera de 1914, o Coronel E. H. House, o mais íntimo colaborador do presidente Woodrow Wilson e seu embaixador itinerante, em visita a Berlim, o informou: — "Toda a Alemanha está carregada de eletricidade. Os nervos de todos estão tensos... Assim que a Inglaterra consentir, a França e a Rússia cairão sobre a Alemanha e a Austria." (8).

INÍCIO DA GUERRA

A SITUAÇÃO da Europa estava nesse pé quando, repentinamente, um fato considerado normal em toda parte e em todos os tempos, torna-se o pretexto para o início de uma gigantesca tragédia. O Arquiduque Francisco Fernando, herdeiro presuntivo da dupla coroa austro-húngara, e sua esposa, a Duquesa Sofia, são assassinados por indivíduos pertencentes a uma organização terrorista sérvia, por ocasião de uma revista militar, no dia 28 de junho de 1914, realizada na cidade de Sarajevo.

Nesse mesmo dia o Kaiser conduzia o seu luxuoso iate particular, que devia concorrer em uma regata no porto de Kiel, programada em homenagem a uma esquadra inglesa, que lá se achava em visita de cortesia, quando lhe entregaram um telegrama urgente, comunicando-lhe o fato. Imediatamente as regatas foram suspensas e todos os festejos cancelados. A esquadra inglesa recebeu ordens do Almirantado inglês para levantar ferros e rumar para a Inglaterra. O Kaiser voltou para Berlim, onde tomou as medidas para fazer-se representar nas exéquias do casal assassinado e, dias depois, iniciou um cruzeiro de férias pela Escandinávia.

A coisa mais corriqueira deste mundo é o assassinato de um imperador, rei, príncipe, arquiduque, grão-duque, duque, presidente de república, ditador, estadista, caudilho, ministro, benfeitor da humanidade, milionário, etc. Os motivos desses assassínios são os mais variados: políticos, ódios pessoais, invejas, vinganças, ou simplesmente a necessidade que o indivíduo sente em se fazer notar pelos seus semelhantes, como aconteceu a Eróstrato, ao incendiar o templo de Diana, em Éfeso.

Todos sabem disso, e é para não correr esse grave risco que nós, eu e você, teimosamente nos guardamos, muito prudentemente, de ingressar em qualquer daquelas categorias, preferindo continuar no grande grupo anônimo dos homens medíocres de José Inginieros.

Se o assassinato de imperador ou de rei é hoje muito raro, deve-se isso à crescente escassez dessas espécies de mandatários, pois, como acertadamente sentenciou o eminente e saudoso Rei Faruk, do Egito, dentro de pouco tempo só haverá no mundo cinco reis: o de paus, o de ouros, o de espadas, o de copas e o da Inglaterra, este podendo ser às vezes, substituído por rainha.

Ora, ninguém devia estar mais a par dessa desagradável contingência do que os membros das casas dos Habsburgos e dos Romanovs. Mas, ao que parece, o velho barbudo Imperador da dupla monarquia austro-húngara, Francisco José, ainda sob o impacto do enigma da tragédia de Mayerling, estranhamente considerou esse fato normal como anormal e misterioso, e como o inquérito na Sérvia se arrastava por quase um mês sem qualquer resultado visível, e o governo austro-húngaro acreditasse que o assassínio do Arquiduque tinha relações com uma conspiração contra seu país, em 25 de julho apresentou a Belgrado um ultimato, com o prazo de 48 horas, para que o inquérito fosse acompanhado pela polícia austríaca, a fim de ser a conspiração convenientemente elucidada e devidamente castigados todos os nela envolvidos.

Informado da gravidade da situação, o Kaiser interrompeu seu cruzeiro de férias e telegrafou ao governo austríaco, pedindo moderação em sua atitude.

A Rússia, porém, que acalentava a pretensão de impor sua hegemonia política e econômica sobre a Sérvia, em vez de sugerir que a questão fosse levada ao Tribunal Internacional de Haia, do qual ela foi a inspiradora, receosa, talvez, de que a presa lhe escapasse das mãos, sob o pretexto de garantir a integridade da Sérvia, no dia 24 decretou a mobilização do seu Exército e o dirigiu para as fronteiras austro-húngaras.

No dia 27, o Kaiser cofia o seu vasto bigode e telegrafa ao seu amigo, o Czar Nicolau II, que tão festivamente havia sido recebido em Berlim algum tempo antes, para lembrar-lhe que a Alemanha estava ligada à Áus-

tria-Hungria por força do pacto da Tríplice Aliança e exigir-lhe a desmobilização do Exército russo, sob pena de ser obrigada a correr em defesa de sua aliada.

O Governo sérvio, que já havia obtido o apoio da Rússia, depois de esgotado o prazo para a resposta do ultimato, responde-o negando-se a atender às exigências nele contidas, informando que sua polícia era bastante sagaz para levar a bom termo tão insignificante assunto, e decretou a mobilização do seu Exército.

Como resposta, no dia 28, o Exército da dupla monarquia invadiu a Sérvia, na esperança de que o conflito, como sempre acontecia, ficasse restrito a esses dois países.

Não tendo o Czar atendido ao apelo do Kaiser, a Alemanha no dia 1.º de agosto declarou guerra à Rússia e pediu à França que se mantivesse neutra no conflito. Esta, não querendo deixar passar a ocasião para reaver as províncias da Alsácia e da Lorena, responde com a mobilização do seu Exército, alegando seu compromisso com o pacto da "Entente Cordial".

A Itália, ladinamente, não se lembra do pacto da Tríplice Aliança e aguarda, com a devida cautela, para ver quem mais lhe oferece e para que lado os pratos da balança pendem.

A Alemanha verifica que passando pela Bélgica a coisa se tornará muito mais fácil e vantajosa, para fazer a guerra contra a França. Assim, pede-lhe passagem livre para os seus Exércitos. A Bélgica, naturalmente, negou-se a atender ao pedido e solicitou o auxílio inglês, para se defender, em virtude de um tratado que garantia sua neutralidade, datado de 1839, ainda que esse tratado não obrigasse especificamente a Inglaterra a ir em defesa da Bélgica, contra qualquer violação de seu território. (9).

No dia 3 de agosto a Alemanha declarou guerra à França e à Bélgica. Invadiu o território desta e o do Luxemburgo. Imediatamente a Inglaterra, que no dia anterior já se havia comprometido a defender com sua esquadra as costas do norte da França, exigiu que a Alemanha respeitasse a neutralidade belga, sob pena de lhe declarar guerra.

O Chanceler alemão, Bethmann Hollweg, comete, então, o erro mais inadmissível que se pode imaginar, mesmo num diplomata de quarta ou quinta classe. Em vez de esclarecer a Inglaterra e o mundo, como mandam

os bons preceitos diplomáticos, que o seu país foi obrigado a invadir a Bélgica ante o real perigo do completo esfacelamento dos Impérios Centrais por aquela belicosa potência, e de solicitar a eficiente ajuda da Inglaterra e das demais nações para conjurar tal perigo, responde, ingenuamente, que a Inglaterra ia travar uma guerra com uma nação irmã por um simples pedaço de papel velho.

Nenhuma resposta poderia ser mais verdadeira e infeliz e, sobretudo, afrontosa aos brios dos ingleses e dos italianos.

O resultado foi que a Inglaterra não teve outro recurso senão o de dar por finda a sua matutação sobre o texto e o contexto do pacto da "Entente" e, no dia 4 de agosto, entrou na guerra a favor da Rússia, França e Bélgica, desde então denominados "Aliados". A Alemanha, aliás, ignorava a existência desse tratado militar secreto, feito em caráter irrevogável, com o objetivo de combater a Alemanha e a Austria-Hungria, na primeira oportunidade, conforme esclarece o seguinte trecho:

> "E o que é ainda mais importante é que a Sérvia deve ter recebido a garantia de que a guerra contra a Alemanha e a Austria fora decidida, e que o assassinato do herdeiro do trono da Austria fornecia um pretexto favorável para a guerra, somente porque a Inglaterra e a França tinham consentido em ser arrastadas pela Rússia para o conflito (que em si e de si mesmo era apenas um conflito local entre a Austria e a Sérvia). Se Sir Edward Grey tivesse simplesmente declarado à Rússia e à França (a Alemanha não precisava ouvir uma palavra sobre isso) *que a Inglaterra não estava interessada no conflito* — conservando toda a liberdade de ação com relação ao que pudesse surgir subsequentemente — a guerra européia, nesse caso, não teria certamente irrompido. Tudo isso, porém, na hipótese de que a Inglaterra já não estivesse de tal maneira engajada que não mais seria possível um recuo." (10).

Em 15 de agosto, o Japão, como aliado da Inglaterra, entrou na guerra a favor dos Aliados.

Vê-se, portanto, que a grande tragédia da Primeira Guerra Mundial, onde 115 milhões de seres humanos, de

um lado, combateram contra 665 milhões de outro e que empobreceu e ensangüentou numerosos países, foi iniciada com o simples e fútil pretexto do assassinato de um grão-duque. Para o desencadeamento da guerra não se poderia imaginar alegação mais irrelevante do que essa, pois que para vingar o assassínio de um grão-duque sacrificaram-se milhões de vidas, todas tão úteis e preciosas quanto a daquela vítima, além de provocar verdadeiro colapso na organização e na economia do mundo. O assassino, entretanto, foi glorificado e tem sua estátua numa das praças de Belgrado!...

Em realidade, porém, a guerra foi motivada pela ambição de duas grandes potências, a Áustria-Hungria e a Rússia, ao desejarem impor suas respectivas supremacias sobre uma nação fraca, a Sérvia; pelo compromisso assumido por uma outra grande potência, a Alemanha, em não permitir que sua aliada, a Áustria-Hungria, fosse esmagada; pela incontida vontade da França em reaver territórios perdidos com a derrota sofrida em 1870; pelo empenho da Inglaterra em proteger o seu comércio internacional, seriamente abalado com a próspera e agressiva concorrência dos produtos alemães.

Foram, pois, razões puramente econômicas e de prestígio que fizeram eclodir essa tremenda guerra, como o próprio Presidente Wilson, um ano depois dela terminada, publicamente afirmou em sua frustrada campanha eleitoral. Mas a campanha desencadeada pelos governos nela envolvidos foi tão intensa que conseguiu embotar a opinião pública mundial, cada qual afirmando que lutava em defesa da liberdade e da civilização ameaçadas. E o mundo nisso acreditava piamente!...

PSICOSE DE GUERRA

NÃO HÁ um só indivíduo normalmente constituído que não tenha horror à guerra, mas quando grande número deles se reúne, basta o rasgamento de uma bandeira, ou uma futilidade qualquer, para que todos se considerem tremendamente ultrajados e clamem pela guerra, conforme fartamente já demonstrou Gustave Le Bon. Dessa psicologia das multidões aproveitam-se os fabricantes de armamentos, os grandes industriais, os demagogos e todos aqueles que direta ou indiretamente esperam tirar vantagens em seus negócios ou popularidade no decorrer desses conflitos. Por meio de uma propaganda apropriada, açulam e exaltam a opinião pública em favor da guerra. "Os ingleses se rejubilaram com as notícias da deflagração da guerra durante um dia e uma noite" (11). Em Paris o entusiasmo foi indescritível; um quadro existente no Museu da Guerra, sob o título *Train du plaisir pour Berlin*, mostra a alegria dos recrutas ao partirem para a guerra.

Por isso, no início de qualquer guerra o entusiasmo marcial dos contendores atinge ao paroxismo. Cada soldado, encaminhado para a frente de batalha, segue cantando, imaginando quantos inimigos vai matar, quantos atos de bravura vai praticar, quantas gloriosas citações e condecorações vai receber para, quando voltar, após a indiscutível vitória de seu país, ser recebido como um autêntico herói, em vez daquele insignificante indivíduo que era antes.

Jamais lhe passa pela mente que vai ficar, enquanto durar o conflito, sob severa disciplina, ora enterrado e imobilizado dentro de enlameadas e fedorentas trincheiras, ora sofrendo os rigores do inverno, coberto de sujeiras

e de piolhos, ora curtindo a fome e a sede; que, despedaçado pela explosão de uma granada ou de um obus, ou estraçalhado e dependurado numa cerca de arame farpado por uma rajada de metralhadora ou, ainda, vitimado por um simples tiro de fuzil, pode não mais voltar, ou então voltar tão horrivelmente mutilado que o governo o confinará em local adequado, para que o povo não seja moralmente abalado ao deparar com sua horrenda figura, (os chamados *guele-cassées*); que pode retornar com os pulmões inteiramente estragados por efeito de inalações de gases corrosivos, ou com o sistema nervoso completamente descontrolado, devido à tensão provocada pelo contínuo medo e pavor a que é submetido, tornando-se um psiconeurótico de guerra, coisas essas tão vivamente descritas por GABRIEL CHEVALIER, em seu livro "La Peur"; que pode ser aprisionado e sofrer as agruras do cativeiro até o término do conflito.

E se consegue voltar ileso depois da vitória ou da derrota do seu país, encontra o seu antigo ambiente de tal maneira modificado que dificilmente nele consegue adaptar-se. Torna-se, assim, um inconformado, incomodando a todos e sendo por todos incomodado; transforma-se num indesejável, conforme está tão bem retratado em "Nada de Novo na Frente Ocidental", de ERICH MARIA REMARQUE.

Nada disso, porém, inicialmente lhe ocorre, porque o ardoroso entusiasmo das multidões não o permite; só com o decorrer do tempo é que tais coisas lhe vão lentamente surgindo na imaginação. Por isso as guerras, e principalmente as guerras demoradas constituem verdadeiras calamidades e, à medida que elas se prolongam, o ardor guerreiro vai decrescendo e todos se põem à procura de uma solução para o encontro de uma paz honrosa. E quando essa solução é encontrada, mesmo com a indiscutível vitória de um dos contendores para impor ao vencido pesados tributos, todos verificam terem feito péssimo negócio. O rifão que assegura que um mau acordo é sempre preferível a uma boa demanda, também é extensivo à guerra.

À vista disso, porque não dirimir as questões internacionais por um supremo e irrecorrível Tribunal Inter-

nacional ou, então, substituir a guerra por uma simples luta de box, uma disputa de xadrez, um jogo de futebol ou uma bela exibição de escola de samba?

O resultado, no fundo, seria o mesmo do que resolvê-la nos sangrentos campos de batalha, com a vantagem de ser infinitamente mais econômica e de evitar o sacrifício de milhões de preciosas vidas. Com isso os únicos prejudicados seriam os poderosos industriais da morte.

DESENROLAR DA GUERRA

HÁ VÁRIAS obras especializadas que descrevem o desenrolar dessa guerra em suas minúcias, as quais aqui não cabe apreciar, salvo as mais marcantes, e isto de maneira muito sumária.

O primeiro tiro da guerra foi desfechado no dia 21 de julho de 1914, num restaurante da Rua Montmartre, em Paris, abatendo o político Jean Jaurès, chefe do partido socialista francês e fundador do jornal comunista "L'Humanité", pelo fato de acusar os políticos e os governos insufladores de guerras. Os demais partidos socialistas existentes nos diversos países, contrários à guerra, tiveram suas fileiras enormemente desfalcadas por deserções, ou por expulsões.

A febril movimentação marcial só encontra paralelo na frenética movimentação das chancelarias. As promessas e as ofertas multiplicam-se; proliferam os tratados secretos. As paixões se exaltam; as discussões se acaloram; cada tiro nas frentes de batalha tem o seu eco numa sonora bofetada em qualquer parte do mundo.

A resistência da Bélgica à invasão alemã foi simplesmente heróica, pois, apesar da queda do sistema fortificado de Liège, considerado como inexpugnável, ela não se vergou, conforme demonstra a rejeição sumária ao apelo que lhe dirigiu o Chanceler alemão, em 9 de agosto, nos seguintes termos:

> "A fortaleza de Liège foi tomada de assalto após corajosa defesa. O Governo alemão lamenta que, como conseqüência da atitude do Governo belga contra a Alemanha, tais encontros sangrentos te-

nham ocorrido. A Alemanha não deseja ter como inimiga a Bélgica. É somente pela força dos acontecimentos que a Alemanha tem sido compelida, por motivo das medidas militares da França, a tomar a grave decisão de entrar na Bélgica e ocupar Liège como base para suas posteriores operações militares. Agora, que o Exército belga, numa heróica resistência contra forças consideravelmente superiores, manteve a honra de suas armas de modo tão brilhante, o Governo alemão pede a Sua Majestade o Rei e o Governador belga que poupem à Bélgica os novos horrores da guerra. O Governo alemão está disposto a manter com a Bélgica qualquer entendimento que, seja como for, favoreça sua atuação no conflito com a França. Uma vez mais, a Alemanha oferece a solene garantia de que não a tem inspirado intenção alguma de conquistar território belga e que essa intenção está longe dela. A Alemanha está sempre pronta a evacuar a Bélgica logo que lhe permitam as condições da guerra." (12).

Ante a recusa belga a essa proposição, o Exército alemão continuou o seu avanço e, no dia 20 de agosto, entrou em Bruxelas.

Mas, enquanto os alemães avançavam na frente ocidental, os austríacos recuavam na oriental e, também os russos invadiam e devastavam a Prússia, pondo em sérios perigos os corpos do Exército alemão que lá se encontravam.

Os Aliados, logo de início declararam o bloqueio marítimo dos Impérios Centrais, nele incluindo todas as mercadorias, mesmo alimentares. Esses, em fevereiro do ano seguinte, responderam com a guerra submarina. Os neutros reclamam inutilmente contra essas arbitrariedades. Os Estados Unidos conformam-se com a primeira, mas protestam junto aos Impérios Centrais contra a guerra submarina, não só porque esta lhes dificultava os lucrativos negócios com os Aliados que a guerra lhes vinha proporcionando, como, também, ela punha em risco vidas norte-americanas.

Convém lembrar que, por ocasião da Guerra da Independência dos Estados Unidos, quando a Inglaterra pretendeu impor o bloqueio dessa então sua colônia, vários

países europeus armaram-se e se recusaram em aceitar tal decisão, por considerá-la ilegal, salvo quando se tratasse de transporte de armas e de munições. Mas contra o bloqueio geral dos Impérios Centrais, os protestos dos países neutros não passaram de meras formalidades.

Em maio de 1915 e março do ano seguinte, os vapores ingleses "Lusitânia" e "Sussex" foram torpedeados, neles perecendo vários cidadãos norte-americanos. Os Estados Unidos protestam e ameaçam cortar relações diplomáticas com os Impérios Centrais. O Governo alemão suspende a ordem de torpedear navios sem aviso prévio, o que correspondia, praticamente, a suspender a guerra submarina, visto que todos os navios passaram a navegar devidamente armados.

No outono, a Turquia enfileira-se ao lado dos Impérios Centrais e a Bulgária, no outono seguinte, com a promessa de reaverem territórios perdidos em guerras anteriores, logo após a vitória.

A Itália, depois de concluir um tratado secreto com a "Entente", em que lhe era garantida, depois da vitória, a posse de grandes partes da Austria-Hungria e da maior parte das costas da Dalmácia, em maio de 1915, entra na guerra contra os seus próprios aliados de então.

Durante todo esse ano a guerra caracteriza-se por grandes movimentos dos exércitos, levando os Impérios Centrais evidente vantagem com a conquista de vastas extensões inimigas mas, pouco a pouco, esses movimentos vão perdendo intensidade, até chegar a fase de guerra de trincheiras e do arame farpado, com exceção das frentes russa e italiana.

Na Prússia Oriental os exércitos russos avançavam, provocando enorme entusiasmo em São Petersburgo, onde senhoras de alta sociedade coletaram vinte mil libras esterlinas a serem oferecidas como prêmio ao primeiro soldado russo que entrasse em Berlim (evidentemente como vencedor e não como prisioneiro).

Para socorrer a Prússia, os alemães para lá enviaram quatro divisões do Exército que combatia no Ocidente, onde se desenrolava a célebre batalha do Marne que, assim, foi ganha pelos franceses, sustando a ofensiva sobre Paris.

Reforçado o Exército alemão da frente Oriental, Hindenburgo e Ludendorff, que para lá foram enviados,

desbarataram os russos que, nas batalhas de Tannenberg e dos Lagos Masurianos, perdem 310.000 homens entre mortos, prisioneiros e feridos e mais de quinhentos canhões; o restante do Exército russo é obrigado a fazer grandes e desordenadas retiradas e o seu chefe, o General Samsonov, suicida-se.

Enquanto o Exército alemão colhia essas vitórias, o austro-húngaro colecionava desastrosas derrotas, recuando ante o russo e tendo, em três semanas, tantas baixas quanto as sofridas pelos russos frente aos alemães, que são obrigados a ir em seu socorro.

Com a entrada da Itália na guerra, os Impérios Centrais são forçados a diminuir seu avanço em território russo.

A derrota russa na frente alemã arrefeceu de tal modo o entusiasmo pela guerra na Rússia que a França e a Inglaterra, receosas de que o Governo russo firmasse uma paz em separado com os Impérios Centrais, com ele acertaram um tratado secreto que lhe garantia, após a vitória, anexar Constantinopla e os Estreitos Otomanos à Rússia. A existência desse tratado só foi conhecida porque os bolchevistas o publicaram logo que assumiram o poder na Rússia. (13).

Para garantia desse tratado e socorro à Rússia e à Sérvia, a esquadra inglesa, sob as instâncias de Churchill, tenta inutilmente, e com grandes perdas, forçar os Estreitos dos Dardanelos. 117.000 soldados ingleses e 27.000 franceses ali são mortos.

Durante a campanha de 1916, a frente Ocidental fica mais ou menos estacionária, com os exércitos entrincheirados, patinhando os soldados na lama e sofrendo os rigores do inverno, com exceção das infrutíferas e sangrentas tentativas de ruptura da frente francesa, em Verdun e da alemã, no Somme; nesta sacrificaram-se diariamente mais vidas do que em toda a Revolução Francesa.

Na frente Oriental, os russos, reagrupados e mais bem armados, iniciam uma forte ofensiva, conseguindo retomar uma vasta frente do território anteriormente ocupado pelos austríacos, ajudados pelos alemães.

A Rumânia, à vista desse êxito russo, entra na guerra a favor dos Aliados mas, numa fulminante ofen-

siva de apenas seis semanas, ela é totalmente ocupada, e o General von Mackensen cumpre a promessa de festejar seu aniversário tomando Bucareste.

No final desse ano, o entusiasmo belicoso inicial dos beligerantes começa a arrefecer. Os Impérios Centrais são os que mais sofrem, pela falta de matérias-primas para sua indústria de guerra e com a crescente escassez de produtos alimentares, devido ao bloqueio marítimo, obrigando-os a restringir, cada vez mais, o racionamento de sua população.

Nesse particular os Aliados pouco sofrem, graças aos enormes créditos obtidos dos bancos americanos e, posteriormente, do próprio Governo norte-americano, o que lhes permitia obter grandes quantidades de produtos agrícolas e de material de guerra em todo o mundo e, especialmente nos Estados Unidos, trazendo para esse país excepcional prosperidade comercial.

Registra-se ainda nesse ano a única batalha naval de toda a guerra, que foi travada nas proximidades da Jutlândia. O Almirantado alemão, julgando que ali se encontrava apenas uma parte da esquadra inglesa, decide enviar seus vasos de guerra ao seu encontro no Mar do Norte. A esquadra alemã obtém um êxito relativo, porque consegue infligir maiores danos nos navios ingleses do que os recebidos. Mas, em face da grande superioridade numérica da esquadra inglesa, ela é obrigada a abandonar a luta e refugiar-se em suas bases, donde nunca mais saiu até o fim da guerra.

O Presidente Wilson, por ocasião da campanha eleitoral para sua reeleição, declarou: "Somos hoje a única das grandes nações de raça branca fora da guerra e seria um crime contra a civilização nela nos envolver." Em janeiro de 1917, quando já em seu segundo período governamental, repetiu quase a mesma coisa. Três meses depois, o "crime contra a civilização" foi cometido. (14).

A escassez de víveres na Alemanha e na Austria-Hungria torna-se cada vez mais aguda e a fome lhes bate às portas.

Sob a pressão do Estado-Maior alemão, que deseja dificultar o abastecimento da Inglaterra, a guerra submarina é intensificada, com a ordem de torpedear os navios que se destinam aos Aliados, sem qualquer aviso prévio. Essa deliberação é comunicada pelo Kaiser a todas

as nações neutras em fevereiro de 1917. Os Estados Unidos protestam e cortam suas relações diplomáticas com os Impérios Centrais.

O florescente comércio norte-americano logo se ressente; os seus armazéns ficam abarrotados de mercadorias por falta de transporte; desencadeia-se uma intensa propaganda para que o país declare guerra aos Impérios Centrais; seus navios são armados com canhões para se defenderem dos ataques dos submarinos, a fim de vencerem o bloqueio, passando, assim, os Estados Unidos a terem uma situação de neutralidade armada.

Logo no início, o número de navios torpedeados, tanto aliados como neutros, que tentavam furar o bloqueio, cresce enormemente, sem que com isso a civilização fosse afetada, mas, quando no dia 16 de março, o vapor norte-americano "Vigilentia" foi posto a pique, acarretando a morte de sua tripulação, a civilização foi bruscamente ofendida e o Congresso dos Estados Unidos, no dia 6 de abril, por 373 votos, contra 50, aprovou a declaração de guerra aos Impérios Centrais.

Aliás, esse fato serviu apenas para incitar a opinião pública norte-americana contra os Impérios Centrais, principal objetivo daqueles que auferiam enormes lucros com o prolongamento e a extensão do conflito.

O verdadeiro motivo de os Estados Unidos entrarem na guerra contra a Alemanha e seus aliados foi um telegrama secreto de Zimmermann, Ministro das Relações Exteriores da Alemanha, que devia ser retransmitido ao Governo mexicano, via Washington, e que foi decifrado pela espionagem inglesa e dado a conhecer ao Governo norte-americano.

As relações entre os Estados Unidos e o México estavam muito tensas, em conseqüência de tropas americanas terem entrado neste país para combater o caudilho Pancho Y Villa, devido sua atitude antiamericana, além do desembarque de forças daquele país em Vera Cruz, para impedir que o México recebesse armamentos. Zimmermann, então, propunha ao Governo mexicano que, no caso de os Estados Unidos entrarem na guerra, o México se aliasse à Alemanha, prometendo que, após a vitória, os territórios mexicanos do Texas, do Novo México e do Arizona, que haviam sido anexados aos Estados Unidos na guerra anterior, lhe seriam devolvidos. (15).

Dessa maneira, *foi a civilização posta em sérios perigos* e os Estados Unidos, *para defendê-la,* entraram na guerra.

O navio inglês "Luzitania", torpedeado por um submarino alemão dois anos antes, em que pereceram mais de uma centena de cidadãos norte-americanos e de outros países, mas que transportava, também, munições para os Aliados (16), passou, então, a simbolizar a bestialidade dos *boches*. Um grandioso e bem encenado filme, sob o título "Civilização", dramatizando esse torpedeamento, com música e coro apropriados, pois que ainda não existia o cinema sonoro, percorreu o mundo, com grande propaganda e enorme êxito, provocando a indignação geral contra o bárbaro alemão...

A REVOLUÇÃO RUSSA

EM MARÇO de 1917, explode a Revolução na Rússia. O Czar Nicolau II abdica em favor do seu irmão, o Grão-duque Miguel, que recusa a coroa. A Rússia, em grande confusão, torna-se uma república, sob a direção do político e estadista Kerênsky, que promete aos Aliados não os abandonar na guerra. Estes enviam-lhe algumas forças para sustentá-lo, sem grande resultado.

Os alemães enviam à Rússia uma bomba de retardamento, na pessoa de um revolucionário e refugiado russo, baixo, gordo, pouco comunicativo, chamado Vladimiro Ilitch Ulianov, posteriormente conhecido com o nome de Lênine, que vivia pobremente e quase escondido em casa de um sapateiro em Zurique, na Suíça.

Lênine chega à Rússia depois de quatorze anos de ausência, em companhia de Zinoviev, Radeck e de outros revolucionários russos. Lá se encontra com Kamenev e Stalin, recém-libertados das prisões siberianas. Imediatamente, encabeça a revolução bolchevista, que derruba o Governo de Kerênsky e se apossa do poder. A bomba de retardamento havia explodido e suas irradiações começam a danificar o mundo.

O Czar Nicolau II, décimo terceiro imperador da dinastia dos Romanoff, iniciada em 1613 pelo boiardo Miguel Feodorovitch, o primeiro dos Romanoff, no próprio dia de sua abdicação, foi feito prisioneiro pelos chamados russos brancos sob as ordens de Kerênsky. Este, entre em negociações com os ingleses para que recebam a família imperial russa. O Rei da Inglaterra responde que teria muito prazer em receber e hospedar o seu primo com toda a família, mas, quinze dias depois, retira a

oferta, informando que o Governo inglês hospedaria o Czar e sua família, desde que o Governo russo tomasse a seu cargo as despesas com a sua manutenção. (17).

A família real é mandada, então, para Tobolsk, no centro da Sibéria, onde cai em poder dos bolchevistas. Tratada cada vez com mais rigor, é finalmente levada para Ekaterimburgo, onde, no dia 16 de julho de 1918, é massacrada no porão de uma prisão e seus restos mortais atirados numa velha mina de carvão abandonada. E Ekaterimburgo foi rebatizada com o nome de Sverdiosk.

O assassínio de toda a família imperial russa estarreceu e apavorou o mundo.

Brest-Litovsk

Os bolchevistas, depois de algumas reticentes negociações, acabaram firmando um armistício com as potências centrais, sob veementes protestos dos Aliados, mas, no dia 3 de março de 1918, a paz de Brest-Litovsk é assinada. A Rússia renuncia sua soberania sobre a Polônia, a Lituânia, a Curlândia, a Livônia e a Estônia.

É uma paz humilhante, mas necessária, para que o Governo bolchevista possa manter-se no poder, a fim de lutar contra as forças aliadas, que procuravam derrubá-lo numa contra-revolução a favor dos russos brancos.

Lênine, como chefe do Governo revolucionário, necessitava de pessoas competentes e de sua confiança para ajudá-lo na organização do país. Lembrou-se do seu amigo e colaborador Tchitcherine, mas este estava preso em uma cadeia londrina por ser considerado perigoso revolucionário. Lênine, sem qualquer consulta ao Governo inglês o nomeia Embaixador junto ao Governo de Sua Majestade Britânica. Os jornais ingleses ridicularizam a Rússia com o seu Embaixador na cadeia. Lênine prende o respeitável e excelentíssimo representante de Sua Majestade Britânica, em Moscou e o trancafia no xadrez. Sua Majestade Britânica fica indignado e propõe a troca de seus respectivos representantes. Tchitcherine chega em Moscou e é nomeado Ministro das Relações Exteriores da Rússia.

Os Aliados não reconhecem o Governo bolchevista como representativo do povo russo, nem acreditam em

sua estabilidade e reafirmam as suas condições de paz apresentadas ao Presidente Wilson, em janeiro de 1917, que consistiam no seguinte:

Os Impérios Centrais e seus aliados devem evacuar a Bélgica, a Sérvia, o Montenegro, a Polônia, a Lituânia e o nordeste da França e dar compensações financeiras pelos prejuízos causados; devem restituir a Alsácia e a Lorena à França; libertar do domínio austro-húngaro as populações eslavas, italianas e romenas e do jugo otomano as populações não turcas. Deverão ainda aceitar uma reorganização da Europa que dê, tanto aos pequenos Estados, como aos grandes, a segurança e a liberdade de desenvolvimento econômico.

Por seu lado, os Impérios Centrais e seus aliados apresentam as seguintes condições:

Restituição de suas colônias ocupadas pelos franceses, ingleses e japoneses; reivindicação para si dos territórios russos ocidentais ocupados; a Polônia, por eles ocupada desde o ano anterior, formaria um Estado independente sob vassalagem da Alemanha; a fronteira franco-alemã da Lorena seria acrescida pela inclusão da bacia mineira de Briey; a Bélgica seria libertada, desde que seu Governo desse garantias especiais pela segurança da Alemanha, com a ocupação duradoura das fortalezas de Liège e de Namur, o controle alemão de suas vias férreas e supressão do seu Exército.

Verifica-se, por essas mútuas condições, tão semelhantes entre si em suas respectivas pretensões, que, até 1917, uma paz justa, sem vencidos nem vencedores, como desejava Wilson, era simplesmente impossível.

Em meados de 1917, depois de sessenta anos de governo, morre o velho e respeitado Imperador Francisco José, subindo ao trono da dupla monarquia o seu sobrinho Carlos de Habsburgo que, sigilosamente, faz algumas infrutíferas tentativas para obter uma paz razoável.

Os franceses desembarcam na Grécia e obrigam o Rei Constantino, cunhado do Kaiser, a deixar o trono, entregando o Governo a Venizelos, ardente partidário da causa aliada, recebendo dos ingleses a promessa de ser entregue à Grécia a Ilha de Chipre, tomada aos turcos em 1878, a fim de garantir a segurança do Canal de Suez.

O Exército alemão, livre do peso da frente oriental, toma algum alento, reforça suas posições no ocidente e,

juntamente com o austríaco, investe contra a Itália. Em vinte e quatro horas, todo o sistema defensivo italiano em Caporeto desaba e, em quinze dias, o Exército italiano, sob o comando do General Cadorna, sofre um enorme desastre com a perda de 275.000 prisioneiros e o dobro disso em baixas e deserções, 3.000 canhões e uma retirada de 140 quilômetros, só conseguindo parar no Rio Piave, graças à ajuda de algumas divisões francesas e inglesas.

Na frente ocidental, a guerra de trincheira e de arame farpado continua sendo alimentada com carne para canhão, sem que se vislumbrasse o seu fim, e todos que entraram na guerra, com o mais sacrossanto entusiasmo, sentem-se profundamente deprimidos, cansados, desejando ardentemente pôr fim a tamanha carnificina, e clamam pela paz.

OS ESTADOS UNIDOS NA GUERRA

A ENTRADA dos Estados Unidos na guerra anula, praticamente, as esperanças alemãs sobre a eficiência da campanha submarina, devido ao reforço de patrulhamento das águas do Atlântico e ao sistema de comboios dos navios cargueiros, protegidos por vasos de guerra. Além disso, o bloqueio dos Impérios Centrais torna-se mais severo, em conseqüência do embargo imposto às exportações destinadas aos países neutros, com possibilidade de reexportação para os inimigos dos Aliados, e da pressão para que os navios daqueles continuem navegando para o abastecimento destes.

Novos e grandes créditos norte-americanos foram abertos para compra de material de guerra e de produtos alimentares em todo o mundo.

A propaganda contra a Alemanha, de pretender subjugar o mundo, e contra a barbaridade assacada aos seus soldados, tidos como crucificadores de prisioneiros, estripadores de crianças, violadores de mulheres, bombardeadores de hospitais, destruidores de igrejas, além de outras iniquidades, que tocavam às raias da estupidez mas, admitidas por todos como verídica, desmoraliza a Alemanha no resto do mundo. O Kaiser passa a ser o homem mais perverso e odiado na face da terra e não falta quem para ele deseje os maiores suplícios.

Mostra bem até que ponto essa abjeta propaganda conseguiu incutir no espírito do povo a animosidade contra a Alemanha, o seguinte trecho:

> "A guerra pela propaganda é, por excelência, um instrumento democrático criado para dominar o

espírito das massas, "a vontade geral de Rousseau". Suas finalidades são: 1) — estimular o espírito das massas na frente interna; 2) — conquistar para sua causa o espírito das massas das nações neutras, e 3) — subverter o espírito das massas na frente interna do inimigo.

O primeiro é conseguido despertando os instintos tribais latentes no homem e, para os dirigir num determinado sentido, transformando o inimigo em demônio.

O segundo é fazer com que as nações neutras aceitem e acreditem na realidade dessas monstruosidades, como conseguiu com êxito a propaganda britânica nos Estados Unidos. Inflamados por idéias tais como a de que soldados alemães cortavam as mãos das crianças belgas e crucificavam seus prisioneiros... o povo americano lançou-se na guerra com uma histeria emotiva que só pode ser entendida se se compreender o poder da propaganda, para provocar uma ação comum numa nação sob condições de beligerância. O arrebatamento quase primitivo que podia, às vezes, apoderar-se do povo americano foi, recentemente, resumido de maneira inesquecível.

Odiávamos com uma raiva coletiva que era hilariante. O autor deste artigo lembra-se de estar presente numa grande reunião, na Nova Inglaterra, realizada sob os auspícios, que Deus me perdoe, de uma Igreja Cristã. Um orador exigia que o Kaiser, quando fosse capturado, fosse fervido em óleo, e todos os presentes subiram nas cadeiras para, em altos brados, manifestarem sua histérica aprovação. Tal era o estado de espírito em que estacamos. Tal era a natureza da loucura que se havia apoderado de nós.

"Uma das revelações mais estarrecedoras de toda a guerra, escrevem Morrison e Commager, foi a facilidade com que a técnica moderna e a sugestão coletiva permitem que um governo faça com que, mesmo um povo razoavelmente inteligente, com tradições individualistas e democráticas, acredite em tudo que ele desejar."

O terceiro objetivo consiste em desagregar psicologicamente o inimigo, subvertendo a lealdade de seu povo e de suas forças armadas, desarmando-o moralmente. Tão insidiosa era essa forma de ataque, que Ludendorff, em suas memórias, repetidamente se ferere a ela e ao bloqueio como os mais poderosos fatores da derrota alemã. Escreveu ele:

"O bloqueio de extermínio e de fome e a propaganda inimiga, que caminharam de mãos dadas na luta contra a raça e o espírito alemães, constituíram pesada carga, carga que se tornava mais pesada à proporção que a guerra se prolongava... O bloqueio e a propaganda começaram gradualmente a solapar o moral e a abalar nossa confiança na vitória final... Todo o sentimento alemão, todo o patriotismo morreu em nossos peitos...

O interesse pessoal vinha em primeiro lugar... Perdemos a confiança em nós próprios... A idéia da revolução, pregada pela propaganda inimiga e pelo bolchevismo, encontrou os alemães em estado de espírito favorável... Doutrinas perniciosas espalhavam-se pela massa. O povo alemão, tanto no interior como na linha de frente, recebera seu golpe mortal... Estávamos hipnotizados pela propaganda inimiga como um coelho por uma cobra. Ela atuava por meio de forte sugestão das massas, mantinha-se em íntimo contato com a situação militar e não tinha escrúpulos quanto aos meios que empregava... Nos últimos estágios da guerra, exatamente a partir do início do ano de 1918, a propaganda trabalhou ainda mais abertamente em favor da revolução social, lado a lado com a revolução política. Pintava-se a guerra como sendo travada pelas classes dirigentes às expensas dos trabalhadores e a vitória da Alemanha como a infelicidade destes... Nos países neutros estávamos sujeitos a uma espécie de bloqueio moral... Perdemos todo o crédito, enquanto que o do inimigo cresceu enormemente... O objeto expresso da propaganda americana e inglesa tornou-se cada vez mais a revolução interna na Alemanha."

Quando Ludendorff menciona que desde o início de 1918 a propaganda trabalhou em prol da revolução social, tinha nitidamente em mente os

"Quatorze Pontos" do Presidente Wilson, que foram por ele anunciados em 6 de janeiro. Um mês mais tarde, o Presidente acrescentou que não deveria haver anexações, contribuições nem indenizações punitivas. A autodeterminação devia ser aceita como um princípio imperativo e qualquer ajuste territorial devia ser feito no interesse e em benefício do povo nele envolvido.

Embora os Quatorze Pontos não fossem destinados à propaganda, eram, na realidade, propaganda feita de maneira astuta. Eles empolgaram a imaginação de um mundo exausto pela guerra e davam à Alemanha a oportunidade de terminar o conflito por meio de uma paz negociada. Embora, no momento, o Kaiser e seus assessores recusassem a levá-los em consideração, eles penetraram fundo no coração do povo." (18).

Enfim, a propaganda, a pressão diplomática e econômica feitas pelos Estados Unidos forçaram a entrada na guerra contra os Impérios Centrais e seus aliados de vários países centro e sul-americanos, indo todos os navios alemães refugiados em seus portos engrossar a frota aliada. E a Primeira Grande Guerra Européia transformou-se na Primeira Guerra Mundial.

O BRASIL NA GUERRA

LOGO que foi declarada a guerra na Europa, a grande maioria dos brasileiros manifestou sua simpatia pela causa da "Entente Cordiale", apesar de os Impérios Centrais terem dado imperatrizes ao Brasil e de nosso país jamais ter tido qualquer dificuldade em suas relações com essas duas nações, o mesmo não acontecendo com a França e a Inglaterra.

Com a França, logo no início de nossa colonização, Villegagnon e Coligny aqui tentaram estabelecer a "França Antártica" e La Ravardière, no começo do século XVII, pretendeu formar, no Maranhão, a França Equinoxial.

Em 1710, o pirata francês Duclerc assaltou o Rio de Janeiro, mas graças à possante ajuda da imagem de Santo Antônio, colocada no Largo da Carioca, foi vencido. Por esse relevante serviço foi Santo Antônio nomeado Tenente-Coronel da cidade e galardoado com a Grã-Cruz da Ordem Militar. Afirma-se que durante muito tempo o seu soldo era regularmente pago a um padre do Convento de Santo Antônio, até que um pagador burocratizado o informou que só pagaria o soldo ao próprio, ou ao seu procurador legalmente constituído. E como nem um nem outro se apresentasse para recebê-lo, o soldo caiu em exercícios findos, o que significa, como é sabido, perdido.

Duclerc, logo depois, foi misteriosamente assassinado no Rio de Janeiro. No ano seguinte, Duguay-Troin, sob o pretexto de vingá-lo, atacou e ocupou a cidade e exigiu de seus habitantes uma grande indenização e, antes de partir, a saqueou.

Napoleão Bonaparte, declarando guerra a Portugal e o invadindo, evidentemente a estendeu ao Brasil.

No fim do século passado, quando se descobriu ouro no Amapá, os franceses "descobriram", também, que os limites da Guiana Francesa com o Brasil estavam errados e avançaram além do Iapoque. Só o recurso à arbitragem do Governo suíço, favorável ao Brasil, evitou a usurpação.

Com a Inglaterra registram-se os ataques de piratas ingleses em 1591, na vila de Santos, e na Bahia, em 1857; a tentativa de apoderar-se da Ilha da Trindade em 1752, reiterada, ainda, em 1896. A explosiva "Questão Christie", que só não se transformou em guerra, graças à providência de se recorrer à arbitragem do Rei Leopoldo I, da Bélgica, arbitragem essa que nos foi inteiramente favorável, mas, como a Inglaterra recusou-se a cumpri-la em sua íntegra, nossas relações diplomáticas com ela estiveram rotas de 1862 até 1865.

A questão de nossos limites com a Guiana Inglesa, levada à arbitragem do Rei Victor Emanuel III, da Itália, de que resultou na decepcionante decisão de nos constranger a conceder a essa colônia, em 1901, uma saída para a bacia amazônica.

Acresce, ainda, que se deve à Inglaterra a tremenda crise econômica que se abateu sobre o Estado do Amazonas, na primeira década deste século, e da qual até hoje tanto nos ressentimos economicamente pela "expedição científica" dessa nação, feita em 1876, secretamente encarregada de contrabandear sementes de seringueiras do Brasil para suas colônias na Ásia.

A corrente emigratória de alemães para o nosso País era grande, somente inferior às de portugueses e italianos, e tanto os imigrantes alemães como seus descendentes brasileiros muito contribuíram e contribuem para o nosso progresso.

Antes da guerra o nosso comércio com a Alemanha era muito florescente; dela aqui chegavam máquinas, utensílios, ferramentas, produtos químicos, etc. para a nossa, então, incipiente indústria, e para ela seguia o nosso café, tornando-se Hamburgo o grande empório mundial desse nosso importante produto.

Em contrapartida, os colonos franceses e ingleses que aqui se radicavam, e ainda se radicam, eram e são em número insignificante; os cidadãos desses dois países

que aqui aportavam e que aportam, só se demoravam e se demoram o tempo estritamente necessário para realizar seus vantajosos negócios. Aliás, isso não acontecia, nem acontece somente aqui no Brasil, pois é sabido que tanto os franceses como os ingleses são os piores colonos do mundo, mesmo quando se dirigem para suas colônias, porque só uma idéia eles acalentam: enriquecerem-se rapidamente para, também, rapidamente regressarem aos seus respectivos países.

Da Inglaterra também o Brasil importava máquinas e outras utilidades, que aqui concorriam com produtos similares alemães.

Da França aqui chegavam laticínios, vinhos, iguarias e a moda. Nas livrarias nacionais predominavam livros franceses. Naquela época, a língua francesa era a oficialmente usada pela diplomacia e, em nossa alta sociedade, era elegante o seu uso.

Mas, como realmente o coração tem razões que a razão ignora, a atitude da grande maioria do povo brasileiro favorável aos Aliados não pode ser explicada pela razão e, em diversos Estados foram criados clubes Pró-Aliados que, juntamente com a imprensa aliadófila, desencadearam intensa propaganda contra a Alemanha, enquanto o Presidente Venceslau Brás, esforçando-se para manter o País à margem do conflito, recomendava insistentemente parcimônia nos gastos e nas palavras.

Pretensos relatórios sobre barbaridades cometidas pelos *boches* selvagens eram diariamente publicados e, sobretudo, afirmativas das intenções da Alemanha de se apossar de grande parte de nosso território, com farta distribuição de um mapa do Brasil, apresentado como impresso na Alemanha, mostrando o Estado de Santa Catarina como colônia alemã, acirrando entre todos ódio contra esse país.

Eis que, no dia 5 de abril de 1917, a indignação da opinião pública nacional contra a Alemanha atinge o auge, devido à publicação de um telegrama, dirigido ao Itamarati, nos seguintes termos: — "Acabo de receber telegrama do cônsul Havre, dizendo: "Paraná" torpedeado esta noite dez milhas de Barfleur, guarnição salva, três mortos. Ass. Magalhães." No mesmo dia os jornais publicaram o seguinte telegrama, dirigido à Companhia de Navegação e Comércio, do Rio de Janeiro: — "Paraná

torpedeado torpemente sem aviso, à meia-noite. Quarto maquinista e dois foguistas foram mortos, ficando ferida grande parte da tripulação, em conseqüência da explosão. Espero que me remeta urgente crédito. Fomos salvos depois de doze horas em botes das torpedeiras francesas. Foi um cúmulo o procedimento bárbaro dos alemães. — Ass. Peixe, Comandante do Paraná."

Quarenta e oito horas depois, um terceiro telegrama informava: — "Afirmamos que o torpedo atingiu o navio a bombordo, no compartimento das máquinas, um metro abaixo da linha de flutuação. Depois da explosão o submarino veio à superfície e atirou-nos cinco tiros de canhão. A maior parte da tribulação viu. Foi impossível reconhecer a nacionalidade. Todos os oficiais vão bem; os feridos são o foguista, cujos ferimentos são leves. Protesto feito no consulado e tribunal. — Ass. Peixe, Comandante do Paraná."

Como se vê, o primeiro e o segundo telegramas afirmam que o torpedeamento causou a morte de três tripulantes e ferimentos em grande parte da tripulação, devido à explosão e o segundo acusa ainda o bárbaro procedimento dos alemães. O terceiro, também com a assinatura do comandante do navio, informa que após a explosão, o submarino ainda deu cinco tiros de canhão no navio, tendo sido, entretanto, impossível reconhecer sua nacionalidade, havendo apenas um membro da tripulação com ferimentos leves.

Apesar de o Almirantado alemão negar a autoria do torpedeamento, o Governo brasileiro corta suas relações diplomáticas com a Alemanha e abre um inquérito para apurar a verdade.

Rui Barbosa se aborrece com essas simples medidas e propugna pela imediata declaração de guerra aos Impérios Centrais. Sobe à tribuna do Senado e, desprezando os dizeres do terceiro e último telegrama, reclama contra o assassínio dos três brasileiros referidos no primeiro, assinado pelo mesmo comandante; critica severamente o Ministro das Relações Exteriores, Lauro Muller, "cujos instintos ancestrais e o vigor das origens alienígenas lutam com o nacionalismo que ele representa e o próprio governo de que é membro", e pergunta: — Como é que no primeiro

telegrama aquilo que se dera por líquido, já entra em questão no segundo? Naturalmente, posto em torniquete o comandante do navio, para declarar fora de toda a dúvida, se, realmente, estava certo da nacionalidade, receou, titubeou, e se esquivou à resposta. Mas, seriamente, senhores, poderia ter sido francês ou inglês o submarino que torpedeasse uma embarcação empregada em transportar alimentos para os aliados?" (19).

O torniquete a que se referiu a lógica de Rui Barbosa devia ter sido de tal maneira possante, que obrigou o comandante do navio a ressuscitar os três mortos do seu primeiro telegrama e a curar grande parte da tripulação dos ferimentos recebidos com a explosão do torpedo.

No Senado, entretanto, nenhuma voz se levantou para dizer a Rui Barbosa que uma deliberação tão grave, como a de declarar guerra a uma nação até então amiga, não devia nem podia ser tomada sem que ficasse perfeitamente comprovado que fosse ela a responsável pelo criminoso torpedeamento do nosso navio, mormente quando o seu Almirantado se dizia inocente; que a hipótese de o torpedeamento ter sido feito por submarino de uma potência aliada não podia ser afastada, sem que um inquérito comprovasse sua falsidade, porque, pondo um navio ao fundo, o qual, aliás, não lhes pertencia, apesar de ser um golpe baixo, não era destituído de inteligência, pois que, assim agindo, ganhavam os Aliados para a sua causa o peso de uma nação.

Nada disso, porém, lhe foi dito; um punhal assassino já havia eliminado Pinheiro Machado, um dos raros políticos brasileiros que tinha a audácia de pôr em dúvida a floreada retórica de Rui Barbosa.

Acossado, assim, por todos os lados, Lauro Muller, apelidado pela imprensa aliadófila de "Alemão de Santa Catarina", demite-se do Ministério das Relações Exteriores, sendo substituído por Nilo Peçanha.

Em 26 de outubro de 1917, depois de ter mais dois navios torpedeados, o Brasil declarou guerra aos Impérios Centrais e confiscou os barcos alemães refugiados em nossos portos, que foram, quase todos, posteriormente reclamados pela França.

A nossa marinha de guerra vai ajudar o patrulhamento das águas do norte do Atlântico. Em setembro de

1918, um de seus navios entra no porto da Guanabara trazendo, contaminados em Dakar, vários membros de sua equipagem com a gripe espanhola. Dentro de pouco tempo essa pavorosa epidemia grassava em todo o Brasil, ceifando vidas, pior ainda do que se fora vasto e mortífero campo de batalha.

FINAL DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

NO TEATRO da guerra, na Europa, o ano de 1917, caracterizou-se por dois fatos essenciais: o emprego, pelos aliados, de uma nova arma, os tanques, e o de gases asfixiantes pelos alemães, logo imitado pelos Aliados, a fim de vencer a inércia a que os exércitos estavam condenados, com a técnica das trincheiras e do arame farpado, sem obterem, entretanto, grandes resultados.

Por sua vez, a fome, nos Impérios Centrais; a alta dos preços dos gêneros alimentícios e a propaganda socialista provocam greves em toda parte e alguns regimentos italianos e franceses revoltam-se. Não querem continuar servindo como fornecedores de carne para canhão.

No mês de março de 1918, o Presidente Wilson reitera o desejo de conseguir a paz, proposta em janeiro, mostrando a necessidade de se pôr fim ao conflito, mediante uma paz negociada e justa, sem anexações nem indenizações punitivas, no direito dos povos escolherem suas respectivas nacionalidades e na formação de uma Sociedade de Nações, capaz de assegurar a independência política e a integridade territorial de todos os países.

Os Aliados aceitam, em princípio, essas diretrizes sem, entretanto, entrar em minúcias. Os Impérios Centrais nada respondem. Esperam, ainda, uma decisão militar favorável nos campos de batalha, antes da chegada das tropas norte-americanas, e atacam fortemente em toda a frente ocidental. As vitórias, que obtêm, todavia, não conseguem impor a paz e lhes custam enormes sacrifícios.

A palavra falada ou escrita, nas guerras modernas, tornou-se mais eficiente do que as armas. Milhares de

folhetos revolucionários e milhões de cópias dos famosos Quatorze Princípios de Wilson, com resumos de seus discursos, foram espalhados nos Impérios Centrais e seus associados, a fim de minar o moral do povo e de seus exércitos, já bastante abalados pela propaganda socialista russa e, sobretudo, pela fome.

A partir do segundo semestre, com a chegada das tropas norte-americanas, reforçadas por alguns contingentes de outras nações associadas, que somavam um total de 1.900.000 homens, além de copioso material de guerra, os já quase esgotados Aliados tomam novo alento e atacam por todos os lados.

Na frente ocidental eles conseguem alguns êxitos, mas à custa de grandes perdas. Em outubro, a Bulgária e a Turquia, fortemente atacadas, pedem armistício e depõem as armas.

Na Austria-Hungria, verdadeiro mosaico de nações, onde o Imperador Carlos está longe de gozar da mesma autoridade e prestígio do velho Francisco José, há uma série de levantes contra a guerra e contra o Governo. A Itália, apoiada por contingentes aliados, aproveita-se da ocasião e investe pelo sul. No dia 3 de novembro, aquele país, que havia levado a Alemanha à guerra para defendê-lo, depõe as armas. O seu Exército é dissolvido; entrega a metade de seu material de guerra aos Aliados e é forçado a permitir a passagem das forças inimigas através do seu território para atacarem a Alemanha pelo sul.

Em começo de outubro, estando o povo alemão exaurido pela fome, à qual já havia sucumbido 700.000 pessoas, o seu Governo dirige-se ao Presidente Wilson, informando que aceitava discutir a paz, de acordo com as condições formuladas em seus Quatorze Princípios e subseqüentes pronunciamentos. Este responde que é demasiado tarde e que a paz só seria negociada com um governo que representasse realmente a vontade do povo alemão, e que um armistício só seria concedido se a Alemanha depusesse as armas em tais condições que não mais pudesse recomeçar as hostilidades.

No dia 27 de outubro, o Governo alemão, contra a firme opinião do Marechal Ludendorff, que por isso é demitido da chefia do Estado-Maior, resolveu aceitar essas vexatórias condições. Pela segunda vez na História mili-

tar, um país, com seus exércitos vitoriosos ocupando grande parte do território inimigo, é derrotado. A primeira, Napoleão, na Rússia, pelo gelo; a segunda, a Alemanha, internamente, pela fome.

A situação na Alemanha torna-se caótica; os marinheiros do porto de Kiel amotinam-se e, em Berlim estoura uma revolução, que proclama a república, no dia 9 de novembro, chefiada pelos socialistas. O Kaiser, no mesmo dia, deixa o Quartel-General, abdica e foge para a Holanda, onde, em seu castelo de Doorn, descobre sua vocação de lenhador.

A tola exigência de Wilson de só discutir a paz com um governo diferente daquele que havia conduzido a guerra, provocou verdadeira desordem em toda a Alemanha, além de fazer recair sobre um novo governo a responsabilidade e o ônus do preço da paz. Em conseqüência, pequenas repúblicas soviéticas foram proclamadas em Berlim, Munich, Colônia, Leipzig, Stuttgard, etc., sem que o novo Governo tivesse meios imediatos para impor sua autoridade e restabelecer a ordem.

De acordo com as exigências aliadas a Alemanha foi obrigada a fazer retirar seus Exércitos de todos os territórios por eles ocupados na França, Luxemburgo e Bélgica, além de uma faixa de dez quilômetros de largura em seu próprio território, na margem direita do Reno, dentro de quinze dias; entregar 5.000 canhões, 25.000 metralhadoras, 26 grandes navios de guerra, todos os submarinos, aviões e respectivos equipamentos. O bloqueio continuaria mantido e só seria suspensa à medida que os Aliados julgassem conveniente, até a conclusão da paz.

A esquadra alemã foi levada para o porto inglês de Scape Flow, onde a maior parte dos navios foi afundada pelas tripulações alemãs.

Quem acompanhou o desenrolar da Segunda Guerra Mundial, quem visitou a Alemanha logo depois de terminado esse conflito, ou mesmo quem viu em cinema a sua quase completa destruição para que ela se declarasse vencida, não pode negar razão àquele famoso cabo-de-guerra, Ludendorff, nem a um obscuro austríaco, chamado Adolfo Hitler, engajado no Exército alemão como cabo-de-esquadra que, quase cego por efeito de gases corrosivos de que foi vítima no campo da luta, e que disso se recuperava em modesto leito de um hospital de sangue na Pomerânia,

chorava e jurava vingança pela aceitação de tão humilhantes condições, fiel reprodução das que foram impostas pelos romanos aos cartagineses.

Finalmente, cumpridas as exigências aliadas, o armistício é assinado em um vagão de estrada de ferro, que servia de Quartel-General dos Aliados, na floresta de Compiègne, no dia 11 de novembro de 1918.

Nunca houve tamanho regozijo no mundo nem, em seguida, tanta confusão na Europa.

É interessante assinalar que nesse mesmo dia aconteceu um fato único na História: um país independente quis, voluntariamente abdicar de sua independência para tornar-se província de outro. O Parlamento do Governo provisório da Austria, transformada em república, verificando as dificuldades que teria que arrostar para sobreviver e considerando que sua população é constituída de alemães, aprova uma lei incorporando-a à Alemanha, o que é logo vetado pelos Aliados, demonstrando, assim, que os princípios wilsonianos não se aplicariam aos povos alemães.

Da parte dos Aliados, a França foi o país que mais sofreu. Teve 1.300.000 mortos; 27% de sua população masculina, entre 18 e 27 anos, desapareceram; 2.800.000 soldados foram feridos e 600.000 ficaram inválidos pelo resto da vida. Milhares de usinas foram inutilizadas; 6.000 quilômetros de estrada de ferro e 52.000 de rodagem, destruídos, e a metade de sua marinha mercante afundada. A produção anual de carvão e de aço foi reduzida em 50%, e 7% de seu território devastado. (20).

A CONFERÊNCIA DA PAZ

O PRESIDENTE Wilson, que já havia perdido a oportunidade de impor suas idéias aos Aliados, quando estes dependiam dos Estados Unidos para continuar a Guerra, em vez de ficar em sua Casa Branca, em Washington, e dar suas diretrizes e instruções a um seu delegado para defendê-las na Conferência da Paz, despreza vaidosa ou ingenuamente os prudentes conselhos de seus assessores e vai, pessoalmente, defendê-las em Paris. Foi o seu grande erro: subestimou dois grandes inimigos internos, seus calos e suas hemorróidas, e dois grandes externos, Clemenceau e Lloyd George, tendo, ainda, Orlando, de contrapeso.

O luxuoso paquete americano "George Washington" chegou a Brest no dia 13 de dezembro, último dia 13 de um ano fatídico, trazendo a bordo o Presidente dos Estados Unidos da América do Norte, Woodrow Wilson. Nunca um ser humano foi recebido com tanto entusiasmo e esperança. Milhões de pessoas, de Brest a Paris, ovacionaram o novo Messias, portador da paz universal. Wilson exultava. A guerra e a diplomacia secreta estavam sepultadas para sempre; a paz seria perpétua.

Conforme o anunciado, a Conferência da Paz seria realizada de portas abertas, e todos os beligerantes poderiam apresentar suas razões e discuti-las em igualdade de condições. As respectivas delegações já se achavam a postos, juntamente com uma multidão de repórteres, vinda de quase todos os países, de lápis em mão, para registrar os debates e transmiti-los aos seus respectivos jornais, logo no dia seguinte ao da chegada do Presidente.

Mas, no dia seguinte à sua chegada em Paris, Clemenceau, Lloyd George e Orlando o procuram e lhe fazem

compreender que as sessões plenárias da Conferência não podiam iniciar-se sem que sua agenda fosse devidamente organizada e que era conveniente que eles, os "Quatro Grandes", disso cuidassem, antes de mais nada, pois nem sequer ele, Wilson, tivera o cuidado de informar, com a devida antecedência, aos seus parceiros, os pormenores de seus Quatorze Princípios.

Wilson não tem outro recurso senão o de concordar. A sua primeira derrota estava assegurada. As discussões entre os Quatro Grandes começam, então, a portas fechadas. Wilson insiste pela prioridade da aplicação de seus planos de paz, consubstanciados em seus Quatorze Princípios, de acordo com os quais a Alemanha firmou o armistício. Os outros membros, porém, recusam-se a atendê-lo, pois que, em primeiro lugar, querem ajustar suas contas com os inimigos vencidos.

As discussões se prolongam, pois Wilson ignorava a existência dos tratados secretos concertados entre os Aliados e cada qual quer salvaguardar seus próprios interesses e reivindicações nacionais. As delegações dos demais países aguardam pacientemente nas antecâmaras a chamada para entrar na sala da Conferência, a fim de apresentarem seus respectivos pontos de vista. Os repórteres não conseguem uma só informação para dar aos insistentes pedidos de seus jornais.

Enquanto o tempo se escoava, a situação na Europa piorava. A revolução comunista na Rússia estendia-se ameaçadoramente pela Alemanha e pelo desarticulado Império Austro-Húngaro, premidos pela fome, devido à não suspensão do bloqueio; nos países balcânicos ninguém se entendia; era o caos. Urgia tomar uma rápida resolução.

Finalmente, depois de mais de um mês de acirradas discussões, pressagiadoras de futuros desacordos, abrem-se as portas da Conferência para sua primeira sessão plenária, a fim de comunicar às outras delegações e ao mundo, num verdadeiro parto de montanha, que as idéias wilsonianas fariam parte integrante das condições de paz.

Voltam os Quatro Grandes a reunir-se a portas fechadas para darem uma redação adequada a essas idéias, a fim de as enquadrarem, de maneira conveniente, dentro do Tratado de Paz e, assim, Wilson continua reunido até o dia 14 de fevereiro com os outros três grandes, sem que

estes manifestem qualquer interesse por suas idéias. Desse modo, já um pouco cansado pelas discussões, após mais de três meses da assinatura do armistício, sem que os parceiros chegassem a um acordo, Wilson volta a New York, ao que parece, para tomar algum alento. Nessa ocasião ainda recebe uma grande ovação, conquanto muito menor do que aquela de que foi alvo quando de sua chegada na França.

Houve, então, um interregno de um mês na reunião dos Quatro Grandes. Lloyd George e Orlando seguiram para seus respectivos países, para cuidarem de seus interesses políticos, enquanto Clemenceau, vítima que fora de um atentado a pistola, se restabelecia em um hospital.

Nesse ínterim o saco de gatos europeu mais se agitava. Países e vastas regiões não sabiam a quem pertenciam, ou a quem iriam pertencer; quem os governava e a quem deviam obedecer; as idéias comunistas alastravam-se; na Alemanha e na Áustria centenas de milhares de pessoas enganavam a fome com serragem de madeira. A mortandade aumentava.

> "Durante os dois últimos anos da guerra, mais de um milhão de não combatentes morreram de fome na Alemanha e na Áustria.
>
> No dia 13 de dezembro de 1918, quando os alemães pleitearam permissão para importar trigo, gorduras, leite condensado, produtos médicos, etc., sua pretensão foi rejeitada. Na Boêmia, em fevereiro de 1919, 20% das crianças nasceram mortas e 40% morreram no primeiro mês do nascimento. Só em março de 1919, quando Lorde Plumer, General-comandante do Exército britânico do Reno, informou ao Governo da Grã-Bretanha que seus soldados "não podiam suportar o espetáculo de ver crianças morrendo de fome", foi o bloqueio relaxado." (21).

Enquanto os Quatro Grandes descansavam, ou tratavam de seus interesses políticos, as 52 comissões organizadas para redigirem o Tratado de Paz, em mais de 1.500 sessões, sofriam, de maneira cada vez mais intensa,

a pressão dos militares, que viam o seu tão proclamado prestígio nos campos de batalha diminuído pelos princípios wilsonianos; dos industriais armamentistas, que sentiam os seus lucros reduzidos com uma possível paz duradoura; dos diplomatas, que se viam relegados a plano secundário, sem a faculdade das intrigas para a organização de tratados secretos.

Na segunda fase das reuniões dos Quatro Grandes, o Presidente, percebendo a decadência do seu prestígio, pela diminuição das ovações recebidas, insiste ainda na aplicação integral do seu plano de paz. Os outros endurecem e não cedem, baseados em seus compromissos anteriores, firmados em tratados secretos. A França, além da Alsácia e da Lorena, exige a bacia do Sarre; a Itália, Fiúme; a Inglaterra, as colônias alemãs. Querem uma paz imposta militarmente, com as respectivas indenizações e não uma paz negociada, que consideram uma utopia.

Atormentado por seus calos, por suas hemorróidas, pelas críticas veladas da imprensa e por um ataque de gripe, Wilson começa a dar sinais de fraqueza, ante as sarcásticas investidas de Clemenceau e a resistência de Lloyd George, mas não cede de todo, faz apenas algumas concessões, procurando tergiversações, dentre as quais vale a pena registrar a seguinte, transcrita do livreto "A Amazônia Brasileira em Foco", publicada pela Comissão Nacional de Defesa e pelo Desenvolvimento da Amazônia — Rio de Janeiro, 1968:

> "Quando se reuniu em Genebra a Conferência da Paz em 1919, o representante do Brasil, então Dr. Epitácio Pessoa, se estarreceu ante a proposta dos Estados Unidos, apresentada pessoalmente pelo presidente americano W. Wilson. Propunha ele, então, aos aliados vitoriosos, a internacionalização da Amazônia, sendo sua tese repelida por Lloyd George, representante da Inglaterra no conclave, porque via naquela proposta "uma possível dominação norte-americana, na área amazônica". O representante brasileiro ficara perplexo, não só pela audácia, mas, principalmente, porque não atinava com o verda-

deiro interesse, nem de um, nem de outro dos contendores, quando a realidade é que ambos pensavam, de fato, na dominação da região por causa do petróleo e o inglês não desejava proporcioná-la aos norte-americanos."

O brasileiro é generoso e sincero e, acreditando na grande amizade e inquebrantável lealdade alardeada por aquele notável Presidente norte-americano para com o Brasil, o homenageou batizando uma das mais belas avenidas do Rio de Janeiro com o seu nome, além de outros logradouros públicos em vários Estados, coisas essas que ele não obteve em seu próprio país.

A Europa, dia a dia, mostrava-se mais explosiva. Uma revolução em Munique proclama uma república soviética na Baviera; a babélica confusão de povos e de línguas do esfacelado Império Austro-Húngaro ameaça tomar o mesmo caminho; o vulcão balcânico mostra inquietantes sinais de próxima irrupção; a fome aumenta o número de suas vítimas. Os Quatro Grandes continuam a discutir, à procura de uma solução conciliatória.

Wilson ainda não quer ceder e chega a ponto de ameaçar abandonar a Conferência e fazer a paz em separado com a Alemanha e a Áustria-Hungria. Finalmente, acaba concordando com as exigências dos seus parceiros, ainda que bastante atenuadas, com a condição de ele ser o parteiro da raquítica Sociedade das Nações.

Orlando, o representante da Itália, cuja atuação na Conferência foi bastante apagada, achando que seu país não recebia o preço ajustado pela sua entrada na guerra ao lado dos Aliados, conforme o tratado secreto firmado entre ele, a França e a Inglaterra, amuado, afastou-se do conclave durante algum tempo, para só voltar no seu final.

Finalmente, após mais de oito meses de aflitiva espera, a redação do Tratado de Paz foi dada como concluída. As portas da Conferência foram abertas para que as delegações das outras vinte e três nações associadas, européias, americanas, africanas e asiáticas o assinassem, sem mesmo terem tempo de o ler, pois todos tinham pressa e, ademais, os três curadores do mundo já o haviam aprovado!...

No dia 28 de junho de 1919, ou seja vinte e quatro horas após todos os países terem assinado o importante documento, a delegação alemã foi, então, introduzida na Sala dos Espelhos, do Palácio de Versalhes, a fim de assiná-lo sem discussão, o que foi obrigada a fazer para pôr fim à mortandade provocada pela fome em sua população, principalmente a infantil, em conseqüência da não suspensão do bloqueio, tornando, assim, esse documento, moralmente nulo.

O TRATADO DE VERSALHES

NINGUÉM esquece a data do armistício, que pôs fim à Primeira Guerra Mundial: 11 de novembro de 1918; ninguém se lembra da data que firmou a Paz de Versalhes, 28 de junho de 1919.

As condições dessa paz foram as mais duras possíveis e imposta com o mais chocante desrespeito àquilo que foi estabelecido para a aceitação do armistício, conforme mostram os seus principais pontos:

Não haveria anexações territoriais: — Restituição Alsácia e da Lorena à França e entrega da bacia carbonífera do Sarre, para explorá-la durante quinze anos, findo os quais haveria um plebiscito para decidir se ela ficaria com a França ou com a Alemanha; entrega dos distritos de Eupen e Malmédy à Bélgica; da maior parte do Schleswig à Dinamarca; de Memel à Lituânia; de grande parte da Prússia Oriental à Polônia, inclusive a bacia carbonífera da Alta Silésia, além de uma faixa de terra, dividindo o restante da Prússia Oriental, conhecida com o nome de "Corredor Polonês", para dar a esse último país uma saída para o mar; transformação da cidade alemã de Dantzig em cidade livre, sob a égide da Liga das Nações; divisão de todo o império colonial alemão pela Inglaterra, França e Japão. Dessa maneira, além de suas colônias, 75.000 quilômetros quadrados de território alemão, habitado por 7.000.000 de alemães, foram entregues aos seus vencedores.

Não haveria indenizações punitivas: — A Alemanha ficou obrigada a pagar cento e trinta e dois bilhões de marcos-ouro, divididos em quotas, pelo prazo de trinta anos; confiscados todos os investimentos e bens nacionais

ou privados alemães existentes no estrangeiro; entrega anualmente de quarenta milhões de toneladas de carvão aos aliados europeus, durante um período de dez anos; confisco de todos os navios de sua marinha mercante com mais de mil e seiscentas toneladas; de metade desses navios compreendidos entre mil e mil e seiscentas toneladas; da quarta parte de seus barcos de pesca; de 20% de todos seus barcos de navegação fluvial; de 5.000 locomotivas e 150.000 vagões ferroviários; de todos os seus aviões militares, em número de 15.714, e 27.557 de seus motores.

Condições militares: — Desmembramento de todas as fortificações da margem esquerda do Rio Reno e das existentes na margem direita até uma profundidade de cinqüenta quilômetros, região essa conhecida como Renânia; proibição de manter forças permanentes ou temporárias em toda aquela zona; proibição de possuir encouraçados, submarinos, tanques, canhões pesados, aviões militares e artilharia antiaérea; redução do seu Exército a uma simples força policial com o máximo de cem mil homens.

A respeito dessas terríveis condições assim se expressa o escritor e historiador inglês, H. G. Wells:

> "Mais grave ainda do que todos estes desajustamentos territoriais foi a imposição à Alemanha de encargos destinados a "reparações", muito superiores ao seu poder de pagamento e em absoluta oposição aos claros entendimentos em que se baseara a sua rendição. A Alemanha foi posta em estado de servidão econômica. Foi onerada com a obrigação de pagamentos periódicos imensos e impossíveis; foi desarmada; e a sua inevitável fraqueza a deixou praticamente exposta a qualquer agressão da parte de seus credores. Todas as potencialidades da situação não se tornaram manifestas senão um ano mais tarde. Falharam, então, os pagamentos alemães, e em janeiro de 1923 os franceses marcharam sobre o vale do Ruhr e ali se conservaram até agosto de 1925, explorando as minas tão bem quanto podiam, administrando as estradas de ferro e mantendo abertas as feridas do ressentimento alemão por uma centena de mesquinhas e inevitáveis tiranias e atos de violência.

Não entraremos em nenhuma análise detalhada de certas outras conseqüências da pressa e arrogância de Versalhes — de como o Presidente Wilson cedeu aos japoneses e consentiu em que se recolocassem aos alemães em Kiau-Chau, que é propriedade chinesa; de como a cidade quase puramente germânica de Dantzig foi, praticamente, senão legalmente, anexada à Polônia; e de como as Potências discutiram a pretensão dos imperialistas italianos, pretensão fortalecida por todos esses exemplos, a posse do porto jugoslavo de Fiúme, privando os jugoslavos de uma saída para o Adriático. Voluntários italianos, sob a chefia do escritor Gabriel d'Annunzio, ocuparam essa cidade e mantiveram ali uma república rebelde até ela ser, afinal, anexada à Itália em janeiro de 1921.

Nem faremos mais do que notar os arranjos complexos e as justificações que puseram os franceses na posse do Vale do Sarre, que é território alemão, ou a violação inteiramente iníqua do direito de "autodeterminação", pela qual se proibiu praticamente a Áustria Alemã de se unir — como é natural e próprio que se una — às demais partes da Alemanha." (22).

Finalmente, como suprema humilhação e estúpida deturpação dos fatos, a Alemanha foi obrigada a admitir sua inteira responsabilidade pela deflagração da guerra, pela violação de suas leis e entregar aos Aliados para serem julgados como "criminosos de guerra" os seus chefes, príncipes e generais que esses assim considerassem.

Ainda a esse respeito, assim se manifesta Wells:

"Nenhum historiador que se respeite, por mais superficiais que sejam seus objetivos, pode apoiar a lenda, produzida pelas aflições da guerra, de que o povo alemão é uma espécie de ser humano mais cruel e abominável do que qualquer outra variedade de homens. Todos os grandes Estados da Europa, antes de 1914, estavam imersos num nacionalismo agressivo e tendiam para a guerra; o governo da Alemanha apenas precedia o movimento geral. Foi

o primeiro a cair no abismo e até o que mais fundo rolou. Tornou-se, assim, o exemplo terrível contra o qual podiam clamar todos os demais companheiros de pecado." (23).

O Tratado de Versalhes, com seus 442 artigos, alguns com diferentes interpretações e contradições, justificadamente denominado pelos alemães como o "Ditado de Versalhes", constitui um documento que não honra os Aliados. Aos alemães foi prometida uma paz baseada em princípios que não foram respeitados, mas eles se viram obrigados a aceitá-los, dadas as condições do armistício que os impossibilitavam de qualquer reação, além da desesperada situação em que se encontravam devido ao bloqueio. O artigo 231 desse documento reza: "Os governos aliados e associados declaram e a Alemanha reconhece-o, que a Alemanha e seus aliados são os responsáveis, como autores, por todos os prejuízos e danos sofridos pelos governos aliados e seus nacionais, em virtude da guerra que lhes foi imposta pela agressão da Alemanha e seus aliados."

> "O bloqueio foi mantido até julho de 1919, como uma pistola encostada nas costas da vítima até que esta apusesse sua assinatura num tratado de paz imposto. Este foi um ato de profunda estupidez, porque, como assinalou Vattel 160 anos antes, uma paz intolerável é uma opressão que uma nação somente suportará enquanto não tiver meios para anulá-la e "contra a qual os homens de caráter se levantarão na primeira oportunidade favorável." (24).
>
> "Em 5 de novembro de 1918, o Presidente Wilson transmitiu à Alemanha os termos do armistício aceitos pelos Governos Aliados e declarava sua disposição de "fazer a paz com o Governo da Alemanha segundo as condições formuladas no discurso de Presidente ao Congresso em 8 de janeiro de 1918, e nos princípios de ajuste enunciados em seus discursos subseqüentes.
>
> A natureza do acordo entre a Alemanha e os Aliados, escreve Keynes, é clara e inequívoca. Os termos da paz devem estar de acordo com os dis-

cursos do Presidente e a finalidade da Conferência de paz é "discutir os pormenores de sua aplicação". As particularidades do acordo eram de caráter inusitadamente solene e compulsório, pois uma de suas condições era que os alemães deviam concordar com os termos do armistício, que eram tais que os reduziam à impotência. Tendo a própria Alemanha se tornado inerme aceitando o acordo, a honra dos Aliados estava particularmente envolvida no cumprimento de sua parte, e se houvesse ambigüidade, em não tirar partido de sua posição para auferir vantagens delas." (25).

"O acordo foi aceito pela Alemanha, porque seu povo estava morrendo de fome, e, às 5 horas da manhã de 11 de novembro de 1918, os termos do armistício foram assinados por seus representantes. Não obstante, quando em 28 de junho de 1919, foi imposto o Tratado de Versalhes, "dezenove das vinte e três condições de paz do Presidente Wilson" foram, de acordo com Harold Nicolson, flagrantemente violadas. Como aconteceu isso? Foi o resultado da combinação de ideais elevados com a mais baixa moral, foi produto de temperamentos diversos dos três principais artífices do Tratado — Woodrow Wilson, Georges Clemenceau e David Lloyd George — podados os ampliados para se adaptarem ao leito proustiano da massa democrática sentimental.

O Presidente Wilson tinha mentalidade teocrática e acanhada. Tinha fé absoluta na democracia e acreditava que a voz do povo era idêntica ao julgamento de Deus. Identificava-se com sua carta mística e estava convencido de que se fosse incluída nos tratados de paz, "pouco importavam as condições, as injustiças, as flagrantes violações de seus próprios princípios", que tais tratados pudessem conter, porque, com o tempo, sua magia devia, pela vontade dos povos do mundo, reparar todos os erros. Ele havia declarado diante do Congresso, em 11 de fevereiro de 1918: "Não haverá anexações, nem contribuições, nem indenizações punitivas... a autodeterminação não é apenas uma frase. É um princípio de ação imperativo que os estadistas ignorarão daqui por diante por sua conta e risco. "Keynes, não

obstante, afirma: Ele não tinha plano, esquema ou idéia construtiva para revestir com a carne da vida os mandamentos que tinha bradado da Casa Branca."

Em 1918, Clemenceau era um velho desiludido, com setenta e sete anos. Quando soube que a Alemanha tinha aceitado os termos do armistício, exclamou exultante: *Enfin! il est arrivé ce jour que j'attends depuis un demi sècle! Il est le jour de la revanche!* Ele era a apoteose do tribalismo francês, mas não hipócrita. Sua política era fazer o tempo voltar atrás e desfazer tudo que a Alemanha tinha realizado desde 1870 "Durante toda a Conferência de Paz — escreve C. Howard Ellis —, não defendeu outra coisa senão o ódio e o temor e o desejo cinicamente sincero de abater e agrilhoar a Alemanha para sempre." Foi ele e não o Presidente quem dominou a Conferência. Para ele a carta do Presidente era um embuste sentimental: *Quatorze commandements!*, exclamava com desdém, *c'est un peu raide!... Le bon Dieu n'en avait que dix!* E, para infelicidade da França, de seu "slogan": *La guerre est finie, la guerre continue,* originou-se a catástrofe de 1940." (26).

"A guerra é uma coisa espantosa — disse Lloyd George, num discurso, no fim dela —, mas ainda não é tão má como uma paz mal feita. A pior guerra tem um fim, mas uma paz mal feita fica atuando duma guerra à outra. Não deve haver nenhuma vez próxima. Já os senhores prussianos da guerra falam da próxima vez. Queremos ser a geração que, viril e resolutamente, suprima a guerra da série das tragédias humanas. Obtenhamos, entretanto, um triunfo tão perfeito, que a liberdade nacional das grandes nações, como das pequenas, nunca mais possa voltar a estar em perigo.

Num círculo que, em última análise, ficava reduzido a três, e não a dez, nem sequer a cinco, erguia-se Lloyd George entre o idealista de amanhã e o realista de ontem, e todo o seu passado tinha que impeli-lo para o lado de Wilson. Quando os interesses britânicos não eram prejudicados, sempre demonstrou estar ao lado de Wilson. Ao fazer vingar

a constituição de um Conselho mais estreito e excluir, por este modo. os Estados pequenos das resoluções capitais e, depois, quando ele próprio propôs e alcançou que o Tratado de Paz, já readaptado, só fosse conhecido por estes, vinte e quatro horas antes do adversário alemão, negou, por este modo, os princípios fundamentais que o haviam feito intervir na guerra em defesa de um pequeno Estado. O campeão liberal da liberdade da imprensa suprimiu agora tudo o que lhe era incômodo.

Deste conflito entre os seus hábitos ditatoriais e as suas concepções liberais, deduzem-se os choques entre os seus programas e as suas decisões. O programa era magnífico. Numa exposição escrita em Fontainebleau, em abril de 1919, isto é, ao cabo de três meses de discussão, bosquejou com toda a clareza as linhas fundamentais duma paz razoável. Disse ali:

"Os quadros de heroísmo só encantam os homens que não sabem nada das dores e das coisas espantosas da guerra. Por isso é bastante fácil concertar uma paz para trinta anos. O difícil é fazer uma paz que não deve provocar nenhuma nova luta, quando já não vivam os que participaram numa guerra. A História mostra que uma paz, celebrada como um triunfo da arte dos homens de Estado e até da moderação, é imprevidente, como aconteceu com a paz alemã de 1871. A França, mesmo, provou que aqueles que julgam enfraquecer de tal modo a Alemanha que nunca mais possa voltar a combater, estão completamente enganados... Pode privar-se a Alemanha de suas colônias, reduzir os seus armamentos até constituírem uma simples força pública e a sua esquadra à duma potência de quinta classe; é o mesmo. Quando se sinta injustamente tratada na paz de 1919, encontrará meios de vingar-se de seus vencedores."

"A profunda impressão de uma luta sem igual desaparecerá com os corações que combateram. É lícito que as nossas condições sejam duras, até desapiedadas, mas podem ao mesmo tempo ser tão justas que o país, afetado por elas, não sinta nenhum di-

reito de queixar-se. A injustiça e a soberba, usadas na hora do triunfo, nunca serão esquecidas nem perdoadas."

"Por isso sou absolutamente oposto a que se privem os alemães duma parte maior de sua soberania do que a que seja indispensável. Mal posso imaginar motivo mais importante para uma futura guerra que o fato do povo alemão que, sem dúvida, mostrou ser uma das raças mais cheias de força do mundo, ser rodeada por um certo número de pequenos Estados, alguns deles compostos por povos que até agora não haviam possuído governo independente, dos quais, não obstante, têm que fazer parte grandes massas de alemães, que queriam continuar ligados à sua pátria. Além disso, devo dizer que, a ser possível, as reparações deviam encontrar o seu fim na geração que fez a guerra."

"Sob todos os pontos de vista, parece-me, por conseguinte, que temos que estabelecer a paz como se fôssemos imparciais juízes arbitrais, que esqueceram as paixões da guerra... E, ao mesmo tempo, como elemento essencial para a organização da Sociedade das Nações, necessário se torna que os seus membros diretores cheguem a entender-se sobre os armamentos. Parece-me vão empenho impor à Alemanha uma limitação permanente de armamentos, sem que estejamos analogamente dispostos a lançar sobre nós a mesma restrição."

Contudo o mesmo homem que se expressava com um sentido tão europeu, uns atrás dos outros, em dezembro de 1918, ao fazer rapidamente novas eleições, diversos discursos incitadores, destinados à fixar a marteladas o voto do eleitor inglês, dizendo-lhe que o Kaiser seria acusado em Londres por um conselho de guerra e que os alemães haviam de pagar tudo. Não há dúvida nenhuma de que o Kaiser cometeu um crime. Todos os Estados europeus estão de acordo em que ele e seus cúmplices têm que ser tornados responsáveis.

Dos três juízes do antigo mundo, faltava ao primeiro, que possuía idéias justas, energia para as levar por diante; ao segundo, que possuía energia, faltavam-lhe as idéias justas; mas ao terceiro, supe-

> rior pela energia e pelas idéias, faltava-lhe firmeza de caráter; cedeu nos momentos decisivos e perdeu, senão todas, algumas importantes posições que teriam servido de garantia para uma autêntica paz universal: — "Que hei de fazer, exclamou uma vez, em Paris, Lloyd George, entre um falso Napoleão e um falso Jesus Cristo?."
>
> Quando, mais tarde, alguém criticou as iniqüidades contidas no Tratado de Versalhes, cinicamente respondeu que elas foram o resultado da maligna atuação de Clemenceau e da pusilanimidade de Wilson." (27).

Foi, pois, com plena aprovação desses três artífices da desgraça que as injustiças contidas no Tratado de Versalhes foram nele introduzidas. A eles, portanto, e somente a eles, devem caber as responsabilidades das tremendas conseqüências por elas provocadas e que tão dolorosamente se abateram sobre a humanidade.

Não teria Hitler escrito seu *Mein Kampf* sob a inspiração dos escritos e declarações de Lloyd George? Se não foi deve-se registrar a notável coincidência.

Desde o início do conflito os Aliados encontraram nos Estados Unidos sólido apoio econômico, possibilitando-lhes o abastecimento de víveres e de matéria-prima para suas indústrias de guerra. Com a ordem dada pelo Governo alemão de não mais seus submarinos torpedearem navios sem aviso prévio, o bloqueio submarino dos Aliados perdeu sua eficiência e a ajuda norte-americana ainda mais se intensificou. A suspensão dessa ordem e o telegrama de Zimmermann provocaram a entrada da grande nação norte-americana na guerra a favor dos Aliados, quando justamente estes já se achavam com a derrota à vista. Se nessa ocasião Wilson lhes tivesse imposto a aceitação de uma paz razoavelmente justa, de acordo com suas nobres idéias, eles teriam sofregamente concordado e, ainda, lhe ficariam imensamente gratos.

Mas, candidamente, deixou escapar essa oportunidade única e lhes entregou todos os seus trunfos. Dessa maneira, em vez de passar à História como o maior estadista e benfeitor da humanidade do presente século, passou a ser considerado como o mais desastrado deles, visto que o Tratado de Versalhes nada mais representou do que

a verdadeira bola de neve que, com o decorrer dos tempos, tem trazido em seu bojo as maiores desgraças que se têm abatido sobre a humanidade.

Wilson, tardiamente, percebeu a areia movediça em que se atolara e, quanto mais se debatia, mais se afundava, sob o fogo cerrado de Clemenceau e de Lloyd George.

Além disso, ao concordar com o afastamento das demais nações nas discussões da Conferência, sob a alegação de não atrasar ainda mais suas resoluções, justamente quando havia os fatos das intervenções armadas do seu país nas repúblicas Dominicana e do Haiti, durante seu próprio governo, e ao permitir que o bloqueio dos Impérios Centrais continuasse até que a Alemanha fosse obrigada a aceitar os termos da paz que lhe foi imposta, o prestígio de que gozava no início daquele conclave foi inteiramente solapado.

Desse monstruoso erro foi o próprio Wilson sua primeira vítima. Vencido, cabisbaixo e sem ovações, ele retoma o "George Washington" e volta à Casa Branca, onde é recebido com as críticas veladas de seus partidários e amigos e ostensivas de seus inimigos políticos. E, como última humilhação, o Congresso norte-americano desaprova sua atuação, refuga o Tratado de Versalhes e não toma conhecimento de sua tão querida Sociedade das Nações. Candidata-se à reeleição e, com o seu partido, o Democrata, é fragorosamente derrotado pelo republicano Harding. Passou a ser considerado um cadáver político.

A utopia de uma paz perpétua wilsoniana foi malograda e as sementes do nazismo plantadas em terreno bem adubado. Praticamente, nunca mais houve sossego no mundo, apesar das conferências e tratados de Genebra, Montreux, San Remo, Locarno e de muitos outros realizados em aprazíveis cidades européias.

O pretenso conserto da Europa foi feito da seguinte maneira:

Quatro grandes impérios ruíram. O russo foi comunizado e ignorado, ou melhor, tratado como inimigo, e grande parte do seu território ocidental foi-lhe desmembrado para formar novos Estados ou integrar partes de outros, sob pretexto de resolver problemas de minoria.

O alemão, além de podado de várias de suas partes, perdeu todas suas colônias.

O austro-húngaro, pelo Tratado de Saint Germain, de 10 de setembro de 1919, desapareceu para dar lugar à Austria e à Hungria e, pelo Tratado de Trianon, de 4 de julho de 1920, para a formação da Checoslováquia, Jugoslávia e da Polônia. E, assim, uma grande colcha de retalhos foi substituída por várias pequenas outras.

O Império Otomano, pelo Tratado de Sèvres, de 11 de agosto de 1920, perdeu a Palestina, a Mesopotâmia e a Síria, ficando reduzido apenas, na Europa, à Constantinopla e seus arredores, e à Anatólia; os Estreitos Otomanos ficaram sob controle internacional e as regiões ocupadas pelos árabes foram divididas, para ficarem sob mandatos da França e da Inglaterra.

Além disso, a Bulgária, pelo Tratado de Neully, de 27 de novembro de 1919, perdeu todas suas costas marítimas no Mar Egeu, em favor da Grécia.

O mapa da Europa ficou, assim, inteiramente modificado com a criação de nove novos países: Polônia, Finlândia, Estônia, Lituânia, Letônia, Checoslováquia, Jugoslávia, Austria e Hungria.

E foi dessa maneira que todo o meu gigantesco esforço feito no ginásio, para decorar a geografia física, política e econômica da Europa, foi por água abaixo...

E a paz perpétua e paradisíaca, e a liberdade dos povos para escolherem seus próprios destinos, prevista pelo presidente Woodrow Wilson, na prática, assim foi realizada:

Na pressão da Inglaterra sobre a Irlanda de De Valera e a Índia de Gandhi, contra a independência de seus respectivos países; na guerra da França contra o Rif de Ab-del Krin; na substituição do jugo turco sobre o mundo árabe pelos franceses e ingleses; na conquista da Abissínia do Négus e da Albânia de Zogu, pela Itália; na invasão da China de Chiang Kai-shek, pelo Japão; na intromissão das grandes companhias norte-americanas nas pequenas repúblicas da América Central; na agressão da Polônia à Rússia e à Lituânia, etc.

Quanto à liberdade dos povos para escolherem livremente seus respectivos governos, dessa maneira:

A Austria impedida de ligar-se à Alemanha; as populações alemãs da Prússia Oriental obrigadas a ficar sob o regime ditatorial do Governo polonês; os países centro-americanos sob a vigilância dos fuzileiros navais norte-

americanos; a Índia sob a de Sua Majestade Britânica; a Rússia sob a autoridade de Lênine e de Stalin; a Polônia sob a de Psuldisky; a Alemanha sob a de Hitler; a Austria sob a de Dolfus; a Turquia sob a de Kemal Paxá; a Itália sob a de Mussolini; Portugal sob a de Salazar; a Rumânia sob a de Antonesco; a Espanha sob a de Franco; a China sob a de Chiang Kai-shek; o Japão sob a dos militaristas; o México sob a de Pancho y Villa; Cuba sob a de Batista; Haiti sob a de Trujillo; a Venezuela sob a de Gomes; a Bolivia sob a de Pinilla; a Nicarágua sob a de Samosa; o Peru sob a de Odria; a Argentina sob a de Peron; o Paraguai sob a de Stroessener; o Brasil sob a de Vargas; etc.

Mas, por estranha ironia da sorte, de todos esses ditadores, o único que atingiu o poder pela vontade soberana do povo, sem qualquer contestação, foi Adolf Hitler, cuja atuação favorecida pelo Tratado de Versalhes, depois de elevar seu país a alturas nunca dantes atingidas, o atirou no abismo e desgraçou o mundo.

CONSEQÜÊNCIAS DO TRATADO DE VERSALHES

DIZER que a ideologia nazista de Hitler, com todas as calamidades por ela provocada e que recaíram e continuam recaindo sobre o mundo, foi o fruto das iniqüidades impostas aos alemães pelo Tratado de Versalhes, é tão certo quanto dizer que a luz recebida pela terra provém do sol.

Pretender-se que um povo dinâmico, como é o alemão, permanecesse cordato, vivendo miseravelmente acorrentado dentro de sua pátria falida e continuasse a pagar aquilo que dele se exigia, sem que lhe dessem os meios necessários, não podia levar a outro caminho senão o da violenta reação.

Em dezembro de 1922 a Alemanha deixou de entregar à França, dentro do prazo estabelecido, 140.000 postes telegráficos e o Presidente Poincaré, para forçá-la, em janeiro do ano seguinte, determinou que tropas francesas ocupassem a bacia carbonífera do Ruhr. Por sua vez, a Polônia, aproveitando-se da fraqueza da Alemanha, exigiu uma retificação de suas fronteiras.

A ocupação do Ruhr por tropas francesas, nas quais predominavam elementos africanos, provocou profunda revolta em todo o povo alemão. Seu Governo resolveu, então, financiar a greve dos mineiros, que haviam cruzado os braços para não trabalhar para os franceses.

O resultado foi desastroso: a França não conseguiu tirar as vantagens que esperava com a ocupação e a Alemanha, sem outros recursos para financiar a greve, foi atirada no terrível atoleiro da inflação mais galopante de que há memória na história das nações.

Estive na Alemanha, pela primeira vez, em 1929. Governava-a o Chanceler Stresemann e o *renten-marck* tinha já substituído o velho marco alemão havia mais de um lustro; pouco se falava a respeito de Hitler e do nazismo.

Hospedei-me em uma pensão mantida por um casal de judeus e suas duas filhas, refugiados da Rússia. Eram pessoas extremamente simpáticas e educadas; todas falavam fluentemente o francês, além do russo e do alemão. O chefe do casal, segundo me contou, tinha sido proprietário de uma indústria metalúrgica nos arredores de Moscou, na qual trabalhavam uns dois mil operários. Quando rebentou a Revolução Bolchevista, tudo abandonou e, por meio de suborno, conseguiu fugir para a Alemanha, onde chegou com a família, praticamente, com a roupa do corpo.

Essa pensão espelhava perfeitamente o estado geral da Alemanha: esmerada limpeza; mesa estremamente frugal, a ponto de, geralmente, obrigar-me a complementar as refeições que ali fazia com um ligeiro *schnittel mit kartoffen,* em qualquer restaurante, apesar de eu não ser guloso. O povo alemão, de um modo geral, raramente conseguia saciar inteiramente sua fome.

Nessa ocasião, não só tive informações pormenorizadas dadas por pessoas que presenciaram e sofreram os horrores da Revolução Russa, como também, de muitas daquelas que amarguraram os terríveis tempos da inflação alemã.

A guerra é uma coisa horrível, mas os povos que têm a infelicidade de nela se envolverem, raramente são afetados em seu moral. Cada um deles, devidamente catequizado pela propaganda, fica convencido de que se bate por uma causa justa e honrosa e, por isso, não mede sacrifícios. Com a inflação isso não acontece; ela é o mais possante corrosivo do moral de um povo.

O conhecido escritor judeu-austríaco, Stefan Zweig, que por suas atitudes antigermânicas e seus escritos foi perseguido pelos nazistas, a ponto de tornar-se apátrida e sair perambulando pelo mundo para, finalmente, pôr termo à vida, em Petrópolis, assim descreve a tragédia vivida pelo povo alemão, devido à inflação:

"De súbito o marco começou a desvalorizar-se e continuou a fazê-lo até chegar aos números fantásticos de um milionésimo, bilionésimo, trilionésimo de seu valor anterior. Só então começou a inflação alemã, em comparação com a qual a nossa inflação austríaca, com a sua relação já absurda de quinze mil unidades monetárias antigas para uma nova, foi um brinquedo de criança. Para narrar a inflação alemã com todos os seus pormenores, suas coisas incríveis, seria necessário um livro, e esse livro, às pessoas de hoje, daria a impressão de uma fábula. Dias houve em que de manhã tive que pagar por um jornal cinqüenta mil marcos e de tarde cem mil; quem tinha de trocar dinheiro estrangeiro distribuía a permuta por horas, pois às quatro recebia ele várias vezes mais do que às três e às cinco novamente mais do que uma hora antes. Mandei, por exemplo, ao meu editor um manuscrito, no qual trabalhara um ano, e julguei-me garantir, exigindo imediatamente o pagamento adiantado relativo a dez mil exemplares. Quando recebi o cheque o seu valor mal cobriu as despesas que eu uma semana antes tivera com o porte postal do pacote. Nos bondes pagava-se com milhões de marcos; caminhões carregavam cédulas do Reichsbank para os outros bancos, e alguns dias mais tarde encontravam-se notas de cem mil marcos na sarjeta: mendigo desdenhoso as deitara fora. Um cordão de sapatos custava mais do que anteriormente um par de sapatos, não, mais do que uma loja de luxo com dois mil pares de sapatos. O conserto de uma janela custava mais do que anteriormente a casa inteira, um livro mais do que antes a tipografia com suas centenas de máquinas. Com cem dólares podiam-se comprar casas de seis andares na Rua Kurfürstendamm, fábricas não custavam mais do que anteriormente um carrinho de mão, rapazelhos que haviam encontrado uma caixa de sabão esquecida no porto, vendendo todo o dia um pedaço de sabão, passeavam durante meses de autos e viviam como príncipes, ao passo que seus pais, outrora ricos, andavam como mendigos. Entregadores de gêneros fundavam bancos e especulavam com todas as moedas. Acima

deles todos erguia-se gigantescamente a figura de Hugo Stinnes, o aproveitador-mor. Dilatando o seu crédito e com isso aproveitando a queda do marco, comprou ele tudo o que pôde comprar, minas de carvão, navios, grandes quantidades de ações, castelos e propriedades rurais, e tudo verdadeiramente comprou por zero, porque toda a importância e toda a dívida se tornava igual a zero. Dentro em pouco um quarto da Alemanha estava em suas mãos e o povo na Alemanha que sempre se embriaga com felizes êxitos visíveis, de modo perverso o aclamou como um gênio. Os indivíduos sem trabalho vagavam aos milhares e cerravam os punhos para os aproveitadores e estrangeiros que passavam nos automóveis de luxo e compravam fileiras de casas como quem compra caixa de fósforos. Todo indivíduo que apenas sabia ler e escrever, negociava, especulava, ganhava e tinha o sentimento de que todos se enganavam e eram enganados por uma mão oculta, que muito premeditadamente encenava esse caos, a fim de libertar a nação de suas dívidas e obrigações. Creio que conheço a fundo a História; a que eu saiba, porém, ela nunca produziu uma época de semelhante loucura em proporções tão gigantescas. Todos os valores, e não só os materiais, estavam alterados; ridicularizavam-se os decretos do Governo, não se respeitava costume algum, moral alguma, Berlim passou a ser a cidade da perdição. O que víramos na Áustria fora apenas um leve e tímido prelúdio desse desvario, pois os alemães puseram toda sua veemência e todo o seu método na perversão. Na Rua Kurfürstendamm passeavam jovens arrebicados e cintados, e nem todos eles eram profissionais; todo ginasiano queria ganhar dinheiro, e nos bares quase às escuras viam-se secretários do Estado e grandes banqueiros cortejarem sem pudor marinheiros ébrios. Mesmo a Roma de Suetônio não conheceu orgias como as dos bailes de travestis de Berlim, nos quais centenas de homens em trajes femininos e mulheres em trajes masculinos dançavam sob as vistas benévolas da polícia. Na queda de todos os valores uma espécie de loucura apoderou-se precisamente dos círculos burgueses, que até então haviam

sido inabaláveis em sua ordem. As jovens orgulhavam-se de serem perversas; ainda de ser suspeita de possuir virgindade aos dezesseis anos seria uma vergonha em toda a escola de Berlim nessa época; toda jovem queria contar as suas aventuras exóticas fossem estas tanto melhor. Mas o que era mais repugnante nesse erotismo patético era sua horrível falsidade. No fundo essa vida orgiástica que irrompeu com a inflação na Alemanha, foi apenas macaqueação; percebia-se que essas jovens das boas famílias burguesas prefeririam usar um penteado feminino a usarem o cabelo bem liso como o de homem, prefeririam comer torta de maçã com creme a beberem aguardentes fortes; notava-se claramente que era insuportável para o povo inteiro essa superexcitação, essa tortura diária, produzida pela inflação, e que a nação inteira, fatigada da guerra, verdadeiramente só ansiava por ordem, calma e um pouco de segurança. No íntimo a nação odiava a República, não porque esta reprimisse a liberdade infrene, mas sim porque a permitia.

Quem viveu na Alemanha nesses meses, nesses anos apocalípticos, com repugnância e indignação, sentia que deveria dar-se uma terrível reação. Os mesmos que haviam impelido o povo para esse caos, de lado sorriam e esperavam, de relógio na mão, a sua hora, pensando consigo: quanto pior a situação no país tanto melhor para nós. Mais em torno de Ludendorff do que de Hitler, que então ainda não tinha poder, se foi cristalizando, já de modo inteiramente notório, a contra-revolução; os oficiais a quem se haviam arrancado as dragonas, foram organizados em alianças secretas, os pequenos burgueses que se viram fraudados em suas economias, foram-se juntando de mansinho e puseram-se à disposição de todo lema que prometesse ordem. Nada foi mais funesto para a República Alemã do que a tentativa idealista de, ao povo e aos inimigos dela, permitir-se liberdade, pois que o povo alemão, ordeiro por índole, não sabia o que fazer com a sua liberdade e já procurava sofregamente os que lha tirassem.

O dia em que a inflação terminou, poderia ter-se tornado decisivo para a História. Logo que

com toque de sino mágico cada trilhão de marcos antigos passou a valer um marco novo, possuiu-se uma norma. De fato as águas turvas e espumosas refluíram com todo o seu lodo e todas as suas imundícies, os bares e as tascas desapareceram, as condições normalizaram-se, cada qual já pôde calcular com exatidão o que ganhara e o que perdera. A maioria, a enorme multidão, perdera. Mas responsabilizados foram não os que haviam sido causadores da guerra e sim os que com espírito de sacrifício tomaram para si o ônus ingrato de restabelecer a nova ordem. Cumpre relembrar sempre que nada exasperou e enfureceu tanto o povo alemão e o tornou tão apto a aceitar Hitler quanto a inflação. A guerra, por assassina que tivesse sido, proporcionara sempre horas de júbilo com toques de sinos e fanfarras de triunfo. A Alemanha, nação irremediavelmente militarista, sentiu-se pelas suas vitórias exaltada em seu orgulho, ao passo que pela inflação ela unicamente se sentiu conspurcada, iludida e rebaixada; uma geração inteira não esqueceu e não perdoou à República Alemã esses anos e preferiu reevocar os seus magarefes. Mas tudo ainda estava distante. Em 1924 a bárbara fantasmagoria parecia terminada como uma dança de fogos-fátuos. Era novamente dia claro, o indivíduo podia orientar-se. Na ascensão da ordem já vimos o começo de uma calma duradoura. Outra vez, outra vez, nós, tolos insanáveis como sempre fomos, em todo o caso, proporcionou-nos um decênio de trabalho, de esperança e mesmo de segurança." (28).

Para evitar a especulação, o Governo alemão decretou severas medidas coercitivas contra o câmbio-negro com divisas estrangeiras sem, contudo, conseguir suprimi-lo. Amigos meus que nessa ocasião estudavam na Alemanha, disseram-me que, com apenas cinco mil réis (meio centavo do cruzeiro atual), diariamente trocados no câmbio-negro, naturalmente correndo o risco de serem severamente punidos, passavam vida de verdadeiros nababos. Nessa época, o cigarro passou a ser a moeda corrente.

A inflação tornou-se de tal maneira violenta que as casas comerciais não tinham tempo suficiente para re-

marcar os preços de suas mercadorias; resolveram o problema marcando-as por unidades simples, as quais eram multiplicadas por um número denominado "multiplicador", exposto em local bem visível da loja e que crescia diariamente, tais como: mil, dez mil, cem mil, um milhão, um trilhão, etc.

Finalmente, em fins de 1923, o dólar foi cotado pela astronômica quantia de 4.200.000.000.000 (quatro trilhões e duzentos bilhões) de marcos, quando, repentinamente, foi substituído pelo *renten-marck*, estabilizado em 4,2 por dólar.

Em 1924, a França evacuou o Ruhr.

A inflação na Alemanha foi considerada por muitos como propositadamente desencadeada pelo Governo alemão, com o objetivo de livrar-se de seus débitos anteriores; outros atiraram a culpa sobre os ombros dos especuladores judeus. Essas versões são inteiramente falsas; ela foi a conseqüência natural da tremenda sobrecarga das indenizações de guerra estabelecidas pelo Tratado de Versalhes e pela greve custeada pelo Governo aos mineiros do Ruhr em revide à ocupação daquela região pelos franceses. Com ela ninguém sofreu mais do que o próprio povo alemão, que a considerou mais terrível e penosa do que os padecimentos suportados durante toda a guerra.

Com o final da inflação, cada cidadão alemão e cada família alemã, passaram a saber quanto ganhavam e quanto precisavam para viver; mas, entre saber o quanto necessitavam e como obtê-lo, havia um abismo intransponível. A nação continuava sendo um vasto campo de misérias; tudo quanto produzia era absorvido pelas reparações de guerra; o número dos sem-trabalho crescia assustadoramente, malgrado os empréstimos conseguidos nos Estados Unidos.

> "... uma paz intolerável é uma opressão que uma nação somente suportará enquanto não tiver meios para anulá-la e, contra a qual os homens de caráter se levantarão na primeira oportunidade favorável." (27).

Aparecem Ludendorff e Hitler à procura dessa oportunidade.

Ludendorff, já idoso, cansado e esgotado pelo tremendo esforço feito durante a guerra, era apenas, naquela época, uma relíquia do povo alemão; em breve é suplantado e desaparece ante o impetuoso Hitler que, cada vez mais se agiganta, até se tornar o *Fuehrer* todo poderoso da Alemanha.

O FENÔMENO ADOLFO HITLER

SE, DURANTE a década de 1920, alguém admitisse que a Alemanha de Frederico, o Grande, de Bismarck, de Guilherme II, dos orgulhosos *junkeres* e dos mais famosos cabos-de-guerra dos últimos tempos, dentro do curto período de dez anos, seria, por indiscutível vontade do povo alemão, discricionariamente governada por um estrangeiro de origem humilde, sem sequer a recomendação de um curso ginasial completo, que para enganar a fome que o perseguia pintava quadros medíocres, varria a neve das ruas de Viena, era servente de pedreiro ou carregava bagagens de viajantes nas estações de estrada de ferro, não faltariam hospícios que a esse alguém abrissem as portas. Não obstante, isso aconteceu na pessoa de Adolfo Hitler que, com a sua cruz gamada, levanta a nação para uma nova cruzada, tão estúpida e funesta para a humanidade como foram aquelas iniciadas pelo fanatismo do grosseiro monge, Pedro, o Eremita.

Quem nasce em berço rendado leva quarenta anos de dianteira, — disse Humberto de Campos. Tal conceito, além do exagero, peca por tomar o secundário pelo principal, conforme evidencia a vida de Adolfo Hitler, bem como das mais famosas personalidades políticas do presente século.

No primeiro volume de minha "Zootecnia Especial", ao me referir sobre a fecundação, escrevi:

> "Depois de um certo desenvolvimento corporal, como já vimos, as glândulas sexuais dos animais se desenvolvem e entram em atividade para elaborar células específicas, os gametas: os machos,

pelos seus testículos, formam os espermatozóides; as fêmeas, pelos seus ovários, produzem os óvulos. É a conjugação desses gametas que vai constituir o ovo, cujo desenvolvimento, em lugar adequado, produzirá um indivíduo, macho ou fêmea, que por sua vez, adquirirá a capacidade de criar espermatozóides ou óvulos idênticos aos que lhe deram origem ao ovo para a perpetuação da espécie.

São, portanto, os gametas — células de aparência tão insignificante na economia dos organismos que as produzem — os verdadeiros portadores do facho vital. E, por esse motivo, se diferenciam de tal maneira das demais células do corpo animal que recebem o nome de germinativas, asseguradoras que são da perpetuação da vida, enquanto as demais, destituídas dessa capacidade e destinadas a perecer em tempo mais ou menos curto, são grupadas sob o nome de somáticas.

Tamanha é a importância das células sexuais em biologia, tão grande é a independência de que gozam no interior do organismo que as produz, tão distinta é a sua fisiologia, que bem mereciam ser consideradas como indivíduos autônomos. Têm, realmente, a regalia de se desligarem do órgão que as forma e de se deslocarem dentro de certas partes do corpo do animal que as gera, ou mesmo fora dele, e de fato assim fazem, sem perda de sua vitalidade, a fim de preencherem suas finalidades; têm a faculdade de, quando conjugadas, se reproduzirem, não para formarem células iguais a si mesmas, conforme acontece com as somáticas, mas para constituírem indivíduos semelhantes àqueles que lhes deram origem. Tais privilégios nenhuma outra célula pertencente aos animais superiores possui.

Por esse motivo, REMY DE GOURMONT defendendo a tese da universalidade da partenogênese, mostra que, também nos seres superiores, a reprodução se faz de maneira alternada: assexuadamente e sexuadamente.

A formação de espermatozóides e de óvulos seria a reprodução assexuada, partenogenésica, com a produção de indivíduos machos e fêmeas, espermatozóides e óvulos, inteiramente diferentes dos orga-

> nismos que lhes deram origem; a conjugação desses indivíduos seria a reprodução sexuada para a formação de um ser, também deles diferente, mas idêntico ao daqueles que lhes deram origem, fechando o ciclo.
>
> Nestas condições, a fecundação, tal como vulgarmente é considerada, é uma ilusão; o macho absolutamente não fecunda a fêmea, mas sim, apenas deposita em local adequado do seu organismo o espermatozóide que irá ao encontro do óvulo para com ele se fundir; é, portanto, o óvulo que é fecundado pelo espermatozóide e não a fêmea pelo macho. Realmente, nos animais em que a fecundação é externa, como em certos peixes, no quais nem sequer há o contato sexual entre machos e fêmeas, seria absurdo dizer que a fêmea é fecundada pelo macho e, muito mais ainda, que este fecunda a água onde aquela desova." (30).

Ora, o imenso e ilimitado laboratório da Natureza jamais conseguiu e, de certo, jamais conseguirá produzir duas coisas perfeitamente iguais; toda sua capacidade parece ser dirigida no sentido de fazer experiências continuamente diferentes. Aquilo que a acanhada mente humana admite como igual não passa de ilusão.

De um modo geral, na quase totalidade dos seres vivos, animais ou vegetais, a fêmea, em relação ao macho, é muito parcimoniosa. Nos animais superiores, inclusive na espécie humana, das poucas centenas de óvulos que o ovário produz, somente alguns deles conseguem atingir ao estado de maturidade e, destes, ainda só uns poucos têm a sorte ou a infelicidade de encontrar o elemento masculino em ocasião e local propícios para formarem um indivíduo. As glândulas sexuais do macho, por outro lado, são extraordinariamente prolíferas e dissipadoras, pois são capazes de elaborar um número de espermatozóides incalculavelmente superior ao de óvulos originados dos ovários. E, da mesma maneira que os óvulos diferem uns dos outros, eles também diferem entre si, apesar da extrema semelhança que apresentam.

Partindo dessa indiscutível verdade, verifica-se a absoluta impossibilidade da formação de dois seres vivos perfeitamente iguais. Mas, não é tudo, pois que nume-

rosos fatores outros vão, de futuro, influir poderosamente na personalidade do novo ser. Dessa maneira, a qualidade e a mentalidade de cada indivíduo fica na dependência, logo de início, dos azares de uma imensa e interessante maratona: a corrida que se estabelece entre os milhões de espermatozóides em direção ao óvulo. O que chega em primeiro lugar é o vencedor e recebe como prêmio, ou castigo, o direito e o dever de perpetuar a espécie; os outros milhões perdedores são irremediavelmente condenados à morte.

Isso não significa, entretanto, que o vencedor seja o mais forte, o mais veloz, o mais sagaz, o mais diligente, nem tampouco traga em si maior potencial de capacidade ou de inteligência. Foi tudo uma questão de sorte que tanto pode dar origem a um imbecil como a um gênio, com toda a multidão de indivíduos existentes entre esses dois extremos. Mas, ainda não é tudo. O indivíduo assim formado continua ainda sujeito a milhares de minúcias e contingências, a começar pelo fenômeno da mitose, até adquirir a capacidade de viver no meio exterior, seja ele em berço rendado ou tosco.

Na luta que ele começa a encetar nesse novo meio, tudo ainda fica sob a mais estreita subordinação do tempo, do espaço, do ambiente, das ocasiões e das oportunidades que se lhe oferecem.

Levando em conta toda essa multiplicidade de fatores, inteiramente independentes da atuação ou da vontade do indivíduo, pode-se garantir que a vida de qualquer ser humano e a sua conseqüente atuação na sociedade, seja ele um Napoleão, ou um medíocre como foram os irmãos, ou, ainda, o débil mental meio irmão de Alexandre Magno, inicia-se pelos azares daquela concorrida maratona para terminar-se no túmulo, em cujo intervalo, as vicissitudes de cada instante a jogam de um lado para outro na fatalidade do Maktub.

E a prova de que o berço rendado é de somenos importância, temos num Pasteur, filho de agricultor relativamente pobre; num Lloyd George e num Stalin, filhos de sapateiros; num Kruschev, filho de um mineiro com uma lavadeira; num Mussolini, filho de um ferreiro; num Massarik, filho de um cocheiro com uma cozinheira; num Ho Chin Minh, cozinheiro; num Hitler e num Kemal Paxá, filhos de modestos inspetores alfandegários; e de

centenas de outros vultos históricos que passaram grande parte de suas vidas perseguidos, encarcerados e sofrendo as maiores privações, o que ainda mais os engrandecem.

Para corroborar o que acima foi dito, vale a pena transcrever a seguinte citação, feita por J. F. C. FULLER:

> "Dez anos antes do assalto à Bastilha, levado a efeito em 1789, GUILBERT profeticamente escrevera:
>
> "Surgirá um homem, talvez um até agora perdido na obscuridade da multidão, um homem que não tenha firmado seu nome através de suas palavras ou escritos; um homem que tenha meditado em silêncio; um homem que talvez não reconheça seus próprios talentos, que só se certificará deles quando chamado a exercê-los; um homem que tenha estudado muito pouco. Este homem assenhorear-se-á das opiniões, das circunstâncias e da fortuna e dirá aos teóricos aquilo que o arquiteto prático disse, diante dos atenienses ao arquiteto retórico: "Tudo o que o meu rival vos disse, eu executarei."
>
> Tal homem foi Napoleão Bonaparte (1769-1821), que a 13 do *Vendemaire,* ano IV (5 de outubro de 1795), com suas "descargas de metralha", se tornou conhecido de toda a Paris. Havia nesse homem um olho para ver, um espírito para ousar e empreender. Tornou-se rei naturalmente. Todos o reconheciam como tal.
>
> Foi ele o supremo egoísta e arquiteto, o homem inteiramente isolado e egocêntrico, que só confiava nele e tudo centralizava. Meneval disse sobre ele: — "Tinha não somente a iniciativa das concepções mas também tratava pessoalmente dos pormenores de todos os negócios. Seu gênio, de atividade sobre-humana o empolgava; ele sentia que possuía meios e tempo para tudo. Era ele quem, na realidade tudo fazia." (31).

Transporte-se esse profético conceito para a confusão estabelecida numa Alemanha desesperada pela fome, empobrecida pelas indenizações, humilhada pelas ocupações militares, desmoralizada pela inflação, convulsionada

pelas revoluções socialistas, vê-se o aparecimento de um simples cabo-de-esquadra de origem austríaca, "metralhando a multidão" com o poder de sua palavra fácil para assumir a direção do país e convulsionar o mundo, e tem-se em 1933, Adolfo Hitler.

Mas não foi somente Adolfo Hitler que, em circunstâncias mais ou menos semelhantes, surgiu da multidão de desconhecidos para influenciar os destinos da humanidade. Na confusão estabelecida na Rússia de 1917, vê-se o aparecimento de um refugiado russo, vivendo por favor em casa de um sapateiro, em Zurique, e tem-se Lênine; na caótica Itália de 1922, vê-se o aparecimento de um faminto ajudante de pedreiro, surpreendido a dormir sob uma ponte de Lausane e expulso da Suíça como vagabundo, e tem-se Benito Mussolini; no descalabro financeiro e político de um Portugal de 1922, vê-se o aparecimento de um modesto e desconhecido professor de Coimbra, e tem-se Oliveira Salazar; numa Turquia atrasada, assaltada e corrompida de 1923, vê-se o aparecimento de um ignorado general, e tem-se Ataturk Kemal Paxá; na anarquia existente na Espanha de 1936, vê-se o aparecimento de um desconhecido general, e tem-se Francisco Franco; numa Índia oprimida e explorada pelo domínio inglês de vários séculos, o aparecimento de um advogado humilde, manso e esfarrapado, e tem-se, em 1945, Mahtma Gandhi; numa China invadida e saqueada, vê-se o aparecimento de um filósofo anônimo, e tem-se, em 1949, Mao Tsé Tung; num Egito corrompido por uma monarquia decadente e inepta, vê-se o aparecimento de um obscuro coronel, e tem-se, em 1952, Abdel Gama Nasser; numa Indochina espoliada pelo colonialismo, vê-se o aparecimento de um cozinheiro itinerante, tem-se, em 1954, Ho Chin Minh; numa Cuba despojada de suas riquezas por uma camarilha de potentados, vê-se, em 1959, o aparecimento de um apagado advogado, e tem-se Fidel Castro, e assim por diante.

Aí estão catalogados os principais artífices, com suas respectivas profissões, das maiores e mais profundas transformações políticas do nosso século, evidentemente cada qual nada mais sendo do que o resultado dos azares do encontro de duas células primitivas e das épocas, condições e ambientes em que delas a íntima conjugação se desenvolveu.

Até a presente data ainda não encontrei um só livro, ou artigo de imprensa referente a Hitler que não o retratasse com os mais aviltantes adjetivos. Causa, assim, espanto que uma personalidade tão mesquinha e destituída de qualquer qualidade superior, tenha galgado tamanhas alturas, a ponto de dirigir um povo que, sem o menor favor, é um dos mais cultos, fortes e inteligentes do mundo e confundir com sua dialética estadistas dos mais sagazes, inteligentes e notáveis.

A sistemática depreciação de Hitler, bem como do povo alemão que o seguia e aplaudia, e que tanto esforço custou ao restante do mundo para abatê-lo, pode ser comparada com a atitude de um general que, após ter vencido uma difícil e árdua batalha, vem a público para proclamar que o inimigo vencido era dirigido por incompetentes que comandavam soldados poltrões e covardes.

Por quê não admitir que Hitler foi um dos maiores gênios que a humanidade produziu em todos os tempos? Se o seu gênio foi a maior das desgraças que se abateu sobre a Alemanha e que tão dolorosamente se espraiou pelo resto do mundo, nem por isso deixa de ser gênio. O Diabo, se é que ele existe, também é descrito como genial; é um gênio do mal, não há dúvida, mas é gênio.

O escritor judeu-alemão EMIL LUDWIG que, como grande número de judeus-alemães, evitou pegar em armas para defender sua pátria durante a Primeira Guerra Mundial e que, além disso, no último ano daquele conflito, foi para a Suiça para confabular com os socialistas-pacifistas que desejavam a rendição da Alemanha, foi, por isso e pelos seus escritos, obrigado a fugir da Alemanha nazista, tendo também neste país seus livros proibidos. Para vingar-se escreveu, em 1941, um livro sob o título "Os Alemães", onde, com exceção de alguns poucos alemães do estofo de Goethe, Schiller, Beetoven, Bach, Humbold, etc., além dos judeus-alemães e suas respectivas obras, procura denegrir e desmoralizar os alemães e tudo quanto é alemão. Causa pena ver uma inteligência tão brilhante deixar-se levar pelo rancor a ponto de tornar-se tão mesquinho.

Nesse livro, a Berlim de antes da guerra é descrita como sendo a mais feia e insípida capital da Europa (GUNTHER confere essa prerrogativa a Londres e, por por isso, os ingleses inventaram o *week-end*); faltam-lhe

os verdes prados e a arborização de Londres; seus edifícios e monumentos são do mais profundo mau gosto; lá, a vida é triste e intolerável; seus habitantes vivem apavorados e oprimidos por uma constante vigilância policial; é lá que se encontra o túmulo da liberdade; etc.

Essa animosidade vai a ponto de não lhe permitir ver as largas e belas avenidas berlinenses, sem favor, dentre as mais belas da Europa, muitas delas com seus canteiros floridos e com bem cuidados gramados, no centro dos quais trafegam, ou trafegavam os coletivos elétricos; que Berlim era uma das capitais mais limpas e bem cuidadas da Europa; que seus habitantes se orgulhavam de possuir duas árvores para cada um deles; que o alegre berlinense está entre os mais amáveis dos europeus para com os estrangeiros; que junto ao famoso parque de Sans Souci existe um velho moinho, conservado como relíquia (se os russos não o demoliram), que assegurava haver juízes em Berlim.

Quase toda a vida administrativa, artística, cultural e comercial da França acha-se concentrada em Paris, como acontece na Argentina com Buenos Aires. Por isso, por tradição, Paris é considerada a "Cidade Luz" e a mais alegre do mundo, se bem que depois de uma hora da madrugada, quando corre o último trem do metrô, ela páre e adormeça silenciosamente.

Na Alemanha não existe essa concentração, pois. como no Brasil, além de sua capital, há uma dezena de outras cidades importantes, cada qual com suas características próprias e com grande intensidade de vida, que as tornam notáveis. Assim, em Hamburgo, por exemplo, há vida noturna mais intensa e alegre no célebre bairro de Saint Paoli do que em qualquer parte de Paris. A barreira que não permite reconhecer essas verdades é formada pelos antolhos da propaganda e da tradição, fortemente protegidos pelas dificuldades naturais do conhecimento do idioma alemão, principalmente em todo o mundo latino.

A respeito de Hitler, assim se pronuncia esse conhecido escritor, não antes de o ter mimoseado com todos os adjetivos depreciativos encontrados nos dicionários:

> "Adolfo Hitler apresenta analogias impressionantes com antigos imperadores alemães de eras

passadas. Assim, assemelha-se a Barbaruiva pela atrocidade; a Henrique 5.º, pela ambição do poder mundial; a Henrique 6.º, pelos hábitos de extorsão. A Segismundo, liga-o a arte de mentir; a Wenceslau, o gosto pela perseguição dos judeus. O modo espetacular de apresentar-se, lembra Otto 3.º, e a inércia, Frederico 3.º. Como a Carlos 4.º, inspira o rancor pela sua juventude ingrata, e, como a Carlos 6.º, anima-o a fé mística. Hitler possui igualmente traços dos reis prussianos que antes dele residiam em Berlim: o gosto pelos edifícios pomposos de Frederico 1.º, a incapacidade sexual de Frederico, o Grande; a covardia pessoal de Frederico Guilherme 3.º, de Frederico Guilherme 4.º, a convicção da vocação artística e a infidelidade de todos os Hohenzollern." (32).

Em "Quatro Ditadores", esse autor assim se refere a Hitler, Stalin e Mussolini:

"Comparando-se os caracteres, os três homens estão ligados por três sentimentos profundos: pouca capacidade de amor, grande capacidade de ódio e extraordinário egocentrismo. Outras qualidades dividem-nos em grupos diversos:

Hitler e Stalin têm em comum a predominância do sentimento de vingança, que em Mussolini não aparece tanto, e a falta de cultura.

Stalin e Mussolini estão ligados pela coragem, pela paciência, pelo realismo, qualidades estas que são todas desconhecidas de Hitler.

Hitler e Mussolini harmonizam-se na vaidade, na superstição, no desprezo da multidão e no desdém da idéia que pretendem servir, qualidades essas que são completamente desconhecidas de Stalin.

De tudo isso conclui-se que Stalin é o único idealista, Mussolini a única personalidade e Hitler o único maluco." (33).

Em resumo: Hitler é classificado como sendo covarde, ambicioso, traidor, preguiçoso, impotente, ignorante, etc.

Convém examinar essas acusações à luz dos fatos mais evidentes, de acordo com a sua quase biografia, relatada em "Mein Kampf" até o fracassado *putch* de Munique, e seus discursos posteriores, sua atuação durante a guerra até o seu suicídio em Berlim.

Não demonstra covardia quem pede para alistar-se, logo no início de uma guerra, para entrar em combates violentos em que seu batalhão foi quase inteiramente dizimado e sai ferido; o soldado que, por ato de bravura nos campos de batalha, é promovido a cabo-de-esquadra e condecorado com a cruz de ferro; o Chefe político que, de revólver em punho, vai à frente do seu pequeno partido tentar um golpe de Estado e que se atira ao chão para livrar-se das balas da polícia; o Chefe de Estado que cumpre a promessa feita de não sobreviver à derrota de seu país.

Não pode ser ambicioso o patriota que tudo faz para que seu país saia da miséria e da humilhação a que foi submetido, por acreditar na palavra solenemente empenhada por seus inimigos vencedores e não cumprida, a fim de torná-lo forte, rico e respeitado; que se esforça por reunir todos os seus patrícios violentamente afastados de sob a bandeira de sua pátria; o Chefe de Estado que não tinha contas em bancos, nem possuía ações de empresas industriais.

Não pode ser traidor quem, muito antes de atingir o poder declarou, em letra de forma, o que faria se algum dia o alcançasse.

Não pode ser preguiçoso quem, antes e durante toda a guerra, manteve uma atividade incrivelmente trabalhosa para um Chefe de Estado, a ponto de estar a par de tudo quanto se passava e de tudo controlar.

Não pode ser senão caluniosa a pecha de impotente a quem mantinha, reservadamente, uma situação sexualmente normal.

Não pode ser ignorante quem, nas discussões com chefes de Estado e embaixadores saídos das mais famosas universidades, sempre demonstrou profundos conhecimentos e lógica imbatível nos debates travados. Dizer-se que a argumentação de Hitler era apoiada pela força, talvez seja verdade. Mas, quando, em que época, em que parte do mundo, o direito de uma nação prevaleceu sem o apoio da força?

O ex-Chanceler alemão, Rauschnig, que nunca foi um adulador de Hitler, assim a ele se refere:

> "Tenho tido freqüente oportunidade de examinar minha própria experiência e devo admitir que, na presença de Hitler, tenho, repetidas vezes, me sentido sob um domínio, sob uma espécie de hipnose, da qual só consigo libertar-me depois de decorrido certo tempo. Ele é realmente um homem notável. Não adianta depreciá-lo. É simplesmente uma espécie de grande feiticeiro. Ele é realmente isso, no verdadeiro sentido do termo. Retrocedemos tanto ao estado selvagem, que o feiticeiro se tornou nosso rei." (34).

Pelo fato de não ter sido portador de um diploma universitário, Hitler foi sempre tachado de ignorante, sem se levar em conta que as personalidades que mais marcadamente se fizeram notar na política de nosso século, jamais ingressaram numa escola superior, ou mesmo tiveram o curso ginasial completo. Em compensação passaram grande parte de suas vidas encarcerados ou banidos de suas pátrias. Pilsudsky, Mussolini e, talvez, com a única exceção de Trotsky, todos os revolucionários russos dos tempos de Lênine e de Stalin, para só ficar na Europa, nunca ingressaram numa escola superior. O famoso Ministro das Relações Exteriores da Rússia, Molotow, por exemplo, nem sequer tinha o curso primário completo, entretanto, nas assembléias da Organização das Nações Unidas, ninguém brilhava mais do que ele.

Não é, portanto, sem razão que, em seu livro, Hitler estranha o fato de todos se preocuparem em saber o que os outros estudaram, mas ninguém o que eles sabem e o de que são capazes.

Hitler, durante a mocidade, teve a fome como sua inseparável companheira. O seu ideal era ser pintor, mas teve o ingresso recusado na escola de belas artes, por falta de talento para tal; tentou entrar para a escola de arquitetura, mas não conseguiu por lhe faltar o curso ginasial completo. Resolveu, então, dedicar-se à política e, assim, modificou o mapa do mundo e os destinos da humanidade.

É interessante observar-se como a sorte dos homens e, quiçá, da humanidade pode ficar sob a dependência de

coisas tão insignificantes, tais como: um gesto, uma palavra, um olhar, um encontro fortuito, um pequeno acidente, uma simples picada de mosquito, etc.

Se a atuação do indivíduo, em particular ou na sociedade, é boa ou má, vantajosa ou funesta, obscura ou notável, digna ou indigna, louvável ou reprovável, nobre ou mesquinha, é coisa que fica inteiramente ao critério de cada um e das circunstâncias que o cercam, ou ainda da propaganda organizada que a seu respeito é feita.

Em toda a história da Itália, ninguém foi mais respeitado, mais admirado, mais ovacionado do que Benito Mussolini; a imensa Praça Veneza, em Rosa, era pequena para comportar a multidão que, em delírio, o aplaudia. Acabou assassinado e tendo o seu cadáver desfigurado por pontapés e ignominiosamente dependurado de cabeça para baixo, junto com o de sua amante, Clara Petacca, num posto de gasolina de uma praça de Milão. Como recompensa, o comandante do grupo que o assassinou foi eleito deputado da República.

Na Alemanha isso nunca teria acontecido. Ao findar a Primeira Guerra Mundial, nenhum membro da família imperial, ou de qualquer de seus príncipes ou generais foi molestado. Se o Kaiser não voltou para a sua pátria foi porque o seu orgulho não permitia passar à jurisdição de quem havia sido seu súdito, e não porque fosse impedido.

Hitler era o produto de uma estreita consangüinidade; seus pais eram primos; para o enlace matrimonial foi necessário obter o consentimento da Igreja. O pai era um obscuro funcionário alfandegário; a mãe uma doméstica, vitimada pelo câncer. A mocidade de Hitler foi triste e miserável; suas paixões: a leitura e a música; seu ideal: ser pintor ou arquiteto, o que não conseguiu. Se tivesse conseguido ingressar em qualquer dessas duas profissões, teria sido um indivíduo tão anônimo como os bilhões de indivíduos anônimos que povoam o mundo. Dedicou-se, então, à política e passou a ser o homem mais poderoso da Alemanha de todos os tempos e a personalidade mais estranha e discutida do século!...

Quando, em 1919, ele ingressou como o sétimo aderente de um insignificante e desconhecido partido político, encontrou em caixa sete e meio marcos; quatro anos de-

pois, quando o partido foi dissolvido após o fracassado golpe de Estado de Munique, graças à sua atuação, o ativo do partido montava a mais de 170.000 marcos-ouro.

Depois desse episódio, onde dezoito nacionais-socialistas tombaram sob as balas da polícia, Hitler, Ludendorff e alguns outros de seus partidários foram presos e submetidos a processo. Hitler fez sua própria defesa e, de tal maneira se houve que se tornou a figura principal e a mais focalizada, enquanto durou o processo. Foi condenado a dois anos de prisão. Ludendorff, em consideração aos altos serviços que havia prestado à nação, bem como à sua já avançada idade, foi absolvido, o que considerou um ultraje à sua pessoa.

Durante sua prisão na fortaleza de Landsberg, Hitler escreveu o primeiro volume de seu famoso "Mein Kampf" que, mais tarde se tornou a Bíblia do povo alemão. Nesse livro, Hitler além de se propor a mudar de tática para atingir o poder, isto é, atingi-lo por meios legais e não pela força, define, com absoluta clareza, os seus objetivos e o modo pelo qual agiria, se algum dia ao poder chegasse. Através da História não se encontra outro exemplo de um político notável que, com tanta antecedência e precisão definisse o seu programa de governo e, de fato, o procuraria executar como ele tentou fazê-lo, revogando o Tratado de Versalhes e esforçando-se para pôr sob a bandeira do Reich toda a raça alemã.

Dizer-se, portanto, que Hitler foi desleal às suas promessas ou que procurou iludir seus opositores, ou inimigos, não corresponde à verdade, pois que ninguém foi mais claro e brutalmente positivo.

Ao deixar a prisão ele continuou sua campanha "metralhando" o povo alemão com suas idéias, por meio de sua palavra fácil. Sua popularidade e a influência de seu partido cresceram rapidamente; em cada eleição o partido nazista conquistava maior número de cadeiras no Parlamento, até que, em 30 de janeiro de 1931, tendo obtido maioria no Congresso, o Presidente Hindenburgo que, ao que dizem, não o tolerava, viu-se obrigado a chamá-lo e lhe entregar o cargo de Chanceler do Reich.

Em 2 de agosto do ano seguinte, com a morte de Hindenburgo, ele assumiu a chefia do governo e, logo depois, por esmagadora maioria de um plebiscito, foi confirmado nesse cargo com plenos poderes. Foi ele, assim,

o primeiro e único político de uma nação avançada que se tornou ditador pela indiscutível força do voto popular. E isso é tanto mais notável porque somente um ano antes de ser chamado para ocupar o cargo de Chanceler do Reich é que lhe foi conferida a cidadania alemã!

Imediatamente Hitler deu início ao seu programa de governo e com êxito verdadeiramente assombroso. Os seis milhões e meio dos sem-trabalho que existiam na Alemanha, quando ele assumiu o poder, começaram a diminuir rapidamente e a fome crônica, que lá existia, foi desaparecendo. Ele é acusado, entretanto, de aproveitar-se da imensa quantidade dos sem-trabalho para empregá-los no rearmamento do país. A acusação é procedente. Mas, e os outros países que, pelo Tratado de Versalhes, haviam-se comprometido a se desarmarem, por que continuaram a armar-se? COOK, em "O Estado Militarista", demonstra a quase impossibilidade de os Estados Unidos fecharem suas fábricas de armamentos, onde bilhões de dólares são gastos anualmente para pagamento de centenas de milhares de operários, sob pena de haver uma crise verdadeiramente catastrófica para a nação.

E por que a Alemanha, dentre as grandes nações, era a única que não tinha o direito, se não o dever, de se armar?

Enquanto a Alemanha estava inerme sob o guante do Tratado de Versalhes, a França mantinha uma enorme esquadra de guerra, um forte exército e sufocava o cidadão francês com pesados impostos para construir a mais formidável e aperfeiçoada fortaleza de todos os tempos em sua fronteira com a Alemanha, a chamada "Linha Maginot"; a Inglaterra continuava a aumentar sua frota naval com poderosos vasos de guerra; a Polônia se vangloriava de sua famosa cavalaria; a Itália aumentava seu poderio aéreo, terrestre e marítimo; os Estados Unidos multiplicavam seus possantes aviões e vasos de guerra; o Japão aumentava e melhorava o poder de fogo de sua armada, aperfeiçoava seu exército e fabricava uma enorme força aérea, e assim por diante.

Só em 1935, em virtude do acordo naval feito com a Inglaterra, é que foi permitido à Alemanha construir navios de guerra de tonelagem não superior a 35% da dos ingleses, o que lhe facilitou a construção dos famosos "encouraçados de bolso". Sim, porque naqueles tempos,

nenhuma nação podia dar-se ao luxo de aumentar seu poderio naval sem descontentar a "Rainha dos Mares". Hoje as coisas são bem diferentes e a Rússia não dá a mínima satisfação a quem quer que seja para aumentar o seu já formidável poderio naval e fazer os seus navios de guerra passear em todos os mares.

Depois de quinze anos de ocupação, pelos franceses, da bacia carbonífera do Sarre, seus habitantes, de acordo com o Tratado de Versalhes, deveriam decidir, em plebiscito livremente realizado, se desejavam a anexação definitivamente à França ou voltar à Alemanha.

Na Alemanha existia uma férrea ditadura, onde a vida era difícil devido aos encargos das reparações de guerra e ao elevado número dos sem-trabalho; na França, uma democracia liberal, onde a vida era relativamente fácil. Tudo indicava, portanto, que o resultado do plebiscito fosse largamente favorável à França.

Mas, quando em 13 de janeiro de 1935 ele foi realizado, a voz da pátria foi mais forte do que tudo e, com surpresa geral, 95% dos habitantes do Sarre se pronunciaram pela volta à Alemanha!

Em 1936 a Alemanha estava em festa: realizavamse lá as Olimpíadas. Para atrair os estrangeiros, o Governo alemão, além de lhes conceder grandes vantagens cambiais, incentivou várias e interessantes reuniões científicas e congressos internacionais, dentre os quais um de avicultura, em Stuttgart, com visitas a escolas de agricultura e um magnífico programa social, compreendendo viagens aos locais históricos e pitorescos do país.

Aproveitando umas férias, tomei passagem num navio brasileiro e segui para lá. Quem não tem pressa e gosta de fazer turismo economicamente, deve viajar em vapor brasileiro. Em Vigo, a estadia do navio foi de dois dias. No porto dessa cidade vi numerosas mulheres carregando na cabeça enormes cestos cheios de carvão, para abastecer os navios ancorados no cais. Os gritos e o palavreado que elas usavam eram capazes de fazer corar um frade de pedra.

Atendendo a um prudente conselho, pela primeira e última vez em minha vida, saí a passeio por uma cidade sem a minha inseparável gravata. A ausência dessa inútil e inocente peça da indumentária masculina, dava-me

a impressão de perambular pela cidade como se estivesse nu mas, em compensação, punha-me ao abrigo dos olhares rancorosos que a presença desse símbolo da burguesia fatalmente provocaria.

Oito dias depois, ao chegar em Hamburgo, soube que uma guerra civil havia estourado na Espanha, prenunciando a Segunda Guerra Mundial.

Em 1929 eu havia estado em Berlim pela primeira vez, em 1936, ao ali voltar, fiquei estupefato. Nunca vi uma cidade tão repleta de gente, tão movimentada, tão alegre quanto Berlim dessa época; a impressão que se tinha era a de que lá morava a felicidade; o que mais se ouvia ali era a expressão *Heil Hitler*.

Não assisti aos jogos olímpicos. Preferi dedicar meu tempo percorrendo escolas e instituições públicas e particulares relacionadas com a minha profissão e, em todas, tive a mais cordial acolhida e obtive excelentes informes. Em toda a parte, porém, observei o fervor e o entusiasmo com que a Alemanha trabalhava sob a direção de Hitler, que a transformava de nação humilhada, onde imperava o desemprego, o desânimo e a fome no país que fora o mais progressista, o mais entusiasta e o mais forte do mundo, a tal ponto que para abatê-lo, foi necessária a mobilização e o total esforço do restante dos países mais fortes e ricos do globo, durante um tempo igual ao que ele levou para crescer e desenvolver.

A obra de Hitler não encontra paralelo na História, nem como construtor nem como destruidor. Como construtor, Mussolini, Kemal Paxá e Stalin não lhe chegam aos pés. Ele obteve muito mais êxito em muito menos tempo do que aqueles. É verdade que Hitler trabalhou com um povo que tem a ordem, o respeito à lei e às autoridades como norma, enquanto aqueles não tiveram essas vantagens.

Mas, de um modo geral, tudo se faz para que Hitler seja diminuído e menosprezado como organizador e como dirigente. Chega-se a afirmar, candidamente, que seus generais, excetuados aqueles que se envolveram no atentado de 20 de julho de 1942, eram incompetentes, subservientes e seus verdadeiros capachos e que só ele se julgava capaz de tudo decidir e de tudo dirigir. Tolices desse quilate, em vez de o diminuir só o valorizam e o exaltam, pois que transformam o insignificante cabo-de-esquadra

austríaco num dos mais geniais estrategistas de todos os tempos, ao conceber e dirigir campanhas de guerra tão brilhantes e avassaladoras como foram as da Polônia, da Bélgica, da França, da Noruega, da Grécia, da Rússia, do Norte da África, etc., que só foram perdidas devido à imensa superioridade do poderio de seus inimigos.

Erros, ele e seus generais tiveram muitos, da mesma maneira como aconteceu com os dirigentes do lado oposto que, por isso, esse gigantesco conflito é descrito por A. GOUTARD como "A Guerra das Ocasiões Perdidas".

Mas, o que não há dúvida é que Hitler foi o mais extraordinário fenômeno político do século.

A MILITARIZAÇÃO DA RENÂNIA

EM 16 DE OUTUBRO DE 1925, em Locarno, foi assinado um tratado entre a Alemanha, França, Bélgica, Inglaterra e Itália, que estabelecia: O reconhecimento por parte da Alemanha de suas fronteiras ocidentais e a continuidade da desmilitarização da Renânia; que os signatários não recorressem à força para dirimir suas questões, as quais seriam resolvidas por arbitragem, ou por decisão da Sociedade das Nações. A Inglaterra e a Itália eram meros garantidores dessas condições. A secular divergência entre a França e a Alemanha, causadora de guerras, parecia, assim, definitivamente afastada. Aristides Briand e Stresemann foram ovacionados por tão auspicioso resultado.

Quando, porém, o partido nazista começou a tomar corpo na Alemanha, propondo-se a levar avante o programa delineado por Hitler, sérias desconfianças surgiram na França, a respeito de sua segurança e não só o seu Exército foi melhorado como, também, a mais poderosa e aperfeiçoada série de fortificações de todos os tempos foi construída ao longo de sua fronteira com a Alemanha, a "Linha Maginot".

Essa linha de defesa estende-se por 700 quilômetros e custou nove bilhões de francos. Nela foram empregados um milhão e quinhentos mil metros cúbicos de concreto, cento e cinqüenta mil toneladas de ferro e aço e removidos doze milhões de metros cúbicos de terra. Seus diferentes núcleos eram ligados entre si por subterrâneos e alguns por via férrea, além de aperfeiçoada rede telefônica. Bastava a pressão de um botão para que seus canhões tomassem posição.

Para sua construção os franceses foram esmagados com pesados impostos e a França deixou de realizar importantes melhoramentos em seu território como, por exemplo, a projetada construção de canais, interligando sua rede fluvial.

Por sua vez, a Alemanha iniciou a construção de uma extensa e aperfeiçoada rede de auto-estradas, aumentou a resistência e a capacidade das pontes sobre o Reno e, em março de 1935, restabeleceu o serviço militar obrigatório, em flagrante desrespeito ao Tratado de Versalhes.

A França já havia concluído alianças com a Bélgica, com a Checoslováquia e com a Polônia, mas todas eram alianças defensivas, que só entrariam em vigor se houvesse uma agressão por parte da Alemanha. Não satisfeita com o Pacto de Locarno e com essas alianças, a França, em 27 de fevereiro de 1936, concertou uma aliança com a Rússia, a qual já era aliada da Checoslováquia, fazendo com isso o cerco da Alemanha nazista.

Hitler aproveitou-se dessa oportunidade para desvencilhar-se do guante do Tratado de Versalhes e pretextando que a aliança franco-russa tornava caduco o Pacto de Locarno, no dia 7 de março de 1936, sábado, perante o Reichstag, pronunciou um de seus mais famosos e explosivos discursos, denunciando esse pacto, as cláusulas militares do Tratado de Versalhes e anunciando ao mundo a militarização da Renânia.

Os alemães são um povo extremamente alegre; para dançar, basta um casal e a música. Ao ouvir o discurso do Fuehrer a sua alegria tocou às raias do delírio; sábado e domingo dançou sem parar.

A Alemanha havia estabelecido sua plena soberania em todo o seu território. As tropas foram recebidas nas cidades da Renânia com indescritível entusiasmo, a ponto de não poderem manter a ordem em suas fileiras, invadidas que eram pelas moças, que traziam flores aos soldados e os beijavam.

Na segunda-feira, porém, correu o boato de que tropas francesas se aprestavam para marchar sobre a Renânia, a fim de expulsar as forças alemãs que para lá haviam sido enviadas e, à medida que esse boato se espalhava, a fisionomia de cada berlinense apresentava crescente apreensão de angústia.

Quando, finalmente, o boato foi desfeito e os alemães foram informados de que a França havia, apenas, dirigido um enérgico protesto à Sociedade das Nações, contra aquele desafio, violador do intocável Tratado de Versalhes, a alegria voltou a iluminar a face de todos. Hitler havia adivinhado, e o entusiasmo do povo só foi comparável ao que ocorre com o brasileiro, quando o Brasil levanta um campeonato mundial de futebol.

O povo acorreu à Wilhemplatz para ver o Fuehrer; a praça ficou de tal maneira cheia que o ar se tornou quase irrespirável; todos gritavam: queremos ver o Fuehrer. Hitler, então, de quinze em quinze minutos assomava à sacada da Chancelaria; estabelecia-se imediatamente um silêncio tumular; Hitler fazia a rígida saudação nazista e a ovação tornava-se ensurdecedora.

A militarização da Renânia provocou forte reação do povo e do Governo franceses e profunda preocupação em todos os países da Europa, que se viram repentinamente à beira da guerra. Mas a França estava em vésperas de eleições e as batalhas entre os diversos partidos políticos que lá existiam cada dia se tornavam mais acirradas. A guerra era impopular e, entre o perigo de perder sua posição política e o de tomar uma medida que se impunha para garantir a segurança do país, o Governo francês, estupidamente, não fez suas tropas marcharem sobre a Renânia, para expulsar as forças alemãs, que para lá haviam sido enviadas, e enveredou pelo palavrório, submetendo o assunto ao Conselho de Segurança da Liga das Nações.

Albert Serraut, Chefe do Gabinete francês, discursando na Câmara, acusou a Alemanha de faltar com os compromissos solenemente assumidos no Pacto de Locarno e dizendo que seu país não podia admitir que Strasburgo ficasse sob a mira dos canhões alemães.

Hitler respondeu a esse discurso dizendo que ele apenas tinha restabelecido a plena soberania da Alemanha em seu próprio território, ocupado por quatorze milhões de habitantes; que, se para a França era inadmissível ter a cidade de Strasburgo sob a mira dos canhões alemães, para a Alemanha inadmissível era ter as cidades alemãs de Friburgo, Carlsruhe, Mannhein, Sarrebrück e outras sob a mira dos poderosos canhões, embasados num sistema invencível de fortificações, como era a "Linha

Maginot"; que ele se propunha a concertar um pacto de paz com todos os países que o desejassem, desde que fosse dada à Alemanha igualdade de condições; que ele não podia admitir fosse a Alemanha cercada de maneira permanente para com isso lhe serem impostas humilhações; que ele e todo o povo alemão não desejava outra coisa senão viver em paz e harmonia com a França e todo o seu povo.

O Conselho de Segurança da Sociedade das Nações imediatamente se reuniu e, como era de esperar-se, numerosos e intermináveis discursos foram pronunciados, todos com mais ou menos veemência, profligando a insólita atitude da Alemanha ao se arvorar em juiz de causa própria, denunciando um tratado a que havia assumido livremente o compromisso de respeitar.

Mas, à medida que o tempo passava, a situação política na França se modificava, com a vitória do partido sob a liderança de Leon Blun, denominado "Front Populaire"; a Inglaterra e a Itália, como garantidoras da execução do Pacto de Locarno, abrandavam suas atitudes iniciais; e as eleições alemãs, realizadas no dia 29 de março, davam à política de Hitler a esmagadora maioria de 98% do eleitorado, excetuados os judeus, a que não se conferia o direito de voto.

Assim, todas as propostas feitas à Alemanha para que aceitasse uma solução para o problema, condicionadas na retirada de suas forças da Renânia, foram rejeitadas pelo seu Governo que, por sua vez, propôs um pacto de não agressão pelo prazo de vinte e cinco anos entre a Alemanha, a França e a Bélgica, com a abolição de tanques e de artilharia pesada e igualdade de poderio aéreo; um pacto de segurança do lado oriental, com exclusão da Rússia, e volta da Alemanha à Liga das Nações. Tal proposta não foi levada em consideração, sob a alegação de não merecerem confiança os compromissos assumidos pelo Governo alemão.

A Sociedade das Nações, em memorável sessão, por unanimidade de votos, condenou veementemente a Alemanha pela sua insólita atitude. Hitler não lhe deu a mínima atenção e o mundo, aos poucos, foi-se acostumando com a Renânia militarizada e cada vez mais fortificada. E o passo mais audacioso, temerário e perigoso

dado por Hitler, antes do segundo conflito mundial, nenhuma outra conseqüência teve senão aqueles solenes e inócuos protestos; o seu triunfo foi completo.

O povo francês, não obstante a Linha Maginot e seu enorme poderio militar, vivia apavorado pela propaganda alemã que fazia acreditar estar o país fortemente armado, e temia uma possível vingança da derrota de 1918.

Na França, acreditava-se piamente que, com a ascensão do nazismo, os alemães viviam em extrema miséria, sendo obrigados a formar extensas filas diante dos armazéns de gêneros alimentícios, para obter um pouco de alimento que lhes matasse a fome, porque todo o esforço do Governo alemão era destinado ao fabrico de armas de guerra, conforme asseguravam os jornais. E quando, em Paris, amigos meus me perguntavam sobre esse estado de coisas e eu dizia que na Alemanha havia tanta fartura de manteiga como na França, ou não me acreditavam ou me respondiam que essa fartura era só para os estrangeiros e não para o povo!

Foi com essa mentalidade que a França perdeu a sua melhor oportunidade de evitar o monstruoso crescimento do nazismo, verdadeiramente iniciado com o êxito da militarização da Renânia, e que só foi abatido à custa de mais de trinta milhões de vidas, espantosas destruições e das tremendas conseqüências que pesam sobre a humanidade, cujo fim continua sendo uma dolorosa e apavorante interrogação, resultante do giganteco espraiamento do comunismo.

Mas nenhum político admite ser causador de um erro de funestas conseqüências. Assim, procura por todos os meios e modos possíveis encobri-lo e atirar a culpa sobre os ombros de outros e, curioso, quase sempre o consegue!...

A ANEXAÇÃO DA ÁUSTRIA À ALEMANHA

O ESFACELAMENTO do secular e tradicional Império Austro-Húngaro, que ia dos Cárpatos ao Adriático, com uma população de cinqüenta e oito milhões de habitantes, foi decidido para resolver um problema sem solução: fazer de cada povo, com sua língua, seus usos, seus costumes, sua religião, uma nação independente.

O resultado dessa utópica política foi a substituição de um grande problema por vários outros menores, acompanhados de insatisfações e injustiças, redundando num agravamento geral da situação primitiva.

Nessa arbitrária divisão ninguém foi mais prejudicado do que a Áustria e a Hungria. Esta, além de ficar sem saída para o mar, perdeu mais de 60% de seu território, habitantes, minas de carvão, lavouras, fábricas, bosques, gado, etc. e três milhões de magiares passaram a viver como minorias na Polônia, Romênia, Jugoslávia e Checoslováquia. Aquela, além de territórios que lhe garantiam a subsistência, teve, também, três milhões e meio de seus próprios filhos incorporados a outros países, formados por aquela discricionária divisão.

A empobrecida Áustria, oitenta por cento povoada de alemães, com sua formosa e famosa Viena, ficou, assim, condenada a ser um corpo enfezado, suportando enorme cabeça. A miséria e a fome imperavam no país. Só havia uma solução: abandonar a independência e ligar-se à Alemanha, ainda que também empobrecida. E o Parlamento austríaco, como já se disse, assim decidiu, no próprio dia do armistício, 11 de novembro de 1918. Os Aliados,

porém, receosos de um possível fortalecimento da Alemanha, impediram a anexação, dessa maneira obrigando um país a ser independente contra a sua própria vontade, fato único da História.

Posteriormente, em 1931, o seu Parlamento propôs uma união aduaneira com a Alemanha, para minorar a situação do país. A França reagiu violentamente, cortando-lhe todos os créditos, o que provocou uma tremenda crise financeira no país, com a falência de suas maiores instituições bancárias, e a projetada união não pode ser efetivada.

A vida na Austria, entretanto, continuava insuportável. A escassez de alimentos e de combustíveis aumentava diariamente e com isso os preços subiam. As moradias estavam em ruínas e superlotadas. Carne não havia e os cães e os gatos desapareciam misteriosamente. As roupas novas eram fabricadas de papel e as antigas estavam completamente rotas ou cobertas de remendos.

Com a subida dos preços a inflação se tornou galopante, chegando a cair de quinze mil vezes o valor inicial da coroa, passando o comércio a ser feito na base de permuta de mercadorias. Os estrangeiros, que para lá acorriam, com suas moedas, passavam vida nababesca, adquirindo a vil preço todos os objetos de algum valor que encontravam.

O Governo procurou impedir esse caos, tabelando os preços dos gêneros alimentícios e dos aluguéis. Para os primeiros, o tabelamento não surtiu efeito, passando tudo a ser vendido no mercado negro ou permutado; para o segundo, o resultado foi ainda mais desastroso, porque, no fim de certo tempo, o que o dono do imóvel recebia por mês mal dava para pagar uma refeição. (35).

Finalmente, depois de quase quatro anos de sofrimento e desespero, os Aliados tiveram que vir em socorro da Austria agonizante; a coroa austríaca desapareceu para dar lugar ao xelim estabilizado com o valor de quinze mil coroas antigas, mas a situação do país continuou sempre precária, com vida quase artificial.

O partido nazista austríaco, favorável à anexação do país à Alemanha, começou a crescer rapidamente. A repressão governamental, sob a férrea ditadura de Dolfus, tornou-se violenta e vários motins foram sufocados a ferro e fogo. O descontentamento crescia e as prisões

contavam-se por milhares. Os nazistas alemães alimentavam as discórdias e no dia 25 de julho de 1934 o palácio do governo foi invadido e Dolfus barbaramente assassinado pelos nazistas, os quais foram condenados e muitos deles enforcados.

Depois de breve período de calma, as discórdias recrudesceram e os jornais alemães iniciaram forte campanha contra o Governo austríaco, acusando-o de perseguir os cidadãos alemães simpáticos à Alemanha.

Inicialmente, a Itália, receosa de ter fronteiras comuns com a Alemanha por ser o Tirol a parte que lhe coube na partilha da Áustria-Hungria, habitado por grande maioria de alemães, havia garantido a independência da Áustria contra qualquer invasão por parte da Alemanha.

Mas, Mussolini, profundamente agastado contra as sanções que foram impostas à Itália pela Liga das Nações, por insistência da Inglaterra e da França, devido à injustificada guerra de conquista da Abissínia e, ainda, temeroso do crescente poderio da Alemanha, desistiu da prometida garantia. Demais, fascismo e nazismo nada mais eram do que termos diferentes para definir a mesma coisa. Assim, em setembro de 1937, Mussolini visitou Hitler em Munique e assinou o pacto de aliança, que passou a ser conhecido como "Eixo Roma-Berlim".

Em seu livro, Hitler havia prometido a reunião de todos os alemães sob a bandeira do Reich e, durante todo o seu governo, sua política não teve outro objetivo, pouco se incomodando com os meios para atingi-la. Era natural, portanto, que na Áustria, sua pátria de origem e habitada por grande maioria de alemães, o partido nazista fosse encorajado para fazer oposição ao Governo e, quando este procurava reprimir os excessos, os jornais nazistas o acusassem de perseguir os alemães.

Baseado nessas acusações, Hitler exigiu que o Governo austríaco incluísse em seu gabinete elementos pró-germânicos e quando, dias depois, o Chanceler austríaco Schuschnigg quis realizar um plebiscito para saber se o país desejava continuar independente ou unir-se à Alemanha, Hitler, no dia 12 de março de 1938, fez o *Anschluss* e a Áustria deixou de existir como país livre para tornar-se uma província alemã.

Em automóvel aberto, conforme um filme de propaganda passado nos cinemas de quase todas as grandes cidades do mundo, viu-se Hitler entrando em Viena, a cidade em que a fome e a miséria eram suas inseparáveis companheiras, delirantemente aclamado pela compacta multidão!

Estranho e singular destino desse homem que, assim, dava o primeiro passo para a formação do Grande Reich, fazendo a Europa estremecer mas cuja vertigem das alturas iria provocar a mais desastrada queda do país que pretendia engrandecer!

O ACORDO DE MUNIQUE

DEPOIS de assistir ao XIV Congresso Mundial de Veterinária, realizado em agosto de 1938, em Zurique, na Suíça, aceitei convite para comparecer a um congresso internacional de doenças tropicais, que ia ter lugar, quase em seguida, em Amesterdão, na Holanda, no qual havia uma interessante seção dedicada às doenças dos animais, transmissíveis ao homem e vice-versa.

Logo no início desse congresso, a situação européia tornou-se de tal modo explosiva que toda a minha coragem desapareceu como por encanto. Abandonei o congresso e disparei para Paris, a fim de apanhar minha bagagem e voltar para o Brasil o mais rapidamente possível. Não encontrei passagem; outros tão corajosos quanto eu, já me haviam precedido.

Fiquei em Paris e tive a oportunidade de assistir ao confrangedor espetáculo da mobilização do Exército francês: soldados marchando pelas ruas em direção às estações de embarque para as fronteiras orientais, acompanhados de suas mães, mulheres e noivas, em prantos. À noite, o *black-out* da cidade era completo. Os jornais aconselhavam os habitantes a se precaverem contra possíveis ataques aéreos, recomendando medidas adequadas para evitar os maléficos efeitos de prováveis bombas carregadas de gases asfixiantes. Todo o povo francês estava apreensivo e temeroso da guerra.

Onde estava aquele contagiante entusiasmo marcial de um quarto de século atrás, quando os soldados seguiam para as frentes de batalha cantando a Marselhesa, ou ao som de retumbantes marchas guerreiras?

Ao que soube depois, na Alemanha a população não estava menos apreensiva com a possibilidade de um iminente conflito.

Mas a grande tragédia não teve início naquele ano. O guarda-chuva de Chamberlain, em Munique, barrou o caminho dos canhões, a fim de aperfeiçoar a guerra e torná-la mais tétrica no ano seguinte.

Dos quinze milhões de habitantes avocados à Checoslováquia pelo Tratado de Versalhes e outros subseqüentes, 3.200.000 eram austro-alemães, os chamados sudetos; 700.000 húngaros e 80.000 poloneses, além de um menor número de cidadãos de outras nacionalidades.

Hitler, logo depois de sua retumbante vitória na Austria, dirigiu suas vistas para a Checoslováquia, mas a integridade desse país era garantida pela Inglaterra e pela França; dessa maneira, essas suas pretensões tornavamse muito perigosas, todavia, com a anexação da Austria à Alemanha, os sudetos começaram a movimentar-se, exigindo a mesma coisa, surgindo, então, vários distúrbios contra o Governo checoslovaco. Este, naturalmente, procurou reprimi-los e as queixas se avolumavam, à medida que o tempo passava.

Em setembro, com a ameaça de uma pronta invasão da Checoslováquia pela Alemanha, a situação tornou-se tão tensa que Chamberlain voou para Munique, a fim de procurar uma solução conciliatória, capaz de conter Hitler sem, entretanto, conseguir algo de positivo.

Mussolini, para evitar a guerra iminente, propôs uma segunda reunião com Hitler, em Munique, com a presença dele próprio, de Charberlain e de Daladier, a qual foi realizada em 28 de setembro, onde o Governo checoslovaco, praticamente abandonado pela Inglaterra e pela França, não teve outro recurso senão o de se curvar ante as exigências de Hitler. A Polônia aproveitou-se da ocasião e anexou ao seu território a região de Teschen, onde havia apenas uma minoria de poloneses, e os húngaros para reaverem seus conterrâneos.

Chamberlain e Daladier voltaram aos seus respectivos países, onde foram recebidos com estrepitosas aclamações, por terem evitado a imediata eclosão da guerra, e o guarda-chuva passou a símbolo da paz.

Com o Acordo de Munique a Checoslováquia perdeu mais de um terço do seu território e quase cinco milhões

de habitantes. Em seguida a Boêmia e a Morávia passaram a protetorados e o restante do país a um verdadeiro feudo da Alemanha. Enfim, no sudeste da Alemanha, parece que as pretensões de Hitler estavam satisfeitas. Virou-se ele, então, para o leste.

No consenso geral, admite-se que o grande erro dos Aliados foi o fato de se terem submetido às exigências de Hitler durante a Conferência de Munique. Não é verdade. O grande erro, os responsáveis pela irrupção da Segunda Guerra Mundial não foram Neville Chamberlain e Eduardo Daladier, ao firmarem o Acordo de Munique, mas sim, Albert Serraut que, em face da confusa situação política da França, receoso de perder as eleições, como, aliás, perdeu, com ou sem a Inglaterra, não impediu que a Alemanha militarizasse a Renânia em 1935. O que veio depois, nada mais foi do que a conseqüência daquele trágico erro.

E quais foram as chamadas absurdas exigências de Hitler em Munique, as quais, afirma-se, foram insensatamente aceitas por Chamberlain e Daladier? A concordância da Áustria germânica ser definitivamente incorporada à Alemanha; o direito de a Alemanha anexar a região ocupada pelos sudetos que o Tratado de Versalhes e outros discricionariamente retiraram da Áustria para entregá-la à Checoslováquia, enfim, nada mais, nada menos do que a aplicação dos elogiados princípios wilsonianos, conforme se verifica pelo seguinte trecho:

> "O que a Alemanha então pedia, afinal de contas, era apenas a cessão dos Sudetos, parte da Checoslováquia que era alemã em sentimento, língua e origem, Hitler podia invocar o direito de autodeterminação, o princípio de Woodrow Wilson, em apoio de suas reivindicações." (36).

Mas Hitler para obter a aquiescência da França e da Inglaterra apoiou suas exigências na ameaça de se utilizar da força. É exato. Mas quando, em que época, em que país, em que sociedade a força do direito prevaleceu, ou prevalece sem o apoio do direito da força?

Se orações, missas, promessas, protestos, eleições, plebiscitos, arbitragens, decisões judiciais etc. dispensassem a força para garantir o direito, ou aquilo que se su-

põe direito, não haveria necessidade de exércitos, marinhas de guerra, forças aéreas ou polícias, bastariam tribunais e juízes.

Não foi o direito da força que fez ruir quatro dos maiores impérios da Europa? Não foi ele que impediu a Áustria de se unir voluntariamente à Alemanha no final do primeiro conflito mundial? Não foi nele que o Tratado de Versalhes e subseqüentes se apoiaram para modificar grande parte do mapa do mundo? Portanto, a alegação não tem sentido. É o direito da força que impõe respeito à força do direito e, não há dúvida, que aquele é mais forte do que esta.

O tão criticado e lastimado Acordo de Munique não passa, portanto, de uma cortina de fumaça que se pretende estabelecer para ocultar o espantoso erro cometido pela infausta promessa de segurança que a Inglaterra e a França, inexplicavelmente, deram à Polônia, no sentido de garantir a integridade territorial, ou melhor, para que esse país continuasse de posse de territórios e de habitantes milenarmente germânicos. E qual foi o resultado dessa pasmosa garantia? Simplesmente o seguinte: a Polônia e os demais países da Europa oriental, de hoje, tornarem-se satélites obrigatórios da União Soviética!

Admitir-se, portanto, que o início da Segunda Guerra Mundial com o seu desastroso final, foi a conseqüência de dadivosas vantagens concedidas a Hitler pelo Acordo de Munique é o maior disparate que se pretende impingir à crendice humana.

A CONFERÊNCIA DE IALTA

O SEGUNDO GRANDE ERRO DO SÉCULO

INÍCIO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

QUANDO começou a Segunda Guerra Mundial, que continua, ainda, com suas agourentas seqüelas, e quem seu responsável?

Oficialmente ela teve início no dia 1.º de novembro de 1939, quando as tropas alemãs invadiram a Polônia, e seu responsável chama-se Adolfo Hitler. A História, porém, só se preocupa em registrar os fatos culminantes, deixando à margem os colaterais, verdadeiros antecedentes daqueles e, no presente caso, essa regra foi rigorosamente seguida.

Não obstante, ninguém, medianamente instruído, que não se deixa levar por propaganda organizada, ignora que essa terrível catástrofe foi a conseqüência natural das iniqüidades contidas no Tratado de Versalhes, conforme previu e escreveu Lloyd George, um dos três artífices desse monstruoso documento, pouco antes de firmá-lo — págs. 71 a 76.

Então, novamente a pergunta: Quando começou a Segunda Guerra Mundial e quem o seu responsável?

No dia 11 de novembro de 1918, data da assinatura do Armistício? No dia 28 de junho de 1919, por ocasião da assinatura do Tratado de Versalhes? Quando Hitler aceitou o convite para ingressar como o sétimo membro do insignificante Partido Trabalhista Alemão, posteriormente modificado para *Nazionalsozialistich Deutsche Arbeiterpartei*, mais conhecido como "Nazista"? No dia 9 de novembro de 1923, quando fracassou o golpe de Estado de Munique? No dia 30 de janeiro de 1933, quando o Partido Nazista ganhou as eleições e Hitler foi nomeado Chanceler do Reich? No dia 14 de outubro de 1933, quando

a Alemanha se retirou da Liga das Nações? No dia 2 de agosto de 1934, quando o Presidente Hindenburgo morreu e Hitler passou a ser o Chefe supremo da Alemanha? No dia 13 de janeiro de 1935, quando houve o plebiscito do Sarre? No dia 16 de março de 1935, quando Hitler denunciou as cláusulas militares do Tratado de Versalhes? No dia 2 de maio de 1935, quando a França firmou com a Rússia um tratado de Assistência Mútua? No dia 6 de maio de 1935, quando a Alemanha militarizou a Renânia? No dia 18 de julho de 1936, quando teve início a Guerra Civil Espanhola? No dia 1.º de novembro de 1936, quando foi organizado o "Eixo Roma-Berlim"? No dia 12 de março de 1938, quando a Alemanha anexou a Áustria ao seu território? No dia 28 de setembro de 1938, quando foi concertado o Pacto de Munique? No dia 23 de agosto de 1939, quando foi assinado um pacto de não agressão entre a Alemanha e a Rússia? Ou no dia 1.º de setembro desse ano, quando a Alemanha invadiu a Polônia?

É difícil responder-se, mas, ao que tudo indica, foi no dia 28 de junho de 1919, quando a delegação alemã não teve outro recurso senão o de assinar o "Ditado de Versalhes" que, sem qualquer dúvida, constituiu o Primeiro Grande Erro do Século.

A CRISE POLONESA

DENTRE as nações que surgiram na Europa pelo toque da varinha mágica de Wilson, as grandes aquinhoadas foram a Polônia e a Checoslováquia. A Polônia recebeu a Alta Silésia, parte da Prússia Oriental e uma grande faixa de terra dentro do território alemão, chamada "Corredor Polonês", para lhe dar uma saída para o mar pelos portos de Gdynia e o da cidade livre de Dantzig. Isso, porém, não a satisfez e, em 1922, ajudada pelos franceses, investiu contra a Rússia e lhe tomou parte do território. Depois anexou a cidade lituana de Vilna e seus arredores, sem que a Sociedade das Nações, defensora da liberdade e da integridade dos países, contra ela tomasse qualquer atitude. Dessa maneira, dos trinta e três milhões de habitantes que existiam em seu território, quase a terça parte não eram nem nunca foram poloneses.

Das iniqüidades contidas no Tratado de Versalhes nenhuma era tão clamorosa quanto a que reorganizou a Polônia à custa da Alemanha, fazendo com que Lloyd George dissesse que "submeter dois milhões e cem mil alemães sob autoridade de um povo de confissão diferente e que, no curso de sua história, jamais demonstrou saber governar-se, tal coisa, se aprovada, mais cedo ou mais tarde levaria a guerra na Europa".

Palavras proféticas, mas abandonadas pela incrível atitude do seu próprio autor, pois ninguém pode negar que Lloyd George tenha concorrido eficazmente, e com pleno conhecimento de causa, para a consumação de tão estúpido e funesto erro.

Em janeiro de 1934, para garantir o flanco oriental da Alemanha e poder agir mais livremente no ocidental,

Hitler firmou com a Polônia um pacto de paz por dez anos. Quando, porém, as suas pretensões no oeste e no sul já haviam sido satisfeitas, virou-se para leste a fim de solucionar a delicada questão do Corredor Polonês e da cidade livre de Dantzig.

Nessa antiga cidade alemã, foi logo organizado um partido nazista que se encarregou de reclamar a sua inclusão à Alemanha. Um plebiscito lá realizado demonstrou, por grande maioria, a vontade de seus habitantes de voltar a fazer parte da Alemanha, em vez de continuar como cidade livre, sob a égide da Liga das Nações.

Porém, o Corredor Polonês, de permeio, dividindo a Prússia Oriental, era a única saída de que dispunha a Polônia para atingir o mar e ela não estava disposta a perder essa vantagem. Por seu lado, a Alemanha não se conformava em ter parte do seu território dividido por uma faixa de terra sob a soberania de outra nação. Estabeleceu-se, assim, um impasse em que cada país tinha fortes razões para nada ceder ao outro. A guerra entre esses dois países, logo que a Alemanha se sentisse bastante forte, era uma coisa tão certa que nem os mais ingênuos pacifistas dela duvidavam.

O fato de um país não ter acesso ao mar pode ser, e é, um sério inconveniente, mas isso não significa impossibilidade de sua existência normal, tal como acontece na própria Europa com a Suíça e depois do Tratado de Versalhes e seguintes, com a Áustria, a Hungria e a Checoslováquia, países formados pelos mesmos vencedores que restabeleceram a Polônia, além da existência da Bolívia na América do Sul e de muitos outros nos continentes africano e asiático. Conformar-se-iam os vizinhos desses países em dividir seus respectivos territórios para que cada um desses países centrais tivesse acesso ao mar? Evidentemente, não.

Foram os Estados Unidos que conseguiram desmembrar o Panamá da Colômbia e garantir sua independência. Como pagamento desse serviço, obtiveram direito de soberania nas faixas laterais das margens do Canal do Panamá, dividindo, assim, o país em duas partes. Apesar de ser isso uma concessão negociada voluntariamente, os incidentes por ela provocados são freqüentes e ninguém ignora quanta amargura esse fato causa aos panamenhos.

Até o primeiro quartel deste século, as concessões estrangeiras que a China foi obrigada a admitir, mesmo dentro de sua própria capital, eram as coisas mais deprimentes que existiam para o chinês.

Por que, então, pretender-se que a Alemanha se conformasse com o estabelecimento de uma faixa de terra dividindo seu território, sob a soberania da Polônia?

O Pretexto de que Hitler se baseou para denunciar o Pacto de Locarno a fim de militarizar a Renânia, pode ser discutível; discutível pode ser a anexação da Austria germânica; controvertido pode ter sido o direito de anexar os sudetos e de tornar a Boêmia e a Morávia como protetorados alemães. Mas, o que não pode ser contestado é o direito que tinha a Alemanha de reaver a cidade de Dantzig, de apagar o Corredor Polonês do mapa e de retirar do jugo da Polônia três milhões e meio de alemães, que clamavam por voltar à pátria.

Quem negar inteligência e tática diplomática a Hitler, nega a própria evidência dos fatos. Ele, muito sabiamente, deixou a mais gritante e clamorosa injustiça aplicada à Alemanha pelos seus vencedores para solucioná-la em último lugar, na esperança de que não seria possível que alguém fosse capaz de contrariar sua justa solução.

Essa solução ele a propôs pessoalmente ao Chefe do Governo polonês, o Coronel Beck, em começo de janeiro de 1939, em Berchtesgaden, a qual consistia no seguinte: volta de Dantzig à Alemanha e de uma faixa de terra de um quilômetro de largura, atravessando o Corredor Polonês, na qual seriam construídas uma rodovia e uma estrada de ferro ligando as duas partes alemãs divididas pelo Corredor; os direitos poloneses em Dantzig seriam assegurados, além da construção de um porto livre; o reconhecimento e garantias das fronteiras teuto-polonesas então existentes. (37).

Uma tal proposta, deixando sob o Governo polonês territórios milenarmente germânicos habitados por mais de três milhões de alemães, feita pela boca de quem havia solenemente prometido fazê-los voltar à pátria, parecia incrível. O Coronel Beck, entretanto em vez de agarrá-la de unhas e dentes, ainda que soubesse que no futuro elas

não seriam totalmente cumpridas, começou a tergiversar, prometendo estudar o assunto para respondê-lo mais tarde.

Em fins de janeiro, von Ribbentrop, a título de retribuir a visita do Coronel Beck à Alemanha, mas em realidade para cobrar-lhe a prometida resposta às propostas do Fuehrer, foi a Varsóvia. É recebido com toda a cordialidade; cobra a prometida resposta e pede que o Governo polonês procure moderar a violenta linguagem de sua imprensa contra a Alemanha, bem como coibir as arbitrariedades e vexames a que eram submetidas as minorias alemãs na Polônia, para que a amizade entre seus respectivos países não fosse abalada.

Infelizmente nenhuma resposta obtém. Para o Governo polonês afigurava-se inconcebível que uma cidade genuinamente alemã voltasse a pertencer à Alemanha e que o Corredor Polonês, dentro do território alemão, fosse atravessado por uma faixa de terra extraterritorial.

No dia 5 de março, o Embaixador alemão em Varsóvia reitera o pedido feito por Ribbentrop e, se possível, uma nova visita do Coronel Beck a Berlim, sem nada obter de positivo.

Enquanto isso acontecia, sabe-se em Berlim de grandes movimentações dos ingleses em Varsóvia, a concessão de um grande empréstimo à Polônia e a próxima visita do Coronel Beck a Londres. Os incidentes de fronteira multiplicam-se e se agravam e a imprensa de Varsóvia redobra seus ataques contra as pretensões alemãs. Na França e na Inglaterra os preparativos de guerra são acelerados.

No dia 11 de março, o senador Husbach, de origem alemã, pronuncia no Senado polonês o seguinte discurso:

> "A existência dos alemães radicados na Polônia está periclitando! Uma lei violenta e apressada foi promulgada contra os alemães na zona limítrofe; determina que eles devem ser desalojados daí, que têm de abandonar o seu torrão natal e emigrar para o interior da Polônia.
>
> Como relâmpago vindo do céu ameno, sem motivo e sem causa, confiscaram aos alemães, brutal e violentamente, os prédios de suas sociedades em Pósem e Pomerélia; e sob o pretexto de parcela-

mento, tem-se esfacelado as propriedades alemãs nas regiões de populações germânicas, tem-se cassado aos negociantes alemães, aos proprietários de restaurantes e a outros comerciantes as concessões para o exercício de suas profissões; atiraram-nos à miséria, privam-nos do ganha-pão e da possibilidade de proverem à subsistência e, evidentemente, tem-se a intenção de continuar com essas regulamentações injustificáveis.

Por quê essas constantes instigações da imprensa, concitando a constantes perturbações de festas e reuniões alemãs e a boicotagem de festas alemãs?" (38).

A embaixada alemã em Varsóvia é apedrejada por ocasião da visita do Conde Ciano e, no dia 21 de março, a Polônia decreta a mobilização parcial. No dia seguinte, o Presidente da França, Lebrun, e o Ministro do Exterior, Bonnet, vão a Londres para assegurar e exaltar a amizade anglo-francesa, garantidora da paz européia, e uma missão franco-britânica foi enviada a Moscou para conseguir a aliança da Rússia contra a Alemanha.

Toda a imprensa ocidental ataca a agressividade alemã e passa a elogiar o "democrático Governo russo". Um pacto de assistência mútua é concertado entre a Inglaterra e a Polônia, anunciado na Câmara dos Comuns, no dia 31 de março, nos seguintes termos:

"A fim de deixar perfeitamente clara a posição do Governo de Sua Majestade, cabe-me agora informar à Câmara que, na eventualidade de qualquer ação que ameace claramente a independência polaca e que o Governo polonês julgue de seu interesse vital resistir, o Governo de Sua Majestade também se sentiria na obrigação de prestar imediatamente à Polônia todo o apoio que estiver ao seu alcance. Isto já foi participado ao Governo polonês."

"A resposta de Hitler foi áspera. A 28 de abril os alemães impugnaram tanto o famoso pacto de não-agressão germano-polonês, que havia regularizado as relações germano-polonesas sobre uma base pacífica desde 1934, como o acordo naval anglo-germânico, de que Ribbentrop fizera inicialmente cavalo

de batalha. Os ingleses passaram então a estender suas garantias na Europa Oriental à Rumânia, à Turquia e à Grécia, incluindo nos compromissos o auxílio financeiro. Era pôr tranca de ferro na porta arrombada, depois que a Austria e a Checoslováquia tinham sido tomadas.

Mais ou menos por essa ocasião entrou em jogo um outro fator de extraordinária importância: as relações anglo-francesas com a União Soviética.

Devia ser evidente, mesmo a um imbecil, a uma criança e até a um arcebispo, que era impossível defender a Polônia por forma eficaz sem o auxílio da Rússia." (39).

Parece haver uma estrita relação entre o calor atmosférico e o calor bélico. Nos países do hemisférico norte faz um calor sufocante nos meses de julho e agosto; os cérebros também se aquecem. Os incidentes nas fronteiras teuto-polonesas se multiplicam; os alemães são nelas e em Dantzig duramente perseguidos; e o povo em frente às embaixadas da França e da Inglaterra grita: a Berlim!... A Berlim!...

A França embarcou na canoa furada do pacto de assistência mútua anglo-polonês. A esperança de que a Rússia também nela embarcasse desvaneceu-se e quem com a Rússia assinou um pacto de não-agressão foi a Alemanha. Os partidos comunistas existentes e elogiados nos diversos países ficam confusos e são duramente criticados.

Lloyd George, que nessa ocasião, como deputado, se achava em oposição ao governo chefiado por Chamberlain, levanta-se na Câmara dos Comuns e exclama:

"Convido o Ministro da Guerra a dizer à Câmara dos Comuns se o representante do Governo Britânico, ao dar as garantias, também disse aos poloneses de que modo essas garantias seriam cumpridas! Afirmou ele, porventura, haver probabilidade, por mínima que fosse de vitória? Se o fez, então deve ser exonerado o mais depressa quanto possível e internado sem demora num hospício! Pois sem a colaboração da Rússia Soviética, achamo-nos ante a derrota certa." (40).

Chamberlain, em discurso na Câmara dos Comuns, parece que confundiu a Prússia Oriental com o restante do mundo, afirmando que a Alemanha quer dominar o mundo e que a Inglaterra não tem outro recurso senão o de ir à guerra para evitar que isso ocorra.

Hitler mostra quão ridícula é essa afirmativa, dizendo que a Alemanha tem menos de 600.000 quilômetros quadrados, enquanto o Império Britânico domina quarenta milhões, a Rússia dezenove e os Estados Unidos nove e meio e pergunta: Quem, pois, quer dominar o mundo?

Porém, em política, o ouvido tem mais influência do que a vista; as palavras mais do que os fatos, e o mundo, sem vacilar, responde: É a Alemanha!... E ninguém se lembra que no último quartel do século passado, a Inglaterra acrescentou às suas já vastas possessões coloniais 12.900.000 quilômetros quadrados com 88.000.000 de habitantes e a França mais de 9.000.000, com 37.000.000 de habitantes. (41).

Entre 23 e 28 de agosto, Hitler tem quatro calorosas e dramáticas entrevistas com o Embaixador inglês em Berlim, Sir Neville Henderson, em que pede, quase suplica, que a Inglaterra modere sua atitude contra a Alemanha e use de sua influência junto ao Governo polonês para que mande um emissário a Berlim até o fim do mês, devidamente credenciado, a fim de que a questão teuto-polonesa seja resolvida sem derramamento de sangue. Henderson fica abalado; vai a Londres duas vezes e volta sempre com a mesma resposta: a Inglaterra deu sua palavra que defenderia o Governo polonês e não faltará com o seu compromisso.

Na França, Daladier dirige-se ao povo francês afirmando que a Alemanha não só ameaça a liberdade da Polônia como, também, a de outros povos e do seu próprio, e termina pedindo a união de todos os franceses contra a agressividade alemã.

Esse discurso causa enorme regozijo na Polônia, onde milhares de alemães são espancados, mandados para os cárceres, ou para imundos campos de concentração e os jornais de Varsóvia anunciam para breve uma parada militar da cavalaria polaca na Unter den Linden, em Berlim.

Dia 30 foi decretada a mobilização geral na Polônia, e a multidão, com entusiasmo, vocifera: A Berlim!... A Berlim!...

No dia seguinte, a rádio difusora polonesa emite o seguinte comunicado:

> "A publicação do comunicado oficial alemão de hoje revela claramente os objetivos e intuitos da política do Reich. Comprova, inconfundivelmente, a intenção da Alemanha de agredir a Polônia. As condições mediante as quais o Terceiro Reich está pronto a negociar com a Polônia dizem: Dantzig volta imediatamente ao Reich. A Pomerélia, com as cidades de Bromberg e Grandenz será submetida a um plebiscito, a que devem ser admitidos todos os alemães que depois do ano de 1918 emigraram, por qualquer motivo, dessa região. O exército e a polícia poloneses evacuariam a Pomerélia. A Inglaterra, a França, a Itália e a União Soviética assumirão o governo. Depois de doze meses realizar-se-á o plebiscito. A zona da península de Hela é igualmente abrangida pelo plebiscito. Gdynia, como cidade polonesa, é excluída. Independente do resultado do plebiscito, será construída uma estrada extraterritorial de largura de um quilômetro ligando as partes alemãs, no caso de o plebiscito ser favorável à Polônia. A agência alemã publica que o prazo para a aceitação dessas condições expirou ontem. A Alemanha esperou debalde por um emissário da Polônia. A resposta está nas providências militares do Governo polonês.
>
> Não há mais palavras que possam velar os planos de agressão dos novos hunos. A Alemanha ambiciona o domínio da Europa e com um cinismo inédito, até agora sem par, risca o direito dos povos. Essa proposta insolente, comprova claramente quão necessárias foram as medidas militares polonesas." (42).

Às oito horas da noite Berlim tem notícia que contingentes militares poloneses e bandos de civis armados atravessam, nas proximidades de Gleiwitz a fronteira ger-

mânica e atacam a polícia alemã de segurança, havendo escaramuças; perto de Hochlinden, os poloneses tomam de assalto, por tropas regulares, a administração aduaneira alemã e perto de Pitschen, avançam dois quilômetros dentro do território alemão. Na cidade de Gleiwitz, bandos de insurretos poloneses ocupam a estação de rádio e a declaram "estação polonesa de Gleiwitz".

A CAMPANHA DA POLÔNIA

DEPOIS da ascensão de Hitler ao poder, por três vezes a Europa esteve à beira da guerra. A primeira, com a militarização da Renânia, contrariando o Tratado de Versalhes, fato que garantiu temporariamente a paz por ter privado a França de uma convidativa e fácil invasão da Alemanha, conforme já havia feito na bacia do Ruhr; a segunda, ao anexar à Alemanha a Áustria, fortalecendo aquela e realizando o velho sonho da grande maioria do povo austríaco; e a terceira na questão dos sudetos, quando houve mobilizações parciais na Inglaterra e na França e distribuição de máscaras contra gás mas que, a Conferência de Munique, à última hora, fez acalmarem-se os ânimos.

Eis que, a questão de Dantzig e do Corredor Polonês, a mais gritante injustiça do Tratado de Versalhes, pôs tudo a perder para dar origem a Segunda Guerra Mundial!...

No dia 1.º de setembro o Fuehrer ordena às tropas alemães que marchem contra a Polônia; o Governo francês decreta a mobilização geral; o carro de Marte põe-se em movimento.

No dia seguinte, Mussolini tenta convocar uma conferência, que se realizaria dentro de três dias, para solucionar o problema teuto-polonês por via pacífica e consulta os governos interessados. Os governos alemão e francês concordam; o britânico discorda e, no dia 3, declara guerra à Alemanha, no que é seguido pelo francês.

O Governo alemão, em resposta a esses atos, responde: "O Governo britânico arca, assim, com a respon-

sabilidade e com as desgraças e com todos os sofrimentos que já caíram sobre os povos e que ainda sobre eles virão!" (43).

A política inglesa sempre foi realista, nunca se deixando arrastar por questões personalísticas ou sentimentais. Mas, pela primeira vez na história da Inglaterra, esse princípio não foi observado e o resultado foi o tremendo erro que cometeu, ao se propor a defender pelas armas um país cuja posição geográfica lhe era inacessível.

No tempo da Rainha Vitória, o representante de Sua Majestade Britânica foi destratado em La Paz. Como a esquadra inglesa não podia atingir a Bolívia, a fim de castigar os desrespeitosos bolivianos, a Rainha determinou tornar esse país desconhecido, proibindo sua representação nos mapas e como praticamente só a Inglaterra confeccionava mapas, a Bolívia muito sofreu com esse expediente, por ter ficado, durante anos, quase ignorada do restante do mundo.

O abandono daquele princípio deu início à derrocada do Império Britânico, conquanto, durante o decorrer do conflito que se iniciou, não faltassem ocasiões para que a Inglaterra e as democracias pudessem sair airosa e vitoriosamente da difícil situação em que tão desastradamente se envolveram, conforme ficou demonstrado em várias ocasiões.

E quem na Europa e no mundo queria a guerra? Nenhum povo a desejava; todos queriam a paz. Não obstante ela eclodiu mais terrível e mortífera do que nunca, trazendo ao mundo conseqüências tão aflitivas que continuam a amargurar e a infelicitar a humanidade.

A campanha do Exército alemão na Polônia foi uma obra-prima de técnica e de precisão militar. O país que fanfarronescamente ameaçava mandar sua cavalaria fazer uma parada triunfal na Unter den Linden, em quatro semanas foi derrotado. Onde estava a famosa e poderosa garantia de sua independência dada pelo Governo de Sua Majestade Britânica? Simplesmente em Londres, para acolher o melancólico Governo polonês refugiado que, mesmo depois da derrocada da Alemanha, não pôde voltar ao seu posto!

Três semanas depois de ter o Exército alemão invadido a Polônia, o país já estava derrotado e a Rússia,

por sua vez, o invadiu e ocupou a metade do seu territó-rio. Os alemães fizeram 694.000 prisioneiros e os russos 217.000

A garantia que a Inglaterra havia dado à Polônia, conforme solene declaração feita na Câmara dos Comuns por Chamberlain em 31 de março, era de que qualquer ação que ameaçasse sua independência, o Governo de Sua Majestade Britânica se obrigava a socorrê-la, o que também foi reiterado, por várias vezes, pelo Embaixador inglês em Berlim ao Governo alemão.

Ante aquela inopinada e injustificável agressão russa, portanto, o mundo naturalmente aguardou as declarações de guerra da Inglaterra e da França à União Soviética, como fiéis defensoras que eram dos países fracos e cumpridoras de sua palavra. Mas, tal coisa não aconteceu!... A independência da Polônia era assegurada somente contra uma agressão do nazismo que tinha como objetivo, oficialmente, pôr todos os alemães sob a bandeira do Reich e não contra o comunismo, que pretendia impor-se ao restante do mundo. A única atitude daqueles dois países foi a de considerar os comunistas e seus simpatizantes como suspeitos e, na França, ser o partido posto fora da lei e presos alguns de seus deputados. No resto do mundo, a imprensa voltou a atacar ferozmente a horrível ditaduta existente na Rússia.

A vitória sobre o inimigo não tem outros objetivo senão o de obrigá-lo a modificar sua política, arcando, naturalmente, com as despesas da guerra. Em outras palavras, o objetivo da guerra é a conquista da paz e não o da vingança. Partindo desse indiscutível princípio, Hitler, logo após a fulminante derrota da Polônia, mormente quando a tênue esperança que pudesse ainda existir na França e na Inglaterra a respeito de uma possível ajuda russa se havia dissipado por completo, em discurso no Reichstag, no dia 6 de outubro de 1939, propôs entrar em negociações de paz com esses dois países.

A resposta que obteve, dada por Churchill, foi que eles levariam a guerra à Alemanha até a vitória final, a vitória a qualquer preço; a vitória a despeito de todo o terror; a vitória, não importava quão longa e difícil a estrada pudesse ser; a vitória à custa de sangue, trabalho, suor e lágrimas. (44).

Sim, a vitória à custa de sangue, trabalho, suor e lágrimas... do alheio, não suas e, a respeito de Churchill, uma propaganda bem organizada e inteligente foi incumbida de o apresentar como o maior e mais competente estadista inglês de todos os tempos!

Hitler, então, imitando Isabel, a Católica, ao prometer que não mudaria a camisa enquanto os mouros não fossem expulsos de Castela, em discurso no Reichstag, jurou que não despiria o uniforme alemão até o dia da vitória final e que, dessa vez não haveria a vergonha de 1918 mas que, se a Alemanha fosse vencida, ele não sobreviveria à derrota. Ambos cumpriram as promessas.

Churchill, só muito mais tarde, percebeu a enormidade do erro que haviam cometido e, honestamente, escreveu:

> "A tragédia humana atinge o seu clímax quando se constata que depois de todos os esforços e sacrifícios de centenas de milhões de seres humanos e das vitórias da Justa Causa, ainda não encontramos a Paz nem a Segurança, e que vivemos nas garras de perigos maiores do que aqueles que superamos."

A GUERRA NO OCIDENTE

ENQUANTO no leste as hostilidades logo se traduziram no desencadeamento de ferozes combates, com o completo esmagamento das forças polonesas pelo Exército alemão, na frente franco-alemã as linhas de fortificações Maginot e Siegfried foram apenas guarnecidas sem que, entretanto, qualquer das partes procurasse sair de seus confortáveis abrigos. E, assim, a guerra que seria a mais mortífera da História, começou como sendo a mais estranha de todos os tempos, *la drole de guerre,* a guerra engraçada, com apenas as cidades tendo suas luzes apagadas, receosas de bombardeios aéreos, que nunca vinham.

A aviação quase que só se preocupava em fazer observações, salvo algumas incursões sobre navios e bases aéreas ou navais. Os pilotos alemães disseram estarem sujeitos a conselho de guerra e a pena de morte se, por qualquer erro, bombardeassem cidades abertas. (45).

No mar, porém, ela se tornou mais séria. O bloqueio marítimo da Alemanha foi logo declarado e seus navios afundados ou apresados, mas o porta-aviões inglês "Courageous", quase à vista das costas inglesas, foi torpedeado e posto a pique e, como feito mais espetacular da guerra marítima, um submarino alemão, sob o comando do capitão Prien, penetrou no porto fortificado de Scapa-Flow e afundou o grande encouraçado "Royal Oak". Também um encouraçado de bolso alemão, em combate naval perto da Islândia, meteu a pique o cruzador inglês "Rawalpindi". Assim, logo de início, as perdas navais inglesas e mesmo dos neutros que buscavam a Inglaterra, por torpepeamento e por minas magnéticas lançadas do ar por aviões, foram muito severas.

Em dezembro, porém, o encouraçado de bolso alemão, "Graf Spee", que fazia a guerra de corso no Atlântico, afundando navios dos Aliados, foi alcançado por três vasos de guerra ingleses nas proximidades de Montevidéu, onde se refugiou com sérias avarias. Para não ser internado, ou destruído em combate desigual, Hitler determinou ao seu comandante que o afundasse. Cumprida a ordem, o Comandante Langsdorff suicidou-se.

Em terra, os adversários continuavam enfurnados em suas respectivas casamatas, matando o tempo em escrever cartas para as famílias e amigos, jogando cartas, damas, gamão e xadrez, comendo, bebendo e fumando. Uma tal inatividade, porém, era por demais enervante e a disciplina, sobretudo para os franceses, acostumados a certa liberdade, já estava se tornando difícil de ser mantida.

A guerra, dessa maneira, parecia desenvolver-se com todo o cavalheirismo, porque só os objetivos militares eram visados e Chamberlain, ainda em 15 de fevereiro de 1940, afirmava na Câmara dos Comuns:

> "Quaisquer que sejam as violências a que outros possam recorrer, o Governo Britânico jamais lançará mão de ataques torpes contra mulheres e outros elementos civis com a única finalidade de causar terror." Mas um dia após àquele em que assumiu as funções de Premier, Churchill iniciou o que anteriormente qualificara de "hediondo processo de realizar bombardeios aéreos contra cidades abertas" e permitiu o bombardeio da cidade de Freiburg im Breisgau. Assim, de acordo com J. M. Spight, "nós (os britânicos) começamos a bombardear objetivos em território alemão antes que os alemães começassem a fazer o mesmo em território britânico. Este é um fato histórico". Foram, desse modo, iniciados os bombardeios estratégicos, ou melhor, não estratégicos, pois nada havia a ganhar no plano estratégico com o bombardeio de uma cidade universitária."
>
> "Em 3 de setembro de 1940, Churchill redigiu um outro memorando de conteúdo muito diferente do datado de 21 de outubro de 1917. "Os aviões de caça são a nossa salvação, mas só os bombardeios

proporcionam os meios para a vitória. Devemos, em conseqüência, desenvolver a capacidade de transportar um volume de explosivos cada vez maior, para ser lançado sobre a Alemanha, de modo a pulverizar toda a estrutura industrial e científica da qual dependem o esforço de guerra e a vida econômica do inimigo." (46).

Mas, para todos os efeitos, e por uma propaganda bem organizada, foram os "bárbaros" alemães que iniciaram os bombardeios indiscriminados sobre Londres e outras cidades inglesas e, por isso, como revide, para castigá-los, Berlim e outras numerosas cidades alemãs foram praticamente destruídas, sob os aplausos do mundo livre!...

"A despeito dos inúmeros ataques realizados contra as indústrias de guerra, sua produção, em lugar de declinar, cresceu constantemente. Isso é demonstrado graficamente por meio de dois quadros constantes do "Relatório Geral dos Bombardeios Estratégicos dos Estados Unidos", publicado em 1945. Uma das razões foi que:

A destruição de edificações não ocasionava a destruição proporcional das máquinas-ferramentas e, em conseqüência, o inimigo podia recuperar tais máquinas e reiniciar a produção num ritmo mais acelerado do que fora previsto.

Os ataques contra os centros urbanos resultara em enormes danos materiais. No período de outubro de 1939 a maio de 1945, as Forças Aéreas Aliadas, principalmente a RAF, lançaram mais de um milhão de toneladas de bombas de alto poder explosivo, incendiárias e de fragmentação sobre 61 cidades. Tais cidades tinham uma população total de 25.000.000 de habitantes, e estima-se que os ataques destruíram totalmente ou danificaram seriamente três milhões e seiscentas mil unidades residenciais, representando 20% do total existente na Alemanha, e de ter deixado sem lar 7.500.000 pessoas. Mataram cerca de 300.000 habitantes e feriram 780.000. Calcula-se que 60 a 70% de Berlim foi destruída, sendo três quartas partes dos danos cau-

sadas pelo fogo. Embora a baixa do moral fosse considerável, não teve praticamente qualquer repercussão na produção do armamento e a reação psicológica da população aos ataques aéreos é descrita da seguinte maneira:

Submetida a inexorável controle nazista, demonstrou resistência surpreendente ao terror e às privações causadas pelos respectivos ataques aéreos, à destruição de seus lares e de seus bens e às condições de vida a que foi reduzida. Seu moral, sua crença na vitória final e sua confiança em seus líderes diminuiu; continuaram, porém, a trabalhar eficientemente enquanto havia meios materiais de produção. Não se pode subestimar a força que um estado policial exerce sobre sua população." (47).

"A horrorosa experiência de Hamburgo, na Segunda Guerra Mundial, poderá dar uma pálida idéia do que significa tal holocausto. Os bombardeios ingleses destruíram num reide de pesadelo, em 1943, usando uma mistura de bombas explosivas e de bombas incendiárias toda a cidade. O ataque provocou uma tempestade de incêndios. A temperatura nas ruas subiu a quatorze mil graus Fahrenheit, queimando todos os que foram surpreendidos à superfície da terra; lá em baixo, nos abrigos subterrâneos, vítimas sem marca no corpo morreram às centenas, pelos efeitos do calor e do envenenamento produzido por gases de monóxido de carbono. Durante esse reide aéreo, foram massacradas sessenta mil pessoas. Dos habitantes de Hamburgo, pode dizer-se que só escaparam, na realidade, os que tiveram tempo para fugir e que se lembraram de procurar os lugares mais abrigados de toda a cidade ou, então, como sucedeu na maioria dos casos, fora dela." (48).

"Uma vez a rendição feita, tiveram-se provas consideráveis de que os senhores da guerra dos Aliados chegaram a deleitar-se com o massacre. Os fiéis fanáticos do poder aéreo tiveram de provar, fosse a que preço fosse, a veracidade de sua tese, de que só o bombardeio poderia fazer vergar a grande nação e, assim os vôos sobre a Alemanha foram organizados com fúria crescente contra os centros da popu-

lação civil, nos quais os alvos militares eram mínimos. Nos últimos dias da guerra na Europa, quando o sistema nazista já estava obviamente destruído, realizaram-se ataques aéreos esmagadores contra as cidades de Augsburgo, Bochum, Leipzig, Hagen, Dortmund, Oberhausen, Schweingurt e Bremen. Estas cidades, como o Departamento de Bombardeio Estratégico dos Estados Unidos mais tarde reconheceu, só contribuíam com percentagens ínfimas para a produção total alemã. Em todas elas só existiam três grandes fábricas: a fundição de aço de Dortmund e as fábricas de aeroplanos de Bremen e Leipzig. Cada uma delas constituía um alvo específico que poderia ter sido bombardeado separadamente, mas em todos os casos foi a cidade, não a fábrica, que se tornou o objetivo do ataque..."

A guerra foi isso, ao estilo da Segunda Guerra Mundial. Os exércitos já não se contentavam em lutar apenas entre os exércitos; procuravam a morte e a destruição de toda a população. Todavia, na primeira fase, ainda não nos tínhamos tornado tão calejados, que não reconhecemos que esse novo conceito apresentava um problema moral. Discutimos calmamente a destruição de milhões de pessoas, como se isso pouco mais fosse que um exercício de semântica.

Mais do que outro qualquer acontecimento que tenha tido lugar nos tempos modernos, essa mudança radical da guerra para o extermínio coletivo inverteu todo o curso da história humana...

A decisão vital foi tomada em 1945; os generais indicavam calmamente as cidades que deviam morrer, e só os mais ardentes idealistas sentiam uma enorme repugnância por aquele processo desumano. Fabricamos bombas incendiárias e mil bombardeios para fritar os japoneses em suas casas. Um ataque aéreo a Tóquio incinerou aproximadamente cento e vinte e cinco mil pessoas. Outro quase cem mil. Estabeleceu-se, assim, um precedente. Quando o massacre numa escala tão horrorosa foi aceito como fato de guerra, que diferença poderia haver entre a

destruição lenta e incendiária das bombas de *napalm* e a energia diabólica do átomo desintegrando-se em poucos segundos?" (49).

Se realmente destruidores e desumanos bombardeios aéreos fossem suficientes para ganhar uma guerra, ou mesmo apressar uma vitória, a guerra do Vietnã de há muito já teria sido ganha pelos Estados Unidos, sem que o Presidente Nixon se visse forçado a mandar seu assessor particular, Henry Kissinger, entrar em entendimentos secretos com o Governo do Vietnã do Norte para que seu país saísse daquele atoleiro o menos enlameado possível.

A INVASÃO DA NORUEGA

O ENCOURAÇADO de bolso "Graf Spee" fazia a guerra de corso no Atlântico, afundando navios ingleses; as respectivas tripulações eram aprisionadas e depois transferidas para o carqueiro alemão "Altmark", que o acompanhava na aventura. Depois do afundamento daquele vaso de guerra, o "Altmark", com sua lotação quase completa, rumou para a Alemanha, levando a bordo cerca de quatrocentos prisioneiros ingleses. Mas, ao chegar nas costas norueguesas foi ele avistado e perseguido por um navio de guerra inglês. Para evitar a captura, entrou em águas da Noruega, onde um navio de guerra desse país, exigindo respeito às suas águas, neutras, barrou a perseguição.

Informado do ocorrido, o Almirantado britânico deu ordem aos navios ingleses para invadirem as águas norueguesas e libertar os prisioneiros a qualquer preço, o que foi imediatamente cumprido.

A Alemanha, então, protestou energicamente contra a passividade do Governo norueguês ante o assalto a um navio alemão desarmado, dentro de um porto da Noruega, sem que ele tomasse outra atitude senão a de um morno protesto junto ao Governo inglês. As relações entre a Alemanha e a Noruega se estremeceram e no dia 9 de abril as forças alemãs a invadiram, ocupando Oslo e vários portos noruegueses, inclusive o de Narvik.

Chamberlain, na Câmara dos Comuns fez, então, um discurso otimista, declarando que Hitler havia tomado um bonde errado e determinou que forças seguissem para a Noruega, a fim de libertá-la. O telégrafo não se cansava de anunciar vitórias dessas forças contra o in-

vasor alemão, mas no fim de pouco tempo elas foram obrigadas a sair da Noruega e, no dia 10 de maio foi Chamberlain quem caiu do bonde, sendo substituído por Churchill, que passou a ocupar-lhe o lugar, acumulando com o de Ministro da Guerra.

O Rei Haakon fugiu para Londres e o Governo passou a ser chefiado pelo político de tendência nazista Vidkun Quisling. Ora, quem é contra a Inglaterra e sua política é traidor, e o nome de Quisling passou a ser sinônimo de traidor!

A Inglaterra recebia o excelente ferro sueco pelo porto de Narvik; era-lhe, portanto, de vital importância a retomada desse porto e da estrada de ferro que o liga à Suécia, pelo norte da Noruega. Por seu lado, a Alemanha recebia o mesmo ferro pelo sul desse país, durante todo o inverno, pois que o Báltico fica, praticamente, intransitável na sua parte norte durante esse período. Assim, ambos os contendores tinham o máximo interesse em cortar esse indispensável material de guerra, que se escoava para a parte contrária.

A Noruega estava, portanto, fadada a ser invadida por um ou outro dos contendores e, hoje, sabe-se que a sua invasão pela Alemanha apenas precedeu de alguns dias à projetada pela Inglaterra, esta sob o pretexto de defender a Finlândia da "covarde agressão russa".

Nesse episódio, a estória do toma-não-toma Narvik dos alemães, até o final da guerra, chegou a tornar-se cômica.

A INVESTIDA CONTRA A FRANÇA

A ENERVANTE modorra de oito meses na frente ocidental teria sido imaginada por Hitler, na esperança de conseguir uma paz razoável, ou uma atitude tática objetivando inesperado ataque às posições inimigas? Na opinião de um comentarista de guerra brasileiro, essa era a tática do General Gamelin, pois quando, repentinamente, em maio de 1940, as forças alemãs invadiram a Bélgica e a Holanda para atacarem a França, ele escreveu que os alemães haviam finalmente caído na ratoeira que pacientemente lhes havia preparado aquele notável estrategista francês. Fiquei perplexo ao saber que um comentarista de guerra, aqui, no Brasil, estivesse tão bem informado a respeito dos planos de guerra do General Gamelin, enquanto o ingênuo Estado-Maior Alemão disso nem desconfiasse.

O autor do plano da fulminante investida contra a França foi um desconhecido general alemão, que havia comandado uma divisão motorizada alemã durante a invasão da Polônia, chamado Heinz Guderian, que mais tarde tão célebre se tornou. Esse plano era de tal maneira audacioso que o Estado-Maior Alemão relutou em considerá-lo, até que, por insistência de seu autor, foi ele apresentado a Hitler. Este acabou por aprová-lo, apesar das apreensões de alguns dos membros do Estado-Maior.

Consistia esse projeto em não procurar matar ou fazer prisioneiros, mas, sim, em deslocar, aterrorizar e confundir toda a retaguarda inimiga e provocar o pânico no povo e no Governo. E assim aconteceu.

No dia 10 de maio iniciou-se a ofensiva contra a França. Cinco dias depois, Paul Reynaud telefonou a

Churchill admitindo que a França já se considerava derrotada. Este o encoraja e, no dia seguinte voa para Paris, onde lhe informam que os alemães eram ali esperados dentro de poucos dias e, portanto, a evacuação já estava sendo preparada.

Na corrida do Exército alemão para atingir o Canal da Mancha, as forças inglesas, no continente, foram encurraladas em Dunquerque e estavam prestes a ser destruídas ou aprisionadas quando Hitler, inopinadamente, determinou que os alemães fizesse alto. Os generais alemães, estarrecidos, obedecem, sem compreender tão insólita atitude e para a qual até hoje não se encontra uma explicação razoável. Supõe-se que Hitler tivesse a convicção de que, vencida a França, a Inglaterra não oporia obstáculos em entrar em entendimentos com a Alemanha, para a conclusão de uma paz negociada e, por isso, não era conveniente impor-lhe uma desastrosa e humilhante derrota. O célebre vôo de Rudolfo Hess à Inglaterra parece corroborar essa versão. Tal hipótese, se verdadeira. foi, porém, enganadora e Hitler aí perdeu a guerra, muito provavelmente já ganha.

O fato é que os ingleses, que já consideravam todo o seu corpo expedicionário perdido, conseguiram, em brilhante e arrojada operação, transladá-lo quase todo para a Inglaterra. Cerca de 337.000 homens, dos quais 110.000 franceses, escaparam do aprisionamento, deixando apenas todo o material de guerra em mãos do inimigo. Com esse feito, as trombetas da propaganda procuraram minimizar a derrota sofrida.

O Exército alemão continuou o seu veloz avanço em direção ao Canal da Mancha e de Paris. No dia 11 de junho o governo francês transferiu a capital do país para Tours e logo depois para Bordéus. Mussolini, num deselegante gesto e com geral indignação, declarou guerra à França já vencida.

Um mês depois de iniciada a campanha, a França, inegavelmente o país mais simpático do mundo, com assombro e geral consternação, registra em sua história a mais vergonhosa e inconcebível derrota conhecida em todos os tempos!

Eis como se desenrolou o plano do General Guderian, segundo o triste relato de um coronel francês:

"O Exército francês não é mais do que um andarilho estafado; os homens sem mochila e, por vezes, sem fuzil. Cada dia dezenas de milhares de combatentes são feitos prisioneiros. Basta um ou dois carros para provocarem o pânico na massa armada ou não. As populações apavoradas vêem passar essas levas se arrastando, por vezes ainda agrupadas, com aspecto de bando, apoiado em bastão, espécie de peregrinos de uniforme! Sob o grito: "Eles vêm aí?" e com a confirmação "aderem, entrando logo atrás!... E as vilas, os povoados se esvaziam para seguir os soldados." (50).

O governo de Paul Reynaud, cujo gabinete é chefiado por Daladier e que havia atrelado a França aos interesses da política inglesa, foge e entrega o país ao velho Marechal Pétain, para que troque sua gloriosa coroa de herói nacional pela de traidor da pátria, a fim de salvar a nação do completo naufrágio, ou daquilo que dele restasse. Este tem a incrível grandeza de aceitar o encargo, dizendo:

"É impossível ao Governo, sem emigrar, sem desertar, abandonar o território francês. Seu dever é, aconteça o que acontecer, permanecer no país. Eu declaro, no que me concerne, permanecer no país e recuso a deixar o solo metropolitano. Ficarei com o povo francês para participar de suas penas e misérias." (51).

Recebe como prêmio o escárnio do resto do mundo e é condenado à morte por aqueles que não tiveram a sua grandeza!...

Em 17 de junho, o Marechal Pétain dirige ao povo francês, através do rádio, a seguinte comunicação:

"Nosso Exército cumpriu seus deveres ao lado dos aliados... É com o coração amargurado que vos digo, hoje, que se torna preciso tentar cessar o combate. Enderecei-me, na noite passada, ao adversário, perguntando se está disposto a procurar, comigo, como soldado, após a luta e dentro dos padrões de honra, os meios de pôr termo às hostilidades." (52).

O armistício com a Alemanha foi assinado no dia 22 de junho de 1940, em Rethondes, no mesmo vagão de estrada de ferro em que fora assinado o de 1918. Dois dias depois foi também concluído o armistício com a Itália, e na Inglaterra houve uma grita geral contra a chamada "traição" de Pétain.

Na Alemanha, a fulminante derrota da França foi recebida com espanto e delirante alegria, julgando todos que a guerra estava praticamente terminada, e Hitler fez a seguinte proclamação:

> "Povo alemão, teus soldados, em seis semanas e num combate heróico, terminaram a guerra no Oeste contra um valente inimigo. Seus altos feitos entrarão na História como a vitória mais gloriosa de todos os tempos. Agradecemos humildemente a Deus por essa graça. Ordeno que todo o Reich seja engalanado durante dez dias e que os sinos sejam plangidos durante sete dias!"
>
> "Raramente se viu, com efeito, vitória tão rápida e assim tão total! A quatro de julho, o Comando alemão anuncia deter 1.900.000 prisioneiros franceses e ter capturado o valor do armamento completo de 55 Divisões! E essa vitória fora incrivelmente pouco custosa para a Alemanha. Em vez dos 1.700.000 mortos da primeira guerra mundial, perdera apenas 27.074 mortos e 18.384 desaparecidos." (53).

Mas a Inglaterra não se curvou, pois que, nessa altura dos acontecimentos, Churchill já contava como certa a entrada dos Estados Unidos na guerra, tal a atitude francamente hostil de Roosevelt contra a Alemanha, por estar convicto de que uma vitória alemã na guerra da Europa punha em sérios perigos a América do Norte. Aliás, a parcialidade dos Estados Unidos ficou logo evidenciada com a suspensão de embargo de venda de armamentos aos beligerantes, em 28 de outubro de 1939, o que provocou protesto do governo alemão e grande regozijo na Inglaterra. Posteriormente, houve a troca de cinqüenta destróieres americanos por bases navais na Terra Nova,

no Atlântico Norte e, em 11 de maio de 1941, Roosevelt conseguiu que o Congresso aprovasse a famosa Lei de Empréstimos e Arrendamentos. (54).

Não fossem esses três atos, a Inglaterra não teria condições de continuar a guerra; eles devem ser considerados, portanto, como a verdadeira entrada dos Estados Unidos na guerra, sem, entretanto, correr seus riscos.

Logo depois da queda da França, Churchill ordenou ao Almirante Sir James Somerville que atacasse os vasos de guerra franceses que se encontravam ancorados nos portos africanos de Oran e Mers-el-Kebir, apesar das garantias que o governo francês de Vichy e o Almirante Darlan haviam dado, assegurando que a esquadra francesa não seria entregue à Alemanha, sob pena de ser metida a pique. O Almirante Somerville cumpre a ordem, classificando-a de "operação infame, de tarefa suja e de o maior erro dos tempos modernos." (55).

Ante esse covarde procedimento, onde morreram 1.297 franceses, o Governo do Marechal Pétain rompeu suas relações com a Inglaterra.

A ocupação francesa do Canal da Mancha pelos alemães provocou o pânico na Inglaterra, que aguardava para breve o assalto das tropas alemãs. Todo o povo foi mobilizado afanosamente para a abertura de trincheiras, construção de cercas de arame farpado e outros obstáculos para enfrentar a possível invasão. Os suspeitos de simpatias pelo comunismo ou pelo fascismo, ou mesmo aqueles que se mostravam contrários à guerra, foram presos e encarcerados, ou enviados para terríveis campos de concentração. Os dois trechos abaixo mostram como foi violenta a repressão desses suspeitos:

> "Um internado, judeu alemão refugiado, que anteriormente estivera internado em Dachau, declarou que as condições do Campo de Concentração de Ascot eram tão piores do que na Alemanha, que preferia passar seis meses em Dachau do que um em Ascot."
>
> "O Sr. P. C. Loftus apresentou na Câmara dos Comuns o caso de um homem que foi preso por ser membro da União dos Fascistas Britânicos de Sir Oswald Mosley. Sua história era a seguinte: "Possuía uma lancha e estava no Tâmisa no momento

da retirada de Dunquerque, quando foi feito o apelo pelo rádio. Apresentou-se como voluntário e salvou cerca de 450 homem, ficando sua embarcação crivada de balas de metralhadora. Ao voltar para a Inglaterra, foi preso." (56).

Ninguém tem o direito de pôr em dúvida o caráter do povo inglês, a inabalável determinação na defesa dos princípios que julga acertados ou que a ele interessam, na bravura de seus soldados, evidenciada em todos os campos de batalha em que atuam, mas, daí a fazer tanto alarde a respeito de uma presumida e famosa "Batalha de Londres", vai uma grande distância. A invasão da Inglaterra não se efetuou e, portanto, não houve batalha nenhuma, salvo as incursões da aviação inimiga em revide aos bombardeios das cidades alemãs e, quando no fim da guerra, as bombas voadoras V-1 e V-2, atiradas do continente.

Em que época, então, houve essa famosa batalha a que, com tanto orgulho, continuamente se refere a imprensa?

Se não estou mal informado, as únicas capitais européias onde houve encarniçadas batalhas durante a guerra foram Berlim e Varsóvia, porquanto na guerra, batalha significa o encontro, geralmente sanguinolento, entre duas forças inimigas.

Durante todo o tempo da ocupação da França, os alemães mantiveram para com os franceses uma atitude tão correta quanto é possível exigir-se de uma ocupação militar, conforme se pode observar pelo seguinte relato:

> "Cette guerre aura été "drôle" jusqu'au bout.
>
> Drôle par l'inaction complète et inexplicable des premiers mois d'hostilités.
>
> Drôle par les paroles courtoises, aimables même, que la radio ennemie n'a cessé de prodiguer aux Français.
>
> Drôle (oh! combien douloureusement) par l'attaque et l'avance fulgurante de l'adversaire qui, en six semaines, a envahi près des deux tiers de notre territoire.
>
> Drôle, enfin, par le comportement de nos ennemis. De leur part, pas de bravades, pas de morgue,

pas de moquerie. Il est même difficile de discerner sur leurs visages cette satisfaction (qu'ils doivent pourtant goûter intense) d'être victorieux et d'occuper Paris.

Ainsi pour nous, prisonniers Parisiens, rien n'est changé, abstraction faite de la profonde douleur morale.

L'on travaille, mange et dort tranquillement et aux heures habituelles. Le Parisien peut s'asseoir à la terrasse d'un café, aller au cinéma (en vérité rares), faire un tour sur les boulevards ou dans les jardins publics.

Etre prisonniers dans ces conditions n'exige nul courage, nul héroisme.

Oui, drôle de guerre, mais aussi drôles d'ennemis; et l'on se demande si les sentiments qu'ils nourrissent envers les Français correspondent bien à l'attitude — sûrement de command — qui, jusqu'ici a été la leur." (57).

Quão diferente foi, entretanto, a conduta dos franceses durante a *liberation* de Paris, quando as tropas americanas se aproximaram da cidade! Os soldados alemães foram caçados como se fossem animais selvagens e barbaramente espancados; os franceses, que acreditavam na vitória da Alemanha e com os alemães colaboraram, foram submetidos a terríveis maus-tratos, surrados e sofreram os mais insultuosos vexames; os jornais que haviam mostrado simpatias com a causa nazista e contra a comunista, foram obrigados a substituir seus tradicionais nomes por outros!

Na marcha dos Aliados sobre Paris, Hitler ordenou que a defendessem a qualquer preço, o que significava a destruição de suas famosas pontes e da maior parte de suas numerosas obras de arte. O comandante alemão da cidade, General von Choltitz, não obedeceu a tal ordem. Ambos tinham razão de assim proceder. O primeiro, porque evidentemente não podia ter mais carinho por Paris do que por Berlim, Hamburgo, Dresden, Colônia, Dusseldorf e outras numerosas cidades alemãs já quase destruídas por bombardeios aéreos, além de acreditar, ainda, na vitória da Alemanha; o segundo, por saber que defender Paris, seria provocar sua destruição, coisa que jamais a

História perdoaria aos alemães, além de já ter perdido a esperança de uma vitória de seu país. Optou, então, pela solução de fechar suas tropas em palácios e monumentos públicos, sem fazer grande resistência à insurreição, que se alastrava pelo povo, até que, em 25 de agosto, as forças do General Leclerc, com seus tanques, entraram na cidade e von Choltitz capitulou e foi feito prisioneiro.

E foi assim que Paris foi salva e libertada.

O MARECHAL PÉTAIN

HEROÍSMO e traição são termos lindeiros. Ninguém demonstra melhor essa axiomática verdade do que a vida do Marechal de França, Henri Phillippe Pétain, herói nacional por ter defendido Verdun e salvo Paris, à custa de 250.000 vidas de franceses, em 1916; traidor por ter evitado a berlinização de Paris, a morte e o cativeiro de milhões de seus compatriotas, em 1940, e com isso facilitado a vitória dos Aliados no segundo conflito mundial, como já o fizera no primeiro.

Admitir-se que Pétain, Marechal de França, com o laurel de uma coroa de herói conquistada nos campos de batalha, fosse qual fosse o motivo, se tornasse um traidor da pátria, é simplesmente inconcebível. Muito ao contrário, o amor por sua pátria foi tão sublime que não hesitou em trocar aquela gloriosa coroa pelo injusto e ignominioso título de traidor, a fim de defendê-la, conforme fez. A História não registra nenhum outro tão excelso sacrifício!

Em 1939, Pétain, com 83 anos de idade, era Embaixador de França junto ao Governo de Madri, quando, em maio do ano seguinte a França foi invadida pelos exércitos alemães, o então Chefe do Gabinete francês, Paul Reynaud, o chamou para junto de si.

Nessa ocasião, cinco milhões de soldados franceses e ingleses recuavam desordenadamente diante da *blitzkreig* de cem mil alemães precedidos por cinco mil tanques e dois mil aviões.

No dia 27 de maio, o Exército belga capitulou e o Rei Leopoldo foi ridicularizado, considerado pusilâmine e traidor, em oposição à atitude mantida por seu pai, o Rei

Alberto, cognominado o "Rei Soldado", no conflito anterior.

O avanço das tropas alemãs em território francês estarreceu o mundo e, um mês antes da festa nacional comemorativa da tomada da Bastilha, os alemães entraram em Paris, proclamada por Pétain cidade aberta. O Governo chefiado por Paul Reynaud fugiu para Bordéus e demitiu-se. Recaiu, então, sobre os ombros do Marechal Pétain o pesado encargo de salvar a França do resto do naufrágio a que a inépcia de seus governantes e a incapacidade de chefes militares a levaram.

O velho Marechal, imolando-se para aliviar os sofrimentos de sua pátria, conforme declarou ao aceitar a terrível incumbência e, de acordo com o assentimento dos chefes militares, dirigiu-se ao inimigo e solicitou armistício. Imediatamente foi considerado pelos Aliados e por aqueles que levaram a França à maior e a mais humilhante derrota de sua história como traidor!...

Quando Pétain solicitou o armistício firmado em 26 de junho, a possante voz de Churchill, para quem pouco importava a vida dos franceses, o declarou traidor da causa aliada. Após o armistício e durante todo o seu Governo em Vichy, Pétain resistiu o quanto pôde às crescentes exigências dos alemães; recusou-se a declarar guerra à Inglaterra, mesmo quando ela bombardeou estupidamente a esquadra francesa ancorada nos portos africanos de Oran e de Mer-el-Kabir, apesar de ela se ter negado terminantemente a entregar-se aos alemães.

Após o desembarque dos Aliados na Normândia, iniciou-se a nova batalha da França e, em agosto de 1944, Pétain e Laval foram presos e levados para a Alemanha, o que prova exuberantemente que eles não eram favoráveis nem aliados desse pais.

Logo depois da derrota da Alemanha, Pétain, voluntariamente voltou à França, através da Suíça, para constituir-se prisioneiro e ser submetido a julgamento pelo Governo dirigido pelo General Charles De Gaulle, sabendo perfeitamente, naquela atmosfera de paixões, qual seria o resultado.

O nobre gesto desse ancião de 89 anos de idade, que poderia ter-se asilado na Suíça, ao desejar sorver o cálice da amargura até a sua última gota, mostra a rigidez de seu caráter, para que ficasse bem acentuado o seu

martírio, a fim de que, em futuro, a História reconhecesse e bem alto proclamasse o seu acendrado e sublime patriotismo.

Em sua dramática defesa parece ter-se preocupado mais com os seus julgadores do que com sua própria pessoa. Negou qualidade à Corte Suprema organizada para julgá-lo, porque ela não representava o povo francês para decidir sobre a conduta de um Chefe de Estado que esse mesmo povo havia buscado para defendê-lo no dia mais trágico de sua história. Disse que não fora ele o autor da catástrofe, mas, sim, o herdeiro da catástrofe provocada por aqueles que se escudaram em seu nome para fugir das responsabilidades; que o armistício foi pedido de acordo com a opinião dos Chefes militares, por reconhecerem a inutilidade de sacrificar vidas de centenas de milhares de franceses; que assim agindo, ele nada mais fizera do que cumprir um dever necessário para a salvação de todos; que sua consciência estava perfeitamente tranqüila, porque a posteridade lhe faria justiça, se essa justiça ali lhe fosse negada.

Foi condenado à morte por crime de traição, mas teve a sentença comutada pela pena de prisão perpétua.

Em 29 de junho de 1951, nonagenário, alquebrado e doente, o General De Gaulle, receoso que ele morresse na prisão da ilha de Yeu, o libertou. Vinte e quatro dias depois, faleceu Henri Phillippe Pétain, Marechal de França, imagem viva e imortal de um belo e voluntário sacrifício de honra pela Pátria.

Pétain e Pierre Laval deviam ter transferido o Governo da França para a África do Norte, para lá continuar a luta contra o invasor, conforme desejava Churchill. E a França Metropolitana como ficaria? Evidentemente, sob o completo domínio dos alemães que, juntamente com os italianos, esmagariam a ferro e fogo qualquer resistência que se lhes opusesse.

Os alemães chegariam às margens do Mediterrâneo; a Espanha, voluntariamente ou não, alinhar-se-ia ao Eixo Roma-Berlim; a fortaleza de Gilbraltar seria tomada em poucas horas e o estreito fechado e, em breve Suez teria a mesma sorte. Com o completo domínio do Mediterrâneo todo o sul da Europa, o norte da África e o Oriente Médio, com suas jazidas petrolíferas, estariam em poder dos alemães e dos italianos. Logo depois, chegaria a vez de Por-

tugal e dos arquipélagos dos Açores e das Canárias, muito mais fáceis de serem tomados do que a ilha de Creta, e todo o abastecimento da Inglaterra estaria prejudicado.

E não se diga que esse plano, aliás defendido por alguns generais alemães, era irrealizável nessa ocasião. Basta lembrar que os Estados Unidos ainda não haviam entrado francamente na guerra e que a Inglaterra estava mais preocupada com a defesa de seus próprio território de uma possível invasão alemã do que socorrer os franceses no Norte da Africa. E, mesmo depois que os Estados Unidos, como todo o seu poderio, entraram realmente na guerra, muito trabalho e só a muito custo os Aliados conseguiram expulsar o *Afrika-Korpus da Africa.*

Teria a guerra sido terminada como terminou, sem a "traição" do Marechal Pétain e de Pierre Laval? Ingênuo é quem assim pensa. E não teria sido melhor para a humanidade se ela tivesse sido terminada de outra forma?

Mandam, portanto, a lógica e a justiça que se afirme que ninguém concorreu mais para a vitória dos Aliados do que o Marechal Pétain e Pierre Laval.

Não foi Pierre Laval o autor do armistício, mas apenas o encarregado de executá-lo. Foi fuzilado por cometer o monstruoso crime de acreditar, como quase a totalidade do povo francês, que a sorte da Inglaterra seria a mesma que a da França. Enfrentou galhardamente as doze balas do pelotão da morte, para que pagasse com a vida o crime de ter sido vencido, como aconteceu a tantos outros.

Os restos mortais desses dois franceses repousam em sepulturas quase anônimas mas, talvez, um dia, serão transladados para o Panteon.

O temperamental General Charles De Gaulle, que se revelou um dos maiores políticos franceses dos últimos tempos, não concorreu para a derrota da França mas, também, não foi ele quem a libertou, como pretende o orgulho francês. Ele a recebeu já praticamente libertada pelos exércitos anglo-americanos para, em Paris, depois de lá terem entrado as tropas do General Leclerc, ele dirigir-se da Praça da Concórdia ao Arco do Triunfo e ser aclamado pela multidão delirante de alegria, por toda a extensão da Avenida dos Campos Elíseos, como se fosse o verdadeiro libertador de seu país, dando, assim, ao povo

a agradável ilusão de ser a França libertada por um francês. E a antiga e bela Place d'Etoile, passou a chamar-se "Place Charles De Gaulle".

E isso, porque o orgulho francês não pode admitir que um dirigente da França se declare vencido, a fim de evitar que o país sofra as mais terríveis conseqüências. E por ter tido esse penoso, porém, magnífico gesto, Pétain, como bode expiatório, foi declarado traidor da pátria e os políticos que atiraram a França no abismo aclamados como grandes patriotas!

Pouco a pouco, porém, as paixões vão-se amainando. O Livro de Ouro junto ao túmulo de Pétain, na ilha de Yeu, já conta com perto de trezentas mil assinaturas de franceses e de seus admiradores que há vinte anos lá acorrem para levar-lhe flores e o preito de suas homenagens.

A ITÁLIA NA GUERRA

LOGO depois da Primeira Guerra Mundial, um dos países que mais se agitavam na Europa era a Itália. Sucediam-se as greves, o Governo se desmoralizava, a produção agrícola e industrial caía verticalmente, a lira desvalorizava-se, a inflação aumentava. A situação chegou a tal ponto que os navios das grandes companhias marítimas evitavam os portos italianos para neles não ficarem retidos à espera de que as freqüentes greves dos portuários terminassem. O povo estava cansado e desesperado de tanta anarquia.

Surge, então, Benito Mussolini, uma das figuras mais extraordinárias deste século. Filho de um ferreiro e de uma professora primária, intoxicado pelas idéias marxistas-anarquistas, um tanto confusas, do pai, sem profissão e domicílio definidos, tornou-se um assíduo freqüentador das prisões. Foi para a Suiça, onde trabalhou por algum tempo como ajudante de pedreiro; desempregado, passou fome, sendo preso quando dormia sob uma ponte, em Lausanne; foi expulso do país como vagabundo. em 1904. Foi para a Austria, onde também foi preso e pelo mesmo motivo deportado. Voltou para a Itália e ingressou no partido socialista e fez o serviço militar. Mas quando a Itália entrou na guerra, ao lado dos Aliados, repudiou o partido socialista e tornou-se nacionalista ferrenho. Na guerra foi promovido a cabo e, em 1917, foi ferido pela explosão de um morteiro, que manejava.

Finda a guerra, dedicou-se ao jornalismo e fundou o jornal "Avanti", em Milão, cuja veemência de linguagem conclamava o povo para a formação de um partido de união nacional, que denominou "Fascista", destinado

a combater o caos em que se debatia o país. Em breve tornou-se uma das figuras mais conhecidas e discutidas da Itália.

Encorajado pelo apoio popular, em 1922, fez a sua célebre Marcha sobre Roma a fim de se apossar do Governo, como de fato, se apossou, para tornar-se o indiscutível ditador da Itália que, com sua eloqüência teatral, muito do agrado do povo italiano, e com mão de ferro, logo restabeleceu a ordem e o respeito em todo o país.

Mas a Itália, com sua enorme população de agricultores sobre um solo pobre, tinha fome de terra. Mussolini, aproveitando-se da enfraquecida Turquia, atacou e apoderou-se da Líbia. Não contente com isso, quis atacá-la uma segunda vez para roubar-lhe a Tunísia, mas recuou ante a atitude da Rússia.

Mussolini sonhava em dar ao Exército italiano as antigas glórias das legiões romanas. Para tanto, precisava apagar a humilhação de duas grandes derrotas por ele sofridas: a que lhe infligiu o célebre Menelik, Imperador da Etiópia, na batalha de Adua, travada em 1896 e a que lhe foi imposta em Caporeto pelo Exército austro-alemão, quase ao findar da Primeira Guerra Mundial.

A Itália precisava expandir-se por necessidade de terras e de glórias, mas atacar qualquer país da Europa era procurar derrota certa. Ela não dispunha do Atlântico onde, aliás, já praticamente tudo havia sido ocupado por potências européias mais fortes. Assim, só lhe restava o Mediterrâneo para um possível avanço sobre a África e, nesta, a Abissínia, cuja situação geográfica e pobreza a haviam posto ao abrigo de ser "civilizada" pela Europa.

A Abissínia havia entrado para a Liga das Nações em 1923, tendo a Inglaterra e a Itália como madrinhas. Dois anos depois essas madrinhas quiseram dividi-la em suas respectivas zonas de influência mas, ante os protestos de seu representante junto àquela instituição, tal objetivo não conseguiram e, em 1928, a Itália firmou com ela um tratado de amizade e de arbitragem.

Em 1934, porém, um destacamento italiano vindo da Líbia invadiu o território abissínio; intimado a sair, não obedeceu, havendo, então um sangrento encontro armado. Era o que Mussolini esperava e um ultimato ina-

ceitável foi dirigido a Addis-Abeba e a guerra de conquista foi iniciada em outubro de 1935, com a aviação, os tanques e as metralhadoras italianas investindo contra os obsoletos armamentos dos abissínios.

O Japão já havia invadido a China, sem que a Liga das Nações lhe aplicasse qualquer sanção, além de uma reprimenda, que o fez, julgando-se ofendido, abandonar aquela organização. Mussolini esperava que o mesmo acontecesse com a sua agressão à Abissínia mas, por instâncias da Inglaterra e da França, as sanções foram decretadas, porém de maneira tão suave que pouca importância tiveram para impedir que o Marechal Badoglio, no dia 3 de maio de 1939, desfraldasse a bandeira italiana em Addis-Abeba. O Négus encaixotou a sua coroa e seus haveres e fugiu para Londres, a bordo de um navio inglês.

A conquista foi consumada e o Rei Victor Emanuel, dois dias depois, proclamou-se Imperador da Etiópia, mas não foi assim reconhecido pela maioria dos países, o que muito enfurecia Mussolini, principalmente contra a Inglaterra, sempre defensora da liberdade dos povos... quando o conquistador não fosse ela.

Em 1941, com a expulsão dos italianos da África, o Négus, Hailé Salassié, foi reconduzido pelos ingleses ao velho trono do Leão de Judá.

A pequena Albânia era governada por Zogu, misto de rei e de bandido. País pobre, de agricultura atrasada, vivia praticamente de expediente, ora cortejando a Itália, ora a Jugoslávia para obter ajuda e empréstimos.

Mussolini já bastante despeitado com os êxitos da perigosa política de Hitler, que o relegava para segundo plano, no âmbito internacional, quis também aparecer em cena e, na sexta-feira santa de 1939, "corajosamente" invadiu aquele pequeno e fraco país. O ataque foi tão rápido e inesperado que mal deu tempo à Rainha Geraldine, que ainda guardava o leito em resguardo de recente parto, de, em companhia do Rei, fugir para a Grécia, num Pacard que Mussolini lhe havia presenteado como padrinho de casamento que fora, um ano antes. E as tropas italianas entraram triunfalmente em Tirana!...

Quando o Exército alemão invadiu a Polônia, a Inglaterra e a França logo declararam guerra à Alemanha. A Itália, como sua aliada, porém, aguardou prudentemente os acontecimentos para definir-se. Assim, só depois que

viu a França derrotada e julgando que as armas nazistas seriam vencedoras, é que resolveu entrar no conflito atacando este país, aliás, sem nenhum êxito, pois que o General Orly, com forças muito inferiores, barrou-lhe o caminho.

Mussolini vendo-se assim numa situação quase vexatória em face dos espetaculares êxitos de Hitler, resolveu sair da forçada penumbra em que se achava e, em 28 de outubro de 1940, sem qualquer motivo plausível, investiu contra a Grécia. Foi um desastre e, em pouco tempo, os Exércitos italianos colecionavam derrotas nas montanhas gregas. Hitler viu-se obrigado a correr, através da Jugoslávia, em socorro do parceiro e derrotou o Exército grego, apesar de, nessa ocasião, já ele se achar reforçado por forte corpo expedicionário inglês.

No norte da África, também os italianos encontravam-se em sérios apuros, até que Rommel, o comandante da célebre "Divisão Fantasma" na França, ali chegou com o seu *Afrika-Korpus*, tornando aquela região um dos mais excitantes teatros da guerra, com os seus fluxos e refluxos.

A Itália, com a grande extensão de suas costas marítimas e a pouca capacidade combativa de seu povo, não constituiu grande ajuda para a Alemanha, pois em toda parte onde o Exército italiano atuava, os alemães precisaram correr em seu auxílio. Aliás, o povo italiano, como a maioria dos latinos, simpatizava muito mais com a França do que com a Alemanha.

Depois da derrota das tropas do Eixo na África, os Aliados invadiram a Sicília. Quinze dias após, uma revolução palaciana, encabeçada por aqueles que tudo deviam a Mussolini, o derrubou e o prendeu. O General Badoglio assumiu o Governo e, em 3 de agôsto de 1944, assinou um armistício com os Aliados. A Itália passava, assim, de aliada a inimiga da Alemanha, tal qual como na Primeira Guerra Mundial!

Mussolini foi encarcerado no topo de uma montanha, donde, por um espetacular golpe de mão dos alemães, foi libertado. Alquebrado e decepcionado com o seu povo, ainda tentou transformar a Itália numa república fascista para continuar lutando mas, finalmente, foi vencido e novamente aprisionado, quando tentava fugir para a Suiça.

E o grande herói da Itália, o homem que tinha retirado o país do caos e da desmoralização para torná-lo forte e respeitado, elevando-o a alturas nunca dantes atingidas no concerto geral das nações; o homem que tudo sacrificara para atingir esse objetivo, a ponto de não intervir contra o fuzilamento do Conde Ciano, seu ex-Ministro das Relações Exteriores, seu genro, o marido de Edda, sua filha dileta, o pai de seus netos; o homem que pouco tempo antes era delirantemente aclamado pela entusiástica multidão, que acorria à Piazza Veneza para ouvi-lo e aplaudi-lo; o homem admirado no mundo inteiro, ainda que nem sempre estimado; o homem de cujas idéias vários países se aproveitaram para modelar seus governos; o Duce acatado e respeitado em toda a Itália, em cujos grandes edifícios seus proprietários faziam inscrever, em enormes letras, bombásticas frases por ele pronunciadas, foi, depois de aprisionado e reduzido à impotência pelos seus próprio patrícios, covardemente assassinado e considerado vil traidor de sua pátria!...

Seu cadáver, juntamente com o de sua amante, Clara Petacci, e de alguns outros de seus colaboradores mais fiéis, também assassinados na mesma ocasião, foram levados para Milão, aquela mesma cidade cuja praça principal se enchia de compacta multidão para ouvi-lo e aplaudi-lo, onde, depois de pisoteados pelos populares e desfigurados por pontapés, foram ainda ignominiosamente dependurados pelos pés em um posto de gasolina!...

O principal autor da tétrica façanha, de pôr fim dessa maneira a uma das personalidades que, sem favor, foi uma das mais fortes e interessantes do século e de toda a história da Itália de todos os tempos, não podia deixar de receber o seu justo prêmio: foi eleito deputado da República por esmagadora maioria de votos do povo italiano e faleceu como senador!...

Foi uma pena que Hitler, cumprindo o seu juramento, tivesse posto fim à vida pelo suicídio, porque jamais o povo alemão, apesar de todas as desgraças que ele trouxe para a Alemanha, o teria tratado de modo semelhante.

Em abril de 1947, a Itália assinou em Paris um tratado de paz com seus antigos inimigos, no qual perdeu todas as suas colônias na África, além de algumas partes do seu território em favor da Grécia e da Jugoslávia.

OS ESTADOS UNIDOS NA GUERRA

DEPOIS da Primeira Guerra Mundial, a Europa ficou empobrecida e os Estados Unidos iniciaram seu vertiginoso enriquecimento; os banqueiros da "City" foram substituídos pelos da "Wall Street" e o dólar tomou o lugar da libra esterlina nas transações mundiais. O Tratado de Versalhes e a Liga das Nações foram rejeitados pelo Senado americano e o país se recolheu a uma política isolacionista.

Em fins de 1929, uma grave crise econômica lhe bateu às portas; o número de falências cresceu assustadoramente; milionários se viram, da noite para o dia, completamente arruinados; a quantidade de desempregados atingiu cifras alarmantes. Quase todos os países sofreram as conseqüências dessa enorme depressão econômica. Aos poucos, porém, essa crise, com suas repercussões pelo mundo, foi sendo superada e, ainda que de maneira lenta, o país tomou novamente a sua ascensão econômica sobre as demais nações.

A vitória do nazismo na Alemanha, libertando o país dos grilhões do Tratado de Versalhes e lhe trazendo um imprevisto desenvolvimento, começou a preocupar seriamente o Governo de Washington, por ver nisso um temível concorrente ao seu comércio internacional. Apesar disso, tendo em vista a vontade do povo norte-americano de se afastar de qualquer conflito que viesse a ocorrer na Europa, conforme já se prenunciava, dois anos depois da ascensão de Hitler ao poder, isto é, em 1935, o Senado americano aprovou uma lei que proibia a venda de armas de guerra a possíveis beligerantes, bem como prevenindo que o país não tomaria qualquer medida em defesa de

cidadãos norte-americanos que se arriscassem a viajar por mar em tempo de guerra, o que significava completa neutralidade face a qualquer conflito estrangeiro.

Mas, tão logo a guerra na Europa se desencadeou, o Presidente Franklin D. Roosevelt declarou que a vitória do nazismo punha em sérios perigos o progresso e a segurança dos EUA, e conseguiu do Congresso uma lei autorizando o país a vender armas de guerra aos beligerantes, contra pagamento à vista e com a condição de que tais armas fossem transportadas em navios dos compradores.

Ora, como a Alemanha estava impossibilitada de se aproveitar dessa vantagem, devido ao severo bloqueio marítimo a que fora submetida logo no início do conflito, evidentemente essa nova lei só foi promulgada para favorecer os seus adversários e, por isso, ela protestou energicamente contra a atitude parcial do Governo de Washington, protesto que não foi levado em consideração. E, assim, a indústria de guerra norte-americana começou a se desenvolver rapidamente.

Em fins de 1940, Roosevelt cada vez mais temeroso da vitória do nazismo, face à fulminante derrota da França, pediu ao Congresso que aprovasse uma lei em que lhe dava poderes para emprestar ou vender equipamentos de guerra a todos os países que ele julgasse convenientes para a defesa e segurança dos Estados Unidos. Por incrível que pareça, o Congresso, depois de demoradas discussões, em março de 1941, lhe conferiu tais poderes. Desse modo, senão nominal, mas de maneira solerte os Estados Unidos entraram na guerra contra a Alemanha, sem entretanto correrem o risco de perder vidas norte-americanas nos campos de batalha.

O suprimento de material bélico para os inimigos da Alemanha tomou, então, tal impulso que as indústrias de guerra do país e correlatas passaram logo a figurar em primeiro plano sobre as demais atividades nacionais, dando à nação crescente riqueza.

Conquanto os Estados Unidos, dessa data em diante, se tornassem verdadeiros associados da Inglaterra na luta contra a Alemanha, o papel que representavam era o de um simples sócio comanditário, isto é, sem voz ativa na conduta da guerra. E como quem paga é quem manda, tal papel não agradava à vaidade de Roosevelt, acostumado como estava e a ser obedecido.

Mas o povo norte-americano achava muito natural que o país se enriquecesse com o grande estímulo que suas indústrias recebiam em conseqüência do conflito europeu, porém, era contrário a que o país nele se envolvesse diretamente. Tornava-se necessário, portanto, que fosse provocado um incidente bastante grave e importante para que o povo modificasse essa atitude e clamasse pela entrada do país na guerra.

Roosevelt e seus conselheiros mais chegados disso se encarregaram. Para conseguirem tal coisa, já que a Alemanha se abstinha em provocar os Estados Unidos por qualquer ato hostil, para lhes dar o desejado ensejo de entrar francamente no conflito, apesar de sua afrontosa parcialidade a favor da Inglaterra, ao supri-la de armamentos e do material necessário para a continuação da guerra, Roosevelt virou-se, então, contra o Japão, aliado da Alemanha e da Itália, mas ainda mantendo-se neutro no conflito europeu. Dessa maneira, tal objetivo foi conseguido, e os Estados Unidos passaram, então, a ser os verdadeiros donos da guerra e Roosevelt o seu supremo condutor.

> "Como seu colega Winston Churchill, Roosevelt considerava-se um mestre em estratégia. Apreciava o título de Comandante-Chefe e tinha grande prazer em planejar e cartografar grandes operações com seus líderes militares. Como muitos oficiais civis graduados, tinha imensa satisfação em trabalhar com Generais e Almirantes em pé de igualdade. O Presidente Roosevelt e seus líderes militares dirigiam a guerra sem levar em conta os conselhos de oficiais do nível de gabinete ou de qualquer repartição política de alto nível ou coordenadora, como o Conselho de Segurança Nacional, para ajudar a formular os amplos objetivos bélicos nacionais que ultrapassavam a vitória militar. Como resultado disso, os militares andavam às tontas, sem uma idéia clara das metas bélicas gerais do governo.
>
> Com uma política aprovada de guerra ilimitada o Congresso estava também satisfeito em abdicar de suas responsabilidades de controle do exército nacional. Ele se sentia patrioticamente obrigado a dar o dinheiro e os recursos que os líderes milita-

res e o Presidente diziam necessitar. De acordo com a política de segredo de tempo de guerra, também era considerado imprudente o Congresso indagar especificamente sobre as estimativas ou planos militares. Ele confiava em Deus e no General Marshall para alcançar a vitória; e, assim, chegou-se ao fim da guerra com cerca de $50 bilhões de dólares de verbas não utilizadas e sem nenhuma política nacional de desmobilização após a vitória, sem planos de ocupação ou papéis para o poderio norte-americano no mundo de pós-guerra." (58).

"De todas as controvérsias que surgiram a respeito da forma como foi conduzida a II Guerra Mundial, nenhuma propiciou mais debates do que a relacionada com a direção do Presidente Franklin D. Roosevelt. Esta controvérsia gerou dois campos extremos e conflitantes entre si. Num deles temos o quadro de um Presidente que tropeçou na guerra, foi desastrado em sua direção e perdeu a paz. O outro mostra um Presidente que tendo sido levado para uma guerra que não desejava, exortou os homens livres de todo o mundo e conquistou uma vitória gloriosa apenas para morrer antes de poder colher todos seus frutos. Para um dos campos, Pearl Harbor foi uma conspirata cheirando a traição; a rendição incondicional, uma política desvairada; e Ialta, uma liquidação a preço de custo para os russos. Para outros, Pearl Harbor foi apenas uma conspiração de circunstâncias; a rendição incondicional um golpe de gênio; e Ialta, um marco de esperança e promissão nas relações internacionais. Algumas pessoas têm insistido que Roosevelt tinha um plano mestre e uma estratégia a seguir; outros têm argumentado que ele não tinha plano nenhum, e que "tocava de ouvido". Alguns têm afirmado que ele era somente um instrumento maleável de seus oficiais; outros declaram que seu estado-maior tornou-se um instrumento manipulado segundo sua vontade." (59).

Dizer que as duas grandes guerras européias só foram transformadas em mundiais porque os Estados Unidos da América nelas se envolveram, receosos de que as

vitórias da Alemanha nesses conflitos prejudicassem seus interesses econômicos, ainda hoje, apesar da evidência dos fatos e da publicação de velhos documentos secretos comprovarem a realidade, constitui afirmativa caluniosa, vigorosamente sustentada por uma intensa propaganda.

Em discurso de sua primeira campanha eleitoral, Franklin Delano Roosevelt disse: "Ao falar-vos, mães e pais, dou-vos outra garantia. Já vos disse anteriormente e quero repeti-lo agora e sempre: vossos filhos não serão enviados a nenhuma guerra estrangeira." (60).

Mas, ao estourar a segunda grande guerra européia, ele sustentou que uma vitória da Alemanha Nazista punha em perigo a segurança dos Estados Unidos e, imediatamente, começou a ajudar a Inglaterra procurando, assim, por todos os meios e modos, provocar um incidente com o Eixo Roma-Berlim-Tóquio, a fim de oficializar a franca entrada de seu país na guerra, conforme suas reiteradas promessas a Winston Churchill. (61).

No dia 8 de dezembro de 1941, seus desejos foram satisfeitos em Pearl Harbor, com incontida alegria de Churchill, e a guerra que até então era européia, isto é, estrangeira, passou a ser nacional, isto é, mundial, e Roosevelt seu supremo condutor. Mães e pais norte-americanos foram obrigados a mandar seus filhos combater na Europa, África e Ásia!

Nesse conflito, que se tornou então mundial, os fins políticos foram substituídos pelas animosidades pessoais. Rendição incondicional e a vitória a qualquer preço foi o lema defendido por Roosevelt e Churchill. Conseguiram e, em Ialta, construíram uma reprodução aumentada e melhorada de Versalhes. Neste, o nazismo necessitou de quinze anos para surgir; naquela, o nazismo foi aniquilado e imediatamente substituído pelo comunismo avassalador, para garantir a segurança e a paz dos Estados Unidos e do mundo. A época do sistema de ação unilateral, das alianças exclusivas, das esferas de influência e do equilíbrio de forças havia findado, conforme Roosevelt assegurou ao Congresso norte-americano...

O JAPÃO NA GUERRA

O JAPÃO é um país composto de ilhas de solo pobre, montanhoso e incapaz de produzir os alimentos necessários para sustentar sua numerosa população, tampouco para abastecer de matérias-primas suas fábricas de produtos exportáveis, que lhe garantem a compra no estrangeiro daquelas necessidades, sem as quais a vida de seu povo torna-se impossível. Se o povo japonês é simpático ou não, é questão que não interessa à política internacional.

Logo depois que Hitler invadiu a Rússia, o Presidente Roosevelt, sem qualquer motivo justificável, resolveu inopinadamente congelar os bens e créditos japoneses nos Estados Unidos, além de embargar a exportação de gasolina, máquinas e ferramentas para o Japão, o que representava para esse país uma verdadeira declaração de guerra econômica e uma provocação para a guerra verdadeira.

A evolução desses acontecimentos é assim relatada:

> "A partir de então, as negociações iam de um lado para outro entre Tóquio e Washington, cada qual procurando ganhar tempo. Em 5 de novembro, Churchill escreveu a Roosevelt: "Os japoneses não tomaram até agora qualquer decisão final e o imperador parece estar exercendo controle. Nosso embargo conjunto, porém está forçando firmemente o Japão a escolher entre a paz e a guerra." (62).
>
> "Uma quinzena depois, o Governo japonês decidiu-se, sendo recebidas em Washington, em 20 de

novembro, propostas para um acordo geral, cujas bases eram as seguintes:

"Retirada das tropas japonesas da Indochina Francesa, após a assinatura de uma paz justa na Área do Pacífico; restabelecimento de relações comerciais recíprocas entre o Japão e os Estados Unidos; consentimento dos Estados Unidos para o fornecimento de petróleo ao Japão e o compromisso de os Estados Unidos se absterem de todas as medidas e ações que pudessem prejudicar o restabelecimento da paz entre o Japão e a China.

Tais propostas foram examinadas pelo Presidente e o Gabinete de Guerra, no dia 25 de novembro, segunda-feira. Henry L. Stimson, Secretário da Guerra, fez um relato dessa reunião em seu Diário, onde diz:

"Ao meio-dia, nós (o General Marshall e eu) fomos à Casa Branca. O Presidente abordou as relações com os japoneses. Trouxe à baila o caso de provavelmente sermos atacados, talvez a partir de segunda-feira próxima... O problema era saber o que devíamos fazer; de saber como devíamos conduzi-los de modo que disparassem o primeiro tiro sem nos metermos numa situação demasiadamente perigosa."

Embora se soubesse por meio de mensagens secretas japonesas interceptadas que as propostas de 20 de novembro eram finais, Cordell Hull, Secretário de Estado, preparou um memorando de dez pontos, que foi entregue aos dois embaixadores japoneses em Washington em 20 de novembro. Seu teor era o seguinte:

"Em troca de um novo tratado de comércio e do descongelamento dos créditos de ambos os países, o Japão se comprometia a concluir um tratado mútuo de não agressão com Washington, Moscou, Holanda, Chunking e Bangkok; a retirar suas forças da China e da Indochina Francesa e a não ajudar na China outro governo que não fosse o de Chian-Kai-shek."

O Governo japonês considerou esse memorando como um ultimato, cuja resposta foi dada em 7 de dezembro por meio dos ataques de surpresa

desfechados em Gold Harbor, Malaia, Tailândia e Hong-Kong. Dessa maneira, a guerra transformou-se de um conflito europeu num de dimensões mundiais. Sobre o recebimento dessa notícia, escreveu Churchill:

"Enfim, tínhamos assim vencido... O destino de Hitler estava selado. O destino de Mussolini estava selado. Quanto aos japoneses, seriam reduzidos a pó... Saturado e saciado de emoção e sensação, fui para a cama e dormi o sono daqueles cuja vida acaba de ser garantida e dos agradecidos." (63).

No dia 8 de dezembro, realmente, o Presidente Roosevelt conseguiu que os japoneses disparassem o primeiro tiro em Pearl Harbor, para justificar, oficialmente, a entrada dos Estados Unidos na guerra. Churchill exultou: a guerra estava ganha.

* * *

Quando a Inglaterra e a França declararam guerra à Alemanha e esta à Rússia, o Japão não se lembrou do Eixo Roma-Berlim-Tóquio e continuou mantendo sua neutralidade. Hitler tinha, portanto, um poderoso motivo para deixar o Japão a se haver sozinho contra os Estados Unidos, porém, juntamente com a Itália, cometeu o erro de declarar guerra à grande nação norte-americana.

Nas conferências interaliadas, que se sucederam, ficou estabelecido que todo o esforço de guerra seria dirigido contra a Alemanha para derrotá-la e, só depois contra o Japão. Para isso conseguirem, a Rússia seria auxiliada tanto quanto possível, mas ninguém se lembrou de lhe exigir qualquer compromisso, após a vitória, salvo o de investir também contra o Japão, com o qual ela mantinha um pacto de não agressão, sempre por este respeitado.

Desde 1939 os Estados Unidos já haviam decifrado o código secreto japonês, o que lhes permitia conhecer todas as informações e ordens secretas expedidas pelo Governo e Estado-Maior japoneses.

Os golpes do Exército japonês nas forças aliadas e nas praças fortes da Asia foram espetaculares mas, em fins de 1944, a marinha japonesa, garantidora do suprimento de petróleo para as exigências da guerra, de maté-

ria-prima para suas fábricas e de alimentos para o povo, já havia sido quase toda destruída. O país não tinha mais condições de continuar resistindo; sua derrota estava à vista. Logo que a Alemanha fosse abatida, bastava, portanto o cerco naval anglo-americano para que o Japão, dentro de muito pouco tempo, se declarasse vencido, sem necessidade de qualquer invasão de seu território, com perdas de vidas dos invasores, ou mesmo de bombardeios aéreos.

Em junho de 1945, o Governo japonês, sabendo que a situação do país era insustentável, enviou uma missão a Moscou em busca da paz, com a única condição de que a pessoa do Imperador fosse respeitada, e não punida como criminoso de guerra, como pretendiam os Aliados com a exigência de rendição incondicional.

O Governo japonês ignorava o tolo pedido de Roosevelt para que a Rússia se associasse na guerra contra o Japão, e Stalin, vendo esse país já vencido, não foi tão ingênuo a ponto de dar andamento e de facilitar uma paz nipo-americana, sem que a Rússia tivesse, de mão beijada, as vantagens que pretendia tirar.

Em início de junho, Stinson, como Secretário de Guerra dos Estados Unidos, ante a certeza da próxima fabricação da bomba atômica, sugeriu ao Presidente Truman que se fizesse uma demonstração ao Japão desse terrível engenho destruidor e o intimasse a render-se, permitindo-lhe também que sua dinastia continuasse à frente de uma monarquia constitucional, sob pena de atirá-lo sobre o território japonês. Essa humana sugestão foi rejeitada. (64).

Na reunião de Potsdam, iniciada em 17 de julho, Truman foi informado do completo êxito da explosão de uma bomba atômica, experimentada no deserto de Las Vegas e, mesmo assim os militares norte-americanos insistiram para que a Rússia entrasse na guerra contra o Japão!...

Quatro dias antes daquela reunião, foi decifrado em Washington o seguinte despacho do Governo japonês ao seu Embaixador em Moscou: "Veja Molotov antes da partida para Potsdam. Transmita-lhe forte desejo de Sua Majestade de conseguir terminar a guerra. O único obstáculo à paz é a rendição incondicional." (65).

Apesar desse desesperado apelo, em 26 de julho foi enviado ao Japão o seguinte ultimato: "Solicitamos ao Governo do Japão que declare imediatamente a rendição incondicional de todas as forças armadas japonesas. A alternativa para o Japão é a destruição completa e absoluta." (66). Esse ultimato foi rejeitado dois dias depois.

A derrota do Japão já era admitida por todos, inclusive por Churchill, mas o Grande Presidente Hanry Truman, como geralmente é chamado, precisava dar ao mundo uma demonstração de sua grandeza: Transformou Hiroshima numa grande bola de fogo, cuja grande explosão, com grande calor e grande brilho, provocou o grande espetáculo de uma grande hecatombe, com grande aplauso do grande público!...

> "Foi, assim, que às oito e quinze da manhã de 6 de agosto de 1945, sexta-feira, apareceu uma bola de fogo sobre a parte noroeste de Hiroshima. Sua força explosiva era equivalente a 20.000 toneladas de TNT. Sua temperatura no centro era de cerca de 150.000.000 de graus centígrados, cerca de dez vezes a temperatura do centro solar, e a pressão exercida foi estimada em centenas de milhares de toneladas por polegada quadrada. Seguiu-se um "furacão de fogo" que provocou simultaneamente centenas de incêndios.
>
> Os mais distantes estavam a 4.200 metros do centro da explosão. A cidade teve doze quilômetros quadrados de sua superfície completamente queimados. 70 a 80 mil pessoas foram mortas e 50.000 ficaram feridas. As fábricas situadas na periferia da cidade, todavia, "ficaram quase perfeitamente intatas" e calcula-se que, se a guerra tivesse continuado, poderiam ter retomado substancialmente sua produção normal trinta dias depois do bombardeio." (67).

Vale a pena, aqui, fazer uma pergunta indiscreta: Se o Japão possuísse bombas atômicas, os Estados Unidos teriam atirado alguma sobre o seu território?

Pois é por isso que os demais países se esforçam por possuí-las, também.

A RÚSSIA NA GUERRA

O PACTO de não agressão teuto-soviético, firmado em 23 de agosto de 1939, teria obrigatoriamente o mesmo destino que quase duas centenas de pactos de amizade, de ajuda mútua, de não agressão, de alianças militares, etc., que foram firmados durante o espaço que medeou entre as duas guerras mundiais, isto é, nenhum valor. Aliás, quando tais tratados começam a multiplicar-se é sinal evidente de perigosos atritos internacionais, principalmente entre os próprios pactuantes.

A Rússia, desde que firmou aquele pacto com a Alemanha, considerou-se em segurança e se apropriou de metade da Polônia. Logo depois virou-se ela para a Finlândia. O Governo finlandês procurou resistir e, em 30 de novembro de 1939, o Exército russo a invadiu. A resistência finlandesa foi incrivelmente heróica, sendo sustentada pelos calorosos elogios e aplausos de todo o mundo. Mas, mesmo com essa poderosa ajuda, aquele pacífico, honesto e pacato país foi rapidamente subjugado pela enorme pata do urso russo.

Em seguida, a Estônia, a Letônia e a Lituânia, países tão fracos e tão longe do democrático ocidente que seus gemidos não chegaram a ser por este ouvidos, foram também submetidos ao jugo moscovita, e o Báltico transformou-se num verdadeiro lago russo.

A Alemanha assistia a tudo isso com maus olhos, mas nada podia fazer, ocupada como estava com a sua difícil situação no ocidente, pois que, sustentar uma guerra em duas frentes era a coisa que ela mais temia, e ela já lutava na Noruega, na Jugoslávia, na Grécia e no norte da Africa.

A Rússia compreendia isso perfeitamente e logo que teve consolidada sua situação no norte, dirigiu suas vistas para o Sudeste europeu mas, ante a fulminante vitória da Alemanha sobre a França e temerosa de haver uma paz negociada com a Inglaterra, refreou um pouco sua política expansionista. Porém, quando viu que a Inglaterra havia resolvido continuar a luta e cada dia mais se fortificava, graças à possante ajuda dos Estados Unidos e, também, que este país não tardaria a entrar no conflito contra a Alemanha, conforme lhe assegurava a sua bem organizada rede de espionagem, decidiu-se a prosseguir nos seus conhecidos intentos.

E decidiu-se inteligente e oportunamente, fazendo pressão sobre a Rumânia, em fins de junho de 1940, possuidora de campos petrolíferos vitais para a Alemanha. A ocasião foi oportuna porque, se ela aguardasse o término do conflito, qualquer que fosse o vencedor, ou mesmo que ele terminasse por uma paz negociada, as suas asas seriam infalivelmente cortadas.

A Alemanha, porém, não estava disposta a ver-se privada do petróleo rumeno e ficar com todo o seu flanco oriental dependente de uma Rússia insaciável, quando esta invadiu a Bessarábia e a Bucovina.

Decidiu ela, então, atacar a Rússia, principal objetivo da política de Hitler, claramente expresso em *Mein Kampf*. Mas, atacar a Rússia sem ter conseguido a segurança no ocidente, seria cometer o erro que Hitler tanto criticara e reprovara na guerra anterior.

Foi quando, pouco mais de um mês antes de tomar essa decisão, isto é, em 10 de maio de 1941, Rudolfo Hess, o Vice-Fuehrer, fez o seu espetacular vôo para a Inglaterra.

Rudolfo Hess era um nazista convicto. O ideal do nazismo era a destruição do comunismo e a marcha para o leste, com o objetivo de conquistar as ricas terras da Ucrânia. Como os dirigentes da política inglesa isso não compreendessem, apesar de expressamente dito em *Mein Kampf*, Hesse se propôs a lhes explicar pessoalmente.

Se sua missão à Inglaterra foi ou não realizada com o assentimento de Hitler, não se sabe ao certo, ainda que tudo indique que sim. Se ela tivesse êxito, Hitler provavelmente diria que sim; se fracassasse, como fracassou, diria que não; e declararia, como realmente declarou, ser

Hess um traidor, afirmativa absolutamente necessária para manter elevado o nível moral do povo alemão, embora a ela se tivesse de imolar a honra de um patriota da envergadura do Vice-Fuehrer.

Infelizmente não conseguiu conversar com os dirigentes ingleses porque, logo que Churchill teve conhecimento de sua chegada na Escóssia e de suas intenções, imediatamente o confinou na Torre de Londres e depois em Farnborough, com o evidente propósito de impedir que ele entrasse em contacto com qualquer membro da aristocracia ou com altas personalidades inglesas inclinadas à obtenção de uma paz rápida. Fracassou e o trauma que com isso recebeu foi tão grande que lhe afetou o cérebro. Impôs-se a um absoluto silêncio e, no Processo de Nuremberg, foi condenado à prisão perpétua.

Até hoje, entretanto, a atitude e os desígnios de Hess não tiveram uma explicação satisfatória; o próprio Churchill, em suas "Memórias" trata esse assunto muito por alto; tudo continua nebuloso e mais ou menos misterioso. Por que? Porque, ao que parece, uma explicação clara e verdadeira desse episódio destruiria o pedestal de glória em que Churchill e Roosevelt foram colocados.

E qual foi o seu horrendo crime para receber tamanha punição?

> "O verdadeiro crime de Hess foi o de buscar a paz e não tramar a guerra. Ele foi à Inglaterra em missão pacífica. Queria que esse país celebrasse a paz com a Alemanha para Hitler poder atacar a Rússia. O tribunal internacional condenou Hess para demonstrar que a Grã-Bretanha e os Estados Unidos jamais cooperariam com a Alemanha contra a Rússia Soviética!
>
> Tão logo, porém, Hess foi sentenciado, a cooperação anglo-americana com a Alemanha contra a Rússia Soviética tornou-se politicamente oficializada. É vergonhoso e degradante que ele deva sofrer penalidade por haver proposto uma orientação política com antecedência de cinco anos." (68).

Numerosos apelos têm sido feitos para que Hess, com 78 anos de idade, deixe de ser o solitário prisioneiro da fortaleza de Spandau, em Berlim Ocidental, e seja

posto em liberdade. Os Aliados mostram-se favoráveis, mas a Rússia com isso não concorda e Hess continua preso apesar das severas críticas do mundo livre e da enorme despesa que sua prisão acarreta para os seus encarceradores.

Estranha personalidade a desse homem! Passa a maior parte do tempo lendo livros científicos; não conversa com ninguém; recusa-se a receber visitas, mesmo da esposa e do filho, este a quem viu pela última vez quando tinha apenas três anos de idade!...

Não constitui isso uma tremenda mancha no propalado espírito de justiça das democracias?

* * *

22 de junho de 1941 registra a data mais memórável da Segunda Guerra Mundial, por ser o dia em que foram cometidos os dois erros mais fatais de sua história: o de Hitler, que perdeu uma guerra já praticamente ganha e o dos Aliados, que deixaram escapar a única oportunidade de, sem sacrifício, conseguirem a mútua destruição dos dois grandes inimigos das democracias.

Mas, depois dessa data, o pacto nazi-soviético, o avanço russo sobre a Polônia, a agressão à Finlândia, a anexação dos países bálticos, foram esquecidos. Constituía crime qualquer referência a esses fatos!

Para tornar as tropas beligerantes mais combativas, talvez seja uma necessidade nelas incutir o ódio e a raiva contra o inimigo, mas tais sentimentos não podem prevalecer no espírito dos oficiais superiores e muito menos no dos estadistas que conduzem a política da guerra. A guerra nada mais é do que a condução da política pela força das armas, a fim de atingir um determinado objetivo, considerado como vantajoso, e todo e qualquer prejuízo que se causa ao inimigo sem essa finalidade constitui erro, afirmou Clausewitz, um dos mais acatados autores em assuntos de guerra.

Um dos mais belos exemplos de conduzir a guerra nos campos de batalha foi dado pela conduta do famoso Marechal Rommel. É, entretanto, bem provável que se ele não foi condenado como criminoso de guerra pelo Tribunal de Nuremberg foi porque Hitler o condenou ao

suicídio, por ter-se envolvido no atentado de que foi vítima em 20 de julho de 1944.

O Chefe de um governo beligerante que dirige uma guerra guiado pelo ódio e pelo desejo de vingança recebe os aplausos e a admiração de seus patrícios, mas não pode ser considerado como um estadista de visão.

Foi o ódio de Clemenceau aos alemães e o seu irrefreável desejo de vingança que recheou o Tratado de Versalhes de iniqüidades. Não fosse isso, não teria havido nem Hitler, nem nazismo, nem Segunda Guerra Mundial, com suas terríveis conseqüências. Mas ninguém foi mais aplaudido e admirado, em sua época, do que Clemenceau, o "Tigre".

A História se repete: Quem mais aplaudidos do que Churchill e Roosevelt no segundo conflito? E por quê? Porque em cada um de seus discursos, de seus pronunciamentos, de seus atos, revelavam a irrevogável deliberação de destruir Hitler e a Alemanha nazista, sem levarem em conta o preço e o sacrifício para atingir tal objetivo. Essa era a política que seguiam e por ela tudo sacrificaram. Ganharam a guerra, mas não conquistaram a paz. E não lhes faltaram ocasiões para ganhar ambas.

Ao que parece, esses dois grandes chefes de governo nunca leram o *Mein Kampf;* se leram, não o entenderam. Com efeito, revela esse livro que o principal inimigo do nazismo era o comunismo, ambos, aliás, perseguindo o mesmo objetivo, isto é, a destruição das democracias.

Portanto, quando a Alemanha invadiu a Rússia, é evidente que qualquer que fosse o vencedor, continuaria ele sendo o grande inimigo das democracias. Fortalecer a Rússia para vencer a Alemanha, era claro que, no final, daria o mesmo resultado que fortalecer a Alemanha para vencer a Rússia, conforme evidenciado ficou. Cegos, porém, pelo incontido ódio que votavam à Alemanha, Churchill e Roosevelt não conseguiram ver essa meridiana verdade e perderam a primeira grande ocasião de ganharem a guerra e a paz sem maiores sacrifícios, pois bastava deixar esses dois gigantes destruírem-se mutuamente, ajudando ora a um, ora a outro, para que isso acontecesse.

Não se diga que tal atitude seria imoral, mesmo porque em política internacional a imoralidade é coisa muito discutível.

E por quê ajudar a Rússia? Não havia ela preferido a amizade da Alemanha em vez da amizade da França e da Inglaterra em 1939, com verdadeiro vexame para estes dois países? Por acaso a Rússia entrou na guerra para defender as democracias e seus princípios? Em entusiástico telegrama Molotov não se congratulou com Hitler pela fulminante derrota da França? Então, por que pedir, quase exigir que estas a socorressem?

Mas nada disso foi percebido pelos dois grandes estadistas, Churchill e Roosevelt que, infelizmente, conduziam a guerra do lado das democracias; tomaram, então, a incrível decisão de ajudar o diabo a vencer satanás! E a Rússia, para ajudar a derrotar a Alemanha, recebeu através da Lei de Empréstimos e arrendamentos uma contribuição de mais de mil milhões de dólares!...

A Rússia, alguém já disse, é um país onde se entra facilmente; o difícil é dele sair.

A História afirma que quem venceu Napoleão foi o Duque de Wellington, o "Marechal de Ferro". Não é verdade; o vencedor de Napoleão foi o inverno russo, que destruiu a *Grande Armée*. Wellington só era notável por ter empregado contra as tropas napoleônicas que invadiram a Espanha a estratégia de terra arrasada, coisa que jamais faria se a Espanha fosse sua pátria. Em Waterloo ele apenas deu o golpe de misericórdia em Napoleão e, mesmo assim, só o conseguiu devido à tática de Blücher que, afastando da batalha o General Gruchy, foi ajudar o exército já quase batido de Wellington.

Para Stalin, o ataque alemão à Rússia foi uma grande surpresa, porém, surpresa muito maior foi para o restante do mundo, ao tomar conhecimento de que o regime russo não era aquele infame e sanguinário totalitarismo que se apregoava até à véspera daquela decisão de Hitler, mas sim o mais democrático que existia na fase da terra!

Na invasão da Rússia, Hitler cometeu dois erros que lhe foram fatais:

Primeiro, pretendendo acertar suas contas com a Jugoslávia e ajudar o Exército italiano na Grécia, retardou a invasão por dois meses e, basta a perda de um mês de bom tempo para que um exército estrangeiro em território russo seja derrotado; foi o que aconteceu, Leningrado e Moscou não puderam ser tomadas.

Segundo, o incrível procedimento dos ferrenhos nazistas em territórios conquistados. Com efeito, em toda a parte onde as forças regulares alemãs chegavam eram recebidas com as maiores demonstrações de alegria; a população lhes trazia flores e presentes; os soldados praticamente não lhes opunham resistência e não foram poucos os oficiais que se mostravam prontos a com elas colaborar. Essas Forças eram por todos consideradas libertadoras do terrível jugo moscovita que havia massacrado, deportado e matado, à fome, mais de dez milhões de ucranianos, cossacos, bálticos e russos brancos, para imposição do sistema de coletivização bolchevista.

Mas nas pegadas dessas forças chegavam os elementos do Serviço de Segurança, os S. S., e da Gestapo, ambos sob as ordens do sinistro Himmler e de seus sequazes. Os habitantes passaram a ser tratados como seres sub-humanos, sendo vítimas de toda a sorte de horrores e, então, logo se deram conta de que, para eles, o bolchevismo era um doce regime em face do nazismo, que passaram a combater com exaltado ardor patriótico. Um arguto observador alemão afirmou e, parece, com toda a razão, que não foi em Stalingrado que a Alemanha perdeu a guerra, mas sim muito antes, em Kiev, quando, em vez de hastear a bandeira ucraniana, estupidamente hasteou a da Cruz Suástica. (69).

Entrementes chega a estação chuvosa, seguida do terrível inverno russo. As tropas alemãs vêem-se impedidas de movimentar suas máquinas de guerra no terreno pantanoso e, depois, mal aparelhadas, para suportar temperaturas que chegavam a mais de trinta graus negativos, quando até o óleo de suas máquinas congelava, e ficaram, assim, quase inermes, à mercê dos ataques russos.

Com a melhoria do tempo os alemães retomam a ofensiva mas, agora, já encontram uma resistência muito mais forte, graças ao suprimento de material de guerra fornecido pelo Aliados.

Desde que Roosevelt conseguiu transformar o conflito europeu em mundial, tornou-se ele o principal orientador da conduta da guerra e, em Casablanca, com o silêncio de Churchill, fez a desastrada declaração de não admitir a paz senão com a condição da rendição incon-

dicional dos inimigos, declaração essa renovada nas conferências de Teerã e de Ialta, e ainda depois por Truman, na de Potsdam, contra o Japão.

A Roosevelt, uma tão absurda exigência podia ser desculpada em virtude de já estar com a esclerose cerebral bastante avançada, um dos segredos mais bem guardados pelas pessoas de sua intimidade, mas a Churchill, cuja vivacidade de espírito era inegável, uma tal exigência em nada recomendava sua tão proclamada capacidade de estadista e, só mais tarde, ele, deselegantemente, procurou atirar toda a responsabilidade sobre o já falecido parceiro.

A exigência de uma rendição incondicional fortaleceu enormemente a Hitler pelo desalento que provocou em toda a crescente oposição que lhe vinha sendo feita dentro da Alemanha, para que pusesse fim à guerra, porque se o país tinha que se submeter a tal condição, Hitler que arcasse com suas conseqüências e não outro governo que o substituísse. Com essa estúpida exigência a guerra foi prolongada por vários meses; tornou-se mais feroz, mais destruidora e mais mortífera e milhões de preciosas vidas foram sacrificadas; as bombas atômicas sobre o Japão foram atiradas, e tudo em benefício da Rússia.

Ninguém tinha mais razões de conduzir a guerra com ódio e desejo de vingança contra a Alemanha nazista do que o frio e insensível Stalin, mas nunca ele permitiu que o ódio e a vingança prevalecessem sobre os interesses vitais de sua bem calculada política. Ódio e vingança ele deixou para exercê-los em ocasião oportuna. Assim agindo, comprometendo a todos, sem nunca comprometer-se, fez da Rússia a grande vencedora da guerra.

Foi homenageado pelo seu povo muito mais do que Lênine. O pico Stalin é o ponto mais alto da Rússia e oito cidades receberam o seu nome: Stalingrado, Staline, Stalingorod, Stalinebad, Stalinissi, Stalinisque, Stalinov e Stalinzoul. Isto enquanto vivo, porque, depois... até suas numerosas estátuas plantadas em toda a Rússia foram destruídas.

O ano de 1942 marca o início da derrota da Alemanha e de seus aliados.

Em junho, na batalha naval da ilha de Midway, o poderio aéreo japonês, baseado em navios-aeródromos, foi aniquilado; em outubro o *Afrika-Korpus* foi batido em

El Alamein e depois na Tunísia; em novembro os Aliados invadiram o noroeste da África para darem o salto sobre a Itália.

Enquanto isso acontecia, o Exército alemão tornou-se um verdadeiro prisioneiro do inverno russo, até que, em junho do ano seguinte, retomou a ofensiva, já agora, contra a massa do Exército russo poderosamente armado pelos Aliados.

O VI Exército alemão, comandado pelo General von Paulus, conseguiu chegar às orlas de Stalingrado, às margens do Volga, onde martela a cidade durante dois meses sem grandes resultados. No inverno os russos lançam uma poderosa contra-ofensiva; os exércitos italiano, rumeno e húngaro recuam e deixam o Exército alemão em crítica situação. Von Paulus pede licença para retirar-se; Hitler comete outro erro e, vaidosamente, não consente que um general alemão bata em retirada com seu exército.

Quem assistiu nas telas dos cinemas ou mesmo quem leu a descrição pormenorizada do que foi a terrível batalha de resistência do Exército alemão em Stalingrado, inteiramente desprovido de recursos para suportar temperaturas inferiores a trinta graus abaixo de zero, fica dispensado de visitar o Inferno para ver o que lá se passa.

O VI Exército alemão foi aniquilado ou feito prisioneiro e sobre von Paulus e seus soldados desceu o silêncio além da Cortina de Ferro.

Na Espanha havia sido constituído um corpo de voluntários, combatentes franquistas, a "Falange Espanhola", para ajudar os alemães na campanha da Rússia, pois o General Franco parece ter sido um dos poucos chefes de governo que a intensa propaganda aliada não conseguira abalar, conforme o seguinte relato:

> "Por não considerarem a guerra como instrumento político, as Potências Ocidentais não perceberam a importância de Stalingrado. Só um homem viu isso claramente, o General Franco. Afirmava ele que duas guerras independentes estavam sendo travadas. Uma, a leste, contra o comunismo e outra, a oeste, contra o hitlerismo, e que vencendo esta e perdendo aquela seria uma loucura política. Para convencê-lo que as duas guerras era uma coisa só, Samoel Hoares, Embaixador Britânico na Espanha,

iniciou contactos com o Conde Jordana, Ministro das Relações Exteriores da Espanha. Fez-lhe ver que em 6 de novembro de 1942, Stalin declarava "que a futura política da Rússia não era a de interferir nos problemas internacionais de outros países", e que, portanto, a vitória final seria uma vitória Aliada. A isso, respondeu Jordana:

"Se as coisas se desenvolverem no futuro como têm acontecido até agora, será a Rússia que penetrará profundamente em território alemão. Pergunto eu: se tal acontecer, qual será o maior perigo, não apenas para o continente mas para a própria Inglaterra, uma Alemanha não totalmente destruída e com força suficiente para servir de baluarte contra o comunismo... ou uma Alemanha sovietizada, que certamente proporcionaria à Rússia força complementar de seus preparativos bélicos... e lhe permitiria ampliar-se num império sem precedentes, do Atlântico ao Pacífico...?

Faço uma segunda pergunta: há alguém no centro da Europa, neste mosaico de países sem consistência e sem unidade, esgotados, além disso, pela guerra e o domínio estrangeiro, que possa conter as ambições de Stalin? Sem dúvida, ninguém. Podemos estar certos que depois do domínio da Alemanha, o único domínio que pode existir nesses países é o comunismo. Por esse motivo, consideramos a situação como extremamente grave e pensamos que o povo da Inglaterra deve refletir sem paixões sobre o assunto, já que, se a Rússia conseguir conquistar a Alemanha, não haverá ninguém que possa detê-la... Se a Alemanha não existisse, os europeus teriam que inventá-la e seria ridículo imaginar que seu lugar poderia ser tomado por uma confederação de lituanos, poloneses, checos e rumenos que, rapidamente seriam convertidos em tantos estados mais da confederação soviética..." (70).

A luta na frente oriental, durante o último ano da guerra, foi a coisa mais dramática do conflito. Os exércitos russos levaram de vencida os invasores, pois que a Alemanha já lutava desesperadamente no oeste, depois do desembarque dos Aliados na Normandia; e no sul, com a

invasão da Itália, que já se passara para o lado dos Aliados, pouca resistência podia oferecer. Churchill e Roosevelt, cegos pelo ódio contra o nazismo, exultavam de alegria e exaltavam as intenções democráticas de Stalin.

Uma das surpresas da guerra foi a tenacidade e a resistência do soldado russo no final do conflito. Um tenente do Exército alemão transferido para a frente russa, em janeiro de 1945, ao procurar informar-se da situação e da disposição combativa dos russos trava com um seu colega que lá se encontrava desde 1941, o seguinte diálogo:

> "— Que gênero de tropas tem o senhor pela frente? — perguntou o recém-chegado. — Costuma vê-las?
>
> O outro encolheu os ombros:
>
> — Vemo-las de perto, sobretudo quando encontramos seus cadáveres, após nossos ataques. A composição das unidades russas é sempre um mistério. Há cadáveres de todos os gêneros. Russos europeus de pele branca, bem vestidos. Mongóis enormes de cabelo preto e grosso, em farrapos, que nunca se lavam. Asiáticos que parecem realmente chineses, de olhos sonsos. Mas até os mais piolhentos se mostram notavelmente armados. Possuem metralhadoras ultramodernas com carregadores de setenta cartuchos. O saco de trapeiro que trazem pendurado às costas por uma corda está atulhado de munições, suficientes para lutar vários dias...
>
> — Seus abrigos são bem acondicionados?
>
> — Não têm abrigos. Simples trincheiras mal cavadas, buracos miseráveis. Metem-se dentro deles como animais selvagens, atiram sobre tudo que se move, de dia e de noite. Parece que nunca dormem.
>
> — Como são abastecidos?
>
> — As questões de intendência não devem preocupar muito o comando soviético. O soldado russo de infanteria de primeira linha nutre-se do que encontra nas isbás ou nos cadáveres: duras códeas de pão, pevides de girassóis secas, folhas de milho ou raízes desenterradas nos campos. Devem estar sem-

pre esfomeados, mas continuam vivendo e são aparentemente infatigáveis. Os raros prisioneiros que fazemos atiram-se à nossa comida.

O oficial da frente leste prosseguiu depois de uma pausa:

— Vou contar-lhe uma história. Em 41, diante de Smolensk, havíamos capturado dois tanques que tinham avançado nas nossas linhas. Estavam atolados na lama e caímos sobre eles a tiros de morteiro e metralhadora, matando as tripulações. Um deles estava muito danificado, outro bem menos.

Ficamos em posição durante duas semanas junto a esses destroços. Enquanto isso nossos serviços de abastecimento foram regularmente bombardeados e nossa posição também. De noite, as patruinimigas vinham através da floresta lançar granadas de mão nas covas dos nossos atiradores. Debalde mudávamos de lugar, transferíamos as horas do rancho. Não adiantava. Tínhamos a impressão de que os artilheiros russos conheciam os nossos menores movimentos.

Certo dia, um cozinheiro, em busca de não sei que material, que tivera de retirar do menos escangalhado dos dois tanques russos, conseguiu arrombar uma fenda de viseira do engenho. Meio sufocado por um fedor terrível, recuou e tornou a olhar. Dentro do tanque, ao lado de um cadáver em decomposição, estavam dois homens vivos. Agachados, reduzidos a esqueletos, mas vivos. Estavam ali havia quinze dias, e eram eles que informavam o inimigo, pelo rádio, de todos os nossos movimentos. Conseguimos tirá-los de lá. Disseram-nos que uma patrulha noturna lograra, certa vez, passar-lhes algum alimento. Apenas uma vez. Não se tinham mexido. Suportaram o fedor do cadáver e dos próprios escrementos. Assim são os russos. Com certeza nunca ouviu falar de coisa parecida na frente ocidental?!

— Não — admitiu o outro. — Nunca." (71).

O BRASIL NA GUERRA

MENOS de uma semana depois do início da guerra na Europa, o cargueiro inglês "Swingburg", carregado de víveres na Argentina e que se dirigia para a Inglaterra, na altura das costas fluminenses teve um desarranjo em suas máquinas, sendo forçado a arribar na Guanabara, estranhamente pintado com as cores dos navios do Lloyd Brasileiro e arvorando o pavilhão nacional.

É claro que a embaixada alemã no Rio de Janeiro comunicou imediatamente esse fato ao Governo alemão e, certamente, fez sentir ao Itamarati, o que, aliás, seria desnecessário, quão perigosa essa censurável atitude inglesa era para os navios brasileiros que sulcavam o Atlântico, posto que os submarinos alemães, que bloqueavam a Inglaterra, ficariam impossibilitados de distinguir navio inglês, disfarçado em brasileiro, de outro realmente brasileiro.

É provável que nosso Governo logo tivesse protestado junto ao inglês contra tão inconcebível atitude, porquanto até o rompimento de nossas relações diplomáticas com a Alemanha, a Itália e o Japão nenhum barco brasileiro foi vítima de ataques submarinos.

A avaria sofrida nas máquinas daquele navio cargueiro inglês foi, portanto, providencial porque, se isso não tivesse acontecido, é certo que navios brasileiros teriam sido tomados como ingleses e logo torpedeados. Os alemães podiam alegar terem-se enganado, porque os ingleses estavam usando as cores e o pavilhão brasileiros para livrarem-se dos ataques dos submarinos, e os ingleses jamais confessariam tamanha torpeza. E quem acredita-

ria nos alemães? O resultado seria a imediata declaração de guerra do Brasil à Alemanha, logo no início do conflito europeu.

A Libéria e o Panamá oferecem grandes vantagens aos armadores que registram navios em seus países, por isso o número de barcos que sulcam os diversos mares, arvorando bandeiras daqueles países é proporcionalmente muito maior do que permitem suas respectivas capacidades econômicas. Assim, durante a guerra, o número de navios que arvoravam as bandeiras liberiana e panamenha torpedeados foi enorme. Mas, em vista do procedimento dos ingleses acima relatado, pode-se duvidar que todos esses navios fossem realmente panamenhos ou liberianos.

Deve-se também registrar que logo no começo da guerra os ingleses, desrespeitando a soberania brasileira, aprisionaram no Atlântico os navios "Siqueira Campos" e "Buarque", que vinham da Alemanha carregados de material bélico para o nosso Exército e de outras mercadorias, levando-os para Gilbraltar, onde toda a carga foi desembarcada e só liberada depois de demorados entendimentos junto ao Governo inglês. E no dia 3 de dezembro de 1940, nas proximidades do Estado do Espírito Santo, um vaso de guerra inglês deteve o vapor "Itaipé" e nele aprisionou vinte e dois cidadãos civis de nacionalidade alemã, apesar dos veementes protestos do comandante do navio.

Também no começo desse mesmo ano, um vaso de guerra inglês deteve e retirou de um navio japonês vinte e um civis alemães, aprisionando-os, de maneira que o Japão passou a patrulhar com navios de guerra os seus barcos mercante, a fim de garantir a sua soberania.

Como já foi dito, logo que Roosevelt conseguiu que os japoneses disparassem o primeiro tiro, seguiu-se a declaração de guerra dos Estados Unidos ao Japão; da Alemanha e da Itália aos Estados Unidos; das repúblicas centro-americanas aos inimigos dos EUA; da ruptura das relações diplomáticas de algumas outras nações americanas solidárias com o grande país norte-americano. Isso, entretanto, não bastava e Sumner Welles que, como embaixador itinerante de Roosevelt, foi enviado à América do Sul, para reclamar a entrada na guerra de todos os países sul-americanos contra os inimigos dos Estados Uni-

dos, baseado nos acordos de Havana e do Rio de Janeiro, espécie de nova Doutrina de Monroe, que exigia a solidariedade continental contra qualquer agressão estrangeira ao Novo Continente.

A reunião teve início no Rio de Janeiro, em 15 de janeiro de 1942. O Ministro do Exterior da Argentina, com indignação de Sumner Welles, procurou demonstrar que Pearl Harbor ficava no Havaí e que o Havaí não fazia parte da América, portanto, não tendo sido o continente americano atacado, não havia razão para que fosse aplicado o disposto nos convênios retrocitados. Esse argumentação foi desprezada por Sumner Welles e pelos demais representantes dos outros países sul-americanos, inclusive por Osvaldo Aranha, que presidia a reunião e que, ao encerrá-la, em 27 do mesmo mês, comunicou o rompimento de nossas relações diplomáticas com a Alemanha, a Itália e o Japão. E se a guerra não foi logo declarada a esses países, foi devido às ponderações do general Eurico Gaspar Dutra, então ocupante da Pasta da Guerra, mostrando que o Brasil não estava em condições de se atirar em tão arriscada aventura.

Dias depois, os demais países sul-americanos, que ainda eram neutros, tomaram a deliberação de romper suas relações diplomáticas ou de declarar guerra àqueles três países e toda a América ficou em estado de guerra ou de relações diplomáticas cortadas com aquelas três potências, com exceção da Argentina.

No início da guerra, tanto o Exército como a Marinha do Brasil se achavam muito mal aparelhados porque, do armamento que havia sido encomendado às usinas Krupp, um ano antes, somente uma pequena parte havia sido recebida; o restante a Inglaterra havia impedido que fosse entregue. O armamento necessário foi, então, encomendado aos Estados Unidos.

O rompimento de nossas relações diplomáticas com aqueles três países quase equivalia a declaração de guerra, porque implicava numa ajuda indireta a todos quanto com eles estivessem em guerra declarada. Aliás, um ano antes, já o Brasil havia permitido aos Estados Unidos a construção de bases aéreas em Recife, Natal e Belém, com a condição de serem elas entregues ao Brasil logo que o conflito terminasse, o que prova que o Governo norte-americano já havia deliberado com bastante antecedên-

cia entrar na guerra. Essas bases estratégicas localizadas no saliente oriental brasileiro, formaram o trampolim que facilitou o assalto à África do Norte e, consequentemente, a invasão do sul da Itália.

No dia 29 de maio, foi avistado a 60 milhas da costa baiana um submarino alemão que, de alcatéia, aguardava navios que se dirigissem para portos norte-americanos ou europeus, a fim de torpedeá-los. Um avião norte-americano tentou afundá-lo, mas só conseguiu avariá-lo, impedindo sua imersão. Dois aviões brasileiros que patrulhavam nossas costas, então, o atacaram e o afundaram. Doze sobreviventes da tripulação do submarino foram salvos por meio de botes de borracha, lançados pelos aviões brasileiros e depois recolhidos e feitos prisioneiros por um destróier norte-americano.

Em meados de agosto, a Alemanha revidou, torpedeando cinco navios brasileiros perto das costas baianas, causando a morte de 607 pessoas. Em 30 de agosto, o Brasil respondeu com as declarações de guerra à Alemanha, à Itália e ao Japão. No decorrer do conflito mais de trinta e dois navios brasileiros foram afundados, perfazendo um total de mais de 120.000 toneladas de nossa marinha mercante, posta ao fundo, por torpedeamento.

Em junho do ano seguinte, pela primeira vez na História, um país sul-americano, o Brasil, mandava seus filhos combater em campos de batalha europeus. A nossa força expedicionária, que contava com um efetivo de 25.334 homens, sob o comando do Marechal Mascarenhas de Moraes, desembarcou no teatro de guerra da Itália e cobriu-se de glória, principalmente na tomada de Monte Castelo, Castelnuovo e de Montese. Nos sete meses em que atuou, teve perto de 2.000 baixas entre mortos, feridos e desaparecidos, aqueles dentre os quais 451 sepultados no cemitério de Pistóia, como marco indelével e imorredouro, a atestar o heroísmo brasileiro.

Em 6 de maio de 1945, a excelente e vitoriosa Força Expedicionária Brasileira, a FEB, desembarcava no Rio de Janeiro, sendo recebida pela população carioca com uma manifestação de alegria e de apreço nunca dantes havida no Brasil.

Desde o início da guerra na Europa, o Brasil começou a sentir progressivamente as suas terríveis conseqüências, pela quase completa paralisação do seu co-

mércio com aquele continente. A escassez de produtos exportáveis se acumulavam nos mercados internos, sem possibilidade de escoamento. Quando nosso País entrou na guerra essa situação se agravou de tal maneira que o nosso comércio ficou quase estagnado. Gasolina, não havia; recorreu-se ao gasogênio, mas o próprio carvão vegetal tornou-se raro. Produtos brasileiros de exportação, que jamais faltaram em nossos mercados, tais como café, carne, açúcar, óleos, etc., foram racionados nas principais cidades, devido à falta de meios de transporte. Nas cidades do interior, afastadas dos centros produtores, faltava sal, querosene, fósforos, cigarros, bebidas, etc., e até as ferramentas indispensáveis à lavoura. Foram tempos realmente difíceis.

Nosso País muito sofreu com a guerra e o seu esforço para ajudar a ganhá-la jamais recebeu a devida recompensa, restando-lhe, porém, a ufania pela atitude sempre honrosa no cumprimento dos compromissos assumidos, sem qualquer preocupação de ganhos materiais.

Mas, em Casablanca, Teerã, Ialta, Potsdam e outros, nem o Brasil nem outro qualquer país foram admitidos. Já não mais eram necessários aos Grandes...

A CONFERÊNCIA DE IALTA

EM 1919, "Três Grandes", Woodrow Wilson, Lloyd George e George Clemenceau, reunidos na Conferência de Paris, para garantir a paz e a liberdade dos povos, aplainaram o caminho para a Segunda Guerra Mundial; em 1945, "Três Grandes", Franklin Delano Roosevelt, Winston Churchill e Joseph Stalin, reunidos na Conferência de Ialta, para garantir a paz e a liberdade dos povos, aplainaram o caminho para Terceira Guerra Mundial.

A Terceira Guerra Mundial, realmente, há muito que já foi iniciada, ainda que de maneira solerte, com a guerra fria, a guerra de nervos, as guerras por procuração da Rússia, tais como: as da Coréia, do Vietnã, do Oriente Médio, as guerrilhas, os atentados terroristas no mundo inteiro, faltando apenas a sua apoteose final, para a qual se gastam anualmente bilhões de dólares, com a construção das maiores e mais poderosas esquadras de guerra de todos os tempos, de foguetes transportadores de ogivas nucleares, de fabricação de potentes bombas megatômicas, de numerosas esquadrilhas de aviões de bombardeio e de submarinos nucleares, portadores de tremendos e destruidores engenhos de guerra, de armazenamento de enormes recipientes cheios de gases letais e de mortíferas bactérias ou de produtos químicos, capazes de exterminar a vida na face da terra.

A humanidade vive hoje apavorada com essa prometida apoteose, que enviará o globo terrestre a fazer companhia a outros milhões de milhões de corpos mortos existentes no cemitério do infinito universo, apressando, assim, o cumprimento da inexorável Lei: Nascer e morrer.

Queixar-se dessa lei é pura tolice, sobretudo para aqueles de mais firme convicção religiosa, que acreditam que nada se passa na face da terra e no incomensurável universo sem a vontade de Deus, salvo se admitem que o insignificante ser, criado à Sua imagem e semelhança, tem o poder de contrariá-lO em Seus designios, o que, evidentemente, é um contra-senso.

A Conferência de Ialta e a de Paris foram idealizadas, programadas e realizadas, respectivamente, por dois notáveis Presidentes dos Estados Unidos da América do Norte, Franklin D. Roosevelt e Woodrow Wilson, ambos animados da mais sacrossanta das boas intenções, coisas de que o Inferno é pavimentado.

O General inglês J. P. C. MULLER, referindo-se às intervenções dos Estados Unidos nas duas guerras européias, transformando-se em mundiais, com suas conseqüências, assim se expressa:

> "Quando se examina retrospectivamente a Tragédia da Europa, pode-se dizer, sem temor de contestação, que o dia 6 de abril de 1917, data em que os Estados Unidos se envolveram na primeira das grandes guerras, foi realmente um dia negro na história da Europa. Ele levou à paz ditada de Versalhes, verdadeira caixa de Pandora, da qual surgiu uma outra guerra mundial. A segunda intervenção foi ainda mais desastrosa. Não conduziu absolutamente a paz alguma, mas antes a um perpétuo estado de "beligerância", de temor "hobiano".
>
> A razão disso nada tem a ver com a ambição que tem precipitado tantas guerras européias, pois os americanos jamais cobiçaram um acre de solo europeu. Ao contrário, foi devido ao fato de não compreenderem que a guerra é um instrumento político. Não sabiam como fazer a paz. Consideravam a guerra como um jogo mortífero cujo troféu era a vitória." (72).

O Presidente George Washington recusou terminantemente sua reeleição para um terceiro período governamental, alegando que isso, em seu modo de pensar, contrariava os princípios democráticos, regra essa seguida por todos os demais presidentes da grande nação norte-

americana. Roosevelt, entretanto, julgando-se insubstituível, fez exceção a essa regra: candidatou-se e foi reeleito uma terceira e uma quarta vezes.

Para ocupar cargos de responsabilidade na direção, em vários países, inclusive no nosso, exige-se que o candidato apresente sua declaração de bens. Uma tal exigência, além de afrontosa, é inteiramente inócua. É afrontosa porque dá a entender que o indivíduo é desonesto e, para pôr um freio à sua desonestidade o ameaça de uma possível revisão de seus bens, durante ou após o exercício do cargo; é inócua porque, se a pessoa for realmente desonesta, não faltam os parentes, os compadres, os amigos. as ações ao portador ou, ainda, a benemérita instituição dos bancos suíços com suas sigilosas contas numeradas para acobertarem as grandes negociatas fraudulentas.

Alguém já sugeriu que todo o candidato a cargo administrativo ou representativo de um país seja submetido a uma junta de psiquiatras, para dizer se ele está ou não capacitado para exercer o cargo. Se essa indispensável condição tivesse sido exigida, a democracia de maior responsabilidade no mundo provavelmente não teria sido entregue à direção de Franklin D. Roosevelt, para um terceiro período governamental e, se isso ainda tivesse acontecido, com absoluta segurança, ele não teria alcançado, quando já completamente incapaz, um quarto mandato. Infelizmente, porém, essa primordial condição não foi exigida e o mundo foi mergulhado numa crise de conseqüências imprevisíveis.

No Brasil, a inobservância dessa condição essencial fez com que a direção do País fosse entregue alguma vez a indivíduos completamente incapazes, atirando-o, assim, no imenso atoleiro do qual tão penosamente está saindo.

Os governos desonestos que dilapidam os cofres públicos são muito menos prejudiciais do que aqueles que, pelo seu exemplo, incutem nas massas idéias contra a moral, porque, se as finanças de um país podem ser refeitas em tempo mais ou menos curto, o caráter de um povo, depois de rebaixado, só difícil e muito demoradamente pode ser restaurado.

Com a iminente derrota da Alemanha tornou-se necessário um encontro dos vencedores para decidirem

sobre as condições da paz. O Governo russo estava preocupado com a realização dessa reunião, e só depois de muita insistência foi que com ela concordou.

Depois de Waterloo o Governo austríaco estava praticamente impossibilitado de comparecer ao festim, para a divisão dos despojos europeus, visto que o seu Chanceler, o Príncipe Metternich, havia sido o artífice do casamento de Maria Luíza com o "Pequeno Caporal". Mas, com toda a habilidade diplomática, Metternich propôs a alegre Viena para sede da conferência.

Aceita prazerosamente a gentil oferta, mandou a diplomática delicadeza que a presidência do conclave fosse dada ao anfitrião. O resto foi fácil: óperas, banquetes, bailes e lindas mulheres, especialmente encarregadas de encher todo o tempo das delegações, foram programados.

As mulheres, devidamente instruídas pela polícia secreta austríaca, marcavam os encontros amorosos de acordo com os horários pré-estabelecidos por Metternich. Este alongava as discussões; os membros das diversas delegações consultavam nervosamente seus relógios até que, para porem um ponto final nas discussões e se libertarem da enfadonha reunião, a fim de comparecerem a encontros mais agradáveis, acabavam concordando com o esperto Chanceler.

Da Santa Aliança, surgida do Congresso de Viena, emergiu Metternich como o árbitro da Europa.

Quando sugeriram a utilização dessa mesma estratégia a Stalin, ele meneou negativamente a cabeça e ponderou que seria crime utilizá-la em Ialta, dada a provecta idade de seus parceiros, mas, acrescentou, deixem o caso comigo.

Sumner Welles, íntimo amigo de Roosevelt e seu embaixador itinerante durante a guerra, fez-lhe a seguinte observação:

> "A Rússia pode converter-se na maior ameaça que o mundo jamais viu. Ela é potencialmente a maior potência do mundo. Também se pode converter na maior força de paz e de desenvolvimento mundial ordenado. Não há, creio, exagero em dizer que o futuro rumo da Rússia depende, em grande parte, de poderem os Estados Unidos convencer o povo russo e o seu governo de que o seu interesse

permanente e mais verdadeiro reside na colaboração conosco e na criação e manutenção de uma organização mundial democrática e efetiva." (73).

Parece que essa observação calou profundamente no espírito de Roosevelt, alimentando em seu já cansado cérebro a idéia fixa de transformar Stalin, de comunista convicto, em exaltado democrata. Conseguir tal coisa julgava ele ser fácil, dada a sua proclamada capacidade dialética, por todos tida como invencível. Ele não podia deixar escapar a oportunidade de cobrir-se com tamanha glória, daí sua insistência em ter um encontro pessoal com Stalin.

Durante a longa peregrinação pelos numerosos colégios que freqüentei, a minha fulgurante inteligência (a modéstia sempre foi o meu fraco), só topou uma que pudesse fazer-lhe tênue sombra. Um episódio, além de muitos outros, que não vale a pena mencionar, demonstra o afirmado.

Em uma das freqüentes sabatinas a que a minha classe era submetida, o professor resolveu abrir rigoroso inquérito, para apurar quais eram os quatro terríveis cavaleiros do Apocalipse. Maldosamente apontado como envolvido nesse escabroso assunto, fui arrolado no libelo acusatório. Quando inquirido, protestei inocência e jurei, por todos os santos, que não conhecia pessoalmente nem sequer tinha ouvido falar em tais indivíduos. O professor, julgando que eu estava deliberadamente ocultando a verdade, com receio de assumir responsabilidade pela denúncia, olhou-me iracundo e aplicou-me meia dúzia de violentos bolos em cada mão.

O meu concorrente em inteligência, intimado a depor, tendo observado o que me havia acontecido, quando inquirido, respondeu sem titubear: Os quatro cavaleiros do Apocalipse eram três — Esaú e Jacob.

Exatamente como na Conferência de Ialta: os "Quatro Grandes" eram três — Roosevelt e Stalin; o primeiro, representando o ingênuo Esaú, o segundo, o esperto Jacob.

Cada um dos três Grandes da Conferência tinha o seu objetivo bem definido: Churchill, visando a derrota de Hitler, a extinção do nazismo e o esfacelamento da Alemanha a qualquer preço; Roosevelt, a divisão da Ale-

manha para a formação de vários países agrícolas, a fim de não poder competir com os Estados Unidos nos mercados internacionais, a transformação de Stalin de comunista em democrata e a organização de uma nova sociedade de nações, capaz de assegurar uma perene paz no mundo, e o de Stalin era fortalecer a Rússia, para garantir sua predominância no mundo, com a exportação do comunismo moscovita.

Quando Churchill chegou a perceber que a verdadeira vencedora da guerra seria a Rússia, e que a Inglaterra, após a derrota da Alemanha e do Japão passaria a segundo plano no concerto geral das nações, tentou salvar alguma coisa do desastre, mas era demasiado tarde, além disso, não encontrou apoio em Roosevelt, já inteiramente magnetizado por Stalin.

Roosevelt, já mentalmente enfraquecido, era assessorado por simpatizantes comunistas, dentre os quais pontificava Harry Hopkins, que durante a guerra se tornou a pessoa que maior soma de poderes tinha em mãos. A sua influência sobre o Presidente era tal que chegou a ser apelidado de "Rasputin da Casa Branca". Foi quem induziu Roosevelt a conceder a Stalin tudo quanto pedisse, sem nada lhe exigir em troca, para que a Rússia mantivesse aceso o seu esforço de guerra; quem se encarregou de influir na opinião norte-americana, no sentido de torná-la favorável ao Governo soviético; de conversar pessoalmente com Stalin, a fim de convencê-lo a aceitar as normas cristãs e os princípios democráticos.

A pedido de Roosevelt, o ex-embaixador norte-americano em Moscou, seu íntimo amigo, William C. Bullit, preparou-lhe um relatório sobre o que pensava de tal política, onde advertiu o Presidente de que:

> "Se ajudasse a Stalin a conseguir o triunfo na luta contra o nazismo sem, ao menos, obter do ditador soviético compromissos definitivos, firmes e públicos, com relação ao futuro da Europa e da Ásia, se assim não o fizesse ver-se-ia, ao terminar a segunda guerra mundial, em situação muito pior do que aquela em que se viu Wilson ao acabar a primeira guerra; que o poder, tanto na Europa quanto na Ásia, passaria dos Estados Unidos para a União Soviética." (74).

Em demorado debate verbal sobre esse relatório, Roosevelt respondeu:

— "Bill, não discuto teu modo de ver os fatos, que me parece razoável. Também não ponho dúvida à lógica dos teus raciocínios. Mas qualquer coisa me diz que Stalin não é um homem dessa espécie. Harry garante que ele não é um ente assim, em que não se possa confiar, e que a única coisa que Stalin realmente quer é a segurança do seu país. Eu creio que se lhe der tudo que me for possível dar, sem nada lhe pedir em troca, creio que, cavalheirescamente, ele não me quererá pagar-me anexando terras. Ao contrário, trabalhará comigo em benefício de um mundo de democracia e de paz.

Bullit fez ver ao Presidente que falava em "cavalheirismo" referindo-se não ao Duque de Norfolk e sim a um bandido caucasiano, cujo único critério, ao conseguir tudo em troca de coisa alguma, seria provavelmente de se convencer de que o outro camarada era um burro. Ademais, ponderou, Stalin só podia rezar pelo credo comunista, que prega a conquista do mundo pelos comunistas.

O Presidente retrucou: — "Bill, a responsabilidade é minha e não tua... Vou seguir o que me aconselha o coração..." (75).

Iniciou-se, então, nos Estados Unidos e em todo o mundo uma intensa propaganda para demonstrar que a Rússia era dirigida por um governo democrata dos mais avançados.

"O Departamento de Estado valeu-se de sua influência com os jornalistas e articulistas de Washington para que estes acrescentassem novas pinceladas róseas no quadro da União Soviética. Todos os agentes do governo soviético nos Estados Unidos, todos os comunistas e simpatizantes se uniram jubilosamente para desempenhar a tarefa de catequizar o povo dos Estados Unidos, explicando bondosamente a natureza e os objetivos da ditadura moscovita.

A pouco e pouco o Presidente e Harry Hopkins começaram a ser arrastados pelo mecanismo da propaganda, tão bem lubrificada por eles. Apesar de

haver declarado, no dia 10 de fevereiro de 1940, que "a União Soviética é governada por uma ditadura tão absoluta quanto qualquer outra ditadura do mundo" o Presidente e seu conselheiro e amigo começaram a aprimorar a teoria de que a União Soviética era "uma democracia amante da paz" e a cumular de favores as pessoas que subscreviam esta corrupção da verdade. Foram deslocados de postos importantes funcionários competentes e patriotas do Departamento de Estado só por saberem muito a verdade acerca da União Soviética e por se recusarem a mentir a favor da ditadura comunista. Jovens também de valor, que também conheciam a verdade, mas que conheciam melhor o que se deve fazer para subir na carreira, apressaram-se a declarar, com notável habilidade, que Stalin "tinha mudado". Subiram rapidamente esses utilitários que se transformaram em artífices do desastre norte-americano." (76).

Foi, portanto, aferrado em sua intuição, conforme lhe aconselhava o coração, que Roosevelt insistiu com Stalin para que tivessem um encontro pessoal, a fim de lhe expor sua política exterior esclarecida, já esboçada na Conferência de Teerã e,

> "com o fito de avistar-se com Stalin pela segunda e última vez, o Presidente se viu obrigado a viajar até à União Soviética. Em Ialta, na Criméia, o ditador soviético recebeu, no dia 4 de fevereiro de 1945, o cansado Presidente americano. Na realidade, Roosevelt já estava então bem mais do que cansado. Era bem pouco o que lhe restava do vigor físico e mental, do que dava provas ao chegar à Casa Branca, em 1933. Era-lhe frequentemente difícil formular seus pensamentos e mais difícil ainda expressá-los consecutivamente. Mas continuava aferrado com teimosia àquele plano de apaziguar Stalin." (77).

Na apresentação do livro, fartamente documentado, do político e homem público francês, ARTHUR CONTE, "YALTA, ou le partage du Monde", lê-se:

"A Conferência de Ialta é uma tragédia shakespeariana: um moribundo, Franklin D. Roosevelt, cujo principal conselheiro, Harry Hopkins, é também um moribundo que tem como um dos seus mais íntimos colaboradores, Alger Hiss, que mais tarde foi implicado em um grave caso de espionagem, que é encarregado de defender os interesses e o futuro do mundo livre perante uma das mais fortes, se não a mais forte, personalidade do século, Joseph Stalin, que nesse dia, 11 de fevereiro de 1945, atingiu ao auge de sua prodigiosa carreira. Winston Churchill, presente na Conferência, já figurava como "o maior dos pequenos" ante os dois Super-Grandes que, enquanto se desmorona o Grande Reich hitleriano e os golpes de Nimitz e de Mac Arthur começam a abalar o Império Nipônico, friamente dividem o mundo.

Ialta é a mais assombrosa conferência de todos os tempos: nunca tantos homens se bateram como nesses dias e nunca conferência alguma afetou o destino de tantos milhões de seres humanos. Ela marca uma nítida separação entre um velho universo que desapareceu e um mundo novo que se levanta. É uma grande data-limite entre duas épocas, ainda que, paradoxalmente, raros foram os homens, George VI, Clemente Attlee, De Gaulle, Pio XII, que se aperceberam com exatidão dos problemas que ela continha ou que criaria." (78).

Daladier e Chamberlain até hoje são criticados e responsabilizados por se terem curvado ante as exigências de Hitler, em Munique, ao entregar-lhe a Checoslováquia, apesar das solenes garantias de segurança que haviam dado a esse país. Foi, realmente, uma traição, mas justificada pela impossibilidade em que se achavam para cumprir a palavra empenhada.

Erro muito maior por eles cometido foi o de assinar um cheque em branco a fim de garantir a integridade física e politica da Polônia, para evitar que uma das mais clamorosas injustiças do Tratado de Versalhes fosse reparada. Não conseguiram saldar o cheque e jamais o saldarão, tão grande é a importância dos juros acumulados.

Mas esse erro, a derrota da França, a invasão da Noruega, as batalhas de El Alamein, da Tunísia e de Stalingrado, o desembarque na Normandia e a queda de Berlim foram fatos muito menos importantes para o futuro da humanidade do que a atuação dos Três Grandes ou, melhor, de Roosevelt em Casablanca, em Teerã e, sobretudo, na Conferência de Ialta, que devia ser chamada o "Desastre de Ialta", avalizado pelo Presidente Truman, na Conferência de Potsdam, realizada depois da queda da Alemanha, em 17 de julho de 1945 e da notícia do completo êxito da explosão de uma bomba atômica no deserto do Novo México.

Dois foram os principais objetivos de Roosevelt em Ialta: conseguir que Stalin concordasse em aderir aos princípios políticos contidos na Carta do Atlântico, concentrada ou verdadeira reprodução dos "Quatorze Pontos de Wilson", germe da Organização das Nações Unidas, e obter o compromisso da Rússia para que declarasse guerra ao Japão.

O primeiro objetivo significava a transformação de Stalin de comunista em democrata. Foi fácil conseguir, pois a Stalin esse compromisso pouco importava. A respeito do segundo, ele não desejava outra coisa, a fim de obter na Ásia aquilo que já lhe estava assegurado na Europa. Mas fez-se de rogado e, mais uma vez, Churchill e Roosevelt foram logrados, firmando um desonroso acordo secreto em que a China, sua aliada, foi miseravelmente traída em benefício da Rússia.

Se Roosevelt tivesse considerado que a Rússia havia firmado um pacto de não agressão e de amizade com o Japão em 14 de abril de 1941, e que, apesar disso iria declarar-lhe guerra, sem que para tanto houvesse o mais remoto pretexto, podia avaliar o valor que se devia emprestar aos compromissos assumidos por Stalin. Se Roosevelt e seus conselheiros militares tivessem lido o que o velho Moltke havia escrito, oitenta anos antes, jamais teriam pedido que a Rússia entrasse na guerra contra o Japão, sobretudo quando ele já se achava praticamente vencido, face a esse trecho:

> "Para a Prússia, porém, a ajuda da Rússia tem sempre a dupla desvantagem de vir muito atrasada e de ser demasiadamente poderosa. A força do

Exército russo chegará à nossa fronteira quando, ou já tivermos sido vencedores e, portanto, não mais precisarmos de auxílio, ou tivermos sido derrotados e tivermos que pagar carc por isso entregando províncias. Porque a Rússia se intervier no fim da campanha com um exército de trezentos mil homens ficará senhora da situação e tornar-se-á a árbitra principal na decisão dos limites até onde poderemos estender nossas fronteiras em caso de sucesso ou devemos nos restringir, em caso de derrota." (79).

A guerra aproximava-se do seu término a olhos vistos. Os Aliados tinham urgência em terminá-la o mais depressa possível; Hitler em retardá-la, para pôr em uso terríveis e destruidoras armas, nas quais os cientistas alemães estavam dando os últimos retoques, conforme era de pleno conhecimento daqueles, que já sofriam os efeitos das V-1 e V-2.

Nessa corrida contra o tempo, os Aliados estavam levando evidentes vantagens. Tornou-se, portanto, necessário que se pusessem de acordo de como concertar a paz.

Na Conferência de Teerã, realizada em fins de 1943, onde Roosevelt começou a ligar-se mais a Stalin do que a Churchill, aquele já havia abordado o assunto, propondo o desmembramento da Alemanha em cinco pequenos países agrícolas e sem governo central, conforme sugeria o chamado Plano Morquenthau. Stalin, que provavelmente tinha já suas idéias sobre esse assunto, dele discordou, deixando para ser discutido em outra ocasião.

Os Exércitos russos, otimamente equipados para uma campanha de inverno, faziam os alemães recuarem em toda a frente das geladas planícies da Rússia, por estes anteriormente ocupadas, e já investiam contra os territórios polacos e da Prússia Oriental. No ocidente, as tropas anglo-americanas marcavam passo em direção à Alemanha, devido à inesperada investida do Von Rundstedt, nas Ardennas.

Quanto mais as forças russas avançavam, mais prestígio adquiria Stalin. Roosevelt e Churchill percebiam esse fato, de maneira que procuraram conferenciar com aquele o mais depressa possível para, de comum acordo, estabelecerem as condições da paz. Stalin, porém, ante o seu crescente prestígio, manhosamente não se mostrava apres-

sado e, assim, sob os mais variados pretextos, recusou encontros seguidamente sugeridos na Escócia, Atenas, Chipre, Salônica, Constantinopla, Jerusalém, Roma, Malta e Cairo, para, finalmente, concordar que ele tivesse lugar em solo russo, em Ialta, na Criméia.

Churchill, em caminho para a Criméia, quis encontrar-se com Roosevelt, em Malta, a fim de estabelecerem uma estratégia comum frente a Stalin. Assim, no dia 2 de fevereiro, quando o vapor "Quincey", com Roosevelt a bordo, entrou no porto de La Valetta, onde já tinha chegado o "Sirius", com Churchill, parece que a primeira coisa que Roosevelt recebeu foi um "delicado" telegrama de Stalin com os seguintes dizeres: "Eu disse I-alta e não M-alta." Foi essa a coisa mais importante que aconteceu nesse encontro, porque Churchill nada conseguiu de Roosevelt; este já se achava enfeitiçado pela propaganda favorável a Stalin.

Ao meio-dia do dia 3, Roosevelt, em sua cadeira de rodas, foi içado para fora do avião que o conduziu do aeroporto de Malta para o de Ialta. Stalin, o anfitrião, não estava presente porque, como lhe disseram, à guisa de desculpa, ele chegaria de trem, mais tarde, pois tinha medo de viajar de avião.

Mandam as normas diplomáticas que, nas conferências internacionais a presidência seja exercida pelo representante do país em que elas se realizam. Stalin, porém, matreiramente, insistiu para que essa tal honra coubesse a Roosevelt. Esse gesto foi por este recebido como uma delicada e merecida homenagem à sua ilustre pessoa.

Numa conferência de três, o voto do presidente torna-se decisivo e como Stalin já sabia que havia magnetizado Roosevelt, Churchill foi anulado e nela só prevaleceu aquilo que o esperto Stalin quis, ou, melhor, impôs.

Nessa memorável conferência duas coisas obcecavam Roosevelt: fazer com que Stalin concordasse com uma intima união dos países em guerra, contra a Alemanha, a Organização das Nações Unidas, o que, em sua cabeça, transformaria o comunista Stalin em ardente democrata e que a Rússia declarasse guerra ao Japão, dentro do prazo de três meses, após a derrota da Alemanha. Para obter essas duas monumentais tolices, ele não fez questão de preço, ante as reticências de Stalin.

Como este se democratizou e qual tem sido a atuação da Rússia na ONU não vale a pena comentar. O insano Calígula, querendo fazer de Incitatus um cônsul, apenas desmoralizava o Senado romano; o insano Roosevelt querendo fazer de Stalin um democrata, infelicitou o mundo!...

E quais foram as condições oferecidas à Rússia para que ela, numa traição, que deixa Pearl Harbor a perder de vista, declarasse guerra ao Japão, já praticamente vencido? Simplesmente as seguintes: restituição de Porto Arthur, e da metade da Ilha Sacalina e ilhas adjacentes, tomadas pelo Japão na guerra russo-japonesa em 1904; a posse do grande arquipélago das ilhas Curilas, que cercam o nordeste do Japão; entrega do porto de Dairen, na Manchúria, que pertencia à China, como também a posse das estradas de ferro dessa região chinesa; finalmente, a metade da Coréia, dividida pelo paralelo 38, ficaria sob a influência soviética e a parte sul sob a dos Estados Unidos!

E foi assim que a China de Chiang Kai-shek, a grande amiga dos Estados Unidos, foi ignominiosamente traída em benefício da URSS; de que se originou o conflito empatado da Coréia; que deu causa à trágica guerra do Vietnã, onde uma pequena nação, quase desconhecida do Ocidente, mas amparada e fomentada por trás das cortinas de ferro e de bambu, provocou verdadeira sangria a branco e pôs em xeque a nação mais poderosa do mundo, sem que ela encontrasse uma saída airosa dessa penosa situação.

11 de fevereiro de 1945, como por ironia, dia dedicado a Santo Adolfo, data em que o Japão festeja o aniversário da fundação do Império, no sul da Criméia, palavra esta que lembra crime, em Ialta, com treze convivas ao redor de uma mesa, depois de empurrados copos e taças, foi assinado, pelos Chefes de Governo da Inglaterra, dos Estados Unidos da América do Norte e o da União Soviética o mais nefasto documento de toda a História.

Em Ialta, Stalin agigantou-se perante Churchill e Roosevelt, tidos e havidos pela intensa propaganda como os maiores estadistas do século. Mas todos estavam radiantes de contentamento, porém, ninguém mais do que Stalin, que dificilmente continha sua alegria. Numerosos

foram os brindes levantados pela assinatura dos documentos que iriam salvar o mundo da barbárie e garantir a paz e a felicidade na face da terra. Stalin empunhou sua taça para beber à saúde de Churchill, designando-o como a figura governamental mais intrépida do mundo, corajoso capitão, seu camarada de combate, de que a História registrava poucos exemplos, onde a coragem de um só homem, como ele, havia tido tanta importância para o futuro do mundo inteiro. A Roosevelt ele cumprimentou como sendo o principal promotor da mobilização mundial contra o nazismo destruidor de Hitler.

Roosevelt, eufórico, respondeu que havia chegado a hora de dar a cada homem, a cada mulher, a cada criança uma garantia de segurança e de bem-estar.

Churchill, tocando sua taça na de Stalin, numa bela tirada, exclamou: "Estamos todos de pé na crista da colina, donde se descobrem as glórias das possibilidades futuras. Somos os chefes chamados para tirar os povos da escuridão das florestas sombrias e guiá-los a caminho das planícies ensolaradas da paz e da felicidade. Temos esse maravilhoso poder nas palmas das mãos e seria uma tragédia que a História não nos perdoaria se o deixássemos escapar por inércia ou negligência." (80).

Não foi nem por inércia nem por negligência que esse poder escapou de suas mãos e das de Roosevelt. Foi por outra coisa!...

Pretende-se explicar o desastre de Ialta pelo fato de Roosevelt, ao ser eleito sucessivamente pela quarta vez como Presidente dos Estados Unidos, fato único em toda a história daquele país, já ser um incapaz, tanto física como intelectualmente e ter como seu principal assessor político um outro doente, Harry Hopkins, verdadeira eminência parda, que, por sua vez, influenciado por Alger Hiss, tornou-se um dos maiores admiradores de Stalin.

Alger Hiss já havia sido denunciado em 1939 como estando a serviço de Moscou, mas provas dessa acusação só foram obtidas dez anos depois, quando foi condenado a cinco anos de prisão.

Mas os assessores militares, que acompanharam Roosevelt a Ialta, não podem ser tachados de simpatizantes do comunismo e foi, sobretudo, no terreno militar que Stalin mais triunfou.

Em Ialta a França foi duramente criticada e espezinhada por Stalin, apesar de ter mobilizado um soldado para cada oito de seus habitantes, enquanto a Inglaterra mobilizou apenas um em cada grupo de quarenta, para combater na Europa continental. E se ela obteve uma zona de ocupação na parte ocidental da Alemanha foi porque a Inglaterra e os Estados Unidos lhe concederam uma parte das que lhes couberam.

De volta de Ialta, Roosevelt convidou De Gaulle para um encontro em Argel. Este, muito justamente magoado, por não ter sido convidado para aquela conferência, declinou do convite.

Dois meses depois de Ialta, e quando suas danosas conseqüências já começavam a transparecer no espírito de Roosevelt, ele faleceu repentinamente. Durante muito tempo, e até que o bem guardado segredo do seu estado mental tornar-se público, suspeitei que ele tivesse posto fim à sua agitada vida política pelo suicídio, logo que percebeu a enormidade do erro que havia cometido, certamente o maior e o mais funesto de toda a História, cuidadosamente cultivado por Harry Truman, seu digno sucessor, em Potsdam.

Continuo, porém, na dúvida: Será que sem Ialta o mundo estaria hoje mais feliz? Ialta não foi a conseqüência natural do erro de fortalecerem a Rússia para derrotarem a Alemanha nazista, de que resultou a substituição da ameaça do nazismo pela realidade do comunismo?

De qualquer maneira, uma coisa é certa: os autores deste ou daquele erro foram os mesmos.

No dia 6 de agosto de 1945, o maior crime de todos os tempos foi cometido em Hiroshima; no dia 8 a Rússia declarou guerra ao Japão; no dia 9, outra bomba mental foi atirada sobre Nagasaki; no dia 10, o Japão pediu a paz, com a única condição de que fosse respeitada a pessoa do seu semidivino Imperador.

Os judeus se vangloriam por ter Israel vencido a mais curta das guerra, a Guerra dos Seis Dias, contra os árabes. É uma pretensão infundada. A mais curta das guerras, e também a mais proveitosa para o vencedor, foi ganha pela Rússia contra o Japão: dois dias! E assim terminou a Segunda Guerra Mundial, com os seguintes resultados:

"Para os Estados Unidos e a Grã-Bretanha os frutos da Batalha da Normandia foram maçãs de Sodoma, que quando eram colhidas, transformavam-se em cinzas. Hitler e suas legiões foram destruídas e em seus lugares ficaram Stalin e suas hordas asiáticas. Como o objetivo dos aliados ocidentais fora a "Vitória, a vitória a qualquer preço" e como insistissem que "esta devia ser a derrota, a ruína e a morte de Hitler, com exclusão de todas as outras finalidades, provas de lealdade e objetivos", Stalin, o supremo realista, cuja estratégia estivera sempre em harmonia com sua política, tinha conseguido impor seu culto messiânico à Estônia, Letônia, Lituânia, parte da Finlândia, Polônia, Alemanha Oriental e Central, um terço da Áustria, Jugoslávia, Hungria, Romênia, Bulgária e Checoslováquia. Viena, Praga e Berlim, as vértebras da Europa, estavam em seu poder, da mesma forma que todas as capitais da Europa Oriental, com exclusão de Atenas. A fronteira oeste da Rússia tinha avançado dos Pântanos de Pripet para Turingerwald, numa distância de 1.200 quilômetros e, como na época de Carlos Magno, os eslavos encontravam-se no Elba e no Bohmerwald. Mil anos de história da Europa foram apagados." (81).

E no restante do mundo? Seria fastidioso enumerar tudo o que aconteceu e vem acontecendo, bastando lembrar que após a Primeira Guerra Mundial só havia um único país comunista no mundo, a Rússia, ao redor da qual foi estabelecido um verdadeiro cordão sanitário e que somente quinze anos depois, isto é, em 1933, depois de Hitler ter assumido o poder na Alemanha, foi o seu Governo reconhecido pelos Estados Unidos. Depois da Segunda Guerra, no entanto, a quarta parte do mundo é dominada pelos comunistas e nas outras três não existe um só país em que não haja um núcleo partidário desse regime, clandestino ou não. E a maré continua subindo...

Ainda uma vez a inépcia da direção da guerra, por parte dos Aliados, no final sob a orientação do Presidente Truman, impediu que as forças aliadas chegassem a Berlim, Viena e Praga, conforme desejava Churchill, para não contrariar os russos, porquanto, em Ialta, Roosevelt

havia prometido a Stalin que a estes seria dada a glória de conquistar Berlim e, posteriormente, dividir a Alemanha, de acordo com o plano sugerido por Morguenthau.

Assim, o último trunfo que os ocidentais podiam ainda contar, para opor alguma resistência ao insaciável Stalin, a ele foi entregue, de maneira que, dos despojos dos vencidos, as partes do lépido leão britânico e da rápida águia americana foram abocanhados pelo tardo urso russo.

Mas nenhuma dupla foi e continua sendo tão elogiada quanto a de Churchill e Roosevelt. Pelo mundo a fora não faltam avenidas e logradouros públicos batizados com seus respectivos nomes. Nenhuma, entretanto, foi mais funesta à humanidade. As desastrosas conseqüências que ela impôs ao mundo resultaram: na desintegração do Império Britânico; no tremendo esforço dos Estados Unidos para manter sua posição de potência respeitável; no gigantesco poderio da União Soviética; no espraiamento quase incontrolável do comunismo; no colossal desperdício de um pavoroso armamento de guerra; no pesadelo da humanidade, por sua sobrevivência.

E foi assim que se consumou, sem qualquer dúvida, O Segundo Grande Erro do Século.

FINAL DA GUERRA

O 11 DE NOVEMBRO DE 1918 é lembrado no mundo inteiro como o dia da vitória dos Aliados sobre os Impérios Centrais, na Primeira Guerra Mundial; o dia 8 de maio de 1945, que pôs fim ao segundo conflito mundial, mais terrível do que o primeiro, passa quase despercebido. Por quê? Simplesmente porque ele marca o fim do conflito nos campos de batalha, mas não o dia da vitória dos Aliados, porém o da Rússia, que preencheu a vaga deixada pela Alemanha Nazista com o comunismo moscovita, sem que se vislumbre a mais tênue possibilidade de ser essa ameaça afastada.

Em conseqüência da miopia dos estadistas das democracias aliadas, ao fortificarem um gigante inimigo para abater outro inimigo gigante, em vez de deixarem ambos se esvaírem em sangue, o gigante nazista foi substituído pelo supergigante comunista.

Hitler, durante a campanha da Rússia, proclamou em discurso que, depois do conflito, o mundo seria nazista ou comunista. E, em verdade, se todo ele não é hoje comunista é devido ao muito sacrifício que tem custado e ainda custará ao chamado mundo livre, sobre o qual paira a nova espada de Dâmocles, representada pela guerra nuclear.

E quem, honestamente, pode negar que cada vez mais o comunismo se alastra pelo mundo em detrimento das idéias democráticas, até mesmo dentro da milenar Igreja Católica?

Para as democracias, portanto, o 8 de maio deve ser lembrado como data melancólica, e não festiva.

Nunca uma guerra importante foi conduzida com tanta inépcia, acumulou tantos erros e terminou de maneira tão estranha e desastrada para os chamados vencedores, quanto a Segunda Guerra Mundial. A vitória de Pirro, para os que a obtiveram, comparada, constitui retumbante êxito.

Os historiadores futuros terão dificuldade em compreender como se proclama que as democracias saíram vitoriosas ao derrotar o nazismo para, finalmente, substituí-lo pelo gigantesco desenvolvimento do comunismo. Como se criticou, e ainda se critica o Pacto de Munique, que permitiu à Alemanha anexar uma parte da Checoslováquia e, posteriormente, se elogiou e se elogia ainda a firmeza da Inglaterra e da França pela garantia que deram à integridade territorial e política da Polônia, para, depois, verem-se forçadas a entregar aos comunistas a própria Polônia e mais a Alemanha Oriental, com a metade de Berlim dentro dela, a Estônia, a Lituânia, a Letônia, a Checoslováquia, a Hungria, a Rumânia, a Bulgária e grande parte do território japonês, além dos vários países que se tornaram comunistas na Ásia, África e na América, dando com isso o maior realce aos seus partidos, oficiais ou clandestinos, existentes no restante do mundo!

E tudo isso por que?

Simplesmente porque a guerra foi conduzida pelo ódio, pelo desejo de vingança, sem qualquer consideração de ordem política, que dois homens, Winston Churchill e Franklin D. Roosevelt, alimentavam contra outro homem, Adolfo Hitler!

Dos escombros dessa terrível guerra, dois dos aliados vencedores tornaram-se superpotências, os Estados Unidos e a Rússia mas, devido à desconfiança mútua existente entre eles, são obrigados a tremendos esforços, que não lhes permitem gozar a paz de que gozam os dois países vencidos, a Alemanha e o Japão, apesar da amputação que foi feita em seus respectivos territórios. Se, portanto, a finalidade da guerra é a conquista da paz, chega-se ao seguinte contra-senso: os vencidos passaram a vitoriosos e os vitoriosos a vencidos...

Quanto às demais democracias, que faziam parte do chamado grupo vencedor, qual foi o ganho que tiveram?

As do continente europeu, por terem tido seus territórios ocupados pelas forças nazi-fascistas, e que por isso

tanto sofreram, só mereceram o desprezo dos seus outros três grandes parceiros. Neste particular, a França foi duplamente humilhada: humilhada por uma fragorosa derrota militar; humilhada por ter sido ignorada por aqueles seus grandes parceiros na liquidação da guerra. Daí, o insopitável ressentimento de De Gaulle e suas atitudes ao retirar o seu país da Organização do Tratado do Atlântico Norte, o seu insólito grito de "Quebec Livre", no Canadá, e a sua teimosia em fazer da França uma potência atômica.

Mas não foi só a França que foi menosprezada, senão ignorada pelos chamados "Três Grandes" desse conflito mundial. Todas as demais nações que contribuíram com sangue, suor e lágrimas para a derrota do nazismo também o foram nas conferências de Casablanca, de Teerã, de Ialta e de Potsdam.

Ao término da Primeira Guerra Mundial, durante a Conferência de Paris, todas as nações aliadas e associadas foram gentilmente convidadas para aguardar nas ante-salas até que os "Três Grandes" de então tivessem redigido e aprovado o Tratado de Versalhes, a fim de nele aporem suas respectivas assinaturas. Mas nas conferências de Ialta e de Potsdam esse incômodo foi dispensado aos demais países aliados dos Três Grandes. O que nessa conferência ficou resolvido eles tiveram conhecimento muito depois, pela leitura dos jornais!

Sumner Wells, na qualidade de conselheiro e íntimo amigo de Roosevelt, era de opinião que a paz só poderia reinar na face da terra se a Alemanha fosse dividida em pequenos países agrícolas, opinião essa acatada por Roosevelt. Morguenthau não chegou a tanto; bastava desmantelar a indústria alemã e dividir o país em duas partes, uma seria ocupada pelos Estados Unidos, Inglaterra e França; outra, pela Rússia "democrática". Mas, logo que esse plano foi posto em vigor os aliados ocidentais redescobriram que a Rússia era uma férrea ditadura comunista e que a transformação da Alemanha de país industrial em agrícola significava, simplesmente, fazer com que o comunismo chegasse até às margens do Atlântico e o plano Morguenthau foi, então, rapidamente substituído pelos pesados encargos do Plano Marshall, a fim de soerguer o restante da Europa ainda não comunizado e dividir em dois os campos antagônicos.

Dos 12,5 bilhões de dólares do fundo do Plano Marshall nenhum país da esfera moscovita aceitou qualquer ajuda. Também dele nada foi oferecido à Espanha, talvez por ter sido o seu Governo o único que percebeu claramente a desastrosa política das democracias, pela incondicional ajuda à Rússia, contra a Alemanha, durante a guerra, conforme previu seu Ministro do Exterior, Conde Jordana, ao avistar-se com o Embaixador britânico em Madri, Samoel Hoare. A Inglaterra recebeu 2,9 bilhões; a França, 2,6 bilhões; e a Alemanha Ocidental, 1,3 bilhões. De todos os países que receberam ajuda desse plano, o único que já o saldou integralmente foi a Alemanha.

Até o início da Segunda Guerra Mundial os Estados Unidos já eram uma grande potência; em seu final, porém, eles passaram a superpotência e a mais poderosa existente sobre a face da terra. Mas se essa privilegiada situação lhes traz ótimas vantagens, acarreta-lhes, também, pesados encargos.

Realmente, se antes desse conflito os seus compromissos só se restringiam à Doutrina Monroe, depois dela ficaram, pela Doutrina Truman, comprometidos a garantir a liberdade das democracias no mundo ainda não comunizado, conquanto não faltam brutais ditadores por eles fortemente apoiados, desde que sejam anticomunistas e que lhes facilitem os bons negócios, conforme a seguinte citação:

> "Por razões muitas vezes complexas, os Estados Unidos mantêm as melhores relações com as ditaduras da América Latina. Assim, o Paraguai, submetido à ditadura do Gen. Stroessner, recebeu dos Estados Unidos, entre 1948 e 1956, uma ajuda governamental de 66,8 milhões de dólares para uma população de apenas 1.900.000 habitantes, enquanto que o Uruguai, país democrata, com 2.600.000 habitantes, recebeu apenas 35,2 milhões. Em regra, os Estados Unidos não tiveram queixas das ditaduras de Stroessner, no Paraguai; de Somosa, na Nicarágua: de Perez Jimenez, na Venezuela; de Trujillo, em São Domingos; de Batista, em Cuba; de Odria, no Peru; de Rojas Pinilla, na Colômbia, etc. Esta regra geral se verificou antes da subida de John F. Kennedy à presidência e do lançamento do seu pro-

grama Aliança para o Progresso, que se propunha não só a assegurar o desenvolvimento econômico da América Latina, como ainda a favorecer os regimes democráticos. Todavia, o mesmo princípio continuou existindo no tempo da Aliança para o Progresso.

Os Estados Unidos, que raramente hesitam em intervir num país do continente, nada fizeram para abalar as ditaduras existentes, pois estas sabem sempre fazer respeitar os interesses privados americanos." (82).

Quanto ao brutal esmagamento da Hungria e da Checoslováquia, pelos tanques russos, em 1947, muito pior do que fez Hitler sobre Praga em 1939, quando esses países tiveram a veleidade de discordar da opressiva ditadura moscovita, os Estados Unidos não se sentiram obrigados a protestar, como fizeram alguns partidos comunistas existentes em outros países, visto que, na divisão do mundo, feita em Ialta, aquelas nações foram entregues à esfera da influência moscovita, apesar de Roosevelt ter assegurado ao Congresso americano que as zonas de esfera, de influência, haviam terminado. Que importância tinha, pois, para os Estados Unidos, que esses países fossem politicamente livres ou submetidos ao pesado jugo moscovita?

A ata final da malfadada Conferência de Ialta, inclusive com seu Acordo ultra-secreto, acha-se publicada, em Apêndice, no interessante e bem documentado livro de autoria do coronel Heitor Almeida Herrera, "A Estratégia dos Aliados na Segunda Guerra Mundial" — Ed. da Biblioteca do Exército — Rio, 1961.

Em política, as palavras têm muito mais importância do que os atos; os gestos mais do que os fatos; o ouvido mais do que a vista, sobretudo em política internacional e, por isso, os Estados Unidos, pretendendo assegurar a liberdade e a independência dos povos, com suas intervenções militares, pressões diplomáticas, ajudas econômicas, etc. encarnam um moderno Prometeu, sofrendo as críticas e animosidades de todos, inclusive daqueles que deles recebem os maiores favores. É verdade que para o integral cumprimento desse difícil programa, eles se vêem na obrigação de exterminar grande parte das populações de seus protegidos, de lhes atirar centenas de milhares de

toneladas de bombas, de reduzir a pó suas humildes aldeias, de aplicar herbicidas para destruir suas florestas e inutilizar suas plantações, de fazer de corpos humanos tochas vivas com o emprego do *napalm*, etc. como fizeram no Vietnã, de maneira que nem sempre tal programa é do agrado do ingrato protegido!

São realmente verdadeiros ingratos, tal como os estúpidos hereges da Idade Média, que não gostavam de ser queimados vivos, para terem a indiscutível vantagem de suas almas não ficarem penando eternamente no fogo do Inferno.

A União Soviética saiu-se da guerra como a segunda superpotência mundial e está fazendo o possível para ser a primeira; um olhar para o mapa do mundo atual disso convence o mais ingênuo e superficial dos observadores. Enumerar essas vantagens seria, portanto, tarefa exaustiva e vã. Basta dizer que do grupo dos vencedores foi ela, sem qualquer dúvida, a única que vantagens auferiu.

As conferências de desarmamento e as afirmativas de amizade e de lealdade entre as grandes potências multiplicam-se, sem jamais chegarem aos objetivos colimados, em vista da completa falta de confiança que predomina entre todos. Dois fatos, além de numerosos outros frequentemente relatados pela imprensa, caracterizam essa desconfiança: os episódios Crabb e U-2.

Com efeito, em 1956 Nikita Kruschev e o Marechal Bulgamin, a bordo do moderno cruzador russo "Ordzkonikidze", chegaram ao porto de Portsmouth a convite do Governo inglês para visitar a Inglaterra. O homem-rã, Lionel Crabb, mergulhou, para espionar o casco do navio russo. Nunca mais se teve notícia desse conhecido espião inglês, continuando o seu desaparecimento envolto em mistério; ignora-se qual a missão que lhe foi confiada e se foi capturado vivo ou morto pelas sentinelas soviéticas que vigiavam aquele vaso de guerra. Mas o escândalo tornou-se público.

Em 1960, a tensão internacional entre as grandes potências parecia afrouxar-se e Kruschev foi oficialmente convidado a fazer uma visita aos Estados Unidos, sendo lá recepcionado de maneira cordialíssima. As declarações de amizade e lealdade eram as mais veementes; o mundo respirava finalmente num clima de paz e de harmonia;

o pesadelo da guerra-fria dissipava-se ante o espírito cordial dominante em "Campo David", a mansão de descanso do Presidente dos Estados Unidos.

Uma conferência de Chefes de Estado das grandes potências, para solidificar a paz, tão bem delineada por ocasião dessa visita, foi programada para ser realizada em Paris. Kruschev, entretanto, fazia questão de demonstrar ao Presidente Eisenhower que o povo russo não era menos cortês do que o norte-americano e, para tanto, o convidou a visitar a Rússia, convite que foi aceito com entusiasmo e a visita fixada para logo após o término da conferência.

Mas, eis que, no próprio dia da abertura do referido conclave, Kruschev é informado que um avião U-2 havia sido abatido em pleno coração da Rússia e seu piloto feito prisioneiro. Kruschev, indignado, pede explicação a Eisenhower por tamanha deslealdade. Este, julgando que o avião havia sido destruído pelo piloto William Power, em virtude de algum acidente e o próprio piloto morrido, afirma que não se tratava de espionagem mas tão somente de pesquisa meteorológica e que, certamente, o piloto havia perdido a direção e caído em território russo.

Kruschev então o informa do que realmente havia ocorrido e que o piloto se achava são e salvo, como prisioneiro, na Rússia e em seguida cancela o convite que lhe havia feito para visitar o país e se retira abruptamente da Conferência, que nem sequer havia iniciado os seus esperançosos trabalhos, para garantir a paz e a harmonia sobre a terra que, agora, envergonhado, Eisenhower desejava se lhe abrisse aos pés...

E, assim, o mundo continuou e continua do jeito que todos sabem!

Mas não é só em política internacional que se registram vergonhosos casos de espionagem, como os acima relatados. Em política nacional acontece o mesmo. E quando, ocasionalmente, os fatos vêm a público, procura-se encobri-los, sob o pretexto de segurança nacional, a fim de justificar o uso desses torpes métodos, que incluem até suborno, para derrotar o adversário e garantir-se no poder.

O escandaloso episódio de Watergate é um exemplo. Os miasmas desprendidos de sua podridão obrigaram a saída de alguns secretários de Estado, a demissão de

muitos dos mais chegados assessores do Presidente Richard Nixon, que foram submetidos a processos, provocando ainda uma virose pulmonar no próprio Presidente que, assim, perdeu a confiança da maioria dos norte-americanos, sendo até ameaçado de não poder continuar à testa do Governo, por renúncia ou impedimento porque, tanto é ladrão quem rouba como quem abre o saco, ou quem com o roubo se beneficia.

CRIMINOSOS DE GUERRA

CRIMINOSO DE GUERRA é todo o patriota de alguma responsabilidade na conduta da guerra de seu país quando este é vencido. Herói de guerra é todo o patriota de alguma responsabilidade na conduta da guerra de seu país quando este é vencedor.

Vê-se, portanto, que a única condição para que o indivíduo seja considerado criminoso ou herói de guerra é a de que seu país seja o vencido ou o vencedor da guerra.

Como a Alemanha e o Japão foram vencidos, lá não foram encontrados heróis de guerra, mas tão somente criminosos de guerra. Como os Aliados foram vencedores, lá não foram encontrados criminosos de guerra, mas tão somente heróis de guerra!

O mesmo acontece com os revolucionários. Quando vencidos são vil traidores; quando vencedores, exaltados patriotas.

Ninguém melhor definiu isso do que o General Malet, ao encabeçar a fracassada revolução para apossar-se do Governo francês, fazendo correr o boato, segundo o qual Napoleão havia morrido durante a trágica retirada de seu Exército, através das geladas planícies russas.

Preso e submetido a Conselho de Guerra, quando inquirido pelo presidente para dizer quais eram os seus partidários, com sarcasmo, respondeu: "todo o povo francês, inclusive Vossa Excelência... se eu houvesse vencido"!

No atentado de 20 de julho de 1942, contra a vida de Hitler, todos os conjurados que foi possível capturar foram enforcados como traidores da pátria. Os únicos que

escaparam a essa aviltante morte foram o Almirante Canaris, estrangulado na prisão, e o Marechal Erwil Rommel, devido à merecida auréola de glória que o envolvia pelos seus notáveis feitos durante a guerra, sobretudo na campanha do Norte da África e que, por isso, foi convidado a envenenar-se.

É evidente que se Hitler tivesse morrido naquela ocasião, todos os conjurados entrariam para a galeria dos heróis nacionais e a guerra não teria terminado da maneira catastrófica como terminou.

Em 30 de abril de 1945, ante a iminente queda de Berlim, Hitler, Eva Brau, Goebbels e sua mulher e os generais Krebs e Burgdorff suicidaram-se na Chancelaria do Reich. Os três primeiros pediram que seus cadáveres fossem incinerados, para não caírem em mãos do inimigo mesmo depois de mortos. Os três filhos de Goebbels haviam sido envenenados antes, por ordem do próprio pai.

No dia 7 de maio, por determinação do Almirante Doenitz, que havia sucedido a Hitler no Governo, a rendição da Alemanha foi assinada em Reims pelo General Joedl e o Almirante Freideburg, este suicidou-se logo depois. Heinrich e Robert Ley fizeram o mesmo.

Terminado o conflito, foi organizado o Tribunal Internacional Militar com sede em Nurenberg, sob a presidência do representante da Rússia, para julgar os principais criminosos de guerra que foi possível capturar. O processo foi longo e, em sua primeira fase foram submetidos a julgamento vinte e um chefes nazistas, dos quais onze foram condenados à morte: Guering, Ribbentrop, Keitel, Jodl, Sauckel, Kaltenbrunner, Hans Frank, Frick, Streicher, Seyss-Inquart e Rosenberg, que foram enforcados no dia 16 de outubro de 1946, com exceção de Guering que se suicidara na véspera; condenados à prisão perpétua" Rudolf Hess, Almirante Raeder e Walther Funk; a vinte anos de prisão: Albert Speer e Julius Schirach; a quinze anos: von Neurath; a dez: Almirante Doenitz. Foram absolvidos: von Papen, Dr. Schacht e Hans Fritzsche.

"Alexandre, Marília, qual o rio
Que engrossando no inverno tudo arrasa,
Na frente das coortes,
Cerca, vence, abrasa
As cidades mais fortes...

Foi na glória das armas o primeiro:
Morreu na flor dos anos, e já tinha
Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom soldado, cujo nome
Não há poder algum que não abata,
Foi, Marília, somente
Um ditoso pirata,
Um salteador valente.
Se não tem uma fama baixa e escura,
Foi por se pôr ao lado da injustiça
A insolente ventura.

O grande César, cujo nome voa,
À sua mesma pátria a fé quebranta.
Na mão a espada toma,
Oprime-lhe a garganta,
Dá senhores a Roma,
Consegue ser herói por um delicto!...
Se acaso não vencesse, então seria
Um vil traidor proscrito!"

Thomaz Antônio Gonzaga — Lira XXVIII

A respeito do tratamento a que foram submetidos os prisioneiros italianos na Rússia, publicou "O Globo", em sua edição de 4 de setembro de 1970, sob o título "Os prisioneiros do silêncio", um artigo do qual vale a pena reproduzir os seguintes trechos:

"A campanha italiana contra a União Soviética, na Segunda Guerra Mundial, começou com uma grande batalha, a 11 de dezembro de 1942, e terminou com uma trágica retirada dois meses mais tarde, a 31 de janeiro de 1943. Quando começou a batalha, os homens do corpo expedicionário eram 220 mil e ficaram reduzidos a 135 mil. Que foi feito dos restantes 85 mil?

Segundo as autoridades italianas, 25 mil morreram no campo de batalha e dez mil, feitos prisioneiros, foram devolvidos em épocas sucessivas pela União Soviética. Restam 50 mil, dos quais não se

sabe ainda hoje se morreram ou se são prisioneiros na União Soviética, apesar das buscas promovidas pelo Governo italiano, pela Cruz Vermelha e pelas organizações dos ex-combatentes.

A última tentativa de busca foi feita ainda recentemente, com a participação das autoridades, das organizações e da imprensa. Mas o resultado foi negativo, como das vezes anteriores. As autoridades soviéticas se limitam a afirmar que não há mais prisioneiros e, de qualquer maneira, não fazem nada para facilitar as buscas..."

"A União Soviètica, à diferença da França, da Inglaterra e dos Estados Unidos, não forneceu notícias sobre os prisioneiros, nem permitiu que fossem fornecidas normalmente através da Cruz Vermelha. A prova são os 50 mil homens dos quais ainda hoje não se sabe se morreram, se continuam vivos em algum lugar da União Soviética, ou o que foi feito deles..."

"Morreram, de fato, aos milhares, de fome, doenças e outras causas. No campo de Krinovaia, em 25 dias, morreram 27 mil prisioneiros num total de 30 mil. No campo de Tambov, em três meses, morreram 19 mil num total de 20 mil. No campo de Mintchcrunsk, em 60 dias, morreram 6.520, num total de 7 mil. No campo 58/C, correram 7.400 num total de 7.800. No campo 171, morreram 5.900 em 6.000. No campo de Surdal, morreram 2.600, em 3.000. No campo de Oranki, morreram 633, em 933.

As condições de vida nos campos eram espantosas. O Padre Brevi, um lendário capelão militar, que ficou doze anos prisioneiro na União Soviética, admite ter chorado de raiva e inveja ao mesmo tempo ao ver prisioneiros devorarem o fígado de um companheiro que acabava de morrer. Ao lado da fome, as doenças, o frio, as execuções sumárias fizeram o resto.

A imprensa comunista, quando não pode evitar o assunto, qualifica de "infâmias" as notícias sobre as infâmias. Infâmias são as coisas que aconteceram e não as notícias. De resto, Kruschev não denunciou um extermínio de 6 milhões de russos

entre 1917 e 1922 e de mais de 5 milhões entre 1929 e 1932? E esses extermínios não foram perpetrados por ordem de Stalin?..."

"Se existem ainda prisioneiros de guerra na União Soviética, eles são prisioneiros de um silêncio total. Um silêncio parecido com a morte, da qual só a "pátria do comunismo" é capaz." (83).

A respeito dos prisioneiros alemães, na Rússia, sabe-se apenas que eram mais maltratados do que os dos demais países.

A retirada das forças italianas, remanescentes da campanha da Rússia, durante o inverno de 1942, mal aparelhadas para suportar temperaturas inferiores a quarenta graus negativos, e perseguidas pelos russos, descrita por EGISTO CORRADI, constitui páginas horripilantes. (84).

Em face dessas revelações, conclui-se que o bestial tratamento infligido aos judeus nos campos de concentração da Alemanha está para o imposto aos prisioneiros dos campos de concentração russos, assim como os castigos das almas do Purgatório estão para os das do Inferno.

O avanço do Exército bolchevista através da Polônia, da Alemanha Oriental, da Hungria, da Checoslováquia, da Austria e da Rumânia caracterizou-se por uma bestialidade, contra tudo e contra todos, de modo nunca visto, a ponto de provocar enérgico protesto de Tito, da Jugoslávia, junto a Stalin, mas nem Roosevelt nem Churchill jamais tiveram uma só palavra contra tais excessos, muito ao contrário, deles os russos e Stalin só elogios receberam e, cada vez maior ajuda material pela Lei de Empréstimos e Arrendamentos, aliás até hoje não paga e que se constituiu no seguinte:

"Os algarismos divulgados, quanto aos suplementos americanos enviados à União Soviética, logo assumiram as dimensões de verdadeira enchente. É indiscutível que esses suprimentos contribuíram decisivamente para o sucesso do colosso vermelho, pois em breve superaram suas tremendas perdas sofridas, tornando-o cada vez mais forte com o decorrer da guerra. Os algarismos divulgados revelam os seguintes itens: 17.000 aviões, 51.000 jipes, 400.000 caminhões, 12.000 veículos blindados de combate,

> 8.000 canhões antiaéreos, 105 submarinos, 197 lanchas torpedeiras, 50.000 toneladas de couros, 15.000.000 de pares de botinas, 3.700.000 pneumáticos, 2.800.000 toneladas de aço, 800.000 toneladas de produtos químicos, 340.000 toneladas de explosivos, 2.600.000 toneladas de produtos petrolíferos, 4.700.000 toneladas de víveres e 81.000 toneladas de borracha. Não é exagero dizer que sem essa maciça ajuda americana, dificilmente poderia a Rússia ficar em condições de passar à ofensiva em 1943." (85).

Nada há mais curioso do que a interpretação da expressão "criminoso de guerra". Os Estados Unidos entraram na Primeira Grande Guerra Européia, transformando-a em Mundial, sob o pretexto de defenderem a civilização, ameaçada pelo desencadeamento da guerra submarina pela Alemanha, a verdade, porém, foi o célebre telegrama de Zimmermann, interceptado e decifrado pelos ingleses, mas achavam muito natural matar pela fome milhões de pessoas de todas as idades e sexos por meio do bloqueio dos Impérios Centrais.

Quanto ao chamado criminoso emprego de submarinos na guerra, ninguém os têm hoje em maior número, mais aperfeiçoados e perigosos do que os Estados Unidos e a União Soviética, e é justamente nesses dois países em que se encontra a mais estranha interpretação do que é ser criminoso de guerra.

A Rússia era acusada de vários desses crimes quando agrediu a Finlândia e avançou na metade da Polônia derrotada pela Alemanha mas, quando esta a invadiu, referir-se a esses crimes era pecado mortal!...

Quando o Governo polonês, no exílio londrino, em 1943, depois de infrutíferas tentativas junto ao soviético, pretendeu recorrer à Cruz Vermelha Internacional para saber a verdade sobre o massacre de centenas de milhares de polacos na floresta de Katin, a Rússia o acusou de conluio com Hitler, com ele cortou relações e instituiu em Lublin um outro Governo polonês, integrado por comunistas polacos.

Desde a descoberta desse inominável crime, ficou plenamente comprovado ter sido ele praticado pelo Governo russo, mas Churchill e Roosevelt, que disso estavam

cientes, proibiram sua divulgação, que só agora está sendo considerado como o crime sem precedentes na História.

No último inverno da guerra, a investida russa contra a Alemanha caracterizou-se por uma selvageria jamais vista na face da terra. "Matem!... Matem... Não há alemães inocentes, nem mesmo aqueles que ainda não nasceram", foi o lema imposto às hordas russas!...

O soldado russo, otimamente armado e protegido pela melhor artilharia do mundo, onde predominavam os famosos "órgãos de Stalin", máquinas de guerra que disparavam de cada vez até uma dúzia de projéteis, equivalentes em poder destrutivo ao de quarenta morteiros, mostrou-se de uma bravura, de uma resistência, de uma tenacidade e, sobretudo, de uma ferocidade sem limites.

Apavorados pelas barbaridades de que eram vítimas, dezenas de milhares de fugitivos alemães correram para os gelados cais de Dantzig e de Gdynia, na esperança de serem evacuados por mar, enquanto os aviões anglo-americanos os bombardeavam e os submarinos russos, de alcatéia, afundavam os navios que os conduziam. Nessas cidades formavam-se, então, numerosas filas de alemães diante dos esgotados armazéns de gêneros alimentícios, na esperança de obterem uma códea de pão para lhes mitigar a fome, e outras tantas filas de soldados russos, diante de várias casas, para saciarem seus baixos instintos sobre as mulheres alemãs.

A mortandade, a hecatombe de milhares de civis de todas as idades, homens, mulheres e crianças, que nenhuma culpa tiveram na guerra e que nenhuma influência poderiam ter em seu desfecho, como fizeram os russos em seu avanço contra a Alemanha, possantemente auxiliados pelos pesados bombardeios da aviação anglo-americana, foi um ato da mais profunda selvageria, de uma injustificável bestialidade. Pretender justificar tais crimes pelos crimes, aliás muito menores, praticados pelo inimigo, é o mesmo que justificar um erro baseando-se em outro erro.

A maior tragédia marítima de todos os tempos verificou-se nessa ocasião, com o torpedeamento do luxuoso barco de turismo alemão, "Wilhelm Gustloff" que, superlotado, conduzia perto de seis mil pessoas refugiadas para a Alemanha, em sua imensa maioria composta de mulheres e crianças, por terem elas prioridade sobre os homens e que morreram afogadas nas gélidas águas do Báltico. (86).

Naquela ocasião se silenciou sobre esse monstruoso crime, e ainda hoje, fora da Alemanha, poucas são as pessoas que dele têm inteiro conhecimento. Para muitos, o torpedeamento do "Luzitânia", dramatizado pelo cinema, que transportava alguns norte-americanos, mas também conduzia armamentos de guerra para a Inglaterra, foi e continua sendo o mais bárbaro de todos os tempos.

O trágico noticiário da Guerra do Vietnã, de vez em quando revela tremendas crueldades que lá foram praticadas por todos os contendores. A esse respeito, uma das notícias mais chocantes foi a do fuzilamento, a sangue frio, de uma centena de civis, indefesos, de todas as idades, executado por soldados norte-americanos, na miserável e já famosa aldeia de My Lai. Essa chacina, como algumas outras semelhantes, só veio a público quase dois anos após ter sido cometida, e isso porque a consciência de um soldado norte-americano, que a presenciou, doeu tanto que ele não mais pôde guardar silêncio.

À vista da repercussão e da reprovação mundial de tamanha bestialidade, o Governo americano viu-se na contingência de submeter um dos principais implicados nessa matança, o Tenente Calley, a conselho de guerra, o qual, depois de colhidas as provas testemunhais, durante o longo processo, o condenou à prisão perpétua, como criminoso de guerra.

Essa decisão provocou tamanha indignação no povo norte-americano que um dilúvio de protestos, vindos de todos os cantos do país, caiu sobre a Casa Branca. E com toda a razão porque, não tendo os Estados Unidos oficialmente perdido a guerra no Vietnã, evidentemente é absurdo, senão estupidez, admitir-se que qualquer cidadão norte-americano possa ser condenado como criminoso de guerra. E o Presidente Nixon, ante essa indiscutível lógica, não teve outro recurso senão o de desmoralizar o colendo conselho de guerra, decretando a liberdade do heróico Tenente William Calley, até novo julgamento... ou até que o fato fique esquecido!

CONSEQÜÊNCIAS DE IALTA

PARA SE EXALTAREM as figuras de Winston Churchill e de Franklin D. Roosevelt, procura-se denegrir as de Neville Chamberlain e de Eduardo Daladier por se terem submetido às exigências de Hitler durante o Acordo de Munique, onde entregaram parte da Checoslováquia à Alemanha. Para se reabilitarem perante a opinião pública que condenava o nazismo, Chamberlain e Daladier tomaram, então, a infeliz decisão de garantir a mais clamorosa injustiça contida no Tratado de Versalhes, ou seja, assegurar à Polônia uma saída para o mar, à custa da Alemanha, através do chamado "Corredor Polonês", que separava parte do território alemão, na Prússia Oriental, sem levarem em conta a impossibilidade em que a Inglaterra e a França se achavam para dar tal garantia.

Nem uma nem outra tiveram sequer força suficiente para impedir a ocupação da Noruega, pela Alemanha e, por isso, Chamberlain foi destituído do Governo; a França foi incapaz de resistir à fulminante investida nazista e, por isso, Daladier fugiu para a África, deixando ao velho Marechal Pétain o pesado encargo de arcar com as responsabilidades do país, humilhantemente vencido.

Churchill assumiu, então, a direção da guerra contra Hitler, no que foi ajudado, inicialmente de maneira disfarçada e depois ostensivamente, por Roosevelt. Assim, esses dois Chefes de governo se encarregaram de avolumar e de aperfeiçoar o Segundo Maior Erro do Século, que teve sua culminância na malfadada Conferência de Ialta.

Roosevelt, em discurso perante o Congresso americano, feito seis meses antes de morrer, ao prestar contas de sua atuação em Ialta, euforicamente disse:

> "Reunimo-nos na Criméia dispostos a resolver a questão das áreas libertadas... E tenho a satisfação de confirmar ao Congresso que chegamos a um acordo — e incidentalmente, a um acordo unânime.
>
> As três nações mais poderosas concordaram em que os problemas políticos e econômicos de qualquer área libertada da conquista nazista, ou de qualquer antigo satélite do Eixo, são de responsabilidade conjunta dos três governos. Estes se reunirão durante o período temporário de instabilidade — após as hostilidades — para ajudar o povo de qualquer área libertada, ou de qualquer antigo satélite, a resolver seus problemas através de processos democráticos firmemente estabelecidos..."
>
> "A conferência da Criméia foi um esforço bem sucedido das três nações principais de encontrar um terreno comum para a paz. Ela representa o fim do sistema de ação unilateral, das alianças exclusivas, das esferas de influência, do equilíbrio de forças e de todos os outros expedientes que há séculos são experimentados e falham."
>
> "Propomos a substituição de todos eles por uma organização universal, na qual as Nações amantes da paz terão finalmente uma oportunidade de se unir."
>
> "Tenho confiança de que o Congresso e o povo americano aceitarão os resultados dessa Conferência como o início de uma estrutura permanente de paz, sobre a qual podemos começar a construir, com a proteção de Deus, o mundo melhor, no qual nossos filhos e netos — vossos filhos e meus, os filhos e netos de todo o mundo, devem viver e podem viver."
>
> "E essa, meus amigos, é a principal mensagem que vos posso trazer. Mas sinto-a profundamente, como sei que todos vós a estais sentindo hoje, e a sentireis no futuro." (87).

A euforia provocada por esse confiante pronunciamento desapareceu tão rapidamente quanto um nevoeiro soprado por fortes ventos e, menos de um mês depois, isto é, em 28 de abril de 1945, Churchill escrevia a Stalin:

> "Surpreende-nos que Vossa Excelência julgue possamos pressionar no sentido de um Governo Polonês hostil à URSS. Trata-se do oposto de nossa política. Mas foi pela Polônia que os britânicos se lançaram à guerra com a Alemanha em 1939... Toda a nação foi à guerra com Hitler, despreparados como estávamos. Houve uma chama nos corações dos homens, idêntica à que dominou vosso povo, na nobre defesa de seu país contra um traiçoeiro, brutal, e por vezes aparentemente avassalador, ataque alemão. Essa chama brilha ainda entre todas as classes e partidos nesta ilha e seus domínios de governo autônomo, e jamais poderíamos julgar que a guerra tenha terminado bem, a menos que a Polônia receba tratamento justo no sentido de sua soberania, independência e liberdade, na base de uma amizade com a Rússia. Quanto a isso, julguei que tivéssemos chegado a um acordo em Ialta."
>
> "Mas estamos absolutamente convencidos de que o compromisso assumido em favor de um Estado soberano, livre, independente, com um governo que represente todos os elementos democráticos entre os poloneses, de forma adequada, *é para nós questão de honra e dever* (grifei). Não creio que haja a menor possibilidade de que essa atitude de nossos dois Poderes se modifique. Foi em grande parte por iniciativa minha que apoiamos, em 1944, a fronteira russo-polonesa, desejada por V. Excia., ou seja, a linha Curzon, incluindo Lembergue para a Rússia. Somos de parecer que V. Excia. deve cumprir a outra metade desse acordo que conosco proclamou, ou seja, a soberania, independência e liberdade da Polônia, desde que seja uma Polônia cordial para com a Rússia."
>
> "Não há nada de confortador na perspectiva de um futuro em que os países por vós dominados, juntamente com os partidos comunistas em muitos outros Estados, se reúnam de um lado, e do outro

se coloquem as nações de língua inglesa e seus Aliados ou Domínios. É evidente que tal querela destruiria o mundo, em pedaços, e que todos nós, líderes de ambos os lados, que qualquer responsabilidade nisso tivemos, receberíamos a condenação da História..." (88).

A essa mensagem Stalin refutou de maneira rude, mas não sem lógica, dizendo que o Governo polonês estava sendo formado conforme claramente estabelecia o acordo de Ialta, porquanto era um governo amistoso para com a Rússia, e que dele não faziam parte nazistas, fascistas ou políticos declaradamente hostis ao seu país, únicos vetados pelo referido acordo. Assim foi ele realmente organizado e Churchill e Truman foram obrigados a reconhecê-lo. (89).

Será que Churchill poderia fazer a restrição que Francisco I fez em Pávia, quando disse que havia perdido tudo, exceto a honra?

Nas eleições inglesas, realizadas em julho de 1945, Churchill teve a amarga decepção de ver o seu partido derrotado pelo Partido Trabalhista, sendo então substituído por Clement Attlee, na chefia do Governo.

Em março do ano seguinte, ao visitar os Estados Unidos, em discurso pronunciado ao lado do Presidente Truman, extravasou sua ira contra a atitude do Governo russo, depois do fim da guerra. Foi nessa ocasião que ele, publicamente, denunciou a tirania russa, exercida em muitos dos países da Europa Oriental e o crescente perigo da expansão do comunismo pelo resto do mundo, com a ameaça da liberdade das democracias e da civilização cristã. E antes que isso se tornasse incontrolável, ele conclamava os povos de língua inglesa a agirem com a devida energia, a fim de garantir a paz sobre a terra.

Stalin não se fez de surdo contra essa provocação, respondendo que o desejo de Churchill era o de incitar a discórdia entre a Rússia e seus ex-aliados, para trocar o domínio da Alemanha nazista pelos dos povos de língua inglesa, onde ele tomaria o lugar de Hitler. Mas que era improvável que as nações que não falam a língua inglesa e que constituem a grande maioria da população mundial concordassem em se submeter a uma nova escravidão e, assim, o grito de guerra contra a Rússia, bradado por

Churchill, caíra no vazio. Que o discurso de Churchill estava recheado de calúnias, descortesias e falta de tato, porquanto se os países da Europa Oriental se achavam na esfera soviética, isso não representava nenhum controle de Moscou, nem de forma alguma qualquer tendência expansionista da Rússia mas, tão somente, uma precaução contra uma nova agressão alemã através desses países, pois era preciso não esquecer que as perdas de vidas russas durante a guerra foram várias vezes maiores do que as da Inglaterra e dos Estados Unidos juntos. E isso a Rússia não poderia esquecer.

E com esses dois pronunciamentos foi oficializada a chamada "Guerra Fria". (90).

Ainda durante algum tempo os Estados Unidos, como detentores do monopólio de fabricação da bomba atômica, julgavam poder impor sua vontade ao restante do mundo, pois ninguém acreditava que a Rússia, dentro de um tempo relativamente curto, viesse a produzi-la. Constituiu, assim, um tremendo choque quando esse país, em 1949, explodiu a sua primeira bomba nuclear. Em 1952, os Estados Unidos explodiram a primeira bomba de hidrogênio, com a qual a unidade desses artefatos de guerra passou a ser denominada megaton; um ano depois, a Rússia fez o mesmo.

Iniciou-se, dessa maneira, a maior corrida armamentista de todos os tempos, cada qual testando e construindo esses pavorosos artefatos destruidores e aperfeiçoando o seu modo de lançamento em distância e precisão.

Inglaterra, França e China também descobriram como manufaturá-las e fabricam essas bombas, formando o que se denomina atualmente de "Clube Nuclear". Os componentes desse clube o querem fechado e tudo fazem para impedir que outros países nele ingressem.

Dizer que depois da derrota da Alemanha nazista e seus associados o mundo entrou numa era de relativa paz é a maior tolice que se pode imaginar, pois que de 1945 a 1972 já se registraram quarenta e cinco guerras entre nações e mais de mil e duzentos conflitos armados, além da Guerra Fria que, apesar de não ser mortífera, é enervante e grandemente dispendiosa. Junte-se a isso as

bem organizadas redes de espionagem existentes em todos os países para demonstrar a absoluta falta de confiança mesmo entre aqueles que se dizem aliados e amigos. (91).

Por outro lado, dificilmente passa um mês em que não se tenha notícia de uma reclamação, de uma prisão, ou de uma expulsão de indivíduos em casos de espionagem em qualquer país do mundo. Nessa constante vigilância a mesa telefônica do Pentágono recebe perto de dezenove mil chamadas diárias e transmite uma quantidade ainda maior de mensagens para fora. Uma delas pode colocar em ação 3,5 milhões de homens em 2.270 bases espalhadas pela superfície do globo ou movimentar 1.054 mísseis intercontinentais, 656 submarinos e 40 esquadrilhas das fortalezas B-2 e B-58. (92).

Vinte e quatro horas por dia aviões carregados de bombas atômicas cortam o espaço, aguardando uma possível ordem de descarregá-las sobre o inimigo potencial. Duas dessas bombas caíram acidentalmente nas costas da Espanha e outra na Groenlândia, felizmente sem os seus detonadores, mas nem por isso deixaram de causar o pânico. Para recuperá-las do fundo do mar e indenizar as populações da orla marítima onde elas caíram, muito dinheiro e trabalho despenderam os Estados Unidos.

Submarinos nucleares carregados de mortíferas armas sulcam todos os mares e grandes esquadras, com seus respectivos porta-aviões, vigiam-se mutuamente. Em uma sala secreta, nos Estados Unidos, um grande quadro munido de alguns botões é observado de maneira permanente, à espera da ordem para que tais botões sejam apertados para o desencadeamento da guerra nuclear. E se por duas vezes esses botões não foram premidos foi porque o responsável por sua vigilância teve a calma suficiente para que o engano fosse verificado. (93).

Situação semelhante deve existir na Rússia, mas como lá as coisas são feitas sob o maior sigilo, principalmente em se tratando de armamentos, jamais tais detalhes são revelados.

Em 1957, o bipe-bipe do Sputnik deixou o mundo estupefato; havia sido iniciada a corrida espacial para a formação de satélites terrestres espiões, com possíveis carregamentos de artefatos nucleares, a fim de que uma chuva mais aperfeiçoada do que a de Sodoma e Gomorra possa cobrir a face da terra.

Trilhões de dólares são gastos anualmente nessa corrida, para manter milhões de pessoas encarregadas de produzir e de aperfeiçoar esses engenhos, destinados ao desastre final, enquanto bilhões de outras, subnutridas, atacadas pelas mais diversas doenças e sem o mínimo conforto físico e moral, continuam sendo exploradas por uma minoria egoísta até o fim de seus miseráveis dias.

Das incríveis concessões feitas por Roosevelt e Churchill em Ialta, nenhuma foi tão estulta e tão infeliz quanto a divisão da Alemanha em zonas de ocupação, entregando mais de um terço de seu território, com mais de dezessete milhões de habitantes aos comunistas, ainda com a agravante de deixar Berlim, também incrivelmente dividida em setores de ocupação, ilhada dentro desse território a quase duzentos quilômetros da zona ocupada pelos Estados Unidos, Inglaterra e França!

Essa malfadada decisão tem sido o principal pomo de discórdia entre o Oeste e o Leste. Assim, em 1948, após a divisão da Alemanha em duas repúblicas, a Ocidental, transformada em República Federal Alemã, e a Oriental, em República Popular Democrática Alemã, esta resolveu bloquear as vias de acesso terrestre a Berlim. Os ocidentais protestaram com toda a energia, mas foram obrigados a utilizar a via aérea, com a organização da famosa "Ponte aérea de Berlim", que durou quatorze meses, período esse em que foram transportadas mais de dois milhões de toneladas de mercadorias entre aquela cidade e a República Federal Alemã. Foi realmente uma brilhante operação, mas ao custo de mais de duzentos e cinqüenta milhões de dólares, além do vexame imposto aos ocidentais.

Dez anos depois, à vista dos freqüentes incidentes provocados por absurdas exigências dos comunistas para dificultar as comunicações entre Berlim e o Ocidente, Kruschev exigiu a saída das tropas de seus antigos aliados da parte que lhes cabia na zona oeste da cidade, com o pretexto de desmilitarizá-la e transformá-la em cidade livre e neutra. Uma cidade livre e neutra dentro do coração de um país comunista é a coisa mais absurda que se pode imaginar, só mesmo como pilhéria. Em conseqüência, as discussões se arrastaram por muito tempo e nem sempre amistosas, para, finalmente, continuar tudo como anteriormente.

Mas os governos comunistas são ciosos da felicidade de seus jurisdicionados e, para garantir-lha, construíram cercas de arame farpado, separando a sua zona de ocupação das demais. Como isso não bastasse, no dia 13 de agosto de 1961 levantaram rapidamente um muro de cimento armado, com dois metros de altura, circundado por fossos, arame farpado e guarnecido por mais de duzentas torres, munidas de metralhadoras, cuidadosamente vigiadas, para abater qualquer cidadão que tivesse a estupidez de querer transferir-se do "paraíso comunista" para o "inferno capitalista".

Em setembro de 1971, depois de vários encontros entre os Chefes de governo dos países interessados em solucionar essa questão, foi anunciado ao mundo que, finalmente, pelo "Acordo de Berlim", a situação daquela infeliz cidade havia sido normalizada. Mas, em realidade quase nada ali foi modificado; o muro de Berlim continua firme e quedo como um rochedo, pois só com muita relutância e inúmeras formalidades alguns habitantes de sua parte ocidental, em ocasiões festivas, conseguem transpô-lo para visitar seus parentes e amigos residentes na parte oriental. Os desta para aquela continuam impedidos de transpô-lo, porque o tão satisfatório acordo impôs o sentido de "mão única" do Oeste para Leste. E assim, o berlinense ocidental continua sendo o único cidadão do mundo a quem é vedado o prazer de fazer um *week-end* campestre.

Outras conseqüências de Ialta? Mas seria fastidioso enumerá-las todas; basta citar as principais e mais gritantes, tais como:

A solução dada à integridade e à independência da Polônia, causa da guerra; a expansão do comunismo e sua infiltração em quase todo o mundo, até mesmo na milenar Igreja Católica Apostólica Romana; os abscessos do mundo atual provocados pelas revoluções e guerrilhas insufladas pelos comunistas; a guerra empatada da Coréia; a odiosa guerra dos países da Indo-china, onde os norte-americanos perderam mais da metade do número de vítimas do que na Primeira Guerra Mundial, além da despesa de mais de um bilhão de dólares mensais; a forçada submissão de numerosos povos a odiados governos; a nova e solerte modalidade de colonialismo imposto às nações pobres e subdesenvolvidas pelas mais ricas e for-

tes; o temor da destruição da humanidade, que uma guerra nuclear pode acarretar; o custo astronômico da manutenção de uma paz enervante no mundo; o atraso e a miséria predominante na maior parte do mundo, em chocante contraste com o desenvolvimento tecnológico e científico da humanidade; etc.

Rudolf Hess tinha razão, e por ter razão foi condenado à prisão perpétua!

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

DE LONGA DATA vêm os estadistas buscando encontrar uma solução, senão para pôr-lhe fim, pelo menos para que dificulte o terrível flagelo das guerras. Nos tempos modernos registram-se as tentativas de Metternich, com a formação da Santa Aliança, em 1815; do Tribunal Internacional de Haia, por iniciativa do Czar Nicolau II, em 1906; da Liga das Nações, proposta pelo Presidente Woodrow Wilson, em 1919; e, finalmente, pela ressurreição dessa última, sob o nome de Organização das Nações Unidas, com o prestígio do Presidente Franklin D. Roosevelt, ressurreição essa que nada mais representa que uma verdadeira reforma da anterior. E, como reforma, ela se assemelha exatamente com algumas que frequentemente são feitas em vários serviços públicos, nos quais o nome é mudado, o número de funcionários aumentado e as despesas acrescidas. Realmente o nome mudou, o número de seus funcionários atinge quase 8.500 e suas despesas chegam à casa dos duzentos milhões de dólares por ano. No mais tudo permanece no mesmo, com a agravante de um longo período de confusão, até que todos se convençam de que tudo continua como dantes.

Inicialmente, a Organização das Nações Unidas foi idealizada para agrupar os países que fizeram a guerra contra a Alemanha e seus aliados e, como fazer parte dessa instituição internacional constituía verdadeira promoção no concerto geral das nações, alguns países, avisados a tempo, sob os mais variados pretextos, logo declararam a guerra àquela nação, já praticamente vencida. Posteriormente as portas da ONU foram abertas aos demais países que dela quisessem fazer parte, desde que

fossem reconhecidos como tendo governos que representassem seus respectivos povos. Dessa maneira compunha-se ela, no início, de 51 países; hoje conta com mais do dobro desse número, dela fazendo parte e com direito a voto, em igualdade de condições, alguns dos mais atrasados e insignificantes deles, tal qual acontece nas democracias, onde o voto de cada cidadão, seja ele um semi-analfabeto ou um intelectual, tem o mesmo peso nas eleições.

Fazer parte da ONU, para ter a ilusão de ser um país altamente considerado pelos demais, tornou-se um ideal político para as numerosas colônias, que se tornaram independentes após o último grande conflito mundial. Alguns de seus representantes, às vezes, são indicados para presidir sessões dessa entidade, ou nomeados para membros de comissões sem grande importância, mas que lhes dão a ilusória impressão de serem seus respectivos países nela realmente valiosos.

As estatísticas feitas em dezembro de 1971, pela própria ONU, demonstraram que a quinta parte de seus membros é composta de países cujas populações têm uma renda anual, por pessoa, igual ou inferior a cem dólares e que 80% ou mais é composta de analfabetos.

O resultado disso é a formação de blocos que são forçados a obedecer à tutela das potências mais ricas e fortes e, como estas quase sempre têm interesses divergentes, dificilmente os problemas que para lá são levados encontram soluções satisfatórias.

Quem norteia e dá a última palavra nos complicados assuntos internacionais submetidos à ONU é o seu poderoso Conselho de Segurança, formado pelos Estados Unidos, Rússia, Inglaterra, França e a pequena China Nacionalista, atualmente substituída pela China Continental, visto que esta, a nação mais populosa do mundo, com seus 820 milhões de habitantes, apesar de ser 250 vezes maior do que a ilha de Formosa e 50 vezes mais populosa e já fazendo parte do "Clube Atômico", estranhamente não era considerada como a verdadeira representante do povo chinês, por isso, apesar de várias tentativas infrutíferas, somente após um quarto de século de existência daquela instituição então foi ela ali admitida, expulsando-se Formosa, por proposta da Albânia.

Esse fato foi apresentado ao mundo como uma estrondosa vitória deste pequeno país sobre a grande

nação norte-americana, que sempre propugnou pela manutenção da China Nacionalista na ONU, mas isso está longe de representar a verdade. Com efeito, a criação e a manutenção deste país na ilha de Formosa, foi um dos grandes e incompreensíveis erros da política norte-americana do pós-guerra, que muito dinheiro e muitas críticas têm custado aos Estados Unidos, pois que, não tivessem eles transformado aquela ilha numa possante fortaleza e a protegessem com os pesados encargos de circundá-la com a sua VII frota de guerra, de há muito ela já teria sido integrada à República Popular Democrática da China Continental, tal como será dentro em breve, conquanto Chiang Kai-shek, quixotescamente, prometesse invadir e conquistar esta última potência.

A defesa da permanência de Formosa na ONU e a recusa da entrada da China Continental em seu lugar, foi sempre justificada por ser esta uma nação comunista sob a férrea ditadura de Mao Tsé-tung, enquanto aquela, como declarada inimiga do comunismo, impedia que esta ideologia se alastrasse pela Ásia. De fato Mao Tsé-tung é um ditador e a China Continental um país comunista que procura exportá-la para as demais nações. Mas Chiang Kai-shek também não é ditador e já não teve até o cuidado de indicar seu filho, atual ministro da guerra, como seu sucessor, tal qual fez o presidente vitalício do Haiti, Duvalier, pouco antes de morrer? E a ONU não está cheia de países comunista a ponto de a URSS ter nela três votos e pertencer ao seu Conselho de Segurança?

Portanto, examinando-se bem o fato de ter a China Continental ingressado na ONU à custa da expulsão de Formosa, ou melhor, de ter a pequena Albânia, que segue a linha maomista, vencido os Estados Unidos naquela instituição, constituiu, em realidade, uma das mais inteligentes cartadas da política norte-americana destes últimos tempos. Com efeito, com essa suposta derrota que, aliás, se os Estados Unidos quisessem não teria ocorrido, eles apenas se fingiram chocados mas, com ela, se safaram muito sagazmente de uma das situações mais incômodas de sua história, devido ao compromisso de sustentar e de manter, com enorme sacrifício, um país que, sem a sua ajuda financeira e militar, de modo algum podia subsistir.

Além disso, com o progressivo reconhecimento do Governo de Pequim como o verdadeiro representante do povo chinês por numerosos outros países, os Estados Unidos estavam sendo postos à margem de um mercado de 820 milhões de habitantes, o que não é de desprezar ou de trocar por mera questão de vaidade. Para corroborar essa evidência, basta ver o açodamento com que o Presidente Richard Nixon agarrou a primeira oportunidade que Mao Tsé-tung lhe deu para visitar a China Continental, para fazer de Pequim uma nova Canossa. E agora, ao referir-se à China de Chiang Kai-shek, ele a chama simplesmente de Formosa e não mais de República Nacionalista da China. Também retirou porta-aviões e vasos de guerra da VII esquadra, que protegiam esta ilha para mandá-los para o Golfo de Bengala, sob o fútil pretexto de retirar norte-americanos do Paquistão Oriental, devido à guerra indo-paquistanesa, ou para o Golfo de Tonquim, para bloquear o Vietnã do Norte e intensificar seus calamitosos bombardeios àquele país.

Verifica-se, assim, que, em realidade, quem a pequena Albânia derrotou não foram os Estados Unidos, mas, sim, a União Soviética, pois é evidente que esta preferia gritar e abafar a débil voz de Formosa, no Conselho de Segurança da ONU do que suportar a arrogância da China Continental, sua já quase inimiga mas, devido a sua atitude anterior, foi ela obrigada a engolir essa amarga pílula.

Não há dúvida, também, de que a substituição de Formosa na ONU pela República Popular da China constituiu grande passo, para evitar uma catástrofe nuclear, porque, de agora em diante, há uma terceira força, dissidente das duas anteriormente existentes, que, porventura apoiando a uma ou outra, ou mesmo neutra, poderá fazer sentir o peso de sua voz. Além disso, como a animosidade russo-chinesa cada vez mais se acentua, conforme se verificou no conflito entre a Índia e o Paquistão, onde a Rússia apoiou aquela e a China este, talvez os Estados Unidos possam tomar o lugar de fiel da balança no equilíbrio mundial.

Dentre as várias seções de que se compõe a ONU a mais famosa e potente é a do seu Conselho de Segurança. Acontece, porém, que as resoluções desse Conselho apenas são válidas quando há unanimidade no voto de

seus cinco membros, pois cada um deles tem o direito de vetar qualquer assunto em pauta. Em princípio, também as resoluções desse órgão devem ser por todos acatadas e respeitadas. Isto, porém, na prática não tem acontecido, salvo quando se trata de impor norma a alguma nação fraca; quando a nação é forte, ou se fraca tem o apoio de um país forte, ninguém lhe dá a mínima atenção, conforme está acontecendo no conflito árabe-israelense e aconteceu no indo-paquistanês. Dessa maneira a instituição se desmoraliza, tal como sucede com qualquer governo que baixa uma lei e depois se mostra impotente para fazê-la cumprir.

O objetivo principal da ONU é o de preservar a paz e garantir a independência e a liberdade dos povos. Mas quando o agressor é forte e fraco o agredido, como foi por ocasião da violenta submissão da Hungria e da Checoslováquia pela União Soviética, ela procede como o avestruz, fecha os olhos e mete a cabeça na areia, para não ver o perigo.

Por isso, nos tempos que correm, ser país fraco, sobretudo quando encravado entre potências ou mesmo tendo uma delas em sua vizinhança, constitui uma infelicidade. Bélgica, Luxemburgo, Dinamarca, Holanda, Noruega, Finlândia, Estônia, Letônia, Lituânia, Hungria, Checoslováquia, Áustria, Sérvia, Albânia, Grécia, Países Árabes, Turquia, México, Repúblicas Centro-Americanas, Coréia, Vietnã, Cambodja, Laos, Tibete, e muitos outros que o digam.

A Suiça, que aliás não faz parte da ONU, é o único país nessas condições que, nos tempos modernos, tem-se livrado dessa inconveniência. Há quem julgue que isso seja a conseqüência de ser uma nação respeitável, devido à índole pacífica de seu povo, à sua alta cultura e à sua avançada civilização. Engano e inqualificável injustiça aos outros povos. O seu solo só não tem sido invadido porque suas montanhas e lagos dificultam os movimentos de operações militares. Além disso, os beligerantes das duas últimas grandes guerras tinham necessidade de um local adequado, onde uma outra guerra, não menos importante, se desenrolasse: as intrigas diplomáticas e seus respectivos serviços de espionagem. E para isso nenhum lugar melhor do que o território suiço. Foi a sua salvação.

A Organização das Nações Unidas já conta com pouco mais de um quarto de século de existência mas, até

agora, muito pouco ela tem conseguido fazer para a manutenção da paz no mundo, pois que, de um modo geral, ela só tem servido de palco mundial para lamúrias, queixas e exibições oratórias. Pretender que essa instituição seja capaz de contribuir para uma razoável organização do mundo atual é pura infantilidade.

Para que uma tal organização pudesse preencher suas finalidades, seria imprescindível a compreensão e a cooperação de todos os povos, com o completo desarmamento geral e que lhe fosse entregue quota correspondente a uma certa percentagem de seus respectivos gastos armamentícios, a fim de que ela adquirisse material bélico e mantivesse forças armadas sob suas ordens para impor a execução de suas resoluções, copiando, assim, a organização interna das nações adiantadas.

Mas isso constitui pura fantasia, evidenciada nas múltiplas e infrutíferas conferências de desarmamento geral e, assim, nos tempos que correm, bem como nos de antanho, para que cada país possa garantir sua segurança tem, forçosamente, que recorrer ao mal necessário de armar-se quanto lho permite sua capacidade, pois que, no estado atual de nossa civilização, onde os choques, os conflitos e os interesses pessoais se tornam coletivos, a guerra se faz o caminho para solucioná-los. E quem vence, como sempre aconteceu, é quem tem razão.

"Além, muito além d'aquela" gigantesca montanha, cujo branco teto ainda desafia a curiosidade humana, nasceu, há milhares de anos, o Tibete.

O Tibete, pequeno e pacato país de vetustos mosteiros habitados por inofensivos monges de vida contemplativa, como os do Monte Atos, vivia em doce harmonia, governado por um pequeno deus, o Dalai Lama, encarnação de Buda sobre a terra. Um mau espírito, que dirige uma poderosa e turbulenta nação vizinha, tornou-se dele invejoso.

Em 1950, Mao Tsé-tung o invadiu; o pequeno deus, disfarçado em homem fugiu para a Índia. O Tibete foi incorporado à China e desapareceu como país independente. Nem a ONU nem os EUA disso tomaram conhecimento.

São esses os motivos pelos quais as doces e esperançosas promessas contidas na ONU não têm passado de enganadoras miragens, a ponto de um de seus represen-

tantes ter dito: "Havendo uma disputa entre duas pequenas nações, a ONU intervém e a disputa desaparece; havendo uma disputa entre uma pequena nação e uma grande potência, a ONU não intervém e a pequena nação desaparece; havendo uma disputa entre duas grandes potências, a ONU desaparece, tal como desapareceu a Sociedade das Nações." E isso é a pura verdade.

IDEOLOGIAS

O FENÔMENO mais surpreendente que acontece na coletividade humana é o fato de alguns indivíduos terem a capacidade de galvanizar e incutir em multidões, representadas por todas as classes sociais, desde as mais cultas até as menos esclarecidas, suas idéias carismáticas, muitas das quais não resistem ao mais superficial raciocínio, mas que são aceitas e cegamente seguidas, a ponto de tudo lhes sacrificar, honra, consciência, família, conforto, bens e a própria vida.

Sem levar em conta os organizadores das grandes religiões, seus seguidores, dissidentes ou reformadores, tal fenômeno se apresenta em política com relativa freqüência.

São, realmente, indivíduos privilegiados e dignos de toda admiração e respeito, seja qual for a opinião contrária que se possa fazer a respeito de sua pregações.

Neste particular avulta em nossos tempos as gigantescas figuras de Karl Marx, Lênine, Mao Tsé-tung, Chiang Kai-shek, Ho Chi Minh, Mahatma Gandhi, Kemal Paxá, Benito Mussolini, Adolfo Hitler e de numerosos outros que, por atuarem em menores palcos, não são por isso menos notáveis.

É exato que, quase sempre, para imporem suas idéias, tais indivíduos se apóiam na força da propaganda e na da força bruta, mas é preciso não esquecer que os dirigentes dessas duas grandes forças coercitivas que hoje dominam o mundo são também pessoas inteligentes e sinceramente convencidas de que proclamam e defendem uma causa justa.

Infelizmente, para tais indivíduos, que se dizem ou acreditam iluminados, a parca Átropos não leva em consideração qual a melhor oportunidade de lhes cortar o fio da vida, a fim de que a História lhes atribua a glória que eles julgam merecer. Nesse sentido, para uns ela é generosa, para outros ingrata.

Se ela se tivesse, por exemplo, lembrado de cumprir sua obrigação por meio de um assassinato, desastre, ou outro qualquer tipo de morte em Mussolini e em Hitler, pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial, ou mesmo antes da trágica decisão de invadir a Rússia, eles não teriam tido o fim que tiveram, mas, sim, seriam considerados pela História os mais sagazes políticos e estadistas do século. Para o incendiário de Persépolis ela foi generosa, cortou-lhe o fio da vida em pleno apogeu da glória e se assim não tivesse agido é certo que a História não o chamaria de Magno mas, sim, o colocaria na mesma galeria em que se encontra Gengis-Khan.

Cada uma dessas ideologias políticas pretende ser a mais sensata, a mais perfeita, a que mais se coaduna com a paz, a liberdade e o progresso da humanidade, o que corresponde à famosa mas utópica trilogia: liberdade, igualdade e fraternidade.

Algumas dessas ideologias se apóiam em princípios comuns e, fato interessante, quando isso acontece a luta entre elas se estabelece com mais violência do que quando elas se alicerçam em princípios diferentes, tal qual como sucede com as ideologias religiosas.

Nada demonstra melhor essa verdade do que as guerras havidas entre o judaísmo, o cristianismo e o maometismo. Todas são monoteístas, apresentando um Ser Supremo todo poderoso, todo sabedoria, todo bondoso e que a tudo rege. Mas, basta a diferença de nome que cada um lhe dá, basta a diversidade de maneira pela qual ele é adorado, basta o dia da semana, sexta-feira, sábado ou domingo que cada um lhe dedique, para provocar o mútuo desprezo, o insulto, o ódio e, finalmente a guerra entre eles.

Ainda não é tudo. Cada uma dessas grandes religiões subdivide-se em várias seitas, cada qual dando a sua interpretação aos princípios que acreditam como certos e verdadeiros e, consequentemente, desprezando e renegando tudo aquilo que os outros ramos, oriundos do

mesmo tronco, seguem como norma. Quando isso acontece, tem a peculiaridade de acirrar a luta entre elas de modo ainda mais violento do que contra aquelas que se encontram mais afastadas dos princípios defendidos, como acontece com as guerras civis.

Os papas se arrogavam e se arrogam o privilégio de interpretar as Escrituras Sagradas, a fim de imporem o catolicismo romano. Apareceram, porém, Lutero, Calvino, João Wesley, João Knox, Josef Smith, Kardec e outros para lhes contestarem essa prerrogativa e formarem numerosas seitas dentro do cristianismo, que tanto lutaram contra o papado e elas mesmas entre si para ensanguentarem o mundo.

Em ideologia política o fenômeno é o mesmo; tanto mais uma se aproxima da outra, mais violentamente elas se combatem. A luta de morte travada entre o nazismo e o comunismo foi em conseqüência da semelhança entre ambos, com a total submissão do indivíduo ao Estado. O nazismo foi vencido e, praticamente, desapareceu; o comunismo cresceu assustadoramente, ameaçando avassalar o mundo, mas não escapará ele à regra acima citada.

O Kremlim adjudica o direito de interpretar Marx, para impor o comunismo moscovita em toda parte, sem levar em conta a mentalidade política de cada povo, mas já apareceram Tito, Mao Tsé-tung e outros aparecerão, mais cedo ou mais tarde, para lhe contestarem a orientação e formarem ramos dentro do comunismo, a fim de lutar contra Moscou e também entre eles. Se um comunismo independente de Moscou não criou raizes na Hungria e na Checoslováquia, foi devido à fácil e brutal intervenção da Rússia que, com isso, pôs também de sobreaviso os seus demais vizinhos contra qualquer tentativa de insubordinação à linha moscovita. Na Europa, foi a Jugoslávia a primeira nação a admitir um comunismo próprio e se ela não foi submetida ao comunismo ortodoxo russo, como aconteceu àqueles dois países, deve-se ao fato de não ter fronteiras com a Rússia, além de este país se achar, na ocasião, a braços com os sérios problemas do pós-guerra e com a inclusão em seu território dos países da Europa Oriental.

A China Continental, com seu comunismo maomista independente da orientação moscovita, constitui hoje o grande pesadelo da Rússia. O confronto armado entre

ambas é fatal, e quanto mais tardar, tanto pior para a Rússia, em vista do rápido desenvolvimento tecnológico, do enorme potencial humano e do crescente poderio bélico chinês.

Outro exemplo de animosidade e luta de morte entre duas ideologias, que se apóiam em princípios idênticos verificou-se entre o nazismo e judaísmo, pois que ambos se baseiam na crença da superioridade de suas respectivas raças. A única diferença se encontra no fato de os judeus documentarem sua tese com as Sagradas Escrituras, enquanto Hitler, em vez de apresentar o seu *Mein Kampf* como psicografado em uma sessão espírita, ou lhe dar uma origem miraculosa, como fez o criador do mormonismo, Joseph Smith, confessa tê-lo escrito durante sua detenção na fortaleza de Landsberg, aliás, no que se refere à raça ariana, baseando-se nas idéias do Conde de Gobineau e de Huston S. Chamberlain. O primeiro, diplomata francês que esteve no Brasil e se tornou amigo de Pedro II; o segundo, nobre inglês, admirador de Wagner e do povo germânico, a ponto de naturalizar-se alemão. Ambos defendiam a tese da superioridade da raça ariana sobre as demais sem, entretanto, jamais afirmarem tratar-se de uma raça pura.

Os judeus não se dizem racistas, pois que, nas Sagradas Escrituras, sua lei básica, não existe o termo "raça", mas sim "povo", para distinguir grupos que seguiam diferentes religiões. Mas, como cada povo tinha, além da religião, usos e costumes distintos e viviam em ambientes diferentes, acabaram, influenciados por esses fatores, por adquirir caracteres étnicos que os distinguiam uns dos outros. E como isso acontece não só na humana mas, também, em todas as espécies animais, foi criado o termo raça e, assim, o termo povo, mesmo na acepção judia, é sinônimo de raça.

Já foi dito anteriormente que a Natureza não se preocupa com as dificuldades humanas, nem sequer tem a capacidade de fazer duas coisas perfeitamente iguais; o que ela faz são coisas semelhantes e, por isso, toda divisão ou classificação que o homem possa fazer é pura obra artificial, uma necessidade mnemotécnica para codificar as coisas.

Sabe-se que todas as raças de animais domésticos foram feitas por meio de cruzamentos seguidos de uma

seleção feita pelo ambiente ou pelo homem, visando uma determinada finalidade. Na espécie humana, por uma questão de moral, não se pode dar essa faculdade ao etnólogo, se bem que a exigência do exame pré-nupcial, da proibição de casamentos com estreita consanguinidade e até a esterilização de indivíduos portadores de possíveis taras mórbidas transmissíveis por hereditariedade, bem como a prática já bastante difundida da inseminação artificial e da própria limitação da natalidade, já representa um grande passo para a seleção humana.

Biologicamente falando, portanto, raça pura não existe, mas, na prática, ela se torna uma realidade, ainda que seja impossível traçar entre elas nítidas linhas divisórias.

Um casal de negros muçulmanos que emigre para um país protestante europeu e lá tenha filhos, estes adquirem os mesmos direitos e deveres dos cidadãos do país em que nasceram, e têm a faculdade de seguirem ou não a religião de seus pais mas, absolutamente, não podem ser considerados da mesma raça dos demais naturais do país. Então, a raça existe, da mesma maneira que existe pátria e religião.

Quanto a considerar esta ou aquela raça superior ou inferior às demais, é pura questão de convicção pessoal. A ideologia nazista considera a raça ariana superior às outras e pretende conservá-la relativamente pura, evitando cruzamentos e, por isso, é geralmente atacada.

Mas o judaísmo não segue o mesmo princípio? Em discurso proferido em fevereiro de 1972, por ocasião da visita de judeus sul-americanos a Tel Aviv, a Primeiro-Ministro Golda Meir não manifestou "o perigo de assimilação a que correm os judeus na América do Sul, representado, sobretudo, pelo crescente número de casamentos mistos neste continente"? (94).

Aí estão, portanto, duas ideologias que se apóiam no mesmo princípio, superioridade de suas respectivas raças, resultando na luta de morte que se estabeleceu entre ambas.

O interessante livro de WILNED "Si les Hommes Avaient Su Regarder les Bêtes", demonstra que muitos dos inventos de que a humanidade se vangloria já eram conhecidos e aplicados por numerosas espécies de animais desde tempos imemoriais. A forma de civilização

comunista encontra-se nesse caso, pois que, muito antes do aparecimento do homem na face da terra, há milhões de anos, o comunismo em seu mais alto grau de aperfeiçoamento já era praticado por várias espécies de formigas, de térmitas e de abelhas. Resta saber se tal civilização tem aplicação vantajosa para a espécie humana.

Como agem, qual a vida que levam e qual o destino dos indivíduos que fazem parte da comunidade daquelas espécies que, em relação às suas congêneres, são consideradas altamente civilizadas?

Cada qual nasce, vive e morre com o seu destino perfeitamente conhecido. Cumpre a uns poucos o dever de perpetuar a espécie, a outros o ingente trabalho de alimentar e de cuidar da colônia e a outros a responsabilidade de defendê-la contra os inimigos. Cada indivíduo tem o seu futuro perfeitamente definido, delimitado e intransponível e o conhecimento do futuro é o maior castigo que se pode impor ao indivíduo, conforme tão vivamente descreveu Victor Hugo em "O Último Dia de um Condenado". Isso significa que da caixa de Pandora, para ele, a esperança também escapou, e viver sem esperança de melhoria, por mais problemática que seja, é entrar no Inferno, conforme o aviso estampado em sua porta, *Lasciate ogni speranza,* anotado por Dante, aos que para lá são mandados.

A base do nazismo, com sua mística de superioridade racial, também é muito velha em nosso planeta, pois que o homem já a pratica de longa data. Realmente as castas do antigo Egito, do bramanismo e a dos nobres europeus que têm seus nomes registrados no "Gota" não representam um verdadeiro nazismo?

A democracia, oriunda da antiga Grécia, embora hoje dela expulsa, sendo a última a chegar, repele as duas formas de civilização anteriores. Mas a verdade é que dificilmente se encontra uma palavra de significação tão elástica quanto "democracia", termo que é aplicado até às formas de governos das mais ferrenhas ditaduras, tais como as das repúblicas democráticas populares da Alemanha Oriental, da China Continental, da Coréia do Norte, do Vietnã do Norte, de Cuba, etc. Vale a pena lembrar que na Conferência de Ialta só se falou em governos democráticos.

As democracias não populares, do chamado sistema capitalista, pretendem funcionar sob o famoso regime de governo do povo, pelo povo e para o povo, as mais aperfeiçoadas das quais são a inglesa e a norte-americana.

Realmente, ninguém põe em dúvida que na Inglaterra o cidadão inglês goza de plena liberdade. Mas, os milhões de súditos de Sua Majestade Britânica, que existiam em suas numerosas colônias e domínios, gozavam desse mesmo privilégio? Eles que respondam... Assim, a avançada democracia inglesa só se aplica nas Ilhas Britânicas e para o cidadão que aí vive.

E como funciona, como atua e como é organizada essa admirável democracia? Pela plutocracia, pelo dinheiro em mãos de uma elite governamental, conforme os seguintes dados:

> "As classes governamentais absorvem uma quantidade excessivamente desproporcionada da receita nacional e do poder econômico.
>
> A Câmara dos Comuns representa uma considerável concentração de riquezas: um articulista do "Sunday Express" achou, por exemplo, que 170 membros da Câmara dos Comuns eram diretores de 650 companhias. Um membro do Parlamento tinha 34. Um livro recente "Tory Membros do Parlamento" está repleto de particularidades sugestivas como esta. O "New Statesman" publicou certa vez uma análise das ocupações dos 729 pares que compõem a Câmara dos Lords, 246 possuem terras, 112 são diretores de companhias de seguros, 74 de casas bancárias, 67 de bancos, 64 de companhias ferroviárias, 49 de estaleiros, etc. Também é um fato interessante que, de 729 pares, 371, ou seja mais da metade, nunca falaram em um só debate na Câmara dos Lords de 1919 a 1931; 111 deles nunca tomaram parte em uma votação; a média dos pares que toma parte em uma votação é de 83." (95).

Nos Estados Unidos existe também completa liberdade e igualdade para os cidadãos americanos... brancos. Para os coloridos a coisa é bem diversa.

Conclusão inelutável: Atualmente as democracias só funcionam de maneira satisfatória quando acionadas pela

plutocracia, pelo dinheiro, como acontece naquelas duas grandes nações, onde só os milionários ou seus protegidos conseguem atingir os altos cargos do governo, tal o preço de custo de cada campanha eleitoral.

Por outro lado, a escolha de governantes pelo elogiado sistema numérico de votos populares é pura ilusão, porque quem indica os candidatos ao povo são os partidos políticos e estes escolhem, de preferência, os demagogos que melhor sabem imbuir as multidões e não os mais aptos a governar. É desvantajoso, ainda, por atribuir a todo ignorante, que apenas sabe assinar o nome, a mesma capacidade de discernimento que ao instruído.

O problema da escolha de bons governantes é muito difícil, mas sua solução podia tornar-se mais fácil e razoável se só fossem considerados eleitores os que pagam imposto de renda ou os que, pelo menos, têm o curso ginasial completo. Isso, evidentemente, não soluciona o problema, mas seria um início de seleção de eleitores para a escolha da coisa mais importante que existe num país: Seu Governo.

Do confronto feito entre o regime comunista e o democrático já se tem, para o primeiro, o evidente exemplo do seu aperfeiçoamento feito por aqueles insetos, onde o indivíduo vive apenas como se fosse uma verdadeira célula, cuja função é a de servir ao Estado, enquanto que para o segundo, o ideal é que o Estado exista para servir ao indivíduo, que fica livre para escolher seu destino, ideal que só pode ser atingido pelo aprimoramento da educação da humanidade, pois ele só começa a apresentar uma pálida vantagem nos países mais adiantados. Pretender que esta forma de governo apresente seus benefícios em países atrasados é pura utopia. Mas, também pretender que o comunismo é melhor do que a democracia nesses mesmos países atrasados é amesquinhar, é animalizar a espécie humana.

Nazismo, comunismo e judaísmo, ou melhor, sionismo, perseguem todos o mesmo objetivo, ou seja, o domínio dos outros povos. A única diferença existente entre eles é que os dois primeiros disso não fazem segredo, enquanto o terceiro nega tal atitude, conquanto ela esteja claramente expressa na Lei de Moisés ou no Velho Testamento, e pôr em dúvida que o Velho Testamento é a palavra de Deus, é desafio feito tanto aos judeus como aos cristãos.

A atual geração e, provavelmente, algumas que a seguirão, atravessa um período de verdadeira ebulição, provocada pelas duas grandes guerras do nosso século com suas terríveis conseqüências. Ela se acha atordoada, atormentada, sem saber que rumo tomar. Isso sempre aconteceu depois de qualquer trauma sofrido pelo mundo. E, se agora, essa agitação é mais violenta do que as anteriores é simplesmente porque a humanidade é mais numerosa e a tecnologia facilita o conhecimento imediato de qualquer fato importante ocorrido na face da terra.

Resulta disso uma insatisfação generalizada, uma vontade de tudo criticar e de subverter, seja na arte, na música, na pintura e até na maneira de se comportar perante a sociedade. Tudo isso, entretanto, passará com o tempo; talvez seja mesmo necessário que isso aconteça para que, posteriormente, tudo se acalme e se sedimente, trazendo tempos mais felizes, a idade do ouro idealizada por CHARLES RICHET. O fato é que não se pode exigir que no curto espaço de tempo de um quarto de milhão de anos o homem saia de sua animalidade primitiva e atinja o desejado aperfeiçoamento. Nesse pequeno período, porém, o progresso alcançado pela humanidade tem sido verdadeiramente espetacular e continua crescendo em razão geométrica. Para isso comprovar não é necessário comparar os tempos atuais com os primitivos, nem com a Idade Média, nem mesmo com o século passado. Basta comparar o conforto, a higiene, o controle de muitas doenças, o avanço da tecnologia e de todas as ciências nos dias atuais com os dias das primeiras décadas deste século.

Contudo, o mesmo não acontece comparando-se os grandes vultos da religião, da música, da literatura, da poesia, da pintura, da escultura e da filosofia com os do nosso século.

DESARMAMENTO

DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL emergiram dois países vencidos e mutilados: a Alemanha e o Japão, que se transformaram em duas enormes potências no mundo das finanças, e dois países vencedores: os Estados Unidos e a União Soviética, que se transformaram em duas superpotências no mundo, em que predomina a força.

A imensa Rússia, logo no começo desse conflito, teve as maiores dificuldades para vencer e subjugar a pequena e pacífica Finlândia, mas logo que foi invadida pela Alemanha foi de tal modo ajudada e armada pelos Estados Unidos que, aos poucos, com os elogios recebidos de seus parceiros, foi-se tornando cada vez mais forte e exigente, para finalmente considerar-se como a única vencedora do conflito e, como tal, caber-lhe, além dos louros da vitória, a maior parte, senão a totalidade da presa abatida. E, realmente, quais foram as vantagens materiais que os demais vencedores da Alemanha e do Japão auferiram? Nenhuma; o que eles receberam foram tremendos encargos materiais e morais para construírem um dique, a fim de impedir a expansão do comunismo no mundo, dique esse, aliás, que não se tem revelado bastante resistente. Dessa maneira a elogiada e "democrática" Rússia passou a ser a grande inimiga de seus dois leais e ingênuos salvadores, a Inglaterra e os Estados Unidos. A ameaça do nazismo foi substituída pela realidade do comunismo.

No início, os Estados Unidos, escudados no monopólio de fabricação da bomba atômica, no poderio de sua força aérea e de sua marinha de guerra, não se deram conta do perigo a que se expunham. Não levaram em

consideração o grande potencial humano e material de que se compõe a União Soviética; não deram importância à força de que um governo totalitário, independente de congresso e de críticas, pode dispor. O exemplo de Hitler de nada lhes valeu.

O resultado dessa colheita de erros foi que o poderio da Rússia, em todas as terríveis armas que a tecnologia moderna tem criado, está correndo parelha com o dos Estados Unidos, e não falta quem admita que, em futuro próximo ele será superior. É a maratona armamentista, a maior e a mais pavorosa corrida de toda a História, que tanto dinheiro e esforço custa e tanta apreensão e sofrimento faz recair sobre o mundo.

Procura-se pôr um fim nessa loucura humana. Já pelo Tratado de Versalhes a Alemanha ficou proibida de construir armas de guerra e as demais nações vencedoras comprometidas a se desarmarem progressivamente e só resolverem seus litígios através da Liga das Nações. O Congresso norte-americano, porém, refugou aquele tratado e, consequentemente, não houve desarmamento.

Em 1926 a Alemanha foi admitida na Liga das Nações e, no ano seguinte o Ministro do Exterior da Rússia, Litivinov, propôs em Genebra, sem nenhum êxito, o desarmamento geral das nações. Foi essa a primeira vez que tal assunto foi oficialmente levado a debate naquela assembléia internacional, seguindo-se várias outras sem que qualquer resultado positivo fosse alcançado.

Em 1932, a Alemanha, já sob o regime nazista, sob o pretexto de que as demais nações continuavam a se armar, retirou-se daquela organização internacional e começou ostensivamente a se armar e, assim, cada vez mais forte, foi impondo sua vontade sem encontrar resistência, até o dia em que invadiu a Polônia para dar início à maior tragédia de todos os tempos.

A estranha maneira pela qual as nações vencedoras se conduziram durante e logo depois desse infausto acontecimento, resultou na chamada "guerra fria" ou "guerra de nervos", em que as desconfianças e mútuas provocações levaram as principais potências a empregar enormes somas e ingentes esforços para aperfeiçoar e armazenar fantásticas quantidades de armas cada vez mais aperfeiçoadas e destruidoras à espera da "guerra quente", de tal maneira que a medida indicativa da potência da bomba

que pôs ponto final na maior hecatombe do século, o quiloton, tornou-se obsoleta, sendo substituída pelo megaton.

E como ninguém deseja que o mundo seja destruído numa feérica e pavorosa explosão de megatons, que para muitos seria, senão o completo aniquilamento da humanidade, pelo menos a de sua imensa maioria, seguida da degenerescência genética dos sobreviventes e sua conseqüente extinção, múltiplas e demoradas conferências têm sido realizadas, com o objetivo de se conseguir um desarmamento geral, mas, infelizmente, tão transcendental assunto não é levado em linha de conta.

Nessas conferências a Rússia tem feito propostas que, à primeira vista, parecem bastante razoáveis e, por isso, quando rejeitadas, a propaganda comunista se encarrega de demonstrar que é ela a única potência realmente amante da paz.

Ao término da guerra, a maior força armada existente na Europa era a da Rússia, e Stalin, qual novo Gengis-Khan, se constituía no grande perigo para todo o Ocidente mas, para mantê-lo em respeito, os Estados Unidos possuíam o monopólio da bomba atômica.

Em março de 1947, reuniu-se na ONU, pela primeira vez, uma comissão destinada a fixar os armamentos convencionais de guerra, quando a Rússia e seus satélites propugnaram por um desarmamento imediato e radical, incluindo naturalmente as armas nucleares, sem, entretanto, oferecerem um plano que desse plenas garantias de segurança às outras nações. Por isso, essa comissão, depois de cinco anos de intermitentes debates, terminou num impasse.

Em 1949, com espanto geral, a Rússia pôs fim ao monopólio americano da bomba atômica, fazendo explodir um desses terríveis artefatos na Sibéria mas, na Assembléia Geral da ONU, realizada no ano seguinte, ela reiterou a proposta que fizera dois anos antes, no sentido de serem proscritas as armas atômicas, e quem as usasse cometeria um crime contra a humanidade e seria condenado como criminoso de guerra. Essa proposta foi rejeitada pela contagem de 32 votos contra 9, havendo 14 abstenções. (96).

Na XV sessão da Assembléia Geral da ONU, realizada em setembro de 1960, dez países asiáticos e africanos propuseram uma convenção proscrevendo o uso de armas

atômicas, por considerá-lo um crime contra a humanidade. A Rússia apoiou a proposta, mas os Estados Unidos e outros países a ela se opuseram. (97).

O mesmo se pode dizer a respeito do emprego de produtos químicos e biológicos nas guerras, pois que, em 1925, quando quarenta e oito nações, inclusive os Estados Unidos, assinaram o Protocolo de Genebra que os proibiam nas guerras, o Congresso norte-americano não o ratificou e, assim, quase todos os países industrializados pesquisam, produzem e armazenam sigilosamente grandes quantidades deles a fim de os utilizarem em caso de guerra. Algumas vezes esse sigilo é quebrado em conseqüência de contratempos, acidentes ou protestos de populações que sofreram ou receiam sofrer seus terríveis efeitos.

É do conhecimento público que os Estados Unidos se utilizaram de herbicidas para desfolhamento de florestas e destruição de plantações na guerra do Vietnã e o Governo de Cambodja deles reclama uma indenização de 12.400.000 dólares pela destruição de vastas plantações de seringueiras, em seu país.

A experimentação de gases venenosos nos Estados Unidos tem dado lugar a sérios acidentes e enérgicos protestos, como, por exemplo, em 1969, no Estado de Utah, quando inesperada ventania carregou uma nuvem de mortíferos gases, largada por um avião, que matou em poucos minutos, numa fazenda, mais de seis mil carneiros.

Em 1970, o Pentágono, receoso da grande quantidade do perigosíssimo gás neurotóxico que lá estava armazenado, cujos invólucros podiam apresentar algum escapamento, resolveu atirá-la no fundo do mar. O Governador da Flórida protestou contra tal procedimento, alegando uma possível contaminação das águas, e o da Geórgia, receoso de um acidente durante o transporte, ameaçou impedir a passagem do trem que conduzia essa tremenda e mortífera carga, através do seu território, mas, finalmente, foi ela sepultada nas profundezas do Atlântico, devido à impossibilidade de destruí-la em terra. Mas, talvez um dia, os cilindros que a contêm, apesar de envoltos em grossas camadas de cimento armado, se corroam e o seu conteúdo se escape, trazendo para a vida aquática e para o homem conseqüências imprevisíveis.

Também na ilha de Okinava há vários depósitos de grandes quantidades de gases venenosos e de produtos

químicos e biológicos, nas bases norte-americanas lá existentes, capazes de provocar a morte da maneira a mais atroz, conforme, por acidente, já aconteceu, com várias vítimas. Por essa razão, o retorno dessa ilha ao Japão, condicionado a nela permanecer bases militares norte-americanas, tem provocado veementes protestos, com sangrentos tumultos, entre o povo japonês.

Além da enorme quantidade desses mortíferos produtos, sigilosamente armazenados por numerosos países, a atmosfera vem sendo sistematicamente envenenada, poluída, para se usar uma expressão da moda, pelas freqüentes explosões nucleares, feitas pelos componentes do "Clube Atômico", apesar dos veementes protestos das demais nações.

Enquanto isso acontece, trilhões de dólares são gastos anualmente na pesquisa e no aperfeiçoamento de armas cada vez mais terríveis e mortíferas, os quais poderiam ser utilizados em benefício de todos, melhorando assim as penosas condições em que a maior parte da humanidade atualmente se debate.

Todos desejam o desarmamento geral e ninguém deseja a guerra, sobretudo com o emprego de armas tão destruidoras, mas a impossibilidade de se chegar a um acordo sobre tão transcendental assunto reside em duas teses irreconciliáveis entre si e igualmente defensáveis, uma russa, outra norte-americana.

A primeira, propõe a proibição de armas nucleares, químicas e biológicas nas guerras, só sendo permitido o uso de armas convencionais; a segunda, sustenta que nada melhor para impedir guerras do que torná-las de tal maneira pavorosas que ninguém a elas recorra para resolver litígios internacionais e, assim, haja o equilíbrio provocado pelo medo.

À primeira vista a tese russa dá a impressão de ser a mais razoável e a mais humana mas, em realidade, o que ela defende é a supremacia da Rússia sobre todos os demais países, devido à sua situação geográfica, à sua extensão territorial, à sua numerosa população e ao seu sistema de governo. Ademais, quem pode garantir que, em desespero de causa, qualquer beligerante não recorra ao emprego dessas armas ditas proscritas? E se o país que

as empregar for o vencedor, qual o tribunal que tem poderes para condená-lo e castigá-lo? Quem já viu criminoso de guerra em país que a vence?

São essas as razões que, apesar das aparências, tornam a tese defendida pelos Estados Unidos, procurando manter a paz pelo medo, a mais aceitável, apesar de todo o sacrifício que sua execução acarreta.

Há uma terceira tese, ainda mais radical do que a russa, defendida por países africanos e asiáticos, pois que proibe que se empregue nas guerras toda e qualquer arma, convencional ou não. Mas, como a História mostra a impossibilidade de se evitarem guerras, ela nem sequer foi levada em consideração. E não podia ser, pois, convenhamos, que dois exércitos inimigos armados de cacetes a se esbordoarem mutuamente seria espetáculo muito deselegante...

Assim, o problema continua sem solução e as superpotências a criarem armamentos cada vez mais precisos, mais mortíferos, mais pavorosos e mais caros.

> "O Pentágono pensa que a dissuasão, para ser eficaz, deve repousar sobre a possibilidade de destruir em alguns instantes um terço da população e dois terços da capacidade industrial de um possível agressor. Calculou que, no caso de um ataque-surpresa, por parte da União Soviética, esta perderia, devido à resposta dos mísseis americanos, 100 milhões de mortos e 80% do seu potencial de produção. No final de 1970, os Estados Unidos terão em serviço 700 mísseis Minuteman II com um alcance de 14.000 quilômetros e uma carga de 10 megatones, bem como 300 mísseis Minuteman III de um tipo ainda mais poderoso. A frota de bombardeiros estratégicos inclui 590 B-52 e 80 B-58, dispondo de uma autonomia total e transportando cargas respectivamente de 24 e 13 megatones. Cada um dos submarinos atômicos está equipado com dezesseis mísseis Polaris, gradualmente sendo substituídos por mísseis Poseidon. Vinte e cinco porta-aviões cruzam o Atlântico, o Pacífico e o Mediterrâneo, com as suas escoltas de submarinos de caça com propulsão nuclear, de cruzadores, de destróieres, de fragatas lança-mísseis, de navios de desembarque, etc. O conjunto dessas forças e do

exército terrestre, equipado com artilharia atômica, pode atingir a qualquer momento qualquer alvo do globo.

Esse enorme aparelho militar emprega, sob a direção do Pentágono, mais de cinco milhões de pessoas, às quais devemos acrescentar outros cinco milhões de assalariados que trabalham diretamente na indústria privada para a produção de equipamentos militares. A mais poderosa máquina de guerra do mundo moderno é, também assim, pelo orçamento, pela sua mão-de-obra e pelo volume dos salários distribuídos, a mais importante indústria dos Estados Unidos... Todavia, embora esse truste militar seja, de longe, o mais importante dos Estados Unidos, nenhuma lei antitruste o poderá obrigar desmantelar-se, pois de um lado, ao dominar com sua potência de fogo todos os continentes e todos os oceanos, ele protege a prosperidade de todos os americanos e, por outro lado, assegura rendas regulares a uma dezena de milhões de assalariados e suas famílias, ou seja uma percentagem elevada da população ativa dos Estados Unidos... Na realidade, se a Alemanha nazista e o Japão haviam capitulado, outra ameaça ainda mais perigosa e ao mesmo tempo mais velada surgira contra o *American way life*: a ameaça comunista. O militar deixara de ser um parasita." (98).

Considerando-se que uma única bomba termonuclear tem um poder destruidor talvez superior à soma de todas as bombas que foram atiradas pelos beligerantes da Segunda Guerra Mundial, não há necessidade de atirar nem a centésima parte das que se acham armazenadas nas superpotências para que o mundo fique repentinamente gozando a paz eterna reinante nos cemitérios.

Para impedir que essa "paz eterna" reine sobre a face da terra, somente os Estados Unidos arcam com os seguintes gastos:

"A indústria de defesa despeja cerca de 45 bilhões de dólares anuais em mais de cinco mil comunidades; mais de oito milhões de norte-americanos, incluindo membros das forças armadas e de todas

as suas famílias e abrangendo 10% das forças de trabalho, ganham sua vida com as despesas da defesa. A guerra tornou-se a principal indústria da nação. Os 79 bilhões de dólares agora gastos com a defesa superam os lucros de todas as empresas norte-americanas ou, fazendo-se outra comparação, é quase igual à despesa total dos governos federal, estadual e municipal com saúde, educação, benefícios de aposentadoria e pecúlio-velhice, moradia e agricultura. O orçamento federal da defesa tornou-se uma "indústria em expansão" dominante. Foram as despesas com a defesa e não os programas de previdência social que aumentaram de maneira tão grande o papel do governo federal na economia.

O orçamento federal para o ano fiscal de 1968 totalizou 186.062.000.000. Desta quantia, 79.788.000.000, ou 42,9 por cento, foram gastos com a defesa nacional. Essa importância corresponde a cerca de 9 ou 10 por cento do Produto Nacional Bruto, percentagem que tem permanecido bastante estável nos últimos dez anos. O Departamento de Defesa gastou a maior parte deste orçamento no ano fiscal de 1969 em várias categorias, programas e repartições importantes." (99).

Se fosse possível somarem-se os gastos militares feitos pelos Estados Unidos, onde tudo é feito mais ou menos às claras e a crítica permitida, com os gastos feitos secretamente pela União Soviética, China e demais países comunistas, verificar-se-ia que o maior cancro existente na humanidade é o desenfreado militarismo, "a indústria da morte", que atualmente predomina, cuja cura, certamente, é muito mais difícil de ser conseguida do que a do câncer, apesar das intermináveis conferências para se chegar a um acordo sobre o desarmamento geral que, em realidade, nenhuma das grandes potências deseja. E isso porque, se se chegar a tal acordo, dezenas de milhões de pessoas existentes nas superpotências seriam bruscamente atiradas na miséria; as grandes empresas que com ele têm a sua principal fonte de renda iriam fatalmente à falência. Esses países entrariam numa crise econômica de conseqüências imprevisíveis para suas estabilidades políticas.

O armamentismo tornou-se, assim, o grande negócio das superpotências e o militarismo a garantia de suas estabilidades políticas; as guerras e as ameaças de guerra, uma necessidade; o desarmamento geral uma utopia. Repete-se a fábula do aprendiz de feiticeiro...

*
* *

A Alemanha e o Japão foram vencidos, tiveram seus territórios mutilados e foram condenados pelos vencedores a não se armarem.

Se eles tivessem saído do conflito como vencedores, evidentemente, teriam expandido seus territórios, anexando partes de outros países e submetido outros às suas influências políticas e econômicas, o que os obrigaria a manter poderosas forças militares e fazer enormes dispêndios de energia e de dinheiro, em busca de novas e mais aperfeiçoadas armas de guerra, para sufocarem qualquer possível rebelião contra suas orientações políticas, tal como está acontecendo com os EUA e a URSS, em prejuízo do desenvolvimento de outros setores mais úteis.

Assim, por ironia da sorte, aquela condenação só benefícios trouxe aos vencidos, permitindo-lhes empregar suas inteligências e energias em pesquisas e melhoramentos em todos os ramos de indústrias úteis e econômicas, capazes de competir vantajosamente com as demais nações nos mercados internacionais. Realmente, na produção de aço, de materiais de construção, de eletrodomésticos, de óptica, de aparelhos de precisão, em construção naval, etc. o avanço desses dois países tem sido espetacular, tornando suas moedas as mais sólidas e valorizadas da atualidade.

Quando, há uns três anos, o armador milionário Onassis lançou ao mar um petroleiro de 50.000 toneladas, causou geral admiração. Atualmente o Japão os tem de 150.000 e já está construindo de 200.000, com a vantagem de ter uma tripulação muito reduzida, porque quase todo o serviço é orientado por meio de controle automático.

Mas não é só o Japão e a República Federal Alemã que vêm na vanguarda do progresso atual. A República Democrática Alemã, dentre todos os países pertencentes ao bloco comunista, é o que mais se desenvolve e mais

progresso apresenta em todos os sentidos. Nas Olimpíadas de Berlim, por exemplo, considerando-se a sua população em relação à dos demais concorrentes, foi ela a grande campeã com o elevado número de medalhas que conquistou.

Não estão aí os mais gritantes exemplos das vantagens incontestáveis de um desarmamento geral?

A AJUDA AMERICANA

NINGUÉM ajuda o alheio, faz benefício, ou pratica a caridade sem a esperança de uma boa recompensa. "Quem dá aos pobres, empresta a Deus", na certeza de que Este, como honesto devedor, lhe pagará o capital acrescido de altos juros e a respectiva correção monetária. Para ser atendido num pedido ou em recompensa de uma graça recebida, acendem-se velas aos santos.

Os ricos industriais, os grandes banqueiros ao subvencionarem instituições beneficentes, só o fazem para diminuir o imposto de renda a pagar, ou para terem seus ilustres nomes a elas ligados e sempre lembrados nessas instituições. Mesmo os filantropos que se escondem sob o manto do anonimato, dão-se por generosamente recompensados pela íntima satisfação que sentem ao praticar qualquer caridade.

Assim, quando informaram ao velho "filantropo" John D. Rockefeller que milhões de chineses estragavam a vista e poluíam suas miseráveis vivendas com as fedorentas e enfumaçadas lamparinas de óleo, ele ficou de tal maneira penalizado que, imediatamente, encheu dois grandes navios com lampiões e mandou distribuí-los gratuitamente por toda a China. Em seguida, determinou que se organizasse uma linha regular de navios para que a sua Standard Oil levasse e vendesse a bom preço na China o querosene necessário para alimentar os referidos lampiões. De regresso aos Estados Unidos, esses navios voltavam carregados de mercadorias adquiridas a vil preço no imenso mercado do artesanato chinês, para serem ven-

didas com altos lucros aos seus conterrâneos. E com essa sua filantropia fez ele um dos melhores negócios de sua vida.

Os Estados Unidos se preocupam, generosamente, com a pobreza existente em todos os países subdesenvolvidos do chamado "Terceiro Mundo" e, por isso, para retirá-los da miséria lhes fornecem ajuda econômica e lhes fazem grandes empréstimos, principalmente para compra de armamentos, além de neles instalarem indústrias de várias naturezas.

Seria absurdo dizer-se que os lampiões do velho Rockefeller não melhoraram a iluminação e a higiene das vivendas de alguns milhões de chineses, como ingratidão seria se não se admitisse que a ajuda econômica, os empréstimos e os investimentos para instalação de indústrias americanas, feitos nos países subdesenvolvidos não lhes sejam vantajosos. Mas, também, os lucros dessa ajuda para os norte-americanos não são menores, conforme explica um de seus grandes economistas.

> "O antigo presidente do Banco Mundial, Eugene R. Black, explica as razões disso: "Os nossos programas de ajuda ao estrangeiro são lucrativos para as empresas norte-americanas. Apresentam três vantagens principais: a) obtêm um mercado importante e imediato para as mercadorias e serviços norte-americanos; b) estimulam o desenvolvimento de novos mercados para as companhias americanas; c) orientam a economia dos países beneficiários para um sistema de livre iniciativa, graças ao qual as firmas americanas podem prosperar." (100).

O seguinte trecho revela a recompensa recebida pelos Estados Unidos pela sua generosa ajuda aos países subdesenvolvidos:

> "Devemos acreditar que os créditos abertos pelo governo norte-americano aos países do terceiro mundo compensam os lucros repatriados para os Estados Unidos? Tomando o exemplo da América Latina, temos aqui a comparação, referentes aos úl-

timos anos de que existem estatísticas, entre os créditos governamentais e os lucros realizados pelos investimentos privados:

MILHÕES DE DÓLARES

	Créditos governamentais		Lucros privados
1960	194	....	641
1961	710	....	711
1962	587	....	761
1963	576	....	801
1964	447	....	895
1965	632	....	888
Total	3.146	....	4.697

Inferiores aos lucros dos investimentos privados americanos, cuja maior parte regressa aos Estados Unidos, os créditos governamentais concedidos por Washington à América Latina são em parte consagrados ao serviço da dívida e não podem deter a hemorragia de capitais. A dívida anual da América Latina passou de 455 milhões de dólares, em 1956, para 2.100 milhões, em 1965. Quando, sob forma de investimentos ou de empréstimos, 1.814 milhões de dólares entraram no Brasil, as saídas para os Estados Unidos (lucros e juros) representam 2.459 milhões, aos quais é preciso acrescentar cerca de 1.000 milhões de transferências clandestinas. Os países pobres contribuem, assim, para financiar os países ricos, à frente dos quais se encontra os Estados Unidos. Quando John Kennedy lançou a Aliança para o Progresso, chegou a prever, para a América Latina. créditos anuais de um bilhão de dólares durante dez anos, ou seja trinta vezes menos o custo da guerra do Vietnã no ano de 1968. Pensava Kennedy que a América Latina alcançaria, desse modo, o desenvolvimento econômico de 5% por ano. A percentagem real foi de 2,4%. O mais grave, contudo, é que a América Latina, ao fornecer capitais aos Estados

Unidos, tinha contribuído para enriquecer o império ao qual se encontra submetida e que tanto pesa sobre a sua vida econômica e política.

"Somente uma revisão enérgica de nossa política para com a América Latina poderá ainda conter o aumento da miséria e do descontentamento que existe neste continente", declarou o senador Robert Kennedy. Mas tal revisão, defendida por um certo realismo político, afetaria seriamente a prosperidade interior dos Estados Unidos, bem como a potência exterior do seu império." (101).

Não é novidade para ninguém que o sargento Fulgêncio Batista tornou-se ditador de Cuba, e nessa situação se manteve por longos anos, graças à ajuda do Governo americano, cujos cidadãos lá possuíam grandes interesses econômicos, como também ninguém ignora que se não fosse aquela ajuda, Fidel Castro, com seus barbudos de Sierra Maestra, jamais teria conseguido derrubar Batista para assumir o poder naquela ilha.

Fidel Castro, ao que tudo indica, tinha sólidas convicções democráticas mas, para conquistar a simpatia e o apoio do povo cubano, como bom demagogo que é, foi obrigado a fazer mirabolantes promessas, tornando-se, quando assumiu o poder, vítima de sua própria demagogia.

A política exterior russa do pós-guerra tem sido de uma sutileza, de uma constância e de uma finura verdadeiramente diabólicas. O seu principal objetivo consiste em atravessar espinhas na garganta da América do Norte, sem que lhe possam atribuir tal intenção e correr qualquer risco de um confronto armado com a grande nação norte-americana.

A esse respeito o caso de Cuba é característico. Os pronunciamentos públicos de Fidel Castro de uma Cuba livre e independente de qualquer pressão econômica exterior, forneceram aos políticos russos uma excelente oportunidade de transformar Cuba, de amiga em inimiga dos Estados Unidos, oferecendo-lhe vantagens comerciais realmente tentadoras. Cuba engoliu a isca; os Estados Unidos reagiram e ambos caíram na esparrela mais bem urdida dos últimos tempos, conforme se observa a seguir:

"Quando, dezoito meses após a queda de Batista, o primeiro petroleiro carregado com petróleo bruto soviético chegou a Havana, as três refinarias instaladas na ilha recusaram refiná-lo. Uma delas era da Shell e as duas outras americanas (Texaco e Standard). Fidel Castro não podia aceitar, evidentemente, que os seus planos fossem prejudicados por três empresas privadas. Como estas recusassem qualquer compromisso, o governo cubano nacionalizou-as. Em represália o presidente Eisenhower, defendendo os interesses, não dos próprios Estados Unidos, mas sim de grupos privados, reduziu de setecentas mil toneladas as compras de açúcar cubano. A guerra econômica teve início, assim, porque Washington não aceitou que um país comprasse petróleo menos caro do que petróleo americano. Fidel Castro reagiu, nacionalizou outras empresas norte-americanas. Eisenhower, por mera medida de represália, suprimiu completamente as compras de açúcar cubano. No fim do ano, as relações diplomáticas entre os dois países foram rompidas.

O embaixador dos Estados Unidos deixara de ser "a pessoa mais importante de Cuba". Na primavera de 1961, a CIA lançou a tentativa de invasão da baía dos Porcos e Fidel Castro declarou-se socialista.

A seqüência dos fatos não prova de maneira irrefutável que a atitude dos Estados Unidos obrigou Cuba a orientar-se para o comunismo e que uma atitude mais conciliante teria evitado essa conseqüência. Todavia, demonstra que as empresas privadas norte-americanas podem escapar à autoridade do país onde se encontram instaladas, dispondo, então, do apoio do governo de Washington. Mostra também que, para a Casa Branca, a concepção do interesse nacional do país está estritamente ligado, no estrangeiro, aos grandes interesses privados." (102).

"Os Estados Unidos, que raramente hesitam em intervir num país do continente, nada fizeram para abalar as ditaduras existentes, pois estas sabem sempre fazer respeitar os interesses privados americanos. Em contrapartida, atacando o regime de Fidel Castro, culpado de ter afetado os investimen-

tos norte-americanos, os Estados Unidos desencadearam uma guerra de propaganda muito poderosa, um bloqueio diplomático no qual só o México recusou participar, um embargo que pesa muito sobre a economia cubana, uma invasão armada que resultou no fiasco da baía dos Porcos, operações de comando visando sabotar a economia cubana e assassinar Fidel Castro, uma manobra de grande envergadura para obter que Cuba fosse expulsa da Organização dos Estados Americanos (OEA). Esta última decisão exigia um voto de uma maioria de dois terços, ou seja quatorze vozes. Mas a décima voz estava faltando, Washington comprou-a em 1962, pagando caro ao país recalcitrante, prometendo-lhe créditos para a construção de um aeroporto para aviões a jato. O país em questão foi o Haiti, submetido à sangrenta e delirante ditadura de Duvalier. Contudo os regimes ditatoriais conservam o seu lugar e o seu boletim de voto no seio da OEA e nada é feito para os enfraquecer, já que são dóceis aos interesses do império econômico." (103).

Os Estados Unidos são um país onde a lei é baseada no Velho Testamento, a ponto de Jefferson haver proposto como emblema nacional não uma águia, mas sim "os filhos de Israel conduzidos de dia por uma nuvem e de noite por uma coluna de fogo". Essa mentalidade puritana tem sido, várias vezes, sustentada por políticos norte-americanos que consideram seu povo como designado por Deus para organizar o mundo, administrar os povos bárbaros e decadentes e neles estabelecer a ordem e a liberdade. (104). Mas como, também, os bons negócios, naquele país, primam sobre qualquer outra consideração, ele nunca hesita em procurá-los e defendê-los por meio de ameaças ou do emprego da força.

"Todos os governos, se tivessem os meios para isso, procederiam da mesma forma, mas nenhum outro governo possui os meios de que dispõe Washington. E o problema, mudando de escala, também muda de natureza já que só o governo dos Estados Unidos pode agir no mundo inteiro. As antigas potências coloniais exerciam uma influência determi-

nada geograficamente. A França e a Inglaterra, por exemplo, tinham nas suas mãos uma boa parte da Africa. Os Estados Unidos, porém, exercem todo o seu peso sobre um império que não conhece fronteiras, tanto sobre a Europa e a América Latina quanto sobre a Ásia, o Oriente Médio ou a África.

Alguns países fornecem-lhe matérias-primas, outros recebem seus capitais, mas todos asseguram aos Estados Unidos lucros sem os quais a prosperidade dos norte-americanos, que constituem apenas 6% da população mundial, não seria tão superior ao nível de vida do resto da humanidade. A América do Norte drena do mundo inteiro os elementos de uma potência econômica que lhe permite, depois, intervir em todos os continentes." (105).

Segundo o embaixador norte-americano Sumner Welles, deve-se aos alemães a nova e solerte forma do moderno imperialismo, conforme o seguinte trecho:

"O raciocínio alemão é o seguinte: a experiência mostrou que uma ocupação puramente militar de nenhum modo resulta no completo domínio político e econômico de um país conquistado. Somente através da posse das indústrias-chaves e por meio de cúmplices diretos na vida política do país ocupado pode ser exercido controle satisfatório. Se tais intervenções estrangeiras vêm a ser conhecidas do público, provocam uma reação patriótica difícil de se subjugar. Se, no entanto, é conservada em segredo por cúmplices indiretos, de preferência cidadãos do país sobre os quais possa ser exercido um controle seguro, pode-se construir, sem qualquer reação pública desfavorável, um sistema que lentamente, pouco a pouco, pode-se impor à vida de todo o país." (106).

Esse princípio talvez tenha sido descoberto pelos alemães, mas ninguém o tem aplicado de maneira mais eficiente e mais inteligente do que os norte-americanos. No Japão, a ocupação militar facilitou o seu emprego,

mas na França e em outros países nem sequer foi necessária a ajuda militar, conforme demonstrou J. J. SERVAN-SCHREIBER em "O Desafio Americano".

E por isso devem os Estados Unidos ser criticados? Absolutamente! Pena é que o Brasil não esteja em condições de fazer o mesmo.

A intervenção da "International Telephone and Telegraph" nas eleições chilenas para frustrar a indicação de Salvador Allende para a presidência do Chile e, depois, procurando impedir que ele fosse empossado no cargo, foi outra escandalosa e intolerável intromissão de uma companhia norte-americana na política interna de um país amigo, conforme muitas vezes foram feitas nas repúblicas da América Central.

Nesse episódio, o Governo norte-americano foi acusado de agir em conluio com aquela possante companhia. É claro que ele considerou tal acusação como destituída de qualquer fundamento, mas também é claro que, verdadeira ou falsa, sua atitude não poderia ser outra.

Em julho de 1973, quando a Argentina resolveu nacionalizar os bancos estrangeiros e tomar outras medidas de controle sobre os investimentos estrangeiros feitos no país, a Embaixada dos Estados Unidos resolveu interferir contra tais resoluções.

O Governo argentino protestou energicamente contra essa indébita intromissão em sua política econômica e advertiu que de modo algum o país toleraria a repetição de semelhante atitude. O Embaixador norte-americano viu-se, então, obrigado a pedir desculpas e a prometer que tais casos não mais se repetiriam, a fim de não prejudicar as relações da Argentina com seu país.

OS ESTADOS UNIDOS E AS GUERRAS

OS ESTADOS UNIDOS são a pátria da propaganda e a ensurdecedora catarata de sua propaganda sempre afirmou, e continua afirmando, serem eles um país pacifista, amante da paz, antimilitarista e não imperialista e que tudo isso constituía o apanágio da Alemanha. Não adianta as estatísticas demonstrarem o contrário; não adianta a História registrar os fatos. De que vale gritar contra uma catarata, para que ela deixe de fazer barulho?

Guerras para os Estados Unidos sempre foram e continuam sendo os seus melhores negócios e, como negócios são negócios, amigos à parte, não lhes faltaram guerras, revoluções, expedições militares e intervenções armadas para lhes garantirem a expansão, o progresso e a riqueza.

A conquista do oeste norte-americano, feita à custa do extermínio dos gentios, não pode ser considerada operação pacífica.

Em 1823, o Presidente James Monroe, sem qualquer consulta a quem quer que fosse, proclamou a sua famosa "Doutrina", que punha o Novo Mundo ao abrigo da cobiça do Velho, comprometendo-se, também, a não se envolver em disputas fora das Américas. Com o lema "América para os americanos", o Novo Mundo ficou transformado em uma espécie de caça reservada para os Estados Unidos e dessa prerrogativa eles se utilizaram em vasta escala, conforme já foi dito.

Em 1848, na guerra contra o México, eles aumentaram enormemente seu território com a conquista dos ricos

Estados do Texas, do Novo México e da Califórnia. Em 1898, na guerra contra a Espanha, apropriaram-se de Cuba, de Porto Rico, das Filipinas e das ilhas Havaí.

Entre 1900 e 1941, as forças militares norte-americanas estiveram envolvidas em mais de vinte e duas expedições, intervenções e guerras pequenas ou grandes. (107).

Na primeira grande guerra européia, transformada pelos Estados Unidos em mundial, eles tiveram 116.708 mortos e 204.000 feridos graves nos campos de batalha mas, em compensação, deram o seu primeiro grande salto como potência econômica mundial. Na segunda grande guerra, mais uma vez por eles transformada em mundial, suas baixas foram muito maiores: perderam 292.131 homens em combates; 630.846 ficaram feridos e as baixas por todas as outras causas atingiram um total de 1.078.162, entre homens e mulheres. (108). Mas o impulso econômico recebido pelo país, durante e após esse conflito foi simplesmente extraordinário:

> "As despesas de guerra trouxeram uma prosperidade sem precedentes para milhões de pessoas. Os vencimentos semanais na indústria bélica subiram 70 por cento resultante, em grande parte, do pagamento de vez e meia por trabalho extra. A renda líquida do fazendeiro, em moeda corrente, aumentou em mais de 400 por cento de 1940 a 1945. Muitos norte-americanos jamais estiveram tão bem e incontáveis fortunas foram feitas na florescente economia da Segunda Guerra Mundial." (109).

Por isso, nas questões internacionais ou quando estivessem em causa interesses norte-americanos, o Presidente Theodore Roosevelt recomendava que se falasse mansinho, mas armado com um bom cacete na mão.

Por isso, ainda, em questões de guerras ou de interesses nacionais, as afirmativas de presidentes dos Estados Unidos não podem ser levadas em consideração, conforme os seguintes pronunciamentos:

Em janeiro de 1917, o Presidente Woodrow Wilson declarou que o envolvimento dos Estados Unidos na guerra contra os Impérios Centrais seria um crime contra a civilização; três meses depois ele pediu ao Congresso autorização para os Estados Unidos nela se envolverem.

Quando os franceses, após o desastre de Dien Bien Phu, em 1954, foram derrotados na Indochina, o Presidente Eisenhower declarou: "Ninguém se opõe mais do que eu a permitir que os Estados Unidos se envolvam numa guerra quente nessa região, e que não podia conceber uma maior tragédia para a América do que envolver-se profundamente numa guerra total em qualquer dessas regiões, especialmente com elevado número de tropas." Em 1966, o mesmo homem advogava o emprego do gênero de força militar, sem excluir a possibilidade do emprego de armas nucleares, para ganhar a guerra, que, em seu início, nenhum general podia admitir não fosse vencida contra algumas centenas de milhares de camponeses de pijama. (110).

Dois meses antes de ser assassinado, o Presidente John Kennedy declarou: "A guerra é deles, em última análise. São eles que a ganham ou a perdem. Nós podemos ajudá-los, podemos fornecer-lhes equipamentos, podemos mandar para lá homens como consultores, mas são eles, o povo do Vietnã, quem tem de ganhar a guerra contra os comunistas." (111). E, por ocasião do crime de Dalas, em outubro de 1963, o número de assessores militares norte-americanos enviados para o Vietnã do Sul elevou-se a 16.732, além de vasto material de guerra e da organização de um comando militar norte-americano, sediado em Saigon.

Em 1858, parte da grande península asiática da Indochina foi conquistada pelos franceses que, sob o nome de Indochina Francesa, lá estabeleceram as colônias do Laos, do Camboja, da Cochinchina, do Anã e do Tonquim. Do restante da península os ingleses se encarregaram.

Durante a Segunda Guerra Mundial, os japoneses a invadiram. Com a derrota do Japão, seus antigos senhores voltaram a ocupá-la, mas lá encontraram uma forte oposição sob a direção da curiosa figura de Ho Chi Minh, comunista convicto, que conseguiu galvanizar um povo, cuja história remonta a mais de mil anos antes de nossa era, em favor de sua independência.

A França, já enfraquecida por aquele conflito mundial, apesar de ajudada pelos EUA com material e dinheiro que, pela Doutrina de Truman, seria para impedir a comunização daquela zona, após a derrota de Bien Dien

Phu e a perda de 172.000 vidas, foi, pelo Acordo de Genebra, obrigada a abandonar a luta. A antiga Cochinchina Francesa foi, então, dividida nos Estados do Laos, do Camboja e do Vietnã, este cortado por uma faixa desmilitarizada na altura do paralelo 17, passando o Tonquim a chamar-se Vietnã do Norte, tendo como capital Hanói, sob regime comunista e a presidência de Ho Chi Minh e a antiga Cochinchina e o Anã, Vietnã do Sul, tendo Saigon como capital e a presidência de Ngo Dinh Diem anticomunista.

Previa, entretanto, aquele acordo que, após dois anos, isto é, em 1956, seriam realizadas eleições livres em todo o Vietnã para decidirem sobre a unificação do país e a forma de seu governo, mas nem o Governo de Saigon nem o de Washington firmaram esse acordo. O resultado foi que o Presidente do Vietnã do Sul não permitiu a realização de tais eleições.

O Governo de Hanói com isso não se conformou e fomentou uma luta de guerrilha contra o de Saigon, na qual os guerrilheiros estavam levando evidente vantagem, apesar da crescente ajuda norte-americana em favor de Saigon.

Em 1963, o governo católico do Vietnã do Sul entrou em crise com os budistas e alguns de seus monges, em sinal de protesto, espetacularmente se imolam pelo fogo em praça pública, embebendo-se em gasolina. Há uma revolução, na qual o Presidente Diem é deposto e juntamente com o Chefe de Polícia, Nhu, seu irmão, são assassinados. A situação torna-se caótica e a corrupção predomina em toda parte e só a muito custo se normaliza, sendo eleito Nguyen Van Thieu para Presidente e o General Kao Ki para Vice-Presidente, mas que logo se desentendem. No final do período governamental somente Van Thieu concorreu para um novo período governamental, sendo reeleito, e toda a oposição severamente reprimida.

O Presidente Lindon Johnson continua admitindo tratar-se de uma guerra civil; ajuda os sul-vietnamitas, mas se nega a enviar tropas norte-americanas para combater a Frente Nacional de Libertação do Vietnã do Sul, organizada em 1960, ajudada pelo Vietnã do Norte.

No dia 4 de agosto de 1964 houve o nebuloso incidente do Golfo de Tonquim, em que o navio de Guerra norte-americano, "Maddox", tido como espião, é atacado

por lanchas torpedeiras norte-vietnamitas, sem, entretanto, sofrer um só arranhão, incidente esse cujo relato foi pôsto em dúvida por alguns senadores norte-americanos, mas o Presidente Johnson obtém do Congresso o direito de revidar à altura e Hanói e o porto de Haiphong são bombardeados pela aviação norte-americana.

Ao mesmo tempo, aquilo que até então era encarado como uma guerra civil, pouco a pouco vai sendo considerado como a invasão de um país comunista a um país amigo dos Estados Unidos mas, apesar disso, ainda em 21 de outubro do ano seguinte, o Presidente Johnson afirmou: — "Não tencionamos mandar rapazes americanos para um lugar afastado de suas casas nove ou dez mil milhas, para fazerem os que os rapazes da Ásia deviam fazer eles próprios." (112).

Três anos depois, mais de meio milhão de rapazes norte-americanos, milhares de assessores militares, de aviões e um número incalculável de toneladas de bombas e de material bélico norte-americanos esse mesmo Presidente enviava para uma guerra não declarada, a nove ou dez mil milhas dos Estados Unidos!... Filipinas, Austrália, Nova Zelândia, Coréia do Sul e Tailândia enviam, também, tropas para ajudarem os EUA a expulsarem as forças da República Democrática do Vietnã do Norte, infiltradas no do Sul e a guerra se torna cada dia mais mortífera, devido ao apoio da Rússia e da China ao Governo de Hanói.

Já em 1966 Hanói e Haiphong são pesadamente bombardeadas pelas famosas fortalezas voadoras B-52, bem como os principais portos norte-vietnamitas por vasos de guerra da VII esquadra norte-americana.

No ano seguinte, no auge poderoso das forças americanas e de seus aliados naquele teatro de guerra, a luta se torna mais mortífera, e os norte-americanos julgam a vitória próxima, porém, em fevereiro de 1968, por ocasião do ano lunar vietnamita, o Tet, a Frente Nacional de Libertação, denominada Vietcong, ajudada pelos norte-vietnamitas, sob a direção do legendário General Vo Nguyen Giap, faz uma espetacular investida sobre o Vienã do Sul, chega aos arrabaldes de Saigon e um comando suicida invade, dinamita e causa várias mortes na própria Embaixada norte-americana. Nessa investida a histórica cidade imperial de Hué cai em mãos dos Vietcongues.

Tal feito deixa a todos perplexos, mas os norte-vietnamitas não encontram o apoio que esperavam da população sul-vietnamita; são obrigados a recuar e depois de quarenta dias de ferozes combates são desalojados de Hué, deixando-a em completa ruína.

O povo norte-americano começa a tomar conhecimento do atoleiro em que seu país se meteu; do número crescente de seus patrícios que lá são mortos e feridos; do custo astronômico dessa guerra e da maneira como está sendo conduzida; de incríveis massacres de civis de todas as idades; de crimes, tais como os de My Lay, mantidos em segredo durante muito tempo; das severas críticas contra seu país vindas de quase toda parte, sente-se envergonhado e as manifestações populares e de altas personalidades do país contra esse conflito tomam vulto.

O Governo de Washington procura sair dessa difícil situação o menos desonrosamente possível e suspende os bombardeios ao Vietnã do Norte, condição imposta por Hanói, para dar início às conversações de paz em Paris, visando uma solução política para pôr fim ao conflito.

Logo de início surgiram dificuldades para a organização dessa conferência, tais como: a imposição para que os representantes da chamada Frente Nacional de Libertação do Vietnã nela tomarem parte, o formato da mesa, o lugar que cada representante nela ocuparia, etc. prenunciadoras da quase impossibilidade de se chegar a um acordo satisfatório para todas as partes. Finalmente, em maio de 1968, foi a conferência inaugurada.

Em janeiro desse mesmo ano houve, ainda, um sério atrito entre os Estados Unidos e a República Democrática da Coréia do Norte, que quase reiniciou a guerra entre eles, paralisada pelo armistício de Pan Mun Jon, onde já se realizaram perto de trezentas conferências sem resultado positivo, o que obriga a permanecerem na Coréia do Sul 56.000 soldados norte-americanos, atrito esse devido à captura, em águas consideradas norte-coreanas do navio espião norte-americano "Pueblo" com 82 tripulantes a bordo.

Os Estados Unidos protestaram energicamente e exigiram a devolução do navio, dentro do prazo de 48 horas, e para lá enviaram o porta-aviões "Enterprise". A Coréia do Norte não se impressionou; respondeu que não entre-

gava e que os Estados Unidos, se quisessem, fossem buscá-lo. Os EUA não se decidiram a ir buscá-lo e a guarnição do navio só quase um ano depois foi libertada, tendo antes confessado que estava mesmo em missão de espionagem.

Em 1969 falece o renomado Presidente da República Popular Democrática do Vietnã do Norte, Ho Chi Minh; é criado o Governo Revolucionário do Vietnã do Sul, sempre cognominado Vietcong; o Presidente Johnson dá início à retirada dos soldados americanos do Vietnã, cuja mortandade estava preocupando por demais a opinião pública do país, mas, em compensação, aumenta substancialmente suas forças aéreas e marítimas, capazes de provocar muito maiores danos ao inimigo sem perdas de muitas vidas norte-americanas.

A intromissão dos EUA no conflito do Vietnã tornou-se de tal maneira impopular que o Presidente Lindon Johnson, que fora eleito por maioria esmagadora de votos dos eleitores norte-americanos, receoso de uma fragorosa derrota, desistiu de concorrer a um segundo mandato, como é de praxe entre os presidentes norte-americanos, e o seu partido, o Democrático, foi derrotado pelo Republicano, com a eleição de Richard Nixon, que prometia uma breve saída desse conflito sem desprestígio para o país.

Em 1970, entretanto, Nixon desejoso de obter uma solução favorável por meio da força, sob o pretexto de impedir a infiltração de tropas e de material de guerra para reforçar os vietcongues, vindos do Vietnã do Norte, através da Trilha Ho Chi Minh, mas em realidade para garantir o Governo do General Lon Nol, favorável aos sul-vietnamitas, que havia deposto o Príncipe Norodom Sihanouk, de tendência neutralista, com forças norte-americanas auxilia a invasão do Camboja feita pelo Exército sul-vietnamita.

O resultado foi desastroso e as forças que apóiam o Príncipe Sihanouk, agora francamente comunistas, o Kherm Vermelho, ajudadas pela China, dominam mais de três quartas partes do Camboja, ameaçam sua capital, Phnom Penh, que só ainda não foi tomada devido aos bombardeios aéreos feitos pelos EUA, mas que agora necessita ser abastecida pelos americanos em uma nova versão da Ponte Aérea de Berlim. E a guerra lá continua,

como também no Laos, recebendo diariamente cem mil toneladas de bombas despejadas pela aviação norte-americana, apesar da Paz de Paris.

O ano de 1971 caracterizou-se pelas numerosas reuniões da Conferência da Paz, em Paris, com suas freqüentes interrupções; mútuas acusações por falta de sinceridade das partes; progressiva retirada das forças terrestres norte-americanas; aumento de suas forças aéreas e navais e bloqueio dos portos do Vietnã do Norte por meio de colocação de minas, a fim de impedir que os comunistas continuassem a receber material bélico procedente da Rússia e de seus satélites. Hanói, Haiphong e as vias terrestres de comunicação com a China são fortemente bombardeadas. O Presidente Nixon suspende a Conferência de Paris, informando que seus representantes só a ela voltariam quando os norte-vietnamitas se retirassem do Vietnã do Sul. Estes não atenderam a tais condições e continuam seus ataques. Três semanas depois voltou atrás e a Conferência foi reiniciada.

Em 1972, como a Conferência de Paris não assinalasse resultados positivos, iniciaram-se os contatos secretos entre o representante particular do Presidente Nixou, Henry Kissinger, e o do Governo de Hanói, Le Duc Tho. Em 23 de outubro desse ano, essas duas autoridades, em nome de seus respectivos governos, assinaram um acordo para pôr fim à guerra. O mundo respirou aliviado ante tão alvissareira notícia.

Mas o Presidente do Vietnã do Sul, Nguyen Van Thieu, a quem não se pode negar energia e determinação, insurgiu-se contra o acordo por não ter sido exigida a retirada das forças do Vietcong do território sul-vietnamita. Neste ínterim, com a promessa de paz à vista, o Presidente Nixon esperava, como de fato aconteceu, uma retumbante vitória para sua reeleição.

Reeleito, quis ele satisfazer o Presidente Van Thieu, refugando o acordo assinado pelo seu representante e mandando fazer, entre 18 e 28 de dezembro, os mais terríveis bombardeios de saturação que a História registra sobre as já castigadas Hanói e Haiphong. Basta dizer que durante esses dez malfadados dias foram atiradas sobre essas duas infelizes cidades uma tonelagem de bombas incendiárias e de explosivos quase igual à jogada pelos alemães sobre a Inglaterra em cinco anos de guerra!

O Governo de Hanói protestou energicamente contra tamanha barbaridade e falta dos compromissos assumidos por Washington, mas não cedeu, e a opinião pública mundial condenou severamente tão insólita quão desumana atitude.

Finalmente, o acordo de 23 de outubro, em suas linhas gerais, foi ratificado no dia 8 de janeiro seguinte e no dia 15 cessadas todas as atividades bélicas dos EUA no Vietnã. No dia 27, a chamada Paz foi assinada por todas as partes envolvidas no conflito mas, em realidade, a guerra lá continua, voltando ao seu título primitivo de guerra civil.

Aliás, só se pode falar em assinatura de paz quando se põe fim a um estado de guerra declarado, e como não houve declaração oficial de guerra, a Paz de Paris representa apenas a forçada retirada dos combatentes norte-americanos e de seus aliados do Vietnã, cujos últimos soldados o deixaram no dia 29 de março de 1973.

Combateram no Vietnã perto de 2.500.000 norte-americanos, dos quais lá perderam a vida 58.615, ficaram feridos 303.234 e 1.805 considerados desaparecidos, segundo estatísticas oficiais, além de dezenas de milhares de insubmissos que fugiram dos EUA para não tomar parte nesta guerra, o que representa mais da metade do número de mortos que tiveram na Primeira Guerra Mundial e número muito maior de feridos e de desaparecidos no mesmo conflito.

Nessa guerra os EUA perderam 8.546 aviões e helicópteros com perto de 2.000 pilotos e lançaram sobre o Vietnã aproximadamente oito milhões de toneladas de bombas explosivas e incendiárias, o que representa quase quatro vezes a tonelagem de bombas atiradas durante toda a Segunda Guerra Mundial. (113).

Mas os Estados Unidos continuam virgens como perdedores de guerra, porque esse conflito não foi uma guerra oficialmente declarada e, assim, também não houve nem haverá criminosos de guerra!...

E como imperecível lembrança dessa honrosa retirada, os soldados norte-americanos lá deixaram 50 a 70 mil crianças mestiças, americano-vietnamitas, que serão criadas à margem da sociedade, devido ao desprezo que ali se devota aos alienígenas. (114).

Os Estados Unidos representaram no Vietnã o papel dos anjos exterminadores do Apocalipse, conforme um relatório publicado pela revista "Scientific American", informando que lá eles lançaram mais de treze milhões de toneladas de explosivos, chegando, no auge da guerra, a jogarem 3.120 quilos por minuto. O total da tonelagem de explosivos atirado sobre o Vietnã equivaleu à potência de 700 bombas da que foi jogada em Hiroxima. Cada habitante recebia por dia 265 quilos de explosivos e cada área de cinco mil metros quadrados, 64 quilos. Esses bombardeios abriram mais de 25 milhões de crateras, numa relação aproximada de cem mil por mês, com o diâmetro médio de nove metros de boca e de três a cinco de profundidade. Essas crateras, além de inutilizarem o terreno para a agricultura, devido também ficar a terra impregnada de estilhaços de metal, que cortam os pés dos trabalhadores e destroem as pás dos arados, com as chuvas se transformam em grandes viveiros de mosquitos, transmissores da malária e de outras doenças tropicais.

Uma das riquezas daquela região era a madeira, mas os herbicidas praticamente a aniquilaram e grande parte das árvores que não morreram ficaram crivadas de pedaços de ferro, que danificam os machados e destroem as serras. Toda a ecologia do país foi brutalmente alterada com a quase completa destruição de sua flora e fauna. Agora, qualquer chuva mais pesada provoca forte erosão do solo e grandes inundações.

Bombardeios indiscriminados sobre cidades, aldeias, igrejas, hospitais, representações diplomáticas, diques, canais de irrigação, etc., contrários à Convenção Internacional de Genebra, reafirmada em 1949, não podem encontrar apoio moral que justifique tal procedimento por parte de uma nação civilizada, mesmo sob o pretexto de revidar igual atitude do inimigo. (115).

O Presidente Richard Nixon, em sua viagem ao redor do mundo, feita para abraçar Mao Tsé-tung e Brejenev, foi até Leningrado para prestar suas homenagens às heroínas que lá pereceram durante o cerco de nove meses, a que a cidade foi submetida pelas forças alemãs. No livro de visitantes, que existe no monumento erguido à memória dessas heroínas, escreveu: "A Tânia e a todas

as heroínas de Leningrado. Espero que isso nunca mais volte a acontecer." Esqueceu-se, porém, de acrescentar — "exceto no Vietnã".

Sim, porque China e Rússia são países comunistas, com um bilhão de habitantes, e potências pertencentes ao clube atômico, que nenhum perigo apresentam ao progresso e à segurança dos Estados Unidos e do Mundo Livre. O grande perigo se encontra em um pequeno país agrícola, quase desconhecido do Ocidente, habitado por vinte e sete milhões de indivíduos, pertencentes a uma estranha raça, chamada anamita, de pele amarelada, cabelos pretos e lisos, olhos pequenos e amendoados, baixa estatura, pobre, usando chapéu de palha de formato cônico, roupas lembrando pijamas, que se alimenta quase exclusivamente de arroz e que pode converter-se em comunista.

Tornava-se, portanto, necessário conjurar tão iminente perigo e, para tanto, os Estados Unidos não precisavam ser rogados, porque a Doutrina Truman a isso os obrigava. Houve, porém, um tremendo erro de cálculo por parte de Washington, ao comparar sua intervenção armada no Sudeste asiático com aquelas normalmente feitas nas pequenas repúblicas das Caraíbas.

O número de cidadãos mortos, feridos e desaparecidos dos Estados Unidos nesse impopular conflito já são conhecidos. A despesa que o país fez e que se obrigou ainda a lá fazer sobe a centenas de bilhões de dólares. Mas isso são apenas prejuízos materiais; muito pior são os morais.

Quanto às cifras de mortos, feridos, desaparecidos, desabrigados, refugiados, órfãos, bem como dos incalculáveis danos materiais dos vietnamitas jamais serão conhecidas, nem mesmo aproximadamente.

Tudo isso fez e faz com que essa guerra seja justamente considerada a mais suja, a mais bárbara, a mais estúpida e a mais impopular de toda a História e, como tal, por todos condenada, inclusive por grande parte do próprio povo norte-americano.

Todavia, para certos políticos norte-americanos, calorosamente aplaudidos pelos industriais da morte, representados pelo complexo militar-industrial, a única coisa a levar-se em conta no mundo é a vida de um de seus patrícios, a dos outros nenhuma importância tem. O Con-

cílio de Narbonne, realizado no ano 1054, decretou que aquele que matasse um cristão derramava com isso o sangue de Cristo e devia, portanto, pagar tal crime com a morte. A vida de um norte-americano, porém, deve ser preservada com muito mais cuidado, conforme o pronunciamento do Senador Barry Golwater: — "Eu prefiro bombardear Haiphong até não deixar pedra sobre pedra do que sacrificar a vida de mais um norte-americano. Se os barcos soviéticos forem atingidos, azar o deles. Eles não têm nada a fazer em Haiphong." (116).

Haiphong é o grande porto de mar do Vietnã do Norte, por onde ele recebia a maior parte do armamento que lhe enviava a Rússia e outros de seus satélites; é a segunda cidade em importância do país, tendo uma população de 250.000 habitantes e o afundamento de barcos soviéticos podia provocar uma desagradável reação da Rússia. Mas, para o Senador Goldwater, um dos mais populares do país, a ponto de já ter sido indicado pelo partido Republicano para concorrer à presidência dos Estados Unidos, tudo isso vale menos do que a vida de um cidadão norte-americano. As outras vidas, de cristãos ou não, nada significam; são amarelos!...

O envolvimento dos Estados Unidos na guerra do Vietnã foi a conseqüência natural da desastrada conduta dos Aliados, liderados por Roosevelt, durante a Segunda Guerra Mundial, culminada na infausta Conferência de Ialta, que permitiu a avassaladora expansão do comunismo no mundo.

Já muito antes desse conflito universal os Estados Unidos se arvoraram em tutores do mundo, mas após aquela Conferência, quando o mundo em vez de ser dividido em Velho e Novo passou a ser em Comunista e Livre, foi proclamada a Doutrina Truman, em 1947, em que os EUA tomaram o encargo de policiar o universo para impedir que a parte Livre passasse a ser dominada pela parte Comunista. E para isso garantir eles são obrigados a manter estacionados em 2.270 locais de 119 países mais de 1.200.000 soldados com modernos armamentos, além de estabelecer oito alianças normais para a defesa de 43 países e acordos militares com 21 outros. (117).

Uma tal situação, sejam quais forem as intenções que a determinaram, está sendo demasiadamente pesada e incômoda para a grande nação norte-americana. A

vista disso, e sobretudo com o evidente fracasso de sua política intervencionista no Sudeste asiático, o Presidente Richard Nixon, ao inciar o seu segundo mandato presidencial, declarou em discurso público: — "Contribuiremos para a defesa da paz e da liberdade do mundo, mas esperamos que outras nações façam o mesmo. Já passou a época em que a América assumia a responsabilidade pelos conflitos de outras nações ou pelo seu futuro, ou se achava no direito de dizer aos outros países como deveriam dirigir seus próprios assuntos." (118).

Essa declaração constitui uma tácita confissão de que os EUA avocavam o direito de impor ao restante do mundo sua prepotente vontade. De agora em diante eles só intervirão quando solicitados. Mas, para que a repentina paralisação de sua gigantesca indústria de guerra não acarrete a falta de trabalho para centenas de milhares de operários norte-americanos, lambuzam-se as mãos de qualquer um daqueles impopulares governos da Indochina com um punhado de dólares e logo eles pedem oficialmente que os EUA lancem uma chuva de bombas sobre seus próprios territórios, como está acontecendo no Camboja e no Laos.

É interessante observar-se como uma guerra civil, iniciada por meio de guerrilhas em que foram utilizadas armas primitivas e obsoletas, tais como lanças de bambu, flechas disparadas por arcos, armadilhas próprias para a captura de animais selvagens, espingardas de fabricação caseira foi, aos poucos, evoluindo para uma guerra de nações, ainda que não oficialmente declarada, onde foram empregadas armas de tal maneira aperfeiçoadas, destruidoras e mortíferas que bem mereceram o nome de "armas inteligentes", tal a precisão com que atingiam os objetivos visados e a devastação que causavam. Assim, esse conflito serviu não só para dar vazão ao excedente do material de guerra acumulado, como também para experimentar novos e mais terríveis inventos mortíferos.

Não menos interessante é observar-se como um povo como o norte-americano, sem dúvida, um dos mais cultos, laboriosos, sinceros, hospitaleiros e generosos que há, se deixe levar tão passivamente pela insidiosa propaganda alimentada pelos poderosos industriais da morte, representados pelo complexo militar-industrial, que o levou a pactuar com a maior iniqüidade de todos os tempos.

É incrível que tal povo tenha permitido o massacre de milhões de criaturas humanas e a quase completa destruição de um pequeno país agrícola, a fim de defender e de garantir um governo que mantém em suas prisões perto de 200.000 pessoas contrárias à sua política, muitas das quais acorrentadas pelos pulsos ou tornozelos ao arame farpado, que cerca as tétricas "jaulas de tigre", que têm 1,50 m de comprimento por 1,30 m de largura e 1,20 m de altura (117), a ponto de não mais poderem andar, quando delas saem. Durante a impopular visita que o Presidente Van Thieu fez a várias capitais da Europa, ao chegar no Vaticano, em 9 de abril de 1973, o Papa Paulo VI chamou-lhe a atenção pelo desumano tratamento infligido aos presos políticos por ele mantidos. É incrível que um povo, que não dispensa a Bíblia na mesa de cabeceira para, antes de dormir, ler e meditar sobre um de seus belos preceitos morais, não se tenha revoltado contra tamanha iniqüidade; é incrível como um povo civilizado, bem como outros, que tanto condenam as fogueiras da Inquisição, conquanto justificadas pela mentalidade religiosa predominante na Idade Média, não se tenham indignado contra o *napalm* atirado indistintamente no Vietnã, para transformar seus habitantes em verdadeiras tochas humanas; é incrível que um povo que tanto aplaudiu as condenações feitas pelo Tribunal de Nuremberg, e que continua ainda a fazer, de personalidades que, por suas posições, eram obrigadas a obedecer a um governo legalmente constituído, não tenha exigido idêntico tribunal para julgar os crimes muito maiores praticados no Vietnã; é incrível que um povo que tanto condena o terrorismo individual ou de organizações criado por populações violentamente expulsas de seus lares, se oblitere tão facilmente, a ponto de considerar meritório o terrorismo coletivo; é incrível que esse povo não se sinta envergonhado, vendo imolarem-se os seus filhos, em defesa de um Governo cujo Chefe de Polícia se faz fotografar, fuzilando, em plena praça pública, um prisioneiro, devidamente imobilizado, e de ver outras tétricas e numerosas cenas registradas pelos jornais, revistas e televisão; é incrível que o país que orgulhosamente tem na entrada do porto de sua maior cidade a Estátua da Liberdade, pretenda garantir a liberdade de um outro país, destruindo-o; é incrível, finalmente, que um peque-

no e quase desconhecido país agrícola tome a inabalável resolução de não se curvar, como não se curvou, ante a prepotente imposição da nação mais rica e poderosa do mundo.

A chocante disparidade existente entre o povo norte-americano e a generalidade de seus dirigentes só encontra explicação na enormidade da Força da Propaganda mas, por isso, apesar de ele espalhar benefícios em quase toda parte do mundo, apesar de sua simplicidade, seu ar bonachão, sua bonomia e sua natural franqueza é, geralmente, tido como só se interessando pelo dinheiro. Nada mais falso; ele é realmente um povo dos mais amáveis, delicados, generosos e sinceros e, justamente por essas qualidades se torna facilmente permeável à propaganda.

Bitolá-lo pela conduta daqueles dirigentes, seria o mesmo que acusar todo o povo alemão pelos crimes praticados pelos dirigentes nazistas; todo o povo judeu pelos excessos dos sionistas fanáticos; todo o povo russo e chinês pelos implacáveis expurgos dos ferrenhos comunistas; a Igreja Católica pelas iniqüidades cometidas por muitos de seus dignitários.

A História mostra que a roda da fortuna das nações é bastante instável. Cada nação evolui como se pertencesse a um determinado arco de círculo que tem sua curva ascendente até atingir o alto da roda para, depois, começar a descida. Quando esse crescimento é demorado, demorada também é a descida. Egito, Pérsia, Macedônia, Grécia, Império Romano, Império Otomano, Portugal, Espanha, França, Austria-Hungria, Inglaterra e outros são exemplos típicos.

Acontece, porém, que durante o presente século essa roda está girando com muito mais velocidade, como demonstra a rápida ascensão do arco de círculo ocupado pelos Estados Unidos, a partir da Primeira Guerra Mundial. Mas, ao que parece, o cume desse arco já foi atingido e o outro lado começa a descer, conforme indicam as seguidas desvalorizações do dólar, os esforços que fazem para impedir a inflação, tentando o equilíbrio de seus orçamentos com sua política alfandegária protecionista, a fim de frear a velocidade da descida.

CONCLUSÃO

NADA se assemelha tanto à política internacional como o fascinante jogo de xadrez. Neste, a impensada movimentação de um simples peão pode causar a perda de um cavalo, a prisão de um bispo, a queda de uma torre, o cerco da rainha e, finalmente o xeque-mate ao rei. Naquela acontece o mesmo. Um pequeno erro de cálculo, a demonstração de um infundado receio, uma irrefletida concessão pode provocar uma série de crescentes e irreparáveis desastres.

Para demonstrar a evidente analogia existente entre esses dois jogos, pois que a política internacional nada mais é do que um constante e perigoso jogo de interesses, basta examinar alguns dos principais fatos, algumas jogadas infelizes feitas por ambos os lados dos contendores da última guerra mundial e suas respectivas conseqüências que, por isso, foi muito judiciosamente chamada por A. GOUTARD "A Guerra das Ocasiões Perdidas".

Com efeito, a infeliz movimentação do primeiro peão, causadora da segunda grande tragédia mundial, foi feita pela França, ao concertar um Pacto de Assistência Mútua com a Rússia, aliás, pacto que nunca funcionou. Esse gesto deixou a clara impressão do medo que a França tinha do nascente, mas ainda incipiente, poderio militar da Alemanha, que a propaganda nazista se encarregava de apresentar como muito maior do que realmente era, naquela ocasião.

Desse infundado receio francês Hitler se aproveitou para denunciar o Pacto de Locarno e dar o seu mais perigoso passo, militarizando a Renânia apenas com reduzidas

forças, pois que se fosse obrigado a recuar, como temia, diria que a ocupação daquela região era apenas simbólica, sem qualquer intenção de fortificá-la, e o seu gesto poderia até ser encarado com certa simpatia.

Se, todavia, nessa ocasião a França tivesse mandado o seu Exército para a Renânia e de lá expulsado a pequena força alemã que, simbolicamente a ocupava, evidentemente teria desmoralizado o nazismo e a Segunda Guerra Mundial não teria eclodido. Mas, infelizmente, em vez de assim agir, fez um veemente e inócuo protesto junto à Liga das Nações, o qual, aprovado em sua íntegra e com a atitude alemã severamente criticada em inflamados discursos feitos pelos representantes dos componentes daquela entidade internacional, deu-se por satisfeita.

A integração da Áustria à Alemanha, o Acordo de Munique com o abandono da Checoslováquia à voracidade da Alemanha, da Polônia e da Hungria, o protetorado alemão sobre a Boêmia e a Morávia e a tola garantia da integridade física e política da Polônia, foram suas conseqüências imediatas.

Custa crer-se que a sagaz Inglaterra se tenha comprometido a dar tal garantia, sabendo perfeitamente da impossibilidade em que se achava para cumprir o prometido; custa crer-se que os políticos franceses, que não puderam sequer cumprir a garantia dada à Checoslováquia, tenham permitido que seu país se acorrentasse a tão estranho compromisso. Essa ilusória garantia, entretanto, encheu a Polônia de orgulho, tornando-a intratável, irredutível e ameaçadora contra qualquer idéia, no sentido de solucionar a mais clamorosa injustiça contida no bojo do Tratado de Versalhes, já repudiado pela Alemanha.

Mas não foi só a França que cometeu e mais caro pagou por aquele pequeno erro inicial, a ponto de sofrer a mais fragorosa e humilhante derrota de toda sua história e ser posta, finalmente, à margem do jogo. Tanto a Inglaterra e os Estados Unidos, quanto a Alemanha e a Itália cometeram erros palmares durante o conflito, sem que uns e outros deles se aproveitassem para pôr fora de combate a parte contrária.

A vaidade de Hitler em derrotar rapidamente a França permitiu aos ingleses executar a brilhante operação da retirada de Dunquerque. A inveja de Mussolini pelos notáveis feitos do Exército alemão o conduziu para

a aventura da conquista da Grécia. Para evitar a desmoralização do "Eixo Roma-Berlim" devido às derrotas sofridas pelos italianos nas montanhas gregas, a Alemanha foi obrigada a ir em socorro de sua aliada, através da Jugoslávia. Com isso ela atrasou de dois meses sua investida contra a Rússia que, dessa maneira, protegida pela lama do outono e pelos rigores do inverno de seu país, teve tempo para organizar-se e de receber a poderosa ajuda norte-americana, para transformar uma fragorosa derrota em retumbante vitória.

Porém, o mais crasso e inconcebível erro cometido em toda a guerra foi de autoria de Churchill e de Roosevelt que, cegos pelo ódio contra Hitler e só visando vingança, com total desprezo pelos objetivos políticos, fortificaram e cortejaram a Rússia, para conseguir a derrota da Alemanha a qualquer preço. Se aqueles dois chefes de governo tivessem deixado, e mesmo concorrido, para que nazismo e comunismo, os dois grandes inimigos das democracias, se destruíssem mutuamente, dosando-os convenientemente quando necessário, eles teriam sido, sem grandes sacrifícios, os verdadeiros vencedores da guerra e da paz no mundo mas, agindo como agiram, ganharam nominalmente a guerra e perderam realmente a paz. O Império Britânico esfacelou-se e os Estados Unidos arcam com o peso e a animosidade de grande parte do mundo, para se manterem como grande e respeitável potência.

No encontro que Roosevelt teve com Churchill, em Casablanca, aquele, eufórica e vaidosamente, sem a ninguém consultar sobre tão estúpida idéia, declarou aos jornalistas que o cercaram no final do encontro que os Aliados só aceitariam pôr fim à guerra com a rendição incondicional dos inimigos. Rendição incondicional, duas palavras repetidas com entusiasmo e alegria tanto no mundo amigo como no inimigo; no mundo amigo por ver nelas o justo e merecido castigo dos inimigos; no mundo inimigo por lhe dar o desejado ensejo para redobrar os esforços para resistir até o último alento. Nunca duas palavras tiveram a triste sina de causar tanta dor, tantas mortes e tanta destruição no planeta; elas foram a causa do inútil sacrifício de milhões de preciosas vidas e de centenas de cidades parcialmente destruídas.

Se ao menos, Churchill, com a sua tão proclamada sagacidade e inteligência, que disse ter ficado surpreendido e chocado com a extemporânea declaração de Roosevelt, tivesse feito a ressalva de que a exigência de uma rendição incondicional era feita apenas para os governos nazista, fascista e militarista, que se achavam no poder do lado inimigo, a guerra teria sido muito encurtada e finalmente terminada sem a ferocidade a que atingiu em seus últimos meses.

Sem qualquer sombra de dúvida, a exigência de uma rendição incondicional foi o erro mais estúpido cometido durante a Segunda Guerra, e a causa da crescente submissão da Inglaterra e dos Estados Unidos à prepotente vontade de Stalin nas conferências de Teerã, de Ialta e de Potsdam.

Casa Branca e Casablanca, triste e singular sinonímia!...

As guerras do passado, feitas pelos povos menos desenvolvidos e civilizados do que os atuais, são consideradas bárbaras.

*Mais à par ça, tout va très bien** porque, providencialmente, tem-se:

A Organização das Nações Unidas, a ONU;

A Organização do Tratado do Atlântico Norte, a OTAN;

A Organização do Pacto de Varsóvia, a OPV;

A Organização do Tratado do Sudeste da Ásia, a OTASE;

A Organização do Tratado Central, a CENTO;

A Organização do Tratado dos Estados Americanos, a OEA;

A Organização do Tratado dos Estados Centro-Americanos, a ODECA;

A Organização Européia de Cooperação Econômica, a OECE;

A Organização Sionista Mundial, a OSM;

A Organização da Unidade Africana, a OUA;

A Organização Comum Africana e Malgaxe, a OCAM;

A Organização do Pacto Andino, a OPA;

* "*Mas fora isso, tudo vai muito bem.*" – Nota dos digitalizadores.

A Organização dos Países Árabes, a OPA;

A Organização para a Libertação da Palestina, a OLP;

A Organização de Cooperação Econômica do Bloco Soviético, a OCEBS;

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, a OCDE;

A Organização Internacional do Trabalho, a OIT;

A Organização para a Agricultura e Alimentação, a OAA;

A Organização Mundial de Saúde, a OMS;

A Organização Educacional, Científica e Cultural, a OECC;

A Organização Internacional do Café, a OIC;

A Organização dos Países Produtores de Petróleos, a OPEP;

A Organização Mundial de Professores, a OMP;

A Organização Meteorológica Mundial, a OMM;

A Organização Internacional de Aviação Civil, a OIAC;

A Organização Afro-Asiática de Solidariedade, a OAAS.

E ainda numerosos pactos, alianças, convênios, ajudas e tratados bi e multilaterais que, com toda a eficiência, garantem a paz, o sossego, a harmonia, a liberdade, o progresso e a felicidade neste planeta outrora convulsionado...

Agosto de 1973

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1) — Robert F. Kennedy — "Luta por um Mundo Melhor", págs. 152 a 154 — Ed. Biblioteca do Exército — Rio, 1968.

2) — "O Globo", Rio, 22-10-70.

3) — Claude Julien — "O Império Americano", pág. 314 — Ed. Civilização Brasileira — Rio, 1970.

4) — John Gunther — "O Drama da Europa", 2.ª Edição, págs. 290 e 291 — Ed. Livraria do Globo — Porto Alegre, 1941.

5) — "O Globo" — Rio, 22-1-1971.

6) — Hermann Gorgen — Conferência pronunciada na Escola Superior de Guerra — "Jornal do Brasil" — Rio 13-5-1972.

7) — D. J. Goodspeed — "Ludendorff", pág. 19 — Ed. Biblioteca do Exército — Rio, 1968.

8) — "Intimate Papers of Colonel House",, vol. I, pág. 249 — Citado por J. F. C. Fuller em "A Conduta da Guerra", pág. 139 — Ed. Biblioteca do Exército — Rio, 1966.

9) — J. F. C. Fuller — "A Conduta da Guerra", pág. 141 — Ed. Biblioteca do Exército — Rio, 1966.

10) — Idem, idem, pág. 140.

11) — P. Waldeman — "La Grande Guerre", vol. III, página 93 — Ed. Saint-Clair — Dijon, 1964.

12) — D. J. Goodspeed — Citado, pág. 68.

13) — Sumner Welles — "Dias Decisivos", pág. 257 — Ed Empresa Gráfica "O Cruzeiro" — Rio, 1945.

14) — CLIO — "L'Epoque Contemporaine" — "La Paix Armée et la Grande Guerre (1871-1919", pág. 587 — Paris, 1960.

15) — Claude Julien — Citado, pág. 186.

16) — Idem, idem, pág. 189.

17) — Jean Jacoby — "Le Tzar Nicolau II et la Révolution" pág. 182 — Paris, 1918.

18) — J. F. C. Fuller — Citado, págs. 170 a 173.

19) — Carlos Lacerda — "O Caminho da Liberdade", páginas 175 a 179 — Rio.

20) — P. Waldeman — Citado, vol. VIII, pág. 96.

21) — "Unfinished Victory" — Citado por J. F. C. Fuller, pág. 210.

22) — H. G. Welles — "História Universal", vol. VI, página 208 — Ed. Cia. Nacional Editora — São Paulo, 1959.

23) — Idem, idem, pág. 133.

24) — "Unfinished Victory", vol. III, pág. 20 — Citado.

25) — Lorde Keynes — "The Economic Consequences of the Peace", pág. 54 — Citado por J. F. C. Fuller, pág. 210.

26) — J. F .C. Fuller, citado, págs. 210 a 212.

27) — Emil Ludwig — "Leaderes da Europa", págs. 252 a 256 — Ed. Livraria do Globo — Porto Alegre, 1936.

28) — Stefan Zweig — "O Mundo que Eu Vi", págs. 340 a 344 — Ed. Guanabara — Rio, 1942.

29) — J. F. C. Fuller, citado, pág. 210.

30) — G. E. Hermsdorff — "Zootecnia Especial" — "Equideos" — 2.ª Edição, págs. 164 a 166 — Rio, 1956.

31) — J. F. C. Fuller, citado, págs. 31 a 32.

32) — Emil Ludwig — "Os Alemães", 2.ª Edição, pág. 374 — Ed. Livraria José Olimpio — Rio, 1947.

33) — Emil Ludwig — "Quatro Ditadores", pág. 217 — Ed. Livraria do Globo — Porto Alegre, 1940.

34) — J. F. C. Fuller, citado, pág. 218.

35) — Stefan Zweig, citado, pág. 318.

36) — J. F. C. Fuller, citado, pág. 228.

37) — R. Von Merht — "E Assim Veio a Guerra", pág. 9 — Ed. Irmãos Pongetti — Rio, 1941.

38) — Idem, idem, págs. 15 e 16.

39) — John Gunther, citado, págs. 151 e 152.

40) — R. Von Merht, citado, pág. 80.

41) — Claude Julien, citado, pág. 48.

42) — R. Von Merht, citado, pág. 149.

43) — Idem, idem, pág. 160.

44) — J. F. C. Fuller, citado, pág. 247.

45) — John Gunther, citado, pág. 9.

46) — J. F. C. Fuller, citado, págs. 271 e 272.

47) — Idem, idem, págs. 273 a 276.

48) — Fred J. Cook — "O Estado Militarista", pág. 299 — Ed. Civilização Brasileira — Rio, 1964.

49) — Idem, idem, págs. 110 e 111.

50) — A. Goutard — "A Guerra das Ocasiões Perdidas", pág. 378 — Biblioteca do Exército — Rio, 1967.

51) — Idem, idem, pág. 392.

52) — Idem. idem, pág. 374.

53) — Idem, idem, pág. 387.

54) — "O Globo" — Rio, 3-1-1972.

55) — "Sunday Times" — Londres, 7-8-1960, citado por J. F. C. Fuller, pág. 359, nota n.º 476.

56) — J. F. C. Fuller, págs. 253 e 358, nota n.º 473.

57) — Ferdinan Dupuy — "Quand les Allemands Entrèrent à Paris, pág. 49 — Paris, 1940.

58) — James A. Donovan — "Militarismo: O Caso Ameri cano", pág. 139 — Ed. Civilização Brasileira — Rio, 1971.

59) — Harry L. Coles — "Guerra Total e Guerra Fria", pá gina 50 — Ed. GRD — Rio, 1964.

60) — William C. Bullit — "Como Ganhamos a Guerra e Perdemos a Paz" — "Diário de Notícias" — Rio, 18-1-1949.

61) — "O Globo" — Rio, 3-1-1972.

62) — J. F. C. Fuller, citado, pág. 262.

63) — Idem, idem, págs. 262 a 264.

64) — Idem, idem, pág. 290.

65) — Idem, idem, pág. 291.

66) — Idem, idem, pág. 291.

67) — Idem, idem, pág. 292.

68) — Barry Keefe, em "O Globo" — Rio, 4-8-1969.

69) — J. F. C. Fuller, citado, pág. 359, nota n.º 488.

70) — Idem, idem, págs. 267 e 268.

71) — Georges Blond — "A Agonia da Alemanha", pág. 124, 2.ª edição — Ed. Record — Rio.

72) — J. F. C. Fuller, citado, pág. 298.

73) — Sumner Welles, citado, pág. 351.

74) — William C. Bullit, citado em "Diário de Notícias" — Rio, 20-1-1949.

75) — Idem, idem, idem, em 21-1-1949.

76) — Idem, idem, idem, idem.

77) — Idem, idem, idem, em 27-1-1949.

78) — Arthur Conte — "Yalta ou le Partage du Monde" — Paris, 1965.

79) — J. F. C. Fuller, citado, pág. 106.

80) — Arthur Conte, citado, pág. 321.

81) — J. F. C. Fuller, citado, pág. 287.

82) — Claude Julien, citado, pág. 260.

83) — "O Globo" — Rio, 29-9-1971.

84) — Egisto Corradi — "A Retirada da Rússia" — Ed. Portugalia — Lisboa, 1965.

85) — Siegfreid Westhal — "Decisões Fataes", pág. 121 — Ed. Livraria Exposição do Livro — São Paulo.

86) — Georges Blond, citado, pág. 140.

87) — J. P. Morray — "Origens da Guerra Fria", págs. 18 e 19 — Ed. Zahor — Rio, 1961.

88) — Idem, idem, págs. 37 a 40.

89) — Idem, idem, págs. 31 a 45.

90) — Idem, idem, págs. 54 e 82.

91) — "Jornal do Brasil" — Rio, 13-5-1972.

92) — Idem, idem, 20-5-1972.

93) — Fred J. Cook, citado, págs. 33 e 34.

94) — "O Globo", Rio, 19-2-1972.

95) — John Gunther, citado, pág. 299.

96) — J. P. Murray, citado, pág. 191.

97) — Idem, idem, pág. 354.

98) — Claude Julien, citado, pág. 277.

99) — James A. Donovan, citado, pág. 59.

100) — Claude Julien, citado, pág. 232.

101) — Idem, idem, págs. 244 a 246.

102) — Idem, idem, pág. 252.

103) — Idem, idem, pág. 260.

104) — Idem, idem, págs. 251 e 252.

105) — Idem, idem, pág. 269.

106) — Sumner Welles, citado, pág. 362.

107) — James A. Donovan, citado, pág. 14.

108) — Idem, idem, pág. 19.

109) — Idem, idem, pág. 20.

110) — Theodoro Draper — "O Abuso da Força", pág. 33 — Brasília Editora — Porto, 1968.

111) — Idem, idem, pág. 35.

112) — Idem, idem, paí. 34.

113) — "O Globo" — Rio, 31-12-1972.

114) — "Jornal do Brasil", Rio, 8-4-1973.

115) — "O Globo", 24-5-1972 e "Jornal do Brasil" — Rio, 24-5-1972 e 29-10-1972.

116) — "O Globo" — Rio, 20-4-1972.

117) — "Jornal do Brasil" — Rio, 25-1-1973.

118) — "O Globo" — Rio, 19-7-1972.

O TRATADO DE VERSALHES — O PRIMEIRO GRANDE ERRO DO SÉCULO

A CONFERÊNCIA DE IALTA — O SEGUNDO GRANDE ERRO DO SÉCULO